

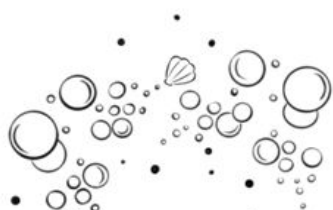
Cristina Bomfim

A sereia sem dons





Cristina Bomfim



** A sereia sem dons*



Copyright © 2021 Cristina Bomfim

Todos os direitos reservados

Capa: Cristina Bomfim

Revisão: Kreativ Editorial

Ilustrações dos personagens: Cristina Bomfim

Ilustrações dos cenários: Tálissa Pires

Betas: Iza Hieatt, Sara Gusella, Paula Schneider e Lisandra Mota

Diagramação: Kreativ Editorial

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra de qualquer forma ou quaisquer meios eletrônicos, mecânico e processo xerográfico, sem autorização por escrito dos editores.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Dedico esta história para meu amado tio Rafael, que partiu tão cedo
que só pude conhecê-lo através das histórias de meu pai.*

*Espero pacientemente o dia que presenciarei com meus próprios
olhos um abraço apertado de irmãos no Grande Reencontro de
Sangue.*





Prólogo

J á era dia, o céu estava sem nuvens e o sol indicava que o momento estava próximo; os aldeões de Enellon preferiam caçar na alvorada, portanto, as sereias se armavam no crepúsculo.

No palácio de Norisea, a rainha escondeu seus dois filhos: o primogênito Raon, e sua irmã mais nova, Admete.

— Permaneçam aqui, é uma ordem! — obrigou a rainha.

— Mas, mãe, eu posso ajudar! — insistiu o filho mais velho.

— Você ainda não está na idade, Raon. Os humanos estão mais poderosos e com uma tecnologia que nós não compreendemos, é tudo novo e desconhecido. Eu, o rei e todo o reino já estamos lutando para defender Norisea. Precisamos manter nosso herdeiro a salvo.

— Que rei é esse que, em meio ao caos, se esconde da guerra?

— Raon, você não é rei. Seu pai é, e ele está cumprindo o papel do qual foi designado. Quando chegar sua vez, entenderá a importância de manter a salvo seus herdeiros.

A rainha se virou para Admete.

— Minha filha, eu sei que você tem mais juízo e sabedoria que seu irmão. Não permita que ele saia de seu posto.

— Sim, mamãe — respondeu a pequena Admete.

A rainha se retirou e deixou seus filhos no quarto secreto do palácio.

— Não é justo, eu deveria lutar! Nossos pais, ingênuos ao intencionar que ainda não completei todos os ciclos de aprendizado, não fazem ideia do que já vivenciei na terra.

— Mamãe só está chateada. Ela tem se queixado por você se prolongar de suas jornadas em Enellon.

O irmão sorriu ao lembrar das experiências em terra firme.

— Um dia te levarei comigo. Quantas vezes já se transformou?

— Apenas duas vezes, irmão.

— Pouco, Admete. Precisa aperfeiçoar seus ciclos na ilha de Norisea. As sereias da sua estação treinam lá com frequência.

— Não gosto de ir para a ilha.

— E eu posso saber o que te opõe a isto?

Admete se manteve quieta.

— O que te atormenta, minha pequena irmã?

— Sou ridicularizada constantemente por não possuir dons — respondeu tristonha.

Raon entendeu a preocupação da irmã e decidiu deixar sua indignação de lado por um tempo, para lhe dar o devido suporte.

— Admete, você possui apenas seis estações, fui agraciado com dons apenas aos cinco. Tardou, mas quando chegou, meu dom me atingiu com fúria e glória. Me lembro como se fosse ontem o dia em que todos ficaram abismados com tamanho poder, nosso pai irradiou de tanto orgulho. Se o espírito dos mares não lhe concedeu um dom ainda, é porque ele está preparando algo maior pra você.

— Você acredita nisso mesmo?

— Eu não tenho dúvidas! Você é filha da sereia e do tritão mais poderosos de Norisea, seu sangue é poderoso, Admete. Seu coração arde por nossas águas e nossa história, você possui imenso atributo.

— E se Hanur nunca me der dons?

— Se o espírito dos mares não lhe presentear com tamanha honraria, é porque ele sabe que seu sangue basta.

Admete sorriu. Todos sempre a diziam que ela só seria uma sereia de verdade quando recebesse dons, mas para Raon, isso não era necessário; ser sua irmã era mais que suficiente para ele, e seu sangue não perdia valor por não conter magia.

— Mostra um pouco do seu dom de novo, Raon?

— Apenas se você me prometer que vai se instruir na ilha, assim como todas as crianças de sua estação.

— Eu não... — ela estava relutante.

— Admete, me escute: vá para a ilha, fique forte, mais forte que todos os outros. O dia em que você, mesmo sem magia, sair vitoriosa em um duelo com outra sereia de imenso poder, é porque está pronta para lutar contra os humanos.

— Isso é impossível, Raon!

— Olhe para mim. — Ele pegou na mão de sua irmã. — Preste atenção, temos o mesmo legado correndo em nossas veias, é o mesmo poder, a mesma bênção, o mesmo sangue! Apenas me prometa que vai ficar forte.

Admete pensou um pouco antes de responder.

— Eu prometo, irmão... — Suspirou. — Mas acredito que talvez o espírito Hanur apenas não me aprecie mesmo.

— Então ele não te merece.

— Irmão! — exclamou, alarmada com a afirmação. Haviam boatos de que dizer algo assim contra o espírito do mar poderia trazer imensurável maldição ao reino.

— Já pensou em orar ao Santo Espírito?

— Papai disse que ele é apenas uma lenda.

— Não, Admete, ele é real. É mais poderoso que Hanur e Callian.

Pouco se sabia a respeito do espírito da terra, mas de uma coisa todos tinham certeza: era um espírito forte.

— Você acredita mesmo nele? — perguntou curiosa.

— Eu acredito, minha irmã.

— Então... eu acredito também — disse enfim.

O jovem rapaz estava satisfeito. Era bom ser o mais velho, de certa forma, era mais fácil influenciar a caçula, e Raon ficava contente ao saber que agora sua irmãzinha acreditava no mesmo que ele.



— O que você quer que eu faça, então? — Ele finalmente-
cedeu.

— Um cavalo marinho, por favor — respondeu empolgada.

Raon sorriu; era só isso que ela pedia, todas as vezes. O futuro rei fez um movimento com as mãos, formando um leve redemoinho na água, seus olhos se tornaram roxos, causando uma combinação bem agradável com seu cabelo cor-de-rosa. Algo semelhante ao fogo apareceu e logo assumiu a cor dos olhos do menino. Mais um movimento, e aquela chama sem forma se transformou em um lindo cavalo marinho violeta. Admete se aproximou.

— Não toque, Admete, poderá se queimar.

— Só você e o papai tem esse dom em toda Norisea —
observou.

— Dons não possuem classificação, se manifestam de forma diferente em cada indivíduo, mas é claro que a herança colabora no momento da seleção.

— O fogo dos humanos não funciona aqui na água.

— Eles têm o fogo deles, e nós temos o nosso. É uma lástima sermos tão poucos, pois com esse fogo venceríamos os humanos com facilidade.

— Será que herdarei o dom da mamãe?

— Não há como afirmar, mas seria notável. Temos poucos telepatas em Norisea. Ao mesmo tempo, não prec...

Foi interrompido

— Não preciso de dons para ser reconhecida pelo meu sangue — completou, revirando os olhos. — Eu já sei, Raon.

O irmão escondeu a chama e lançou à caçula um olhar gentil e confortante.

— Mesmo que você nunca receba seus dons, eu estou aqui, vou te proteger para sempre.

— Obrigada, mas prefiro meus dons — provocou.

Raon riu e Admete se juntou a ele. Mas logo as risadas foram interrompidas com barulhos estrondosos na porta do quarto secreto.

— São humanos? — perguntou Admete, temerosa.

— Não pode ser, é muito fundo aqui embaixo, eles não sobrevivem sem o ar da terra... — respondeu, tentando se convencer.

— Mamãe falou que eles possuem novas tecnologias...

E mais uma vez bateram com força na porta do quarto.

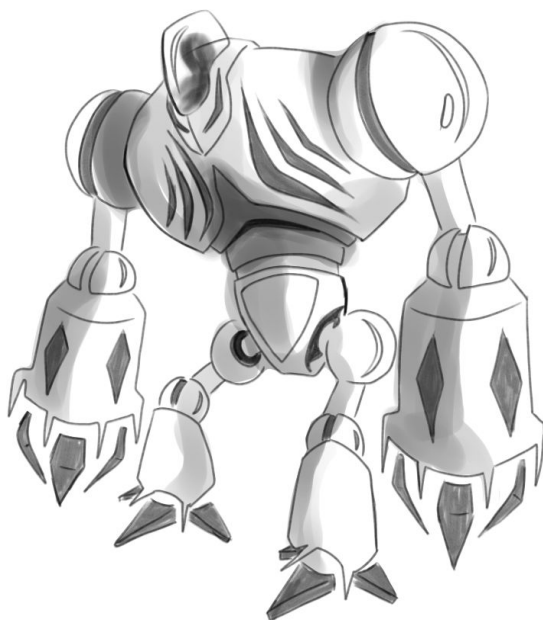
— Irmão — disse Admete com a voz embargada para chorar.
— Se fossem sereias, não tentariam abrir a força...

Raon não respondeu, e com seu dom ele fez uma espada flamejante, semelhante ao que o pai ensinara.

— Admete, se esconda no armário — disse, sem tirar os olhos da porta.

— Não vou te deixar! — exclamou a menina em desespero.

— Agora! — gritou.



A princesa de Norisea obedeceu ao irmão e se escondeu, mas ela ainda conseguia ver através de uma brecha no armário. E então a porta foi arrombada. Admete ficou paralisada quando viu o que estava na entrada do quarto secreto. Uma criatura gigante de metal com braços e pernas surgiu, fazendo o chão tremer.

Olhando bem no topo daquela estranha criatura de metal, havia um compartimento que protegia um humano, ele parecia controlar aquela coisa desconhecida. O que aconteceu em seguida

foi rápido demais; uma lança com uma corda atingiu o peito de Raon, o puxando com força e o colocando-o junto a outras sereias e tritões já sem vida. Nunca tantas sereias haviam sido mortas na caçada. Admete colocou a mão na boca com força para segurar o grito. A criatura de metal partiu, levando seu irmão mais velho.



Norisea não tinha mais um futuro rei, mas sim, uma futura rainha.

Raon

Reino: Norisea

Dom: Fogo





J á havia se passado treze anos desde o trágico acontecimento. O reino inteiro de Norisea lamentou por sete meses a morte de Raon, afinal, não era fácil perder um príncipe, principalmente quando este carregava o dom mais raro do reino: o fogo. A família real sofreu amargamente, mas a rainha não esperou o término do luto para tentar engravidar de novo, sendo assim, um ano após a morte de seu primogênito, ela deu à luz a gêmeos, Rillian e Vereno, dois lindos e saudáveis meninos. O povo todo ficou com grande expectativa de um dos garotos herdarem o poder do pai, porém, Rillian se tornou telepata como a mãe e Vereno herdou um dom incomum, absorção de som. Mas o povo ainda tinha a princesa, a futura rainha de Norisea.

Seria ela capaz de salvar seu povo da caça de Enellon?

A verdade é que a futura rainha era, de longe, a maior decepção do reino. Admete havia completado suas dezenove

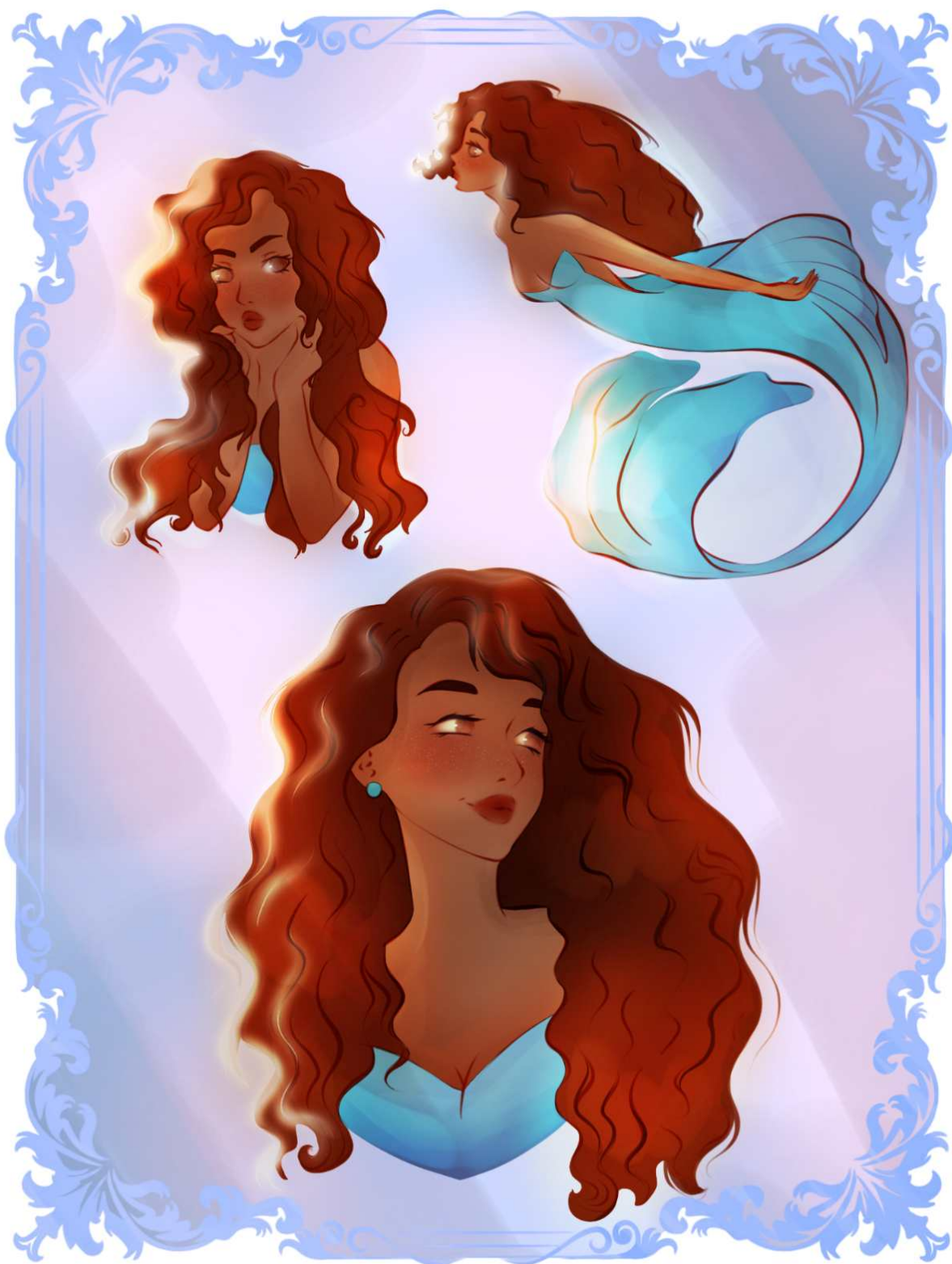
estações e ainda não tinha recebido qualquer dom. Foram especuladas muitas teorias a respeito de sua condição, e a mais popular era que o trauma de ver seu irmão morrer invalidou seus dons, e por isso, ela não conseguia liberá-los. E a teoria mais cruel, no entanto, era que Admete armou para o irmão, colocando-o à frente dos humanos e assim sendo morto por eles, então, o Espírito dos Mares, Hanur, decidiu não abençoá-la com dons como castigo por tamanha crueldade.



Seus pais, bondosos e sábios, faziam o possível para que os comentários maldosos não chegassem até Admete, mas é claro que era impossível; os cidadãos murmuravam suas teorias com frequência, e ela sabia o que o povo pensava dela.

Admete era uma das sereias mais bonitas do reino, sua pele não era escura como a de sua mãe, mas também não era clara como a de seu pai, sua cor era uma mistura harmoniosa do rei e da rainha.

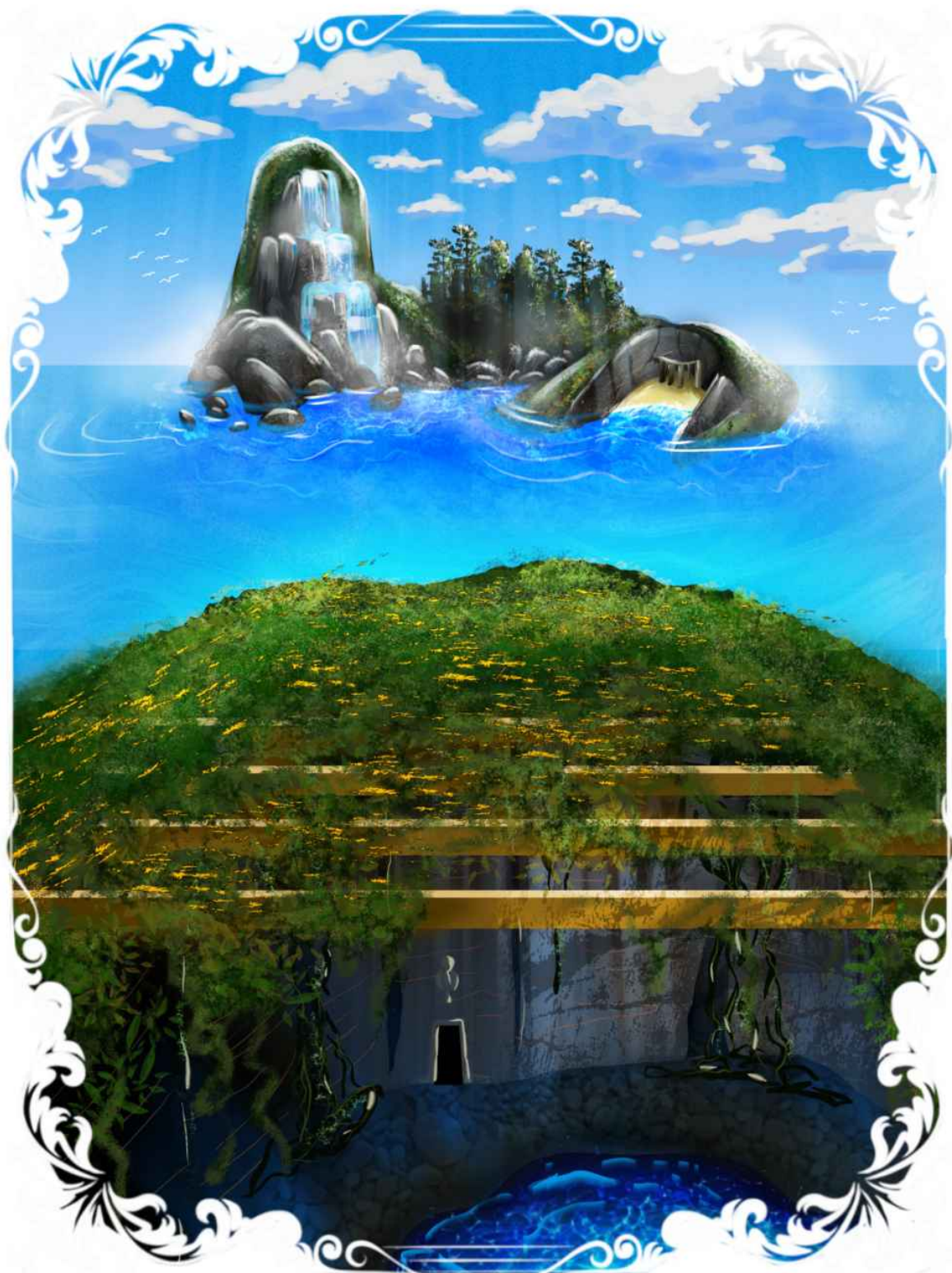
Seus cabelos ondulados da cor do chocolate eram compridos e cheios, seus olhos castanhos e amendoados encantavam os tritões, sua cauda azul mudava de cor dependendo da luz, às vezes lilás, verde, mas ela adorava quando ficava cor-de-rosa, pois lembrava dos cabelos de seu irmão. Eram pouquíssimas as sereias que não tinham os cabelos coloridos, nada era mais almejado que os fios castanhos e crespos da rainha, essa era uma coroa poderosa, e Admete era feliz por pelo menos ter herdado algo raro da família.



Raon havia partido, mas deixou com Admete uma promessa a cumprir: ela ficaria forte. Desde aquele dia, ela se dedicou arduamente em ser uma rainha tão boa quanto seu irmão em todos os aspectos: na bondade, na inteligência, na força e, principalmente, na coragem.



Mesmo com medo, Admete passou a estudar na ilha, e apesar do preconceito, soube fazer boas amizades, e uma delas era Magnólia, uma bela sereia de pele retinta e cabelos trançados. Ela tinha o dom da manipulação, um dom raríssimo, só não mais raro que o do fogo.



As duas estavam na ilha de Norisea, lutando entre elas. Com o passar dos anos, Admete percebeu que era habilidosa com adagas e lanças, portanto, usava isso a seu favor durante os duelos. Em vários momentos ela chegava perto da vitória, mas no final, a magia das sereias sempre vencia, e com Mag não era diferente. Ao término do treino, Admete estava jogada no chão com um dos pés de Mag em seu pescoço.

— Você se distrai muito fácil, Admete! — falou ofegante.

— Eu sei — disse, afastando o pé de Mag para se levantar.
— Mas é injusto lutar contra você, a manipulação te abre muitas brechas.

— Eu até concordaria, se você não tivesse perdido para todos os outros também.

— Por que você nunca manipula minha mente?

— Só funciona em mentes fracas.

Admete deu de ombros.

— Pelo menos nisso posso me orgulhar.

— Você está quase lá, Admete, mas quando chega no final, você se afoba e perde o controle de suas habilidades.

— Raon era o melhor de sua turma na época. Todos o respeitavam. Aqui eu não passo de uma piada.

— Não diga isso...

— Magnólia, eu sei o que falam de mim. Eles só não têm a audácia de me

enfrentar por eu ser filha do rei — disse, direcionando o olhar para um grupo de sereias que cochichavam olhando para elas. — Só estou cansada de tentar, tentar e nunca chegar nem perto do que Raon era na minha idade.

— Esse é seu problema, fica se comparando com ele. Você não é Raon.

Por alguma razão, essa afirmação sempre a machucava imensamente.

— Eu não sou mesmo — disse, com os olhos marejados.

— Admete, eu não quis... — tentou consertar o que disse.

— Tenho uma aula teórica no palácio agora, preciso ir. — Esquivou-se, já se retirando para uma cabana onde poderia trocar de roupa.

Logo depois, Admete mergulhou na água, onde suas pernas se transformaram em cauda novamente. Ela nadou até o palácio e chegou a tempo para sua aula particular de escritos antigos com sua tutora, Meri. A sala era iluminada por magia, na verdade, tudo em Norisea funcionava com magia, pequenos pontos de luz nos quatro cantos do cômodo entregavam a iluminação que o ambiente precisava. O fundo do mar era escuro, e não era toda sereia que conseguia enxergar na escuridão; todas as sereias e tritões possuíam habilidades que podiam ser usadas em benefício do povo. Meri, a tutora, tinha o poder da luz, muito comum naquele reino, mas pouco útil nas guerras. Mas, para Admete, aquilo não importava, pois ela daria tudo para ter um dom comum como o da luz, não era exigente, desde que fosse abençoada com algum dom.

— Suas traduções tem ficado cada vez melhores, Alteza — disse Meri com um sorriso, trazendo a correção de sua prova.

— Obrigada, apesar de eu não entender porque tenho que estudar isso — falou a princesa, sem tirar os olhos do pergaminho que já estava em sua mesa.

— Admete, já falamos sobre isso. O herdeiro ao trono deve conhecer a língua antiga. Seu irmão...

— Sim! — interrompeu-a. — Eu sei... Ele já era fluente na língua antiga com minha idade.

Meri percebeu que talvez alguma coisa tivesse acontecido durante o treino para que a princesa chegasse de mau humor. Na verdade, sempre que havia algum treino na ilha, Admete voltava triste e desencorajada, portanto, Meri tentou achar as palavras certas para dar continuidade a aula.

— Muito bem, lhe permitirei escolher sobre o que deseja estudar hoje.

— A caçada! — respondeu rapidamente.

— Menos sobre a caçada.

— Que maldição, Meri! — exclamou, batendo a mão na mesa.

— Admete! — advertiu. — Seus pais me proibiram de estudar sobre isso com você até que considerem que esteja pronta.

— O que eles estão esperando? Ano que vem é a próxima caçada e ainda desconheço sua origem e motivações.

Meri pensou um pouco, ela era fiel à realeza, mas os argumentos da princesa eram pertinentes.

— De fato, você foi proibida de aprender comigo.

— Mas... — tentou argumentar, mas Meri pediu silêncio, e mesmo aborrecida, obedeceu.

— Porém, nunca foi proibida de ler a respeito — completou enquanto abria um cadeado que protegia um pequeno móvel. Ela abriu e tirou um pergaminho dourado — está dispensada da aula de hoje.

Admete ficou sem reação; nunca Meri havia aberto aquele pequeno armário para tirar qualquer coisa de lá, ela sabia o que aquilo significava. *Não conte para ninguém sobre isso.* Admete agradeceu, pegou o pergaminho e nadou apressadamente até seu quarto. Ela se acomodou em sua cama e abriu o pergaminho, que era grande e pesado.

— Está certo, seria mais fácil com a Meri me orientando por onde começar, mas não estou em posição de exigir alguma coisa, então vamos ver — disse consigo mesma enquanto passava os dedos entre as letras. — É claro que está escrito no dialeto antigo — observou inconformada.

Era difícil identificar com exatidão os relatos no pergaminho, muitas palavras possuíam diversas traduções diferentes.

“Isto aconteceu no terceiro ano de Mihá. Naqueles dias o rei Joriã ofereceu um banquete ao exército, bem como os nobres e governadores das províncias vizinhas, em celebração às riquezas da glória de seu reino. Ouviu-se dizer que uma bela moça, a mais bela já vista, estava caminhando à beira da praia. A festa já estava em seu sétimo dia, e com o coração alegre por conta do vinho, o rei ordenou que trouxessem a moça até ele. A moça se recusou a aparecer na festa e com o orgulho ferido o rei a arrastou à força até os seus aposentos, onde ele a violou.”

Admete colocou as mãos na boca, assustada. Ela nunca havia imaginado que os homens humanos eram repugnantes a esse ponto.

“A moça era a herdeira de Norisea, e assim que a notícia chegou aos ouvidos do rei Zetar, um exército de sereias e tritões atacou Enellon para vingar a princesa. Invadiram o palácio e o próprio rei de Norisea matou o rei de Enellon. O filho do rei da terra tinha apenas sete anos quando precisou herdar o trono, e com o coração infantil e cheio de rancor pela perda do pai, instituiu que a cada sete anos uma caçada sangrenta seria realizada em Norisea, e o guerreiro que conseguisse a cabeça de um herdeiro se tornaria o principal conselheiro do rei. E assim, no quinto ano de Gilê, a primeira caçada teve início.”

A seguir os acontecimentos de...

Admete não conseguiu ler mais, o coração doía por conta da fúria. Tudo começou por conta da vaidade humana. Tudo começou porque os humanos queriam coisas que não os pertenciam. Raon morreu porque décadas atrás a vontade de uma moça não foi respeitada. A princesa nadava de um lado para o outro, pensando que deveria haver alguma maneira para acabar com a caçada. Mas qual seria? Na primeira caçada que Admete presenciou ela perdeu o irmão, na segunda caçada ela foi escondida tão nas profundezas que achou que morreria ali mesmo, e a próxima caçada seria na próxima estação. Ela precisava terminar esse ciclo... mas como? Se ela tivesse dons, talvez teria coragem para enfrentar o rei, porém,

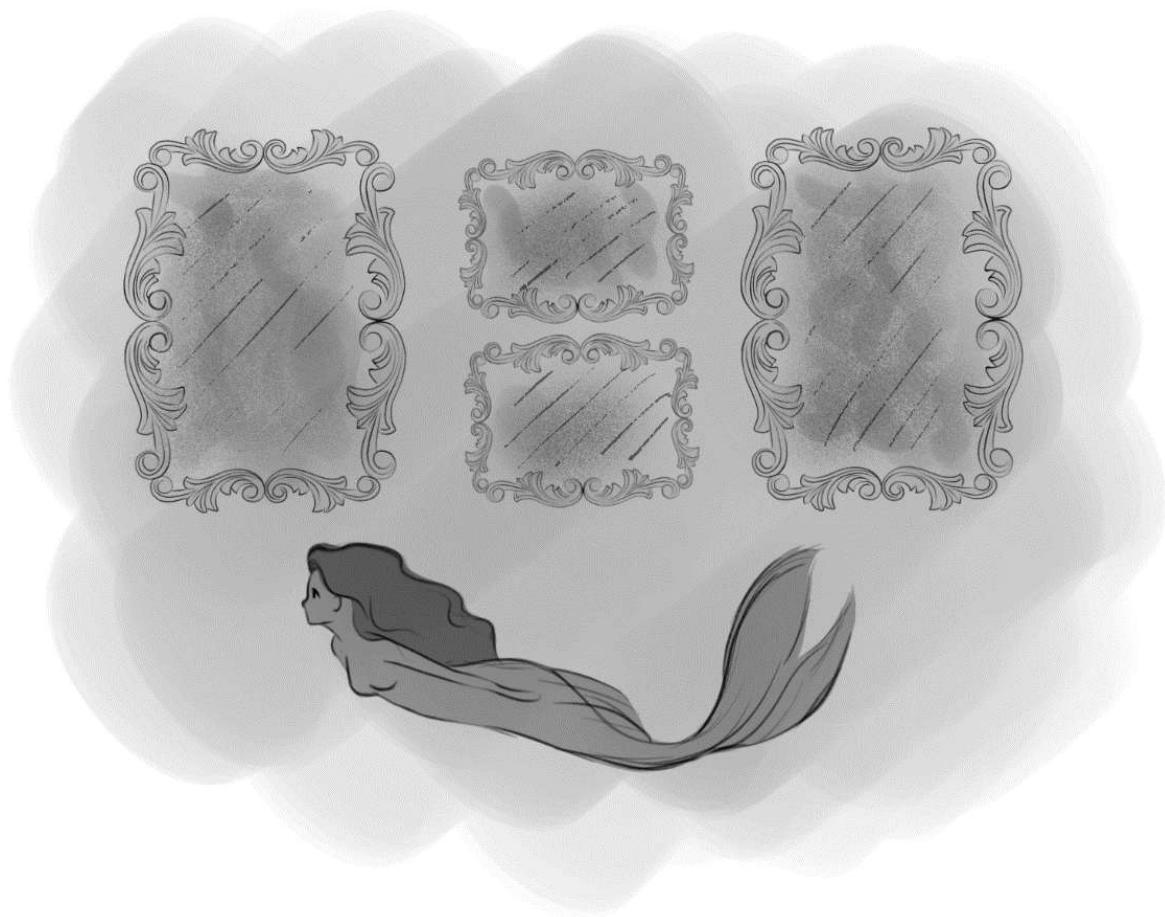
como faria isso sem magia? Sem perceber, Admete começou a chorar copiosamente.

— Espírito Hanur, por favor, me dê um dom, me dê um propósito, eu não tenho valor para o reino sem um presente seu. Por favor, me abençoe! Me dê sua benção! Prometo ser uma rainha bondosa e benevolente, prometo dar a vida pelo meu povo, eu estou disposta a morrer por Norisea. Por favor, me dê um dom! POR FAVOR! — clamou. — Meu reino está morrendo, não vê? A rainha deve proteger o povo, não o oposto... — Admete fez uma pausa — ... por que ele? Por que não eu? Era para ter sido eu! Por que levou Raon? Ele era poderoso, forte, bom, e eu... Me mostre sua força, Hanur! O Espírito da terra está vencendo. Por acaso Callian é mais forte que você? Me ajude a salvar meu povo dessa caçada, é tudo que eu te peço. — Admete começou a nadar para fora do quarto, mas antes de sair olhou para o pergaminho aberto em sua cama. — Raon teria sido um rei excelente.

Era um dia doloroso, seu irmão estaria completando trinta e dois anos, seu pai já estava velho e logo Raon seria rei. Faltavam meses para a próxima caçada, entretanto, assim que o reino humano percebeu que havia capturado e matado um príncipe, ao invés do luto, houve grande comemoração, a morte de Raon era a prova que Enellon era superior. A cada caçada os humanos ficavam mais violentos e perigosos, e as sereias temiam por suas vidas.

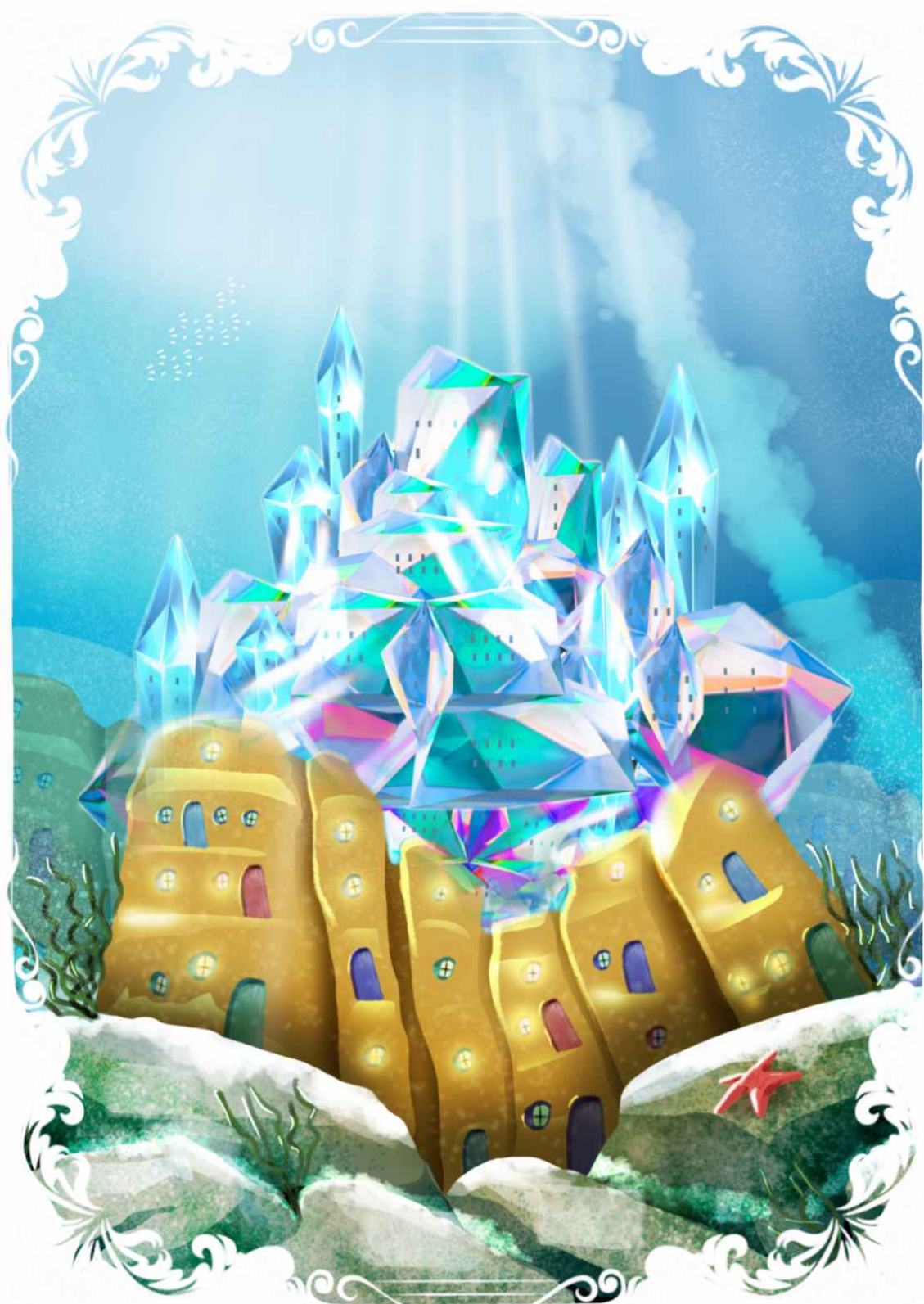
Admete nadava bem devagar pelos corredores do castelo, admirando as paredes de cristais do palácio que morava. Norisea era belíssima, era um reino com muita diversidade, sereias e tritões de todas as idades e tamanhos, era o lugar perfeito para viver, pelo menos até os humanos decidirem começar a caçar sereias. A

princesa não se lembrava da vida sem a caçada, por isso, só lhe restava a imaginação, e ela sonhava através dos quadros pendurados nas paredes, enfeitados com belos corais coloridos. Pinturas de uma era sem guerra.



O palácio ficava no centro de Norisea, a rainha considerava justa essa localização para manter a realeza acessível a todos os habitantes, porém o castelo ficava no fundo, bem no fundo. As casas das sereias eram feitas de corais e pedras do mar, e portanto, também eram mais próximas da superfície. Eram tantas casas que praticamente escondiam o palácio, evitando que fosse visto pelos caçadores. Era uma construção com grandes colunas de pedras,

janelas de cristal e arquitetura geométrica, era o lugar mais seguro do reino, até o herdeiro do trono morrer nesse mesmo castelo.



A caçada costumava acontecer mais perto da superfície, onde os humanos conseguiam respirar, mas a cada caçada eles inventavam mais artefatos para ficarem mais tempo dentro da água, até que finalmente alcançaram o palácio. Depois da morte de Raon, as sereias e tritões mais poderosos do reino se uniram para criar uma barreira mágica ao redor do palácio; na última caçada todo o povo se escondeu no palácio, mas os humanos ficaram tão raivosos com a insolência deles que destruíram todas as casas que conseguiram de Norisea, foi um ano de muita miséria no reino, os que não morreram na caçada, morreram de tristeza. De certa forma, Norisea estava morrendo.



Admete manteve seu olhar nos quadros de outro corredor; imagens da guerra. Era possível notar que a cada sete anos,

Norisea se tornava mais desvalida. Todavia, ela reparou algo diferente e que vinha observando já fazia algum tempo: menos caçadores se aventuraram na última caçada, porém, os poucos que vieram eram muito poderosos, com uma tecnologia desconhecida e quase imbatível. Com tanta tecnologia, por que havia menos caçadores? Os pensamentos de Admete foram interrompidos com uma tosse forçada ao seu lado. Era Magnólia.

— Mag! — exclamou assustada. — Por que está aqui?

— Meus pais voltaram de Enellon, Admete.

— Pelos Espíritos, eles estão bem? — perguntou preocupada.

— Estão, mas a identidade deles quase foi revelada, não é mais seguro voltar — respondeu apreensiva.

— Mas, como?

— Estavam tentando coletar informações a respeito da corte de Enellon.

— E eles conseguiram?

— Por pouco, mas sim.

— E então?

Mag lhe ofereceu um sorriso de canto perverso.

— A rainha morreu.

Admete ficou um tempo tentando absorver aquela informação e como ela seria útil para o fim da caçada, até que lembrou.

— Ela não teve filhos... — cochichou.

— Não há registros.

— Por Hanur... Enellon é uma terra sem herdeiros — concluiu.

— Exatamente.

— Magnólia, isso é muito sério. Meus pais já sabem disso?

— Estou te chamando justamente para a reunião com os conselheiros que teremos agora, meus pais já estão lá, vamos discutir com a realeza o que poderemos fazer com essa informação valiosa.

Magnólia pegou no pulso de Admete e as duas foram nadando para o salão dos conselheiros. Admete já estava acostumada com isso, pois, desde que completou dezesseis estações passou a frequentar as reuniões, como todo herdeiro ao trono. As duas amigas sereias abriram a porta do salão e se ajeitaram em seus lugares, mas todos os olhares estavam em Admete. O rei e a rainha sorriram para sua filha, que por sua vez gostava de admirar seus pais. Raon havia herdado os cabelos cor-de-rosa do pai, mas o crespo da mãe. Tudo em todo lugar lembrava seu irmão, inclusive aquele salão. O rei se ajeitou e prosseguiu:

—Podemos infiltrar uma de nossas sereias na competição para futura rainha — apontou.

Mas logo Gianna, a mãe de Magnólia, se pronunciou.

— Precisamos ser cuidadosos, Majestade. A tecnologia humana está além de nossa compreensão, os humanos possuem um tipo de teste.

— Que teste? - perguntou a Rainha temerosa.

— Eles conseguem identificar agora quem é sereia e quem é humano, há anos que eles têm conhecimento que somos capazes de mudar nossa forma e ter pernas assim como eles, e por isso era tão fácil nos disfarçar em seu reino. Mas agora....

Todos ficaram em completo silêncio.

— Agora eles conseguem nos identificar através de nossa magia, o teste percebe quando existe um dom dentro da sereia e sinaliza, e aí matam imediatamente. Perdemos dois espiões semana passada desse jeito, e Enellon ficou em alerta, ainda mais agora com a morte da rainha.

Bernem, esposo de Gianna, se pronunciou:

— Há outro tipo de teste, na água.

— Mas por que eles têm um teste na água? Nós conseguimos permanecer humanos mesmo dentro dela — questionou o rei.

— Acontece, Majestade, que o corpo da sereia tem um instinto de sobrevivência muito forte. Os humanos colocam os suspeitos em uma caixa com água e deixam a pessoa desmaiar sem ar.

— Santo Espírito... — murmurou a rainha.

— Mas com as sereias não funciona assim, quando nosso corpo humano percebe que vai morrer, ele se transforma em sereia novamente. Nossa sorte é que esse teste tem perdido a popularidade e o teste de dons tomou seu lugar — finalizou.

Admete estava nervosa; os humanos estavam tão evoluídos assim? O Espírito deles devia ser muito poderoso. A história contava que o Espírito dos mares e o Espírito das terras vivam em guerra, e somente um Santo Espírito restauraria a paz entre os povos, mas depois de tanta matança, a esperança nesse Santo Espírito se esvaiu e tudo o que restava era a guerra. Admete queria ter esperança, mas desde a morte de Raon, tudo que ela mais almejava no mundo era ver Enellon em ruínas. Ela odiava os humanos com todas as suas forças, não havia mais espaço para

Santos Espíritos promovendo a paz. A jovem sereia segurava uma mecha de seu cabelo castanho com força, enquanto ouvia o relatório dos espiões.

— Nosso plano consiste em nos aproximarmos do rei em sua vulnerabilidade, e a única capaz para tal feito é aquela que o teria ao lado até mesmo durante o sono. Então, em seu repouso poderíamos matá-lo — sugeriu Gianna.

— Matar? — Admete percebeu que falou alto e logo se desculpou.

— Matar o rei de Enellon poderia fazer o povo da terra ficar ainda mais violento contra nós, nosso rei está velho, não conseguiremos criar a barreira de proteção no palácio novamente, ela exige muita energia e extremo poder — argumentou a rainha.

— Não há mais as sereias e os tritões poderosos da última caçada? — questionou Bernem, intrigado.

— Não, gastaram muita energia para fazer barreira e agora estão fracos e debilitados — respondeu Admete com um ar sério. — Meu irmão Raon foi o último tritão poderoso de Norisea, se ele estivesse vivo, poderia ser capaz de criar a barreira, mas sem ele é impossível.

Todos sabiam que tudo seria diferente se o filho que herdou o poder do pai estivesse presente na reunião.

— É arriscado, Bernem, o plano de matar o rei da terra pode se virar totalmente contra nós. Eles estão raivosos por conta da última caçada, tenho certeza que não pouparão esforços para a próxima — argumentou o rei de Norisea.

— Entendo sua colocação, Majestade — falou Bernem, desapontado.

Admete estava determinada a buscar uma solução para acabar com a caçada, seu sangue ainda borbulhava de ódio, ela faria qualquer coisa para ver Enellon em ruínas e salvar seu povo da morte iminente.

— Vamos matar o rei — afirmou — e tomar o trono de Enellon.

— Admete, o que está fazendo? — disse Mag baixinho.

— Vamos usurpar o trono — falou, determinada a explicar seu plano —, nos infiltrar na corte através do casamento. Dado o sinal da morte do rei, o exército de Norisea, já inserido em Enellon, toma a cidade e destrói a tecnologia humana. E então a caçada tem fim e teremos mais uma terra conquistada por nosso reino. As províncias vizinhas pensarão duas vezes antes de nos atacar.

A sala ficou silenciosa após a estratégia que Admete propôs. Todos buscavam argumentos para rebater a sugestão da princesa, mas não havia, de alguma maneira estavam voltando no tempo, pois anos atrás fora necessário matar o rei para vingar a violência em cima de uma herdeira, e após décadas, outro plano de assassinato estava sendo armado por conta de mais um herdeiro. Histórias se repetem. Sempre.

— Quando a competição para escolher a futura rainha começa? — perguntou o rei enquanto pensava na estratégia de infiltração.

— Amanhã! — falou Magnólia.

— O que precisamos para entrar nessa competição sem sermos descobertos? — perguntou a rainha.

— É difícil responder, Majestade. Nunca nenhuma sereia teria chegado tão perto da realeza sem ser desmascarada. Mas

talvez um feitiço que altere a coloração de nossos cabelos para cores comuns de cabelo humano, como loiro, ruivo... — Bernem olhou para Admete que estremeceu — ... castanho.

— Compreendo. Vocês podem conduzir esse feitiço com a manipulação? — perguntou o rei.

— Teremos que ser cuidadosos com isso, feitiços de manipulação são temporários, não duram muito, é fácil executá-los em mim e em pessoas próximas, mas não consigo garantir que ficarei ao lado da sereia candidata por muito tempo, a magia pode acabar antes de eu chegar.

— Entendo, é um risco. O que mais precisamos?

Gianna e Bernem se olharam apreensivos.

— Majestade, para colocar esse plano em prática e que exista uma mera chance de êxito, precisaríamos de uma sereia que conseguisse esconder seus dons tão bem que os testes dos humanos não poderiam identificar a magia presente nela — disse Gianna de cabeça baixa.

O silêncio tomou conta do salão; Admete já sabia o que aquilo significava. De início ela ficou amedrontada, mas logo uma sensação de paz invadiu seu coração, "pela primeira vez, não ter dons poderia salvar Norisea?". O rei colocou a mão no rosto e suspirou.

— Não — disse com a voz firme.

— Eu vou! — gritou Admete.

— NÃO! — gritou o rei mais alto. — Já perdi seu irmão, não vou perder você.

— Papai... — se corrigiu —, meu rei, essa é nossa única chance! — tentou convencê-lo.

— Mas os humanos podem reconhecer a magia de transformação dela — questionou Magnólia.

— Isso é impossível — respondeu Admete com a voz serena.

— Como você tem tanta certeza, minha filha?

Admete respirou fundo, ela nunca havia falado sobre isso abertamente porque lhe causava constrangimento, mas pela primeira vez ela poderia se orgulhar daquilo que todos consideravam uma falha, um erro.

— O dom é magia. A transformação é biológica. Não existe magia dentro da nossa transformação para humanos, porque é apenas como o corpo da sereia funciona naturalmente.

— Então isso significa... — falou Mag baixinho

— Que eu não tenho uma gota de magia correndo minhas veias — completou com o olhar triste. — É, eu nunca tive chances mesmo — falou, pensando nas diversas vezes que achou que por ser uma sereia com habilidade de transformação ela ainda possuía magia, portanto, havia esperanças de evoluir seu dom, mas ela estava enganada. O dia que Admete descobriu que a transformação não passava de um ato biológico, foi quando percebeu que ela nunca herdaria dons.

O rei estava com a mão na boca e o olhar vidrado em sua única filha, sua pérola mais preciosa. Entrar no reino humano era perigoso e arriscado. Os espiões viviam em constante alerta, alguns até perderam a vida ao serem expostos, não era fácil esconder a magia, os cabelos coloridos e a beleza. Se descobrissem o plano, matariam Admete com toda certeza. A princesa percebeu que o rei estava relutante.

— E se tudo isso já estava nos planos de Hanur? — tentou argumentar através dos espíritos. — Não pode ser coincidência, meu pai. Me permita proteger nosso povo, é a única forma que eu consigo fazer, e nunca fui tão grata por esse momento. Eu tenho um propósito, se você não permitir, estará indo contra os planos do espírito dos mares. Me permita vingar meu irmão, matar o rei e devolver a glória de nosso povo,

A rainha segurou na mão de seu marido.

— Meu rei — disse a rainha com a voz serena —, você sabe que ela tem razão.

A feição do rei nunca esteve tão triste.

— Minha pérola... — disse com a voz arrastada — você encontrou seu propósito, salve Norisea.



Era tarde e
Admete
estava no

quarto atirando dardos de pedra contra a parede, mirando no mapa de Enellon. Magnólia estava na escrivaninha fazendo algumas anotações.

— Admete, daqui a pouco você vai abrir um buraco em sua parede.

— Um buraco igual ao crânio do rei quando matá-lo — observou friamente.

Magnólia soltou seus papéis e manteve um olhar fixo na princesa.

— Tenho medo de você estar indo para essa missão pelos motivos errados.

— Eu sei — falou, sem tirar os olhos do mapa. — Uma parte de mim é genuína, a caçada é uma tolice. Por décadas a caçada não passava de algo simples e supérfluo que evitávamos, já que

nossa magia e habilidade sempre foi indestrutível contra os humanos, eles não eram capazes de nos caçar de verdade. Mas aquele ano foi diferente, essa tecnologia é de fato desconhecida. As duas últimas caçadas causaram imenso prejuízo ao reino. De repente nossa magia enfraqueceu como se não fosse nada. — Ela se voltou para Mag. — Então sim, estou indo por vingança também.

— Da vingança eu sei. Mas não é dela que me refiro.

— Então não estou entendendo onde quer chegar.

— Só quero que tome cuidado. Você não tem que provar nada para ninguém, Admete.

— Está falando como Raon.

— Eu acredito, sim, que você não possui dons por um motivo, afinal, tem que existir uma razão. Eu quero que você cumpra a missão, mas você só não pode se perder em meio a tantas motivações. Quando você estiver entre a vida e a morte, sua única motivação deve ser Norisea, entendeu?

Admete permaneceu olhando para sua amiga, e acabou sorrindo.

— Você já foi mais divertida — disse, com um ar provocador.

— E você já teve mais juízo — retrucou com um sorriso.

A princesa se encostou em sua cama quando finalmente desistiu de furar sua parede com os dardos de pedra.

— Quantas vezes você esteve em Enellon, Mag?

— Não foram muitas, mas o suficiente para te acompanhar na missão.

— E como eles são? Os humanos.

— São vaidosos, portanto, acredito que irão se impressionar com sua beleza. Sua aparência irá levantar suspeitas, mas você

deve passar pelos testes sem preocupação.

— Mas eu sou comum na terra do ar.

Magnólia riu.

— Não, Admete, você ter os cabelos castanhos não te faz comum lá, infelizmente, o mundo humano tem muita rivalidade feminina, parece que lá as mulheres não gostam de outras mulheres bonitas, então você vai criar inimigas rápido.

— O requisito do rei não deve ser só beleza.

— Pois é. O que um velho de sessenta anos deve gostar?

— Santo Espírito... Vou matá-lo antes das núpcias.

— Exatamente o que pensei — disse Magnólia rindo —, mas essa é a menor das preocupações, considerando que ainda precisamos conseguir entrar no reino.

— Como assim?

— Enellon está em alerta. Como meus pais quase foram pegos e haverá uma seleção para a próxima rainha, a fronteira está rígida.

— Como vamos entrar?

— Temos um casal de espiões lá, vamos nos infiltrar como filhas deles que voltaram de Horizon após um período escolar, lá tem uma escola apenas para mulheres, então podem usar isso para nos esquivar de possíveis suspeitas.

— Era isso que você estava fazendo em minha mesa? Nosso comprovante de residência?

— Suas deduções são sempre certas — observou —, use isso quando encontrar o rei.

— Eu diria que seguiria meu coração, mas meu irmão diria outra coisa.

— O que ele diria?

— Ele sempre me lembrava da realeza e do poder presente em meu sangue — ela fez uma pausa. — Poder... Uma sereia herdeira sem dons — ironizou —, meu sangue está estragado. Essa é minha chance. Minha única chance. Não importa quantas vezes eu acerte, se eu falhar aqui, ficarei manchada para sempre.

— Admete...

— Meu sangue não carrega magia, Mag. O que meus filhos herdarão de mim? Não posso confiar em meu sangue, mesmo sendo o que Raon pediria que eu fizesse, ainda não estou pronta.

O ambiente ficou silencioso até Magnólia bater as mãos com força, tentando mudar o clima.

— O que foi isso? — perguntou Admete confusa

— Amanhã o dia será longo. Vou fazer um feitiço para você dormir.

— Manipuladores conseguem fazer isso? — indagou curiosa.

— Claro que não, é só alga amarela, mas eu gosto de fingir que é um feitiço.

Admete riu.

— Voltou com as piadas, então?

— Se for para você parar de se lamentar, eu monto um circo inteiro.

A princesa revirou os olhos, com um sorriso inconformado. Comeu a alga e em alguns minutos já havia pegado no sono.

Seu sono se tornou em sonho, onde ela estava em um campo verdejante em cima de um balanço. Seu corpo estava transformado e seus pés descalços. Ela sentiu que alguém a havia empurrado para se balançar no brinquedo, mas ao olhar para trás,

notou que não havia ninguém. Uma brisa suave balançou seus cabelos e sussurrou em seu ouvido:

— Diana...

Assustada, Admete saiu do balanço com a mão tampando seus ouvidos, mas a brisa ainda falava:

— Diana, não siga seu coração.

— O que? — perguntou, abaixando as mãos devagar

— O coração é enganoso, nem tudo é o que parece. Mas se confiar em seu sangue, prometo estar ao seu lado nessa jornada. Seu propósito irá te proteger.

A voz da brisa era calma e confortável, mas Admete estava muito machucada para aceitar sua calmaria.

— Raon, é você?

A brisa se tornou em um pequeno furacão que ergueu as folhas no chão e ficaram rodopiando em sua frente.

— Você não é Raon — concluiu.

— Então me diga quem eu sou.

Admete se curvou quando percebeu.

— Você é o Santo Espírito.

— O clamor de seu irmão chegou até mim. Antes de partir ele intercedeu por você.

— Onde você estava quando Raon morreu? — disse a princesa com os olhos marejados.

— Eu estava lá — afirmou.

— Então por que permitiu que ele fosse morto? Ele acreditava em você! Talvez Raon fosse o único tritão de Norisea que ainda acreditava em você, e você o deixou morrer. Seu último seguidor se foi!

— Ele não é meu último seguidor, Diana.

— Está falando de mim? Eu não sou sua seguidora.

— Mas você acredita em mim?

A princesa ficou um tempo olhando para o Espírito bem a sua frente. Ela nunca havia conversado com um pessoalmente, poucos já haviam visto a face de Hanur, em sonhos também, mas Admete não esperava encontrar o próprio Santo Espírito em seu sono.

— Se Raon acreditou — uma lágrima escorreu —, eu também acredito.

O amontoado de folhas dançou ao redor da princesa antes de se despedir.

— Então seu irmão cumpriu seu papel no reino. Você o verá novamente, eu prometo.

A princesa acordou assustada, e ficou olhando para seu quarto vazio. Ela estava atordoada. Quem era Diana? Ela havia sonhado mesmo com o Santo Espírito? Ele não era apenas uma lenda? Admete olhou pela janela e a cor da água apontava que era dia. Ela levantou com a cabeça doendo, Magnólia não estava no quarto mais, provavelmente havia ido para casa se despedir dos pais caso alguma coisa acontecesse. Mag era filha única, era difícil imaginar o tamanho da dor que seus pais sentiriam se ela se ferisse, foi quando Admete percebeu que, mesmo que ela não retornasse da missão com vida, Mag precisava voltar.

Ainda com os pensamentos no sonho, Admete foi para sua penteadeira de corais e logo ouviu batidas em sua porta.

— Entre.

Ela esperava ser Magnólia, mas eram os gêmeos.

— Rillian, Vereno! O que fazem aqui? — perguntou.

— Ficamos sabendo que vai partir para uma missão na terra — disse Vereno, acanhado.

— Não se preocupem, farei o possível para voltar o quanto antes.

— E se a missão falhar e te pegarem? — perguntou Rillian, preocupado.

Os jovens meninos estavam apreensivos, eram apegados à irmã. Os gêmeos devolveram a Admete a companhia que havia perdido quando o irmão se foi, ela fez por eles tudo que Raon faria por ela. Raon foi um bom irmão mais velho, e como agora a função era dela, seria a melhor irmã mais velha que os gêmeos poderiam ter. Ela queria dar palavras de conforto, mas precisava falar da realidade e o que eles deveriam esperar.

— Aí eles irão me matar e você será o futuro rei de Norisea.

Rillian estava incomodado com essa possibilidade.

— Eu não quero ser rei, Admete.

— E eu não quero ser rainha, meu irmão. Por isso estou fugindo para a terra.

— Mas lá você será rainha também — constatou Rillian.

— Verdade, não pensei no plano direito — falou Admete, tentando tirar um riso do irmão, funcionou. — Não podemos fugir do nosso destino, Rillian. Você nasceu antes de Vereno por uma razão, nada é por acaso.

Vereno pegou na mão de Rillian.

— Prometo te proteger se você for rei.

Admete sorriu ao ouvir isso de Vereno, ele lembrava muito Raon, o instinto protetor era forte. Ali, à sua frente estava, quem

sabe, uma das maiores motivações de sua missão. Ela não queria que a caçada separasse os gêmeos assim como a separou de seu irmão mais velho. Ela abraçou os dois com força.

— E eu prometo fazer de tudo para que os humanos nunca separem vocês.

— Por favor, volte — pediu Rillian baixinho.

Os abraços foram interrompidos pela chegada da rainha.

— Já se despediram?

— Sim, mamãe — disseram os gêmeos em uníssono.

— Em nome de Hanur, em breve ela estará de volta. Agora, ela tem que ir, o povo a espera para uma honrosa despedida.

Os meninos saíram e a rainha abriu os braços.

— Venha, minha doce pérola, minha única menina.

Admete nadou para os braços de sua mãe.

— Está com medo? — perguntou a rainha.

— Sim.

— Ótimo, o medo nos deixa alertas. E lá na terra você sempre estará em alerta. Humanos são traiçoeiros, não confie neles, entendeu?

— Entendi, sim, mamãe.

— Escute, minha filha, se livre do rei em uma situação favorável, não se apresse, nem se atrase. A janela do quarto real fica para o mar, mate-o, pule a janela e nade depressa para cá, os humanos não vão demorar para perceber que o rei morreu e logo irão atrás de você.

— Serei rápida.

— Terá que matá-lo de jeitos tradicionais humanos, com espadas, lanças, veneno, armas... Se eu te der algum feitiço,

provavelmente irão identificar nos testes.

— Eu treinei a vida toda sem magia, eu sei o que fazer.

— Alguns espiões irão te ajudar com mais apetrechos também, Magnólia te dará um sinal. Se tivéssemos mais tempo teríamos feito um treinamento mais específico com você, mas como a notícia chegou em cima da hora... — lamentou.

— Tudo bem, mãe. Eu vou conseguir.

A rainha sorriu.

— Eu sei que vai, parece até que você se preparou apenas para este momento. — Respirou fundo, ela queria parecer forte na frente da filha, mas seu coração estava destroçado por dentro. Quanto mais o coração de uma mãe em luto consegue aguentar? — Agora vamos porque seu pai quer se despedir. O povo nunca esteve tão orgulhoso.

— Sério? — perguntou Admete surpresa.

— Estão te chamando de "A Escolhida de Hanur".

Era difícil para a princesa assimilar tamanha aprovação, já que até ontem ela era a vergonha de Norisea, a suposta traidora de seu irmão, e hoje era vista como a salvadora do reino. O povo agora a via como uma santa sereia sem dons, escolhida a dedo pelo próprio Espírito Hanur para os livrar da caçada. Era uma mudança drástica de realidade.

— Eu gostaria de me despedir de Raon antes.

A rainha se assustou com o pedido de início, mas compreendeu que aquela despedida era necessária.

— Claro, minha pérola — disse a rainha gentilmente. — Mas não demore, estaremos te esperando perto da rocha de Hanur.

A princesa nadou pelos corredores do castelo onde encontrou o quarto do irmão. Ela nunca mais havia entrado ali desde a morte do príncipe, e mesmo estando à sua frente, Admete ainda não queria entrar, mas não sabia se voltaria viva dessa missão, portanto, precisava ver o quarto que havia passado tantos momentos divertidos com Raon, talvez pela última vez.

Ela abriu a porta com as mãos tremendo e com os olhos fechados por conta do nervosismo, então entrou no quarto e, após alguns segundos, quando finalmente abriu os olhos e viu o quarto daquele que seria o futuro rei de Norisea, o choro foi instantâneo. No mar, as sereias não choravam com lágrimas, sendo assim, a dor no coração era mais intensa. E como doía.

Admete nadou passando a mão nos móveis, encontrando tudo impecável, pois as empregadas do palácio ainda mantinham o quarto limpo mesmo após tantos anos, entretanto, não parecia o quarto de Raon, ele era muito bagunceiro. Admete riu sozinha ao lembrar.

— Você era muito amado, Raon. Os servos do palácio te amavam, o povo te amava... Eu te amava.

Admete sentou na cama do príncipe falecido e ficou balançando sua cauda enquanto olhava para o chão.

— Adeus, irmão. Me deseje sorte, e que Hanur me proteja.



A princesa se deitou na cama do irmão e ficou admirando o lustre que estava pendurado no teto. Passou tanto tempo observando os detalhes da peça que percebeu um pequeno pedaço do cristal que reluzia diferente. Admete era muito observadora e por pura curiosidade nadou até o lustre. Qual foi a sua surpresa quando viu que o que a peça diferenciada não era um cristal, mas sim, uma corrente que carregava uma pequena chave dourada com uma pedra azul no centro.

— Isso é de Raon mesmo? — se perguntou, nunca o vira usando tal apetrecho.

Admete começou a procurar no quarto qualquer coisa que tivesse uma fechadura, ela abriu gavetas, portas, olhou embaixo da cama, nada. Frustrada, colocou a corrente no pescoço e se aproximou da mesa do irmão, e lá a princesa avistou um caderno, que abriu e percebeu se tratar de várias anotações, mas estavam escritas na língua antiga. Ela teve um pouco de dificuldade de ler no início, mas logo percebeu que eram pensamentos, desenhos e até mesmo reflexões a respeito do Santo Espírito. Ela ficou olhando

cada linha daquelas anotações e se deparou com um rabisco incomum.

"Sara, eu nadei em muitas águas, mas em seu beijo encontrei o mar"

— Beijo? — falou, aproximando o caderno do rosto. — Quem é Sara?

A princesa estava confusa, não se lembrava de ninguém com esse nome. Talvez fosse uma plebeia de uma região do reino que ela não conhecia, mas com certeza o nome não era familiar.

— Raon estava amando? — a pergunta veio como uma adaga no peito.

Pela primeira vez Admete percebeu algo que nunca havia passado em sua mente. Seu irmão tinha dezenove anos quando partiu. Era jovem, bonito e extremamente amável. Ela nunca pensou que Raon poderia amar outra mulher que não fosse ela e sua mãe, mas ele amou. Ele tinha desejos, ambições e paixões. Quem sabe ele estivesse se preparando para propor essa Sara em casamento. Possivelmente hoje ela teria sobrinhos e sobrinhas. Ele estaria prestes a se tornar rei e governaria ao lado da mulher que amava. Ali, naquele caderno, Admete conheceu uma parte do irmão que nunca foi revelada a ela. Raon não sonhava apenas com o trono, ele também sonhava com uma moça, uma moça que conheceu feições de Raon que Admete jamais conhecera.

— Como eu queria saber quem é ela... Qual o seu tipo, irmão? Eu gostaria de ter conhecido seu lado romântico.

A adaga continuava perfurando seus sentimentos. Era doloroso, porém, seus pensamentos logo foram interrompidos por Magnólia entrando no quarto.

— Admete!

Ela fechou o caderno com força.

— Mag!

— Estão todos te esperando, querem te dar a benção antes de partir.

— Claro... Sinto muito, me distraí.

Magnólia lançou um sorriso acolhedor para a amiga.

— Muitas lembranças?

— Você nem imagina.

A amiga reparou no caderno que Admete segurava.

— Quer levar? Posso guardar em minha bolsa — disse apontando.

Admete sorriu. Era fácil ser amigo da Magnólia, qualquer outra pessoa teria questionado porque Admete estava com o caderno do irmão, mas Magnólia não era assim, ela percebeu que aquilo poderia ser importante para a amiga e sabia que se ela quisesse contar o que era, ela contaria no momento dela. Talvez o maior dom de Magnólia não fosse a manipulação, mas sim, a empatia.

— Quero, sim, obrigada.

Magnólia então guardou o caderno consigo e levou Admete para a despedida com o povo.



Chegando perto da superfície, muitas sereias e tritões estavam reunidos para abençoar a missão da princesa. Eles carregavam pequenas conchas douradas que eram bem raras, usadas somente em ocasiões muito especiais. Admete ficou pensando que a última vez que usaram as conchas douradas foi no dia do nascimento dos gêmeos, sua mãe teve complicações no parto e quase não sobreviveu. Admete sentiu um arrepio agudo na espinha ao lembrar.

O rei se aproximou de sua única filha.

— Minha pérola, se Hanur te escolheu, não posso ir contra sua vontade, mesmo que meu coração de pai insista em te manter protegida dentro de uma linda e pequena concha cor-de-rosa. Muitos não entenderam o propósito de seu nascimento, hoje eles entendem, você é nossa salvação.

Nesse momento, Admete sentiu a pressão da missão; ela era a última esperança para salvar seu povo, pois claramente não havia plano B, e se ela falhasse, era o fim de Norisea. Pela primeira vez, todos contavam com ela, por isso estava proibida de desapontá-los.

— Prometo salvar nosso reino — disse temerosa por dentro.

— Você nasceu para ser a rainha desse povo, minha filha.

O rei lhe deu um abraço caloroso, e apesar das lindas palavras, Admete sabia que seu pai não falava a verdade, ela lembrava de quão orgulhoso seu pai ficara por Raon ter herdado seu raro poder de fogo. Raon havia nascido para ser rei de Norisea, não ela.

Magnólia se aproximou.

— Temos que ir.

— Tudo bem, vai ficar tudo bem — disse o rei com o semblante triste.

Admete então passou por cada ancião que carregava um punhado das conchas douradas, ela se curvava diante deles e cada um ditava uma benção quebrando as conchas em sua cabeça, que viravam poeira. As conchas só eram usadas para abençoar ou para fazer um pedido especial a Hanur. Dessa vez, era para as duas situações. O povo acreditava verdadeiramente que a salvação do reino viria através da princesa sem dons.

Ao finalizar as bênçãos, Admete retirou sua coroa de cristais, pérolas e corais e entregou a sua mãe. O rei segurou na mão de sua filha e falou bem perto de seu rosto:

— Não precisa ir se não quiser, minha filha. Você sabe que não precisa. Não será vergonhoso, pode ficar aqui em casa, em segurança.

— Papai, até quando nossa casa será segura? — disse com um aperto no peito. — Eu tenho que fazer isso.

Tudo que o rei queria era tirar sua única filha de lá e escondê-la para que ninguém a levasse para longe. Será que ele aguentaria a perda de outro filho? A carcaça do rei parecia bruta e inabalável, mas por dentro era frágil e sensível.

— Pois bem, que Hanur te proteja — disse o rei, relutante.

Os gêmeos se aproximaram para um último abraço antes da missão. Admete os abraçou forte novamente e o rei e a rainha se juntaram a eles. Era um abraço em família, e para ficar completo só faltava Raon; como ela queria que os gêmeos tivessem conhecido

seu irmão mais velho. Admete se afastou com um sorriso, pronta para partir.

— Espera! — exclamou Magnólia. — Qual será seu nome humano?

— Nome humano? — questionou Admete.

— Sim, nossos nomes são incomuns lá, irão perceber que somos sereias. Na terra pode me chamar pelo meu apelido, Mag. Como irá se chamar?

— Por alguma razão, o nome veio rápido em sua mente.

— Diana.

— Lindo nome — afirmou a rainha com um sorriso orgulhoso.

— Vamos então! — Magnólia disse, já nadando para a superfície.

E assim, a princesa Diana se despediu de sua família e partiu para concluir a missão estabelecida.



Enquanto nadavam até a superfície, elas já começavam seu processo de transformação para o corpo humano. Um barco preso em uma pedra aguardava a dupla. Elas subiram no barco e Magnólia levou Diana para um depósito que havia ali.

— Aqui, amiga, vista essas roupas de camponesa, acredito que vão servir em você.

Enquanto Diana se vestia, aproveitou para fazer algumas perguntas.

— Então qual será nossa história?

— Nossos pais falsos já estarão nos esperando na fronteira para confirmar nosso relato. Ah, humanos tem dois nomes, então você usará o nome da família, Kernighan.

— Entendi, Diana Kernighan.

— Isso mesmo, eles têm o próprio negócio na terra, são donos de uma floricultura, ajuda bastante a disfarçar o cheiro de mar que temos naturalmente.

— Você conhece bem o mundo humano?

— Não como eu gostaria, mas como eu disse, o suficiente. Vamos sempre ficar alertas, eles podem usar códigos que não conhecemos e assim sermos apanhadas.

Diana terminou de se vestir, o vestido era um tanto incomum para a princesa. Na ilha de Norisea elas usavam roupas para os duelos, mas nada semelhante àquele vestido, não parecia adequado para uma batalha.

— Magnólia...

— Só me chame pelo apelido para acostumar — alertou enquanto mudava a cor de suas tranças para um tom castanho escuro.

— Claro — corrigiu Diana. — Mag, você acredita no Santo Espírito?

— Santo Espírito? Ele não é uma lenda?

— Dizem que sim.

— Não sei... Você acredita?

— Eu não sei também, mas Raon acreditava.

— Oh... — ela não soube responder.

— Tenho a sensação que essa missão está me aproximando dele. De alguma forma, o amor dele ainda está aqui.

— Claro que está. — Mag se aproximou para ajeitar a barra do vestido da princesa. — Você é tão linda, o rei certamente te escolherá, não deve existir mais bela em Enellon.

Diana já estava acostumada a receber elogios por sua beleza, mas sempre quando vinham de Mag era especial. Magnólia também era uma sereia bonita, na verdade, era difícil encontrar sereias e tritões que não fossem belos, essa era uma característica forte da espécie. A pele de Magnólia era escura como a noite, seu rosto era redondo, mas delicado. Seus olhos verdes combinavam com seus cabelos que eram da mesma cor, assim como sua cauda, definitivamente, a presença de Mag era marcante.



Quando as duas nadavam juntas em Norisea, era impossível não chamar atenção, a combinação do verde e azul era distinta, porém agradável, assim como a amizade delas.

— Você também vai participar da seleção? — perguntou Diana.

— Não completei as dezoito estações ainda.

— Claro. E como você conseguirá se manter ao meu lado durante toda a missão?

— Meus pais me orientaram que todas as candidatas podem levar uma acompanhante, que irá ajudá-las no traje, cabelo e outras preparações formais. Farei esse papel durante sua seleção, mas se você for escolhida acabarei sendo nomeada princesa da corte também, por estarmos fingindo ser irmãs, assim poderei ter acesso a muitas informações.

— Perfeito. Vamos içar a vela para partirmos então.

O reino humano não ficava muito longe, o trajeto de barco foi rápido. Magnólia apontou para um pedaço enorme de terra sobre a água. Era Enellon, com certeza era um reino grandioso, mas diferente de tudo que Diana já havia visto nos livros; ela estava esperando casas de madeira, carruagens e pasto. Mas a realidade era outra, pois aquele era um reino que constantemente estava aprendendo com a tecnologia, e lá haviam carros que pareciam engenhocas, grandes balões de ar no céu, máquinas que soltavam fumaça, trens gigantes e barulhentos. Uma enorme cascata se dividia entre uma gloriosa estátua que carregava o símbolo daquele reino, bandeiras vermelhas espalhadas pelas casas também eram comuns, afinal, enquanto no mar a cor das sereias era o azul, a cor dos humanos era a vermelha. Enellon era colorida, mas não como

Norisea, em que os próprios corais se encarregavam das cores, o reino era pintado e as casas eram amontadas na vertical. Havia muitas luzes penduradas que Diana não fazia ideia para que serviam.



— Eu não sei explicar... — começou Diana — É lindo, mas também...

— Feio — completou Mag.

— Exato, é estranho.

Um pouco mais perto, já era possível ver um pequeno aglomerado de pessoas solicitando a passagem na fronteira.

— É para lá que vamos, vou entrar pela direita para não perceberem que viemos pelo caminho de Norisea — comentou Magnólia enquanto conduzia o barco para perto da costa

— Quanto tempo você acredita que essa seleção vai durar?

— Bom, o rei está velho, com certeza tem pressa para um herdeiro. Meus pais mencionaram que eles querem uma rainha com urgência, mas não sabemos quanto tempo essa competição vai durar e como vai ser; pode durar semanas ou dias, não podemos afirmar, apenas sabemos que a escolha será feita antes da caçada. Só adianto, não confie em ninguém, não importa quão simpáticos todos sejam, humanos são falsos e só pensam em seus próprios interesses. A inveja é o maior pecado deles, por isso, cuidado com as candidatas, assim que você chegar na fila saberão que perderam.

— Entendo.

As duas desceram do barco e entraram na fila da fronteira, onde havia muitas garotas arrumadas e ansiosas para entrar no reino.

— Muitas mulheres vão competir, Mag. Eu precisava saber o que agrada o rei antes de entrar na seleção — cochichou.

— Não se preocupe, tentarei estar com você o tempo todo. Irei manipular a mente dele para que escolha você.

— Está certo, ainda assim farei minha parte.

— Eu sei que deveria ter havido uma preparação melhor para isso, mas os humanos foram rápidos. Não aguardaram o período de luto para que o rei buscasse outra esposa.

— Talvez eles tenham desconfiado que logo receberíamos essa informação e precisaram se apressar.

— Sim, provavelmente — concordou.

— Mag, nós não somos parecidas, como vão acreditar que somos irmãs?

— Por causa de nossos pais. Ah, falando neles! — apontou para um casal aguardando do outro lado da fronteira.

Um homem alto, negro e de belos olhos verdes acenavam para elas com um sorriso amigável. Era fácil convencer que ele era pai de Magnólia. Já a mulher ao lado, apesar de ter a pele mais pálida, tinha os cabelos castanhos e ondulados e olhos da cor do mel. Qualquer um acreditaria que ela era mãe de Diana.

— Nossa, excelente escolha — observou Diana.

— Escolha? Eles são os únicos espiões fixos da região.

— Então vocês não os escolheram para estarem conosco?

— Não, foi apenas uma... coincidência? — respondeu com um sorriso no rosto.

Não tinha como negar, tudo parecia que havia sido cuidadosamente planejado. Mas por quem?

As duas se dirigiram ao oficial que solicitou os documentos. Magnólia retirou da bolsa e entregou.

— Diana e Maggy Kernighan? — perguntou o oficial.

— Isso mesmo, senhor — respondeu Mag.

O oficial tinha o olhar alegre, mas pareceu ter se ofendido.

— Senhor? Acredito que não alcancei a idade necessária para ser dirigido dessa forma — disse, com um sorriso provocador.

Mag demorou para perceber que o rapaz estava demonstrando interesse por ela.

— Ah! — exclamou quando notou. — Me perdoe, o chapéu esconde seu rosto.

Imediatamente o rapaz retirou o chapéu que compunha seu uniforme e se curvou. O cabelo castanho estava bagunçado, mas era bem cheio e brilhante. A aparência do rapaz era radiante e Mag acabou suspirando quando ele levantou o olhar diretamente para ela.

— As senhoritas voltaram para a seleção da rainha?

— Eu irei — respondeu Diana —, mas minha irmã, Mag, ainda tem dezessete anos de idade.

O jovem rapaz não conseguiu nem disfarçar o quanto havia ficado feliz ao ouvir aquilo.

— Nossa, que pena — observou com um sorriso largo —, acabei de completar dezoito. Me chamo Miguel, aliás. Muito prazer — se virou para Mag —, consigo te encontrar na casa dos Kernighan então?

— Acredito que não será possível, acompanharei minha irmã durante todo o processo — respondeu Mag, um tanto nervosa.

— Compreendo — disse ainda simpático. — Hoje estou aqui, mas eu trabalho no setor de segurança que se aloca perto do palácio. Se um dia quiser me encontrar... — Ele corou um pouco. — Enfim, estarei lá.

Mesmo desconcertada, Mag assentiu com um sorriso tímido, o rapaz carimbou os documentos e permitiu a entrada das meninas. Mag se agarrou nos braços de Diana por conta da vergonha, pois apesar de ser uma garota madura, ela ainda era nova. Os tritões de Norisea demonstravam interesse de outras formas, principalmente através de batalhas para mostrar sua força e habilidades para impressionar a amada, mas nunca nenhum tritão alguma vez solicitou uma batalha por Mag ou Diana. Isso porque havia muito preconceito por conta do "defeito" da princesa e por Magnólia ter se aproximado de Diana, acabavam a evitando. A beleza das duas amigas era notável até mesmo em Norisea, mas ainda assim nenhum tritão se interessava o suficiente para tentar uma aproximação, afinal, ninguém queria estar vinculado à princesa fracassada, mesmo que ela fosse a futura rainha. Na verdade, Diana já esperava que acabaria não se casando por amor, mas que seus pais precisariam arranjar um casamento para ela. De alguma forma, ela teve uma sensação de recomeço quando pisou no reino humano. Em Norisea ela era uma sereia sem dons, mas em Enellon ela poderia ser uma humana comum, sem preconceitos ou decepções. Ao mesmo tempo, se ela voltasse vitoriosa, não haveria um tritão que não gostaria de desposá-la.

— O rapaz parecia gentil — comentou Diana com um sorriso.

— Até ele descobrir que posso afogá-lo no oceano. Me mataria sem pensar duas vezes — retrucou, tentando não esboçar emoções.

— Não conheço Enellon o suficiente, mas será que todos os humanos são a favor da caçada?

— Ah, com certeza!

E então foram de encontro ao casal que as aguardava.

— Meninas, que bom que chegaram bem. — A mulher ofereceu um abraço enquanto as cumprimentava. — Me chamo Terna, mas aqui é Teresa. Esse é Gardon, mas em Enellon é Gabriel. Não usamos muito nossos nomes porque sempre nos chamam de família Kernighan.

— Muito obrigada por nos receberem — agradeceu Diana.

— Tudo por nosso reino, alteza — disse Gardon.

— Por onde começamos? — perguntou Diana.

— Vamos para nossa casa e então poderemos discutir como iremos proceder.

O casal as conduziu pelo local, e Diana aproveitou para observar mais do reino humano. Ela já esteve em terra, mas nunca em Enellon. Era uma sensação emocionante e nova também, as pessoas nas ruas pareciam gentis e receptivas, era difícil imaginar que essas mesmas pessoas se alegravam nos dias de caçada, talvez por isso sempre diziam que não deveria confiar em ninguém. Mesmo parecendo um reino colorido e alegre, ela estava sentindo falta de alguma coisa, de uma energia que era abundante em Norisea.

— Onde estão as crianças? — perguntou a princesa.

— Oh, já faz alguns anos que Enellon tem sofrido com infertilidade, homens e mulheres têm sido afetados — respondeu Terna.

— Dizem ser alguma maldição do espírito Hanur — completou Gardon. — Isso só fez alguns grupos de caçadores nos odiarem ainda mais.

— Grupo de caçadores?

— É uma comunidade mais radical que acredita veementemente que esses problemas serão solucionados quando as sereias forem totalmente aniquiladas.

— Pelos espíritos, isso é terrível.

Chegando à porta da casa dos Kernighan, se depararam com uma construção de pedra e madeira, com muitas flores que rodeavam a entrada, deixando-a simples, mas adorável. Por dentro, a casa era colorida e com um aroma floral, e possuía uma sala grande que tinha vista para a cozinha. Diana não tinha reparado antes, mas o clima em Enellon se mostrava bastante agradável. Em Norisea as águas eram gélidas, e na ilha do reino era sempre muito quente.

— Vocês parecem viver bem aqui — observou Magnólia.

— Não temos muito do que reclamar — disse Gardon. — Enquanto nos mantermos como humanos, sabemos que podemos viver com dignidade aqui neste reino, mas não é o certo com nosso povo. Todos precisam viver com respeito e abundância, independentemente de como nasceu.

— A verdade é que se Enellon e Norisea não fossem inimigos, poderiam ser reinos incrivelmente prósperos — comentou Terna.

O comentário dela causou repulsa na princesa. Em hipótese alguma conseguia imaginar o reino humano em paz e harmonia com o reino marinho. Ela não queria ver isso acontecendo, Diana queria vingar seu irmão e voltar vitoriosa para seu reino, para que todos que um dia duvidaram dela, se arrependessem amargamente. Diana tinha um rosto suave e doce, mas seu coração estava completamente tomado de rancor.

O casal convidou as meninas a se sentarem no sofá, Gardon foi para a cozinha e Terna começou a instruir a missão a elas.

— Já inscrevemos a sua alteza na seleção, daqui a pouco você deverá comparecer no palácio para o primeiro teste. Mag não poderá te acompanhar em todos os passos — e se virou para ela —, portanto, nesses períodos tente observar o que acontece ao seu redor, os segredos estão nos corredores.

— Entendi, Terna — respondeu Mag.

Nesse momento Gardon chegou com uma bandeja com alguns copos de água e gelo. Ele colocou a bandeja na mesa, pegou um pedaço de folha hortelã e com alguns movimentos com as mãos aquela pequena folha ramificou para outras cinco folhas, ele cortou e colocou nos copos.

— Você é um botânico, Gardon! — observou Diana com um sorriso. Em Norisea a botânica não era tão valorizada, aparentemente ela era mais útil em Enellon.

— Nós dois somos — respondeu. — Aliás, eu sei que parece estranho, mas vocês precisam se acostumar a nos chamar de mãe e pai para não desconfiarem.

— Ah, faz sentido!

— Acredito que devem estar com sede.

As meninas aceitaram os copos empolgadas já que a apresentação estava tão bonita, de fato estavam com sede, mas no primeiro gole fizeram uma careta.

— Está doce — observou Mag, afastando o copo da boca.

— Meu amor, elas ainda não estão acostumadas!

— Me perdoem — falou Gardon, preocupado. — Vou pegar o pote de sal imediatamente.

— Os humanos bebem água doce? — perguntou Diana, intrigada.

— Sim, a água salgada é intragável para eles. Na verdade, o ideal é que quando estivermos na forma humana, a gente consuma alimentos e bebidas que nem eles — respondeu Terna.

— Então não precisa trazer sal, Gardon! — exclamou Diana.

— Ah não?

— Se me oferecerem um copo de água no palácio, não posso reagir assim. Preciso engolir naturalmente.

Diana respirou fundo e bebeu toda a água de uma vez. Ela colocou a mão na boca com o enjoo e sentiu um arrepio na garganta; não conseguiu disfarçar bem o nojo que sentiu pela água em sua língua.

— Seria mais fácil se fôssemos sereias de água doce — disse com a sensação esquisita na boca e os olhos lacrimejados.

— Eu vou aceitar o sal, Gardon — disse Magnólia —, depois eu pratico isso aí, mas agora estou com sede.

— Temos alguns outros espiões na região, mas não são fixos, eles estão preparando algo para quando você for escolhida — disse Gardon, se referindo a Diana.

— É para me ajudar na morte do rei?

— Sim, com o que prefere trabalhar? Irei enviar suas sugestões para eles.

— Lanças, espadas e adagas. Mas sou mais habilidosa com as adagas. Se for possível, eu gostaria de algo discreto que eu pudesse carregar comigo sempre.

— Excelente. Mais uma coisa, alteza: se for escolhida, nós partiremos para Norisea.

— O que? Por quê?

— Com sua vitória, receberemos atenção indevida, podem acabar descobrindo o que não devem. Por isso nos manteremos longe. Se descobrem nossa identidade, descubrem você. Não podemos arriscar.

— Claro, eu compreendo.

— Alteza, precisa ir agora.



Chegando na entrada do palácio, havia uma fila com várias outras garotas ao lado de seus pais e acompanhantes. Aos poucos, um oficial ordenava a entrada das meninas e os pais se despediam ali, desejando boa sorte. Quando o oficial estava quase se aproximando deles, Terna lembrou de uma informação importante.

— Diana — disse, puxando a princesa para si. — O rei tem vários conselheiros, mas tem um que você precisa se atentar.

— Como ele se chama?

— Drakkar Tenebris. Ele é o fundador dos grupos de caçadores. Não há ninguém neste reino que odeie mais nosso povo que ele, então, por favor, tome cuidado. Se puder, o evite. Mas se for inevitável... — fez uma pausa tentando imaginar o que ela faria — Bom, os detectores de magia não devem funcionar em você, mas Magnólia precisa se manter longe dele, a magia dela é poderosa e facilmente detectável. Se ele solicitar sua presença, apenas seja forte — falou com pena.

As mãos de Terna suavam de nervosismo enquanto seguravam os braços de Diana; claramente esse Drakkar era alguém assustador.

— Vamos ficar bem! — afirmou Magnólia, mas no fundo estava com medo de ser desmascarada. Em Norisea era honrável ter tamanho poder, mas em Enellon poderia ser o motivo de sua morte.

O oficial se aproximou e assim que bateu os olhos em Diana sorriu de modo malicioso.

— Que pedra preciosa temos aqui. — Conferiu no pergaminho que segurava. — Diana Kernighan?

— Sim — respondeu.

— Aqui consta que a acompanhante será a irmã mais nova.

— Isso mesmo, senhor — respondeu Magnólia.

— Já podem entrar.

Gardon e Terna abraçaram as meninas com força e esperança. Se tudo ocorresse como planejado, elas seriam a libertação do povo. Quando Gardon abraçou Diana para se despedir, cochichou em seu ouvido:

— Eu sei que seu coração está ferido, mas não o escute. Ouça apenas seu sangue. E que o Santo Espírito te proteja.

Diana ficou olhando para aquele homem à sua frente em choque. Ele também acreditava no Santo Espírito, assim como Raon. Enquanto elas se afastavam do casal, Diana ficou se questionando, parecia que eles não concordavam com o plano de usurpar o trono através da morte do rei e então tomar Enellon a força. Parecia que no fundo o casal esperava por uma solução

pacífica. Diana lamentou por ter que desapontá-los, pois a última coisa que queria era paz.

Subindo as escadas, os olhares das meninas ao redor se voltaram para Diana, um murmurinho começou e as expressões não estavam convidativas. Uma linda garota de cabelo ruivo e olhos verdes se aproximou das duas amigas.

— Não te conheço, não é daqui, certo? — questionou, de forma pouco simpática.

— Na... na verdade sou, sim — Diana gaguejou um pouco.

— Que estranho, nunca te vi por aqui. Você estava acompanhada dos Kernighan?

— São nossos pais — interferiu Magnólia. — Eles nos enviaram para aquela escola de meninas em Horizon e voltamos agora para a seleção.

— Então vocês estiveram no festival da escola ano passado?

— Sim — afirmou sem saber do que se tratava.

— Interessante. E as duas irão competir entre si?

— Ah não, minha irmã mais velha que é o rosto bonito da família, eu estarei apenas a acompanhando e protegendo de possíveis pessoas problemáticas — disse, lançando um olhar desgostoso. — Onde está sua acompanhante por sinal?

A garota engoliu em seco e pareceu ter ficado desconcertada.

— As acompanhantes não eram obrigatórias, então decidi vir sozinha.

— Entendi, você não tem amigas.

— Eu... — A garota ficou um pouco sem jeito com o comentário de Mag. — Eu acredito que as mulheres são falsas e

interesseiras, por isso não gosto da companhia delas.

— Obrigada por nos alertar!

— O que?

— Que você é falsa e interesseira.

A garota não respondeu às provocações de Mag, apenas deu meia volta e saiu de perto delas. Diana e Magnólia se olharam revirando os olhos quando a garota se distanciou.

A escadaria era longa, mas por serem bastante atléticas devido as batalhas da ilha de Norisea, elas chegaram no portão sem preocupação, já algumas meninas ao lado estavam ofegantes e vermelhas por conta do suor. Elas entraram e havia vários sofás e cadeiras espalhados que as meninas poderiam se sentar para esperar algum pronunciamento. Diana e Mag se ajeitaram em um canto do salão e aguardaram. Havia mais ou menos duzentas garotas muito bonitas no salão, e Diana ficou se questionando como iriam reduzir essa seleção para apenas uma rainha e se ela realmente seria capaz de passar nos testes.

Um homem de barba branca e comprida adentrou o salão, já solicitando silêncio.

— Parabéns, minhas jovens, o reino agradece a participação de mulheres tão lindas, nossa futura rainha está dentro deste salão — o comentário gerou gritinhos entusiasmados no ambiente —, mas vocês se enganam se acham que o rei valoriza apenas a aparência de sua companheira. Uma rainha precisa ser inteligente, sagaz, conselheira e, principalmente, precisa dar um herdeiro ao reino. O primeiro teste irá eliminar 80% das candidatas, chamarei cada uma pelo nome, é um teste rápido, mas como são muitas, pode demorar, por isso, as que passarem nessa etapa passarão a noite no palácio.

Diana estava em um mundo totalmente desconhecido e começou a ficar com medo de verdade. Ela precisava guardar sua identidade, ninguém poderia saber que ela era sereia.

Em dado momento, Mag avisou que circularia pelo salão para tentar descobrir alguma coisa a respeito dos testes e que em breve retornaria. Portanto, Diana aproveitou o tempo sozinha para pensar nos vários modos que mataria o rei, mas seus pensamentos foram interrompidos pela mesma garota ruiva da escadaria.

— Eu não sei o que você está escondendo, mas eu vou descobrir — disse de forma seca.

— O que? — perguntou Diana.

— O festival, aquele que sua irmã confirmou que vocês compareceram.

— É...

— Nunca houve festival em Horizon. Antes de inventar uma história, escreva bem o roteiro para não ter furos.

O estômago de Diana embrulhou. Será que ela havia sido descoberta?

— Sei que você só veio para cá para tentar casar com o rei, não é errado também, algumas candidatas nessa sala também voltaram apenas para tentar a coroa, mas acontece que odeio mentirosos e quando descobrir o seu segredo, eu vou te entregar.

Diana tentou manter a calma com a ameaça e agir como uma humana.

— Ficou corajosa depois que minha irmã se retirou?

A garota fez uma careta e quando estava prestes a dar as costas, Diana a impediu.

— Qual seu nome?

Ela lhe ofereceu um sorriso malicioso e disse suavemente.

— Esmeralda. — E se retirou da presença de Diana.

— Droga, até que ela é bonita...

— DIANA KERNIGHAN! — gritou um oficial.

Diana levantou tão rápido, que quase derrubou a cadeira que estava sentada, se ajeitou um pouco e seguiu a direção que o oficial apontou. Ela olhou para trás, mas Mag estava fora de sua vista, então precisou entrar no primeiro teste desacompanhada.



A sala era cinza e iluminada com uma luz branca bem irritante. Diana vestia uma camisola que foi obrigada a colocar antes de entrar naquela sala e estava sentada em cima de uma maca esperando alguma coisa acontecer. Enquanto esperava ali sozinha, ela ficou se questionando o que estava fazendo em um reino que a mataria se descobrisse a verdade sobre sua identidade. Um medo tremendo invadiu seu coração e pela primeira vez ela sentiu uma lágrima escorrer em seu rosto. Diana se assustou e colocou as mãos na bochecha rapidamente tentando entender o que aquela lágrima significava. *O que seria de Norisea se ela falhasse? O que seria de seus amigos e familiares?* Ela não poderia se dar ao luxo de falhar. Diana lembrou de Magnólia, como ela sempre parecia feliz e otimista, mas no fundo estava sofrendo com tantas perdas, pois na última caçada seu tio havia sido morto e a jovem sereia não se lembrava de Mag ter passado pelo luto, mesmo ela sendo tão próxima do tio. Talvez Mag estivesse escondendo os sentimentos

muito bem, mas certamente também estava desesperada por uma salvação, um milagre. Diana era o milagre.

A tranca da porta fez barulho e uma mulher com um jaleco branco entrou na sala.

— Olá! Diana, certo? — disse enquanto conferia em um papel.

— I-isso — respondeu nervosa.

— Não vai demorar, vou só fazer algumas perguntas e já faço alguns exames em você.

A moça parecia simpática, mas Diana lembrou que não deveria confiar nem nos mais simpáticos, ela precisava ficar em alerta o tempo todo, e é claro que todo humano era um inimigo.

— Muito bem, quantos dias tem seu ciclo?

Diana ficou confusa. Ciclo?

— Desculpa... Eu não... — falou, tentando sinalizar que não havia entendido.

— Sua menstruação. Ela acontece de quanto em quanto tempo?

A palavra não era estranha para Diana, ela estava tentando se lembrar em qual pergaminho de anatomia humana ela havia lido sobre. A médica já se mostrou um pouco mais impaciente.

— Você sangra todos os meses?

— O que? — perguntou surpresa — Não!

— Hm, que pena — falou rabiscando alguma coisa no papel.

Que pena? Era normal os humanos sangrarem todos os meses? Por onde? Esses questionamentos fizeram Diana pensar que talvez tenha dito algo muito errado.

— Eu normalmente já te desclassificaria aqui, mas vou cumprir todos os protocolos.

Definitivamente, Diana sabia que havia dito algo errado. O que ela deveria ter dito? Que sangra todos os meses? Isso não parecia normal, na verdade, ela ficou até pensando como um ser humano não morria sangrando todos os meses. Pelo que ela havia pesquisado, o corpo humano não era capaz de sobreviver muito tempo com um sangramento contínuo, então, o que aquela médica estava querendo dizer?

— Me desculpe perguntar, qual o período normal desse ciclo que você mencionou? — questionou Diana.

— Ah, varia muito de mulher para mulher, mas a média é um sangramento de cinco dias a cada vinte e cinco dias.

Diana tentou esconder seu rosto chocado. Ela já havia notado que esse sangramento só acontecia com as mulheres, mas era difícil acreditar que alguém poderia sangrar por cinco dias seguidos sem morrer.

— Você tem vida sexual ativa? — perguntou a médica.

— Não.

— Já teve relação sexual?

— Também não.

A médica fez mais algumas anotações.

— Escuta, Diana, não posso fazer os exames em você, sinto muito, infelizmente já está desclassificada.

— O QUE? Por quê? — perguntou assustada.

— Você é virgem e os exames exigem alguns aparelhos que ainda não posso usar em você.

— Mas vocês têm tecnologia pra saber. E as outras meninas como eu?

— Claro que temos, mas esses tipos de testes demoram mais e possuem menos eficácia de resultado, como você não menstrua, já é de se esperar que não tem o que o rei precisa. Então não preciso gastar meu tempo com você.

A médica levantou, mas Diana segurou em seu jaleco.

— Por favor! Me teste mesmo assim!

— Por que eu deveria?

Diana pensou um pouco antes de responder.

— Eu... eu orei muito para Callian! Eu pedi que ele me abençoasse! Me permita tirar a prova, por favor.

Ficou um silêncio perturbador na sala, a médica ficou olhando para a expressão desesperada de Diana e respirou fundo.

— Você tem sorte de ter sido uma das primeiras a ser chamada, se já estivesse tarde eu jamais aceitaria algo assim.

— Muito obrigada!

A médica coletou o sangue de Diana e enquanto esperava o resultado sair, fez uma ultrassonografia nela. A princesa observava atentamente pelo monitor e começou a estranhar o que via.

— Por aqui pelo menos, seu útero está em perfeitas condições.

Diana não parava de martelar na cabeça que deveria ter lido mais sobre o sistema reprodutor humano, ela quase fracassou a missão porque não sabia uma simples informação como aquela.

— Vou passar um cotonete em sua região íntima, mas não vou inserir, não se preocupe.

— Tudo bem — concordou, sem saber o que era um cotonete.

Após a coleta, ela colocou a amostra dentro de um vidro achatado e entrou em outra sala. A médica não demorou muito, mas para Diana pareceu uma eternidade. Ela ficou imaginando quais outros testes viriam a seguir, já que foi quase desqualificada nesse por um descuido, por isso precisava ficar mais alerta para os próximos. Logo a médica voltou um pouco confusa e com o resultado dos exames em mãos.

— Diana, não sei se você mentiu para mim ou simplesmente realmente foi abençoada, mas com o que consegui ver você está bem, na verdade, muito mais que bem. Com certeza já está garantida para a próxima etapa.

— Sêrio? — perguntou quase sem acreditar.

— Não fique falando isso quando sair daqui, uma onda de infertilidade tem assombrado nosso reino. Receber uma mulher com esse índice de fertilidade como você é uma dádiva, é claro que não tenho tanta precisão com esse tipo de teste, mas o que vi aqui já é o suficiente. Callian realmente atendeu ao seu pedido. Farei uma anotação especial aqui pela sua perseverança.

Diana permaneceu sem entender o que estava acontecendo, mas parecia ser um bom sinal

— Vamos, demorei muito com você, já pode se trocar e aguardar o resultado no salão principal.

As duas foram até a porta, Diana olhou no crachá que dizia o nome da médica.

— Obrigada, Léia! — falou gentilmente.

A médica se surpreendeu, mas sorriu em seguida. Então Diana saiu da vista dela.

— Tomara que ela ganhe — disse a médica sozinha.



Quando Diana saiu do consultório, Magnólia a esperava com o olhar preocupado.

— Di, eu fiquei tão ansiosa! Me desculpe, eu posso ter arruinado tudo. Como foi?

— Di?

— Eu achei o nome que você escolheu bem agradável. Com esse nome eu consigo te chamar por algum apelido, agora com seu nome de Norisea era mais difícil.

Diana riu com a observação da amiga.

— Deu tudo certo, parece que os casos de infertilidade em Enellon são bem sérios. Querem garantir uma rainha que possa dar filhos ao rei, então talvez o problema era com a rainha.

— Será que ela foi morta por não dar herdeiros ao reino?

— Não duvido dessa possibilidade.

— É claro que você passaria nesse teste, as sereias são naturalmente férteis.

— Falando nisso, você sabia que as mulheres humanas sangram todos os meses?

— Sim, se chama ciclo menstrual. Mas isso não acontece com sereias, mesmo em nosso corpo humano. Por quê?

— Oh, eu não sabia. Quase fui desclassificada por isso.

— Pelos Espíritos! Minha culpa, eu deveria ter te alertado. Eu só sabia disso por já ter vindo para cá antes e deveria ter imaginado que você não estava ciente dessa condição das humanas.

— Tudo bem, mas vamos ficar mais atentas para os próximos testes.

— Claro — respondeu, com o sentimento de culpa.

Os resultados saíram e como Diana já esperava, seu nome estava lá para a próxima etapa. E das duzentas garotas, apenas sessenta se classificaram. Diana ficou pensativa... Enellon estava tendo um sério problema com nascimentos. O que estaria provocando tamanha infertilidade? De início ela sentiu alívio, mas logo o medo a invadiu novamente, *"Eu quase estraguei tudo"*. Ela sabia que precisava levar mais a sério os próximos testes, mas estava perdida. O que mais do mundo humano ela não sabia?

— Então você passou.

Diana se virou assustada, era Esmeralda, a bela garota ruiva.

— E aparentemente você também — comentou Magnólia.

— Ah, sim, minha família é bem grande, tenho nove irmãos, todos homens e mais velhos, sou a única filha. Com certeza o rei apreciará isso, afinal, poderei dar a ele um filho homem.

— Mas qual a diferença? — questionou Diana. Qual o problema de ter uma filha mulher?

Esmeralda riu com o comentário.

— Somente homens herdam o trono. As rainhas são conselheiras, ainda é uma função importante, temos imenso poder

de manipulação, podemos controlar o reino apenas estando nos bastidores — disse a garota com sangue nos olhos.

— Mas então... Não é mais fácil apenas colocar a mulher como herdeira do trono? — argumentou.

Esmeralda revirou os olhos com força e bufou.

— Que perguntas idiotas! Nem parece que você é da... — ela pausou em choque — ...qui.

Nesse momento Diana percebeu que havia aberto mais uma brecha para descobrirem sua identidade, e abriu justamente para a pior pessoa.

— Sabe, eu detesto admitir — disse, olhando Diana da cabeça aos pés —, mas você é muito bonita, e sua beleza é tão hipnotizante que irrita! Mas nunca vi ninguém assim neste reino e nem nos reinos vizinhos.

Diana começou a suar. Magnólia segurou em sua mão.

— Eu só me lembro de uma vez ter visto alguém tão bela, foi na última caçada, se não me engano, não gosto muito de assistir as caçadas, acho muito violento. Mas naquele dia eu vi um caçador carregando uma sereia morta, mesmo sem vida ela era linda, de uma beleza tão estonteante que... — contou, encarando Diana.

— Eu disse que minha irmã é o rosto bonito da família — Mag tentou desconversar.

— Você também tem seus atributos! — disse em tom sarcástico. — Mas não estou tentando dizer nada, imagina você ser uma sereia? Teria que ser bem louca, não é mesmo? Afinal, qualquer deslize seria a morte. — Sorriu ao terminar a frase.

— Claro! Nenhuma sereia seria sem juízo a esse ponto, elas sabem dos riscos. — disse Diana, tentando concordar ao máximo

com tudo que a garota dizia.

— Certamente... — ponderou.

A conversa foi interrompida pelo mesmo homem de barba branca do início. Ele parecia cansado, Diana pensou que talvez ele servisse ao rei há muitos anos.

— Muito bem, garotas, as criadas irão levá-las até seus aposentos, vamos dividir o grupo em seis, então dez candidatas ficarão em cada quarto. Pode ser aleatório — finalizou, fazendo um gesto com as mãos.

As criadas conduziram as classificadas, e Esmeralda foi em outro grupo, para o alívio de Diana e Mag. O quarto era encantador e gigante, as camas bem afastadas umas das outras separadas por dupla; havia uma grande varanda no quarto, e Diana percebeu que as meninas estavam muito empolgadas. Na verdade, algumas até haviam ficado amigas, entrando no quarto de mãos dadas e escolhendo camas próximas. A princesa se questionou quanto tempo aquela amizade duraria quando tivessem que competir entre elas, e então se acomodou em uma cama perto da porta do quarto. Já era noite, ela sentia falta da família.



Não importava
o tanto que
Diana

tentasse, ela não conseguia dormir de jeito nenhum, simplesmente não era confortável. Não que a cama fosse ruim, na verdade ela era grande, cheia de travesseiros de penas, lençóis de seda, mas era uma cama tão... seca! Diana não estava acostumada a ficar tanto tempo sem a água do mar, ela precisava urgentemente se refrescar, pois parecia que sua garganta iria rasgar de tão áspera. Ela se virou para Magnólia, que dormia ao lado dela, mas não queria acordá-la após um dia tão exaustivo, então se levantou cuidadosamente para não acordar as outras garotas também, abriu a porta devagar e saiu.

Pelos corredores do palácio ela avistou uma porta de vidro, do outro lado havia um poço artesanal, Diana reconheceu pelas figuras de alguns livros que tinha. Ela se aproximou para abrir a porta. Trancado. Que frustração! Ela só queria água, e a falta dela a estava deixando extremamente estressada e mal-humorada. Ela

bufou de raiva e se virou para voltar quando soltou um gritinho de susto ao se deparar com um rapaz bem a sua frente.

— Quem é você? — perguntou irritada.

O rapaz fez uma careta em reação a falta de educação de Diana. Ele era alto, bonito e aparentemente forte, e tinha cabelos tão pretos que com a luz da lua pareciam azuis; seus olhos eram escuros como seu cabelo e a pele era branca como o linho, ele usava uma luva na mão esquerda.

— Imagino que deva ser uma das candidatas do rei. — Ele lhe ofereceu um sorriso malicioso.

Diana não gostou da reação do rapaz e se agarrou no roupão que cobria seu corpo.

— Sim! E já vou indo! — disse, apertando o passo.

— Você deveria se portar com mais classe dentro do palácio, assim não irá impressionar o rei — observou com desgosto.

Diana se virou, querendo encher aquele rapaz de chutes.

— Possuo outras qualidades que com certeza compensam a minha falta de graça — respondeu de forma seca.

— Não sei, você é bonita realmente, mas dizem que o rei gosta de mulheres graciosas, sabe? — falou, se aproximando dela.

— *Hunf* — reagiu, virando o rosto. — E quem é você pra saber tanto sobre o rei?

— Ora, sou o servo mais devoto do reino, você deveria prezar por minha aprovação, já que sou um dos jurados do teste de amanhã.

— Ah! — O coração de Diana quase parou. O que ela deveria dizer agora? Acabara de destratar aquele que decidiria quem continuaria na competição ou não. Estava sem palavras.

O rapaz sorriu com o canto da boca.

— Que bela a corrente que carrega em seu pescoço.

Diana não esperava por essa reação, ela havia esquecido completamente que usava a chave que encontrara no quarto do seu irmão.

— Sim, eu gosto muito dela — afirmou com as mãos na corrente. — É muito importante para mim.

— Seria de um amor que você deixou para trás para estar aqui nesta seleção?

De certa forma, isso não era mentira, só não era o tipo de amor que ele dizia.

— Pode se dizer que sim.

— Antigas paixões não devem interferir em seu comprometimento com o trono.

— Acredito que essa paixão a que se refere me incentiva a ser fiel ao meu reino.

— Então ele era um herói de guerra.

— Ele era, sim! — afirmou, pensando em seu irmão e como ele se sacrificou para protegê-la.

— Admirável... — disse com desdém.

Ele permaneceu encarando Diana, a deixando desconfortável.

— Posso ajudar em mais alguma coisa? — perguntou Diana.

— E por acaso você me ajudou anteriormente?

— Tem razão — respondeu, tentando não olhar em seus olhos.

De repente o rapaz ficou amigável.

— Se quer água é só girar a maçaneta três vezes e ela abre — disse, apontando para a porta que Diana tentava abrir.

— Obrigada — respondeu ainda sem conseguir olhar no rosto dele. Mas assim que tomou coragem para levantar o olhar, o rapaz não estava mais lá.

Diana foi para porta e ficou girando a maçaneta, mas a porta ainda não abria, ela continuou girando, esperando que algo acontecesse, e nada. Já na quinta vez que ela tentava girar, a maçaneta caiu da porta. Uma empregada estava passando no corredor na hora.

— Querida, o que está fazendo? Não deveria estar dormindo? — perguntou intrigada.

— Oi! Desculpa, estou tentando abrir a porta, estou morrendo de sede.

— Entendi — disse, olhando para a maçaneta no chão. — Então, a porta é de correr, é só empurrar para o lado.

Claro.

— Ah, sim — Diana respondeu, se sentindo a mulher mais tapada do reino. É claro que o rapaz estava se divertindo com a cara dela.

Aquele desgraçado.







Já era de manhã, Diana acordou com uma toalha molhada na cabeça que ela havia conseguido com a empregada, ela precisava sentir pelo menos sua pele um pouco úmida para dormir bem. Ela lembrava que havia tomado tanta água que a empregada ficou preocupada. Talvez devesse ter se contido, mas agora era tarde. Seu humor também estava bem melhor, isso até lembrar do rapaz da noite anterior; como ela estava com raiva dele, era insuportável. Diana não conseguia acreditar que precisaria impressioná-lo para chegar ao rei, mas ela faria de tudo por Norisea, então o rapaz não passava de um obstáculo que ela precisava encarar.

Ela se levantou e percebeu que as outras meninas já estavam se arrumando, pegando roupas do armário que estava ao lado de suas camas. Olhou para seu guarda-roupa e viu Magnólia passando os cabides, escolhendo algo para ela.

— Bom dia, futura rainha! — disse Mag com um sorriso largo. Algumas meninas ouviram o comentário e ficaram inquietas.

— Por favor, não faça todas me odiarem já no começo da seleção — falou enquanto esfregava os olhos.

— Vai arrumando esse cabelo aí enquanto escolho algo para você.

— Tudo bem, entendi.

Diana abriu uma gaveta na penteadeira, encontrando vários acessórios, e seu olhar foi direto para uma tiara de pérolas. As meninas estavam usando ouro, mas Diana optou pelas pérolas, é

claro. Ela ajeitou o cabelo com a tiara e deixou suas ondas volumosas. Magnólia passou os dedos entre os cabides até que viu uma manga de tule lilás. Ela retirou o vestido do cabide e sorriu, era perfeito, exatamente como sua amiga gostaria. Era um vestido simples e liso, sem muita renda, pedras ou costuras. Era apenas um vestido lilás com mangas bufantes de tule. Mag chamou a amiga para ajudá-la a se vestir. Tinha um corpete bonito, em formato de coração, a saia caía suavemente sobre seus pés. Diana colocou uma sandália branca e estava pronta. De todos os looks, o dela era o mais simples, mas ainda assim era a mais radiante. Assim que as garotas viram Diana pronta, ficaram incomodadas e começaram a cochichar entre si, mas os cochichos foram interrompidos com a entrada do senhor de barba branca.

— Muito bem, vocês são o grupo quatro. Suas acompanhantes devem permanecer aqui. Dividi vocês em seis grupos, dessa vez o teste será coletivo, todos os grupos o farão ao mesmo tempo, e ao final, apenas uma de cada grupo passará para a última etapa.

De repente, as mãos que estavam dadas se soltaram, e um ar de rivalidade pairou no ambiente, algo que Diana já esperava. Mag fez um sinal para ela, tentando dizer que daria tudo certo. Certamente, Mag usaria esse tempo vago para descobrir alguma coisa.

As meninas foram conduzidas até uma sala que possuía uma grande mesa redonda com mapas, pinos, soldadinhos de madeira e papéis. Na verdade, aquela imagem era um tanto familiar para Diana. Todas se sentaram e ficaram aguardando. Diana havia ficado em uma ponta da mesa, o que não foi uma boa escolha,

parecia que naquela posição ela ficava mais visível, tornando-se um alvo. Todas estavam em completo silêncio, revezando os olhares para Diana, até que o rapaz da noite anterior entrou na sala, olhando uma prancheta com papéis. Diana ficou paralisada ao vê-lo, por que ele teria que ser o avaliador justo da sala dela? Ela teria que se esforçar em dobro para conseguir impressioná-lo, já que a primeira impressão não foi das melhores.

O jovem rapaz levantou o olhar para analisar as candidatas da sala e assim que bateu os olhos em Diana seu rosto ficou ruborizado. Como ela era linda! Havia se enfeitado na quantidade exata, nem de mais, nem de menos. Algumas garotas usavam tanto ouro na cabeça que o rapaz tinha certeza que o pescoço poderia quebrar a qualquer momento, mas Diana estava perfeita. Seu cabelo era uma moldura formosa para seu rosto e fazia curvas tão graciosas que ele chegou a suspirar. Assim que percebeu que estava a encarando, tentou se recompor e disfarçou, limpando a garganta.

— Bom dia, me chamo Liam. Esse teste será de estratégia de conflito. Uma rainha tem papel fundamental para seu reino, ela está ao lado do rei para auxiliá-lo e dar suporte. O rei Gribanov é bastante exigente quando se trata de sabedoria ao lidar com conflitos em reinos vizinhos. Os conselhos da rainha têm mais peso até que a palavra dos próprios conselheiros reais, por isso essa função é tão valiosa e séria.

A introdução do rapaz deixou as meninas inquietas, ao perceberem o tamanho da responsabilidade que as aguardava se fossem escolhidas.

— Então o teste é o seguinte: vou colocar uma situação hipotética e vocês me dizem a melhor maneira de solucionar esse conflito. Entendido?

Todas acenaram com a cabeça dizendo que sim.

— Então vamos começar. O reino de Horizon, nosso grande parceiro comercial, faz a produção do arroz que temos no reino, e nós exportamos o trigo do reino deles. Mas, em nossa última reunião Horizon exigiu o dobro do que pagamos pelo arroz deles, nós nos recusamos e agora os reinos parceiros estão em conflito. Como solucionar esse problema? Neste arquivo à frente de vocês contém alguns dados do nosso reino e dos reinos vizinhos. Vocês têm dez minutos.

Imediatamente as garotas começaram a fazer anotações no papel e ler os dados do arquivo. E naquele momento Diana entendeu porque aquela situação estava tão familiar. Como futura rainha de Norisea, o que ela mais fez durante toda sua vida foi montar estratégias para resolução de conflitos, e por não ter dons, sobrava muito mais tempo para esses estudos. Norisea também possuía outros reinos marinhos que mantinham negociações, e tratar qualquer desentendimento de forma pacífica era a melhor solução para não ter muito prejuízo, mas soluções pacíficas exigiam esforço intelectual e extremo cuidado, com uma montagem estratégica. Diana estava em sua zona de conforto e fazia anotações rápidas e precisas no seu papel. Até que o tempo acabou.

— Muito bem — alertou Liam. — Você, qual a solução que propõe? — perguntou, apontando para uma menina.

— Com certeza guerra! — afirmou a garota. — Pelos dados, temos muito mais poder de fogo que o reino de Horizon, conseguiríamos vencê-los facilmente — concluiu orgulhosa.

— Entendo — começou. — Então mataríamos a população do reino vizinho com nosso imenso poder de fogo e aí ficaríamos sem ninguém para produzir o arroz que precisamos. E então os outros reinos vizinhos não fariam negociações conosco por conta de nossa atitude e todos se voltariam contra nós, mas como gastamos nosso poder de fogo em Horizon, não teríamos como nos defender e seria o fim do reino, certo?

— Ah, eu... — tentou dizer desconcertada.

— Por favor, me digam que mais ninguém sugeriu guerra — falou, olhando para as meninas.

Três garotas abaixaram a cabeça escondendo suas anotações. Liam bufou colocando a mão nos olhos.

— Okay, você — disse apontando para outra garota.

— Bom, acredito que a solução seria parar de exportar trigo para o reino vizinho, e após alguns meses eles se veriam obrigados a voltar à negociação com o preço do arroz reduzido — disse acanhada.

— A lógica é boa — o comentário fez a garota sorrir —, mas a prática é burra. — O sorriso dela se desfez imediatamente. — Se tivesse prestado atenção nos dados, veria que o reino ao lado também produz trigo e aí Horizon simplesmente passaria a importar de lá. Essa lógica burra teria colocado o reino todo de Enellon em uma imensa crise financeira, já que Horizon é nosso principal parceiro comercial.

— Me desculpe — disse quase chorando, fazendo Diana sentir muita pena.

— Garota dourada, sua vez — disse, se referindo a menina com diversos apetrechos de ouro nos cabelos.

— Casamento! — falou sorrindo.

— O que?

— Vi aqui que a rainha de Horizon é viúva. Uniremos nossos reinos em casamento e então esses problemas de exportação e importação não existiriam mais.

— Ah, claro! Então devo presumir que você não quer ser rainha.

— Hã? — perguntou confusa

— Sim, afinal, o rei de Enellon teria que se casar com a rainha de Horizon, não com você.

— Desculpe, eu não havia...

— Alguém mais escreveu casamento? — perguntou, interrompendo a pobre coitada.

Mais duas meninas abaixaram a cabeça, se preparando para chorar.

— Então tá certo, você agora. — Apontou para a nona garota.

— Pensei em um jogo, uma competição de guerreiros na arena. Quem ganhasse, levava o preço reduzido do trigo ou do arroz.

— Santo Espírito! — Suspirou Liam, sem acreditar no que havia acabado de ouvir. Ele não teve nem palavras para argumentar com ela. — Você, garota maçaneta — falou apontando para Diana —, não me desaponte.

Diana percebeu que o rapaz, apesar de insuportável, estava certo. Infelizmente, as respostas das garotas eram bem inexperientes e por isso ela tentou passar confiança sem parecer soberba.

— Bom, primeiro teríamos que avaliar o motivo do pedido de aumento no preço do arroz. Um meio mais econômico e prudente seria enviar pelo menos dois espiões para Horizon a fim de descobrirem. Precisaria ser algo discreto, considerando que Horizon é o parceiro comercial mais valioso. Se descobrissem os espiões, poderia gerar atrito e ainda mais desentendimento. — Todos estavam bem atentos à sua fala. — Mas, caso os espiões não tivessem acesso às informações necessárias, a solução seria oferecer o que Horizon não tem.

— E o que seria? — perguntou Liam, intrigado com sua resposta.

— Soldados. Realmente temos mais poder de fogo, consequentemente, também temos mais exército, algo que Horizon sente falta. Pelos dados, Enellon tem condições de manter uma sede do exército com mil soldados em Horizon sem prejuízo por um ano, poderíamos oferecer esse acordo. Seu arroz por nossos soldados. Depois de um ano com nossos soldados, Horizon perceberia a grande diferença que faz ter um exército preparado no reino deles, poderíamos propor um valor para manter o exército lá, então, além do arroz, entrariam mais recursos para o reino.

Liam sentiu um misto de orgulho e raiva.

— Estão dispensadas.



Em outra sala, os avaliadores se reuniram para discutir a respeito das candidatas.

— Como foi seu grupo, Ben? — perguntou o primeiro avaliador.

— Não teve nenhuma impressionante, mas uma deu uma resposta razoável, comparado as outras que foram bem estúpidas. Então, do meu grupo vou selecioná-la, sem contar que ela também era muito bonita, ruiva de olhos verdes. Mas e seu grupo?

O avaliador respirou fundo antes de responder.

— Vou reprovar todas — disse em tom desapontado.

— O QUE? — disseram todos em uníssono.

— Era uma resposta pior que a outra, uma chegou a sugerir um concurso de beleza. Imagina? Resolver um problema comercial com batom e vestidos.

Os avaliadores riram do comentário, mas logo a atenção se voltou para Liam, que estava mais calado e pensativo no meio dos colegas.

— Fiquei sabendo que tinha uma mulher encantadora na sua sala — observou um dos rapazes. — Pena que essas são as mais burras.

Liam deu de ombros.

— Ela é de fato a mulher mais linda que eu já vi, mas não tem bons modos — concluiu.

— Já sabemos que ela está fora então.

— Na verdade, não posso ser injusto. Não gostei dela, mas a resposta foi inteligente, ela falou sobre estratégias de governo com tanta naturalidade que parecia ter treinado para esse momento. Fiquei impressionado.

— Parece que temos uma favorita! — exclamou outro avaliador encostado na janela.

— Quem sabe? Talvez ela não saia bem no próximo teste.

— Por quê?

— Não sei, a presença dela me irrita um pouco.



Muitas meninas saíram chorando do salão. O grupo que não teve nenhuma escolhida estava devastado, restaram apenas cinco nomes, e o nome de Diana estava lá. Ela estava confiante, sabia que havia impressionado, e venceu o obstáculo da má impressão que causou em Liam. A jovem sereia tirou o sapato enquanto descansava em uma poltrona esperando mais informações e massageou os dedos dos pés.

— Como é desconfortável. — disse consigo mesma.

Diana permaneceu admirando o salão e notou que Esmeralda não estava lá. Ela ficou se questionando onde ela estaria, afinal, seu nome estava na lista de classificadas para a última fase. De repente, dois guardas pararam na frente de Diana, a assustando.

— Posso ajudar? — perguntou receosa.

— Senhorita, precisa nos acompanhar imediatamente — respondeu um dos guardas.

Todos no salão tinham os olhos direcionados para ela, causando-lhe um mau pressentimento. Ela foi escoltada até uma sala escura e assim que os guardas fecharam a porta, lhe subiu um calafrio. *Me descobriram.*

— Sente-se, Diana Kernighan — disse uma voz rouca.

Havia uma cadeira bem ao lado dela, onde se assentou com as pernas bambas, pois estava com medo, mas queria parecer despreocupada.

— Por que me trouxeram aqui?

Uma luz amarela bem fraquinha se acendeu aos poucos, revelando o rosto de um homem. Ele era forte, o corpo de um guerreiro, possuía cicatrizes em seu rosto, o cabelo loiro era preso em um rabo de cavalo e seu sorriso era ameaçador. Por alguma razão, Diana sentiu um medo instantâneo do homem, um sentimento familiar, mas que ela não lembrava de onde vinha. Ela já sabia quem era. Drakkar.



— Houve uma denúncia! — começou. — E os pontos apresentados foram pertinentes.

— Que tipo de denúncia? — perguntou apreensiva.

— Diana Kernighan, você é uma sereia?

O coração de Diana acelerou, ela estava tão nervosa que não conseguiu formular qualquer frase.

— Não — disse, sem tirar os olhos do homem à sua frente.

— Que resposta seca — mencionou com um sorriso sarcástico. — Sabe, Diana, assim que você entrou percebi que você tem o cheiro do mar, e bem forte, aliás.

— Eu gosto do mar — afirmou, tentando se livrar.

— Que sereia não gosta do mar, não é mesmo?

— Que provas você tem além do meu cheiro que o desagrada? — revidou com outra pergunta.

O homem abriu uma gaveta da mesa em que estava, retirou a toalha molhada que Diana usou para dormir.

— Então você precisa de toalhas molhadas em seu corpo para conseguir pegar no sono?

— Eu... — pensou rápido — Eu estava me sentindo febril.

— Claro, claro. A empregada nos contou que o poço quase ficou seco de tanta água que você bebeu — finalizou com uma gargalhada.

— Não posso mais ter sede?

— Calma, doce menina. Está tão na defensiva. Rugas podem deixar esse rostinho feio, cuidado. Não quer perder esse rosto escultural, certo? Seu rosto é familiar, acredita? Claro que você é a mais bela, mas já presenciei beleza assim na minha época de caçador.

— Não estou entendendo onde quer chegar, senhor.

O homem bateu na mesa com força, fazendo Diana se segurar na cadeira, reprimindo o choro.

— Estou dizendo, minha querida, que você cheira a peixe e moluscos — fez uma careta quando disse —, tem a aparência do povo místico, precisa de umidade para dormir, e alguém te denunciou.

— Entendo — disse, já se preparando para a morte.

— Então, vou te dar duas opções: você se entrega agora e prometo te matar rápido e sem dor, não vai sentir nada. Ou você se submete aos nossos testes, e prometo que a morte será bem dolorosa.

Diana não queria ficar pensando muito, então ajeitou a coluna e se mostrou imponente. Se teve uma coisa que ela aprendeu em sua preparação como futura rainha, é que o inimigo não pode ver sua fraqueza, mesmo que você não saiba o que está fazendo, precisa parecer que você tem tudo sob controle.

— Eu vou fazer os testes, senhor. — E então se levantou. — Mas saiba que quando eu for a escolhida do rei, você vai se arrepender por ter me feito passar por tamanha humilhação.

O homem a ficou encarando por alguns segundos, e por um momento chegou a pensar que realmente havia se excedido. Ele fez um sinal para um guarda e levou Diana até uma cadeira estranha, parecia invertida, pois o encosto era para a frente. Ela se sentou ali e apoiou sua cabeça no lugar que parecia ser para isso. Dois médicos se aproximaram.

— Temos sete substâncias aqui. Aplicaremos no máximo três, dependendo da sua reação — começou um dos médicos. —

Se você tiver reação para qualquer uma delas, é porque está tudo bem, é humana. Se seu corpo não reagir, significa....

— Que sou sereia, entendi — falou, tentando apressar o procedimento.

Os médicos abriram o vestido de Diana, deixando suas costas nuas. Ela estava suando, mas tentava se manter calma. Ela não tinha dons, os testes não deveriam funcionar nela, certo? *Certo?*

Eram seringas com cores diferentes, lembrava um pouco o arco-íris, ela ficou imaginando que tipo de reação seria. Sentiu a primeira agulhada nas costas, de início não sentiu nada, mas logo uma dor tão aguda invadiu sua espinha que ela soltou um grito desesperado.

— O QUE É ISSO? — gritou.

— Ela está fingindo? — perguntou o homem com cicatriz, tentando parecer desinteressado.

Um médico fez sinal que não, e mostrou uma mancha vermelha que havia se formado ao redor da aplicação.

— Muito bem, podem aplicar o próximo.

Diana se segurou na cadeira, se preparando para a dor que viria a seguir. A segunda agulhada veio, e pareceu que a dor foi em dobro. Ela mordeu o lábio com força e começou a chorar. Um dos médicos olhou para o homem.

— As reações nas costas são bem grandes — informou com um tom preocupado —, não precisamos aplicar o resto.

— Quero que use todas.

— Senhor... — os médicos se olharam — se ela for a escolhida...

— APLIQUE TUDO! — gritou.

Os médicos obedeceram. Terceira aplicação, quarta, quinta, na sexta, Diana clamou pela morte. A dor era estridente, ela sentia que seu coração iria parar de funcionar a qualquer segundo. Suas costas estavam tão cheias de reações que sangravam, em alguns pontos algumas bolhas já haviam estourado.

— Aplique logo a última.

A última agulhada com certeza foi a pior de todas, seu corpo já estava fraco e quando a substância fez seu trabalho, Diana sentiu as pernas amolecerem e tombou para o lado, querendo desmaiar de dor. Um médico a segurou enquanto continha a revolta.

— Ela não é sereia, Drakkar! — exclamou, implorando para que parasse.

— Falta um teste — afirmou.

— O rei não vai gostar disso — disse o médico que ainda estava em pé.

Imediatamente Drakkar deu um tapa tão forte no rosto do jovem rapaz que seus óculos caíram no chão, se quebrando.

— Façam — falou, sem quase abrir a boca.

Diana estava quase inconsciente, mas percebeu que aqueles médicos não queriam obedecê-lo, eles sabiam que aquilo não era correto. Os braços acolhedores do médico que a segurava lhe fizeram lembrar do imenso cuidado de Raon por ela. Com certeza Drakkar já estaria morto se Raon o visse a torturando.

— Está tudo bem — disse Diana, sem quase conseguir abrir os olhos. — Eu faço o último teste.

A colocaram em um tubo de vidro e a água começou a subir. Diana sabia que teste era aquele. Estava insegura nesse, tinha um

instinto de sobrevivência como qualquer outra sereia, ela só não tinha dons. Provavelmente seria desmascarada dessa vez e sua morte seria lenta e dolorosa, como Drakkar havia prometido. As bordas do vestido começaram a ensopar à medida que a água subia. Desse teste não havia escapatória, a dor nas costas era tão grande que ela realmente pensou que morrer naquele minuto não seria tão ruim. Mas logo se lembrou da sua família, do seu reino, do povo que contava com ela. Diana precisava viver por Norisea. Ela se ajeitou enquanto a água subia por seu pescoço, era bom estar na água, mas tão logo ficou totalmente submersa, notou quão desesperador era ficar sem respirar. Ela precisava ficar ali sem virar sereia. Ela precisava!

Drakkar permanecia com o olhar vidrado nela, principalmente em seus pés, esperando que logo se tornassem em uma linda cauda que com certeza ele colocaria em sua coleção. Ele estava salivando. Passaram alguns segundos e a falta de ar incomodou ainda mais, ela se debatia em desespero e logo sentiu que seu corpo estava se preparando para transformá-la em sereia novamente. Era assim que morreria então? Ela começou a se desculpar mentalmente com sua família e todo seu povo, pois a morte a aguardava. Mas então ela ouviu uma voz.

Me chame.

Era Ele, o Santo Espírito. Diana se viu sem opções e clamou de todo o coração.

Me salve.

E então tudo ficou escuro.



Diana acordou tossindo para fora a água do seu pulmão. Os médicos a colocaram em uma maca e esperaram que ela acordasse.

— Como está, Diana? — perguntou o médico mais jovem.

Os dois médicos eram bem parecidos, cabelos pretos e olhos de formato fino, mas um aparentava mais idade, provavelmente eram pai e filho.

— Sinto muito pelo tapa — foi a única coisa que Diana conseguiu responder.

— Ah isso — falou, enquanto colocava a mão no rosto. — Não foi nada.

— Onde está Drakkar?

— Saiu assim que você desmaiou.

Covarde.

— Preciso ir, a última fase seria agora.

— Você está toda molhada.

— Não tem problema... — pausou — Obrigada por tentarem — disse e lhes ofereceu um sorriso cansado.

Ela se levantou, abriu a porta e saiu. Os médicos se olharam.

— Espero que ela ganhe — falou o mais velho.



Diana caminhou pelo salão com o vestido ensopado, deixando poças de água por onde passava, todos a encaravam assustados. Ela queria chorar de vergonha, mas tentava manter a postura que seu pai a ensinou. O velho de barba branca esbugalhou os olhos quando a viu.

— Diana! O teste vai começar daqui a pouco, você precisa se trocar rápido! — exclamou, tentando apressá-la.

Quando ela entrou no segundo salão que havia depois daquela porta, notou que o cenário estava preparado para um tipo de desfile e lamentou. Tinha acabado de passar por um teste bônus, quase morreu e a única coisa que importava para aquele reino era quem desfilava mais bonito. Diana era capaz de matar o rei naquele mesmo instante se o visse.

Ela estava tentando passar pelo salão sem ser percebida para chegar logo nos quartos de troca, mas acabou sendo abordada por Liam.

— Não acredito que você apareceu no teste final desse jeito — comentou para irritá-la.

— Esse teste é estúpido, claramente sou a mais inteligente daqui — resmungou enquanto caminhava em direção ao quarto.

— Nisso eu terei que concordar com você, acho ridículo também, mas tradição é tradição, não é?

Liam deu um leve tapa nas costas de Diana, mas ela soltou um gritinho e caiu no chão, desequilibrada e sem forças. Ele se espantou, mas logo deduziu que ela estava fingindo para provocá-lo.

— Pelos espíritos, como você é dramática — zombou e colocou as mãos em suas costas.

Diana soltou um grito mais alto de dor. Liam se afastou repentinamente e quando olhou sua mão, estava com o sangue dela. Ele voltou o olhar para as costas do seu vestido e a linda cor lilás havia sido coberta por manchas vermelhas.

— Diana... quem fez... — indagou, tentando terminar a frase.

Ela se virou para ele com os olhos marejados.

— Você é horrível — disse com os lábios trêmulos.

Ela levantou e correu para o quarto. Liam permaneceu atônito, sem acreditar. Alguém havia ferido Diana e por alguma razão que ele não entendia, aquilo o encheu de fúria.



Aos prantos,
Diana entrou
no quarto, e

as outras quatro garotas que já estavam lá se arrumando ficaram confusas ao vê-la ensopada.

— É uma droga como essa é uma ótima situação para tirar com sua cara, mas você continua okay — comentou Esmeralda enquanto passava um batom vermelho nos lábios.

Diana decidiu apenas ignorar, limpou as lágrimas do rosto e começou a tirar o vestido. Uma garota deu um grito ao ver as costas cheias de bolhas sangrentas da princesa.

— Por Callian! O que houve? — perguntou Esmeralda, se levantando da sua cadeira.

O olhar de Diana foi cortante.

— Não finja que não sabe.

— Diana, do que está falando? — perguntou confusa.

— VOCÊ ME DENUNCIOU! É DISSO QUE ESTOU FALANDO — gritou.

Um silêncio perturbador tomou conta do quarto. Esmeralda pensou um pouco antes de falar.

— Entendi, alguém te denunciou como sereia, fizeram os testes e você é humana mesmo. Que bom! Mas não fui eu que te denunciei, Diana.

— Mentirosa — afirmou.

— Você não precisa acreditar em mim, mas sabe que não sou burra, eu arriscaria minha pele se fizesse uma denúncia falsa. Sim, eu desconfiei, mas eu tentaria recolher mais provas antes de te denunciar — falou, tentando se defender.

Aquela garota era detestável, mas realmente burra ela não era. Diana ficou pensando em quem mais poderia tê-la entregado, e foi então que lembrou: a empregada que a ajudou naquela noite; com certeza a mulher havia desconfiado dela. Diana se sentiu culpada, afinal, tinha dado a brecha para que isso acontecesse. Então, fechou os olhos com força, com raiva dela mesma. Ela se virou para tentar tirar seu vestido, mas cada toque nas costas resultava uma dor latejante.

— Deixa eu te ajudar — falou Esmeralda gentilmente.

Apesar de irritada, Diana não recusou a ajuda, mas também não falou nada, apenas fez um sinal com a cabeça enquanto ainda segurava o choro. Esmeralda tirou o vestido delicadamente, foi atrás de um pano molhado e tentou limpar as costas de Diana. Depois procurou um vestido no varal com um tecido mais leve.

— Não te valoriza muito, mas não vai apertar suas costas.

Ela a ajudou a se vestir, secou seu cabelo e até calçou seus sapatos, para que Diana não precisasse se esticar. Durante todo o processo, as duas não trocaram uma palavra com a outra. Uma mulher entrou no quarto e falou para as garotas se prepararem para o desfile. Diana, que já estava perto da porta, foi a primeira.

Uma música ao som de violino e piano estava tocando ao fundo. Havia sido explicado a elas que o tema do desfile seria graciosidade. Quanto mais leveza fosse transmitido no andar, mais agradaria aos jurados. Diana não sabia ter leveza com seus pés, mas tentaria disfarçar como pudesse. O vestido que Esmeralda escolheu para ela era longo e esvoaçante, o decote ia até o pescoço, então escondeu todas as suas costas. Quando precisou entrar na passarela, percebeu que Liam não estava na mesa dos jurados. Ela tentou tirá-lo de seus pensamentos e entrou.

Diana nunca havia desfilado em sua vida, as sereias aprendiam a lutar e conquistar suas paixões através da honra e força. Aquilo tudo não passava de uma piada, mostrando como os humanos eram vaidosos... Era deprimente.

As costas da princesa doíam, sete substâncias estranhas haviam sido injetadas em seu corpo, e isso afetava até a forma dela andar.

Enquanto caminhava, uma dor aguda invadiu seu tornozelo e ela virou o pé, se desequilibrando e caindo no chão. Os jurados ficaram surpresos e sem saber o que fazer. Diana estava constrangida. Ela olhava para o chão sem coragem de levantar o rosto, a dor nas costas a fazia querer gritar. A princesa não queria levantar, e tudo que precisava era sumir daquele lugar, voltar para casa e chorar no colo de seus pais. Mas ela era a futura rainha de

Norisea, não poderia se dar ao luxo de chorar quando o inimigo a confrontasse. A verdade é que ela nunca havia lutado verdadeiramente contra um inimigo, sempre eram batalhas com sua própria espécie, nada que realmente arriscasse sua vida, mas era forte, poderia aguentar a dor, então, porque queria chorar? Uma lágrima escorreu pelo seu rosto e Diana sabia que precisava passar pela humilhação de se desculpar pela queda, mas assim que apoiou o corpo na perna esquerda para se levantar, sentiu uma mão forte segurando seu braço. Era Liam. Ele subiu na passarela assim que ela caiu, mas a esperou dar o primeiro passo para ajudá-la.

Ele a levantou, fez um sinal para que os dois se curvassem para os jurados e ela obedeceu. Os dois saíram juntos da passarela para dar espaço a outra garota entrar, e antes que ela entrasse, Liam chamou a atenção delas:

— A temática mudou, agora todas precisam encenar uma queda na frente dos juízes, estarei ao lado para auxiliá-las, mas vocês precisam se levantar com classe e dignidade. Acidentes acontecem e rainhas precisam lidar com a postura mesmo em situações constrangedoras — disse sem esboçar nenhuma reação.

Esmeralda passou por Diana e cochichou.

— Já temos a protegida.

Liam levou Diana até o trocador, ela ainda chorava. O rapaz fechou a porta e esperou ela se acalmar. Quando finalmente Diana se recompôs, ela se ajeitou, encostando na penteadeira e o encarou.

— Obrigada — conseguiu dizer.

— Se você quer vencer, então prove — falou de modo ríspido.

— Estou ferida.

Ele se aproximou na intenção de intimidá-la. Conseguiu.

— Reis se ferem. Rainhas se ferem. Considere sua dor uma vantagem. Prove que merece vencer, aí você conseguirá ter um pouco do meu apreço.

Liam então se retirou para dar continuidade ao desfile, deixando-a sozinha no trocador. A última coisa que ela queria era o apreço daquele homem, mas se fosse para salvar Norisea, ela até se casaria com ele, tudo por seu povo.

Diana se apressou para ver o que as garotas fariam quando caíssem. A próxima seria Esmeralda. Ela usava um belo vestido verde que era muito harmonioso com seus olhos e tom de pele. Seu andar era gracioso e delicado, seus movimentos também eram levemente sexys e arrancou suspiros dos jurados.

Quando Esmeralda finalmente estava na ponta, fingiu um tropeço delicado, soltou um gemido de lamento e se acomodou no chão. Ela levantou uma mão esperando que Liam viesse atendê-la, e ele se curvou segurando sua mão cuidadosamente. Ela levantou com graça e com o olhar provocador, e de repente abriu um leque e abanou seus cabelos, se curvou em agradecimento a gentileza de Liam e se retirou. Os jurados foram à loucura. Diana sabia que havia sido derrotada nesse teste. Ela manteve seu olhar em Liam, e pensou que, provavelmente, ele era de fato o servo mais importante do rei, e que sua opinião teria imenso valor na hora da decisão.

O desfile das outras três garotas também foi agradável. Uma delas até interagiu com um dos jurados, gerando risadas convidativas e de aprovação por parte deles. Todas se saíram muito bem, menos Diana. Ela sabia que precisava se esforçar mais. Não

era só uma competição de passarela, mas sim, de carisma. Uma rainha precisava dessa virtude, pelo menos no mundo humano.

Diana correu para o varal de roupas, pegou um vestido dourado com a saia bem volumosa e decote ombro a ombro, e arrumou seu cabelo de um jeito que escondesse suas costas. O vestido era lindo, porém, muito chamativo. Não era de seu agrado, mas ela precisava tirar da memória dos jurados o desastre do seu último desfile. Ela passou uma sombra cobre nos olhos, colocou um brilho rosado nos lábios e pôs em sua cabeça uma linda coroa de cristais, e enfim chegou na pior parte: o vestido era de espartilho. *A dor como vantagem.* Diana respirou fundo e puxou as cordas com força, soltou um grunhido de dor, mas se recusou a abrir a boca. O sangue escorreu pelas costas do espartilho, o cabelo dela esconderia as manchas com facilidade, mas ela optou por um coque alto.



O segundo e último *round* do desfile havia começado, Diana se preparou para entrar, tentando ignorar a dor. A música tocou e ela deu o primeiro passo. Apesar da temática ser "graciosidade", ela entrou com poder. Suas passadas no palco estavam firmes e ela mantinha um olhar dominante. A princesa sorriu de canto para os jurados, e dessa vez viu Liam entre eles. Diana era linda, a mulher mais linda que todos já haviam encontrado em todas as suas existências, mas quando ela se apossava de uma postura marcante, ficava deslumbrante. Quando ela deu as costas, foi possível ouvir o choque deles ao ver o belo corpete ensanguentado. Ela não virou seu rosto para eles. Diana não sabia se havia feito a coisa certa ao mudar a temática, mas certamente sabia que havia impressionado.

Dessa vez, Esmeralda havia apostado no seu lado sedutor, usando um longo vestido vermelho de cetim que deixava suas costas totalmente nuas, levando os jurados ao delírio. Diana sabia que Esmeralda queria aquele trono tanto quanto ela, mas, obviamente, por razões diferentes.

Quando o desfile acabou, todas ficaram esperando no quarto de troca com roupas mais confortáveis. Durante a espera, uma das garotas saiu e voltou com um prato cheio de frutas.

— Fiquei com fome, imaginei que vocês também estariam — falou com um sorriso meigo.

As meninas sorriram aliviadas ao ver comida, então fizeram uma roda com as cadeiras e começaram a comer e conversar, dividindo as experiências naquele rápido concurso. Estava um ambiente tão agradável que, por um momento, Diana havia se esquecido que seu sonho era destruir a raça humana.

— Por que nossas acompanhantes não estavam conosco nesse desafio? — perguntou Diana

— Ouvi dizer que a acompanhante era um outro tipo de teste — respondeu uma das garotas —, para ver como lidaríamos com a ausência delas e avaliar nossa independência.

— Pois é — lamentou outra garota. — Acredito que já serei desclassificada por isso, tenho péssimo gosto para moda e minha resposta no teste anterior foi bem mediana.

— Não fale assim... — Diana tentou confortá-la.

— Tudo bem, a experiência já foi gratificante para mim. Faz muito tempo que não vemos o rei, não é?

— Sendo rico, tá ótimo pra mim — disse Esmeralda dando de ombros, fazendo todas as garotas gargalharem.

— Quantos anos ele deve ter? — perguntou Diana.

— Se não me engano, ele está perto de seus sessenta — respondeu uma delas.

— Por que querem ser rainhas? — perguntou Esmeralda.

— Acredito que todas aqui tem praticamente o mesmo motivo: ajudar a família, não é? — respondeu uma garota com um sorriso gentil.

Todas concordaram, mas Diana ficou pensando naquilo; ela estava ali para ajudar a família, de fato, mas sabia que era de um jeito diferente das outras garotas.

A conversa continuou naturalmente e quando o assunto se concentrou nas três garotas, Diana tomou coragem de falar com Esmeralda.

— Por que me ajudou? — perguntou sinceramente.

Esmeralda riu pra dentro.

— Não sei porque, mas me sinto à vontade para falar sobre isso com você...

Diana permaneceu ouvindo atentamente.

— Eu não quero ser rainha para ajudar minha família, quero ser rainha para fugir dela.

O olhar de Esmeralda de repente perdeu a vida.

— Minha mãe morreu quando eu tinha treze anos, na verdade, ela se matou mesmo, meu pai não era um homem muito bom para ela... Nem para mim. Em uma casa cheia de homens, eu como única mulher... — ela fez uma pausa. — Bom, dizem que sou a cara dela, sabe? Meu pai... Ele gosta disso em mim. Digamos apenas que eu sei o que é ter seu corpo violado e me doeu te ver ferida contra sua vontade.

Diana havia entendido, seu coração se despedaçou quando ouviu Esmeralda. Era difícil imaginar, pois seu pai era amoroso, bondoso e correto. Ele nunca havia levantado um dedo para machucá-la, por isso, de certa forma ela não conseguia entender como um pai era capaz de ferir a própria filha. Muita coisa fez sentido para Diana naquele momento; Esmeralda era durona porque ela precisava ser. Ela era insistente com o trono porque era sua única saída. Sim, tudo fazia sentido.

— Para de me olhar com pena, Diana. Eu ainda não gosto de você.

— Que coincidência — disse com um sorriso. — Eu também não gosto de você.

As duas se olharam com um ar amigável. Trégua.

O homem de barba branca entrou no quarto.

— Diana Kernighan. Você será a primeira na entrevista.

— Entrevista? — perguntou sem entender. Aquele não era o último desafio?

— Sim, todas irão conversar com o rei, no final, a decisão é dele.

— Okay, vou me trocar rapidinho.

— Não será necessário.

— Mas... Estou de roupão.

— Apenas venha.

Mesmo estranhando a informalidade para falar com o rei, Diana se levantou e seguiu o senhor. Era estranho imaginar que ela estaria na presença de um rei que não era seu pai. Definitivamente, era outro mundo. Ela foi guiada até um cômodo vazio e escuro, onde havia apenas uma cadeira encostada em uma parede que tinha uma janela quadriculada, impossibilitando ver o que estava do outro lado.

— Sente-se, o rei já irá falar com você.

— Me desculpe, mas ainda não sei seu nome.

O senhor não conseguiu disfarçar sua expressão radiante, era a primeira candidata interessada nele.

— É Daniel, senhorita.

— Que nome bonito — observou com um sorriso.

Daniel se despediu com um olhar acolhedor e deixou Diana esperando na sala sozinha. Muitas coisas passavam em sua mente. *Por onde o rei viria? Eu teria que o receber de roupão? O que ele irá exigir na entrevista? Como será sua aparência?*

Uma voz rouca a chamou pelo nome do outro lado da janela quadriculada. Diana entendeu que o rei não apareceria, mas que eles conversariam apenas daquela forma.

— Como posso ajudar, Majestade? — perguntou suavemente, tentando impressionar.

— Minha querida, por que deseja ser rainha?

A pergunta a pegou de surpresa. Como ela não havia pensado que eles poderiam perguntar isso? Se lembrou, então, da conversa que havia acabado de ter com as outras garotas, mas lá ela não disse nada, contudo, ali precisava responder rápido, já que queria parecer confiante, mas a única resposta verdadeira era que ela queria matar o rei. Ela também não queria dizer que era para ajudar a família, afinal, todas as outras diriam a mesma coisa, Diana queria se destacar, e na ansiedade, falou a primeira coisa que veio em sua cabeça.

— Acredito que estou destinada para a realeza — respondeu firme.

— Ah, você acredita? — a pergunta se seguiu de uma tosse seca. Não era possível ver seu rosto, mas a voz claramente era de uma pessoa idosa.

— Eu tenho plena convicção que não há ninguém mais preparada para ser a conselheira do rei.

— Como você pode afirmar isso?

— Eu sou... — Diana pensou um pouco — Eu sou estudiosa, esforçada e estrategista. Minha mente é um tesouro.

— Fiquei sabendo de sua beleza — observou.

— Minha beleza não é nada comparada a minha inteligência — afirmou com um tom irritado. Por que tudo se voltava para sua aparência?

— Você é com certeza a mulher mais segura que já conheci.

— Eu jamais falaria de algo que não tenho certeza.

A voz suspirou antes de prosseguir, era possível ouvir o barulho de papéis sendo virados.

— Como pretende educar nossos filhos?

— Ora... — pensou como seria diferente se fosse casar com alguém que ama — Pretendo educá-los com você.

Houve uma pausa. O rei não esperava por aquela resposta. Era comum que as mulheres se encarregassem da educação dos filhos na terra. De alguma forma, a resposta foi a certa.

— E como você gostaria que nós criássemos nossos filhos?

Essa pergunta era fácil de responder. Era só imaginar como educaria seus herdeiros em Norisea.

— Com graça e sabedoria. Usaríamos os nossos bons exemplos para motivá-los e os erros para alertá-los. Cultivaremos virtudes em seus corações que jamais serão esquecidas pelo povo — disse sorrindo só de imaginar.

— Sua mãe teve filhos homens?

— Não... — Por um segundo Diana havia esquecido que na terra quem herdava o trono eram apenas os homens. — Tenho uma irmã caçula.

— O que você faria se eu fosse contra seus conselhos?

Essa era difícil, pela primeira vez Diana estava do outro lado. Como futura rainha, ela sabia que a palavra final era sempre dela. Como, então, o parceiro de sua vida em Norisea deveria reagir ao ser contrariado por ela?

— Eu acredito em minha capacidade para aconselhar da maneira correta, mas confiarei em seu julgamento acima de tudo, o trono é seu, afinal, e eu o protegerei, mesmo que você erre —

respondeu o que gostaria de ouvir de um possível amor que ainda não conhecia.

Mais uma página havia sido virada.

— Muito bem, Diana. Vamos finalizar com essa última pergunta.

Ela estava pronta.

— Você espera amor nesse casamento?

Talvez não estivesse pronta.

— Amor? — perguntou atordoada.

— Sim, espera que eu a ame algum dia?

— Bom... — Não havia muito o que pensar, o amor do rei era impossível para Diana, ela nem o queria. — Eu acredito que onde não há amor, não há prosperidade. Existem vários tipos de amor, talvez nós nunca cheguemos a nos amar romanticamente falando, nunca se sabe, mas tenho certeza que amará a rainha e mãe que serei. Isso me basta — mentiu.

Diana não sonhava com um casamento repleto de amor romântico, pois já havia se conformado que não era desejada em seu reino. Ela sabia também que não teria amor em um casamento com um rei da terra, por isso, quanto antes ela se livrasse dele, melhor.

— Muito bem, pode ir — finalizou com uma tosse.



Em uma sala, todos os jurados estavam juntos novamente, dessa vez para tomar uma decisão. Liam estava atrás de um

computador, analisando as entrevistas que foram gravadas.

— Eu acho que está bem claro que estamos entre duas — falou um dos jurados.

— Aquela ruiva sensual e a garota do corpete, certo? — disse outro.

— Sim, essas mesmo. Acredito que ambas possuem potencial para governar ao lado rei.

— Mas eu creio que a... — falou enquanto olhava as fichas em sua mão — a candidata Diana Kernighan possui mais perfil para tal função.

— Sem contar que ela é uma beleza. Não lembro de ter visto rosto mais belo.

Liam não estava gostando do viés que a conversa estava tomando.

— Eu não gostei dela — afirmou.

— Mas... — tentou argumentar um jurado. — Ela realmente parece a mais preparada de todas.

— Realmente — disse outro. — Mesmo a garota ruiva tendo uma forma graciosa, ela não parece ser nada além de uma mulher provocante e sensual. Já Diana Kernighan é o pacote completo.

— A forma como ela se portou no último desfile foi digno da realeza, com certeza é uma mulher de opinião forte.

— E esse é o problema — cochichou Liam. Havia certas características que o jovem rapaz estava tentando evitar na futura rainha.

— Então... Qual será a escolhida?

Uma notificação tocou no computador de Liam, ele leu e fechou a reunião.

— Será a garota ruiva.



Todas as cinco candidatas aguardavam em pé no palco, usavam roupas mais confortáveis, mas ainda elegantes. As acompanhantes entraram no salão e Magnólia tinha uma expressão preocupada. Elas se sentaram atrás da mesa dos jurados esperando eles chegarem. Um grupo de oito homens entrou no local e Liam estava entre eles. Assim que os jurados se acomodaram em seus lugares, o rapaz se levantou, segurando um bloco de notas.

— Muito bem, o rei tomou uma decisão — começou.

Diana estava preocupada, tinha sentido que não havia capturado o afeto necessário para impressionar o homem bem à sua frente, com certeza a opinião dele era a mais importante para o rei. Diana fez um sinal com a cabeça para Mag dizendo que provavelmente ela não seria escolhida.

— O reino é imensamente grato por vocês terem se disposto a essa seleção. Saibam que suas participações foram memoráveis, portanto, mesmo que não sejam escolhidas, terão prioridade para se candidatar em qualquer vaga de interesse aqui no palácio.

As meninas se olharam esperançosas e contentes, menos Diana. Não bastava ser uma serva do palácio, ela precisava ser rainha. Essa situação era um tanto incômoda para ela, pois em Norisea o trono era dela por direito, mas em Enellon ela precisava lutar por ele.

— Analisamos com cautela o perfil de cada uma para tomar essa decisão, e apesar de nossos conselhos, é o rei quem possui a palavra final. Portanto, não irei me prolongar para passar o resultado, apenas saibam que todas possuem características louváveis e admiráveis. Dessa forma... — Fez uma pausa.

Diana percebeu que Magnólia fazia movimentos discretos com a mão enquanto encarava Liam, certamente estava tentando manipular a mente dele para que a escolhesse.

— A futura rainha de Enellon é... — Ele estava pensativo enquanto olhava suas anotações, ele coçou um pouco os olhos, encarou a escolhida e finalizou — Diana Kernighan.



Esmeralda
ajeitava a
barra do

vestido de Diana, tirou algumas agulhas da boca e corrigiu o tamanho.

— Pronto, vai servir — concluiu.

— Obrigada por ter aceitado. Quando eu descobri que você fazia suas próprias peças, precisei te solicitar — disse em tom tímido.

— Não tem que me agradecer. Agora vou morar no palácio, não preciso mais voltar. Isso já é suficiente — falou sem olhar para Diana.

— Está chateada comigo?

— Diana... — riu discretamente — não é sua culpa. Agradeço por estar onde estou agora, antes aqui do que lá.

— Eu não teria te chamado se não tivesse contado sua história.

— Eu sei, talvez no fundo eu já sabia que era você, então acabei te influenciando com uma história triste. Funcionou. — Deu de ombros.

Diana se preparou para dizer alguma coisa, mas ouviu passos no corredor. Para o alívio da jovem sereia, na terra era cultural a rainha ter um quarto somente para ela, um quarto somente para o rei e então o quarto do casal. Ela sabia que conseguiria ter bastante privacidade e colocar seus planos em ação com um quarto exclusivo. A porta do quarto real abriu e lá estava Magnólia com alguns tecidos de tule em mãos.

— Para que tudo isso mesmo? — perguntou Mag confusa.
Esmeralda se levantou.

— Seria para o véu, mas a futura rainha decidiu casar sem ele, então pode largar aí no canto. Deixarei vocês a sós — disse enquanto pegava suas coisas do chão e por fim se retirou.

Mag se aproximou de Diana com um sorriso de orelha a orelha.

— Que vestido bonito! As noivas normalmente usam saias volumosas.

— Eu escolhi esse porque Esmeralda me disse que esse modelo se chama "vestido sereia".

— Quando vai ser o casamento?

— Amanhã de manhã.

— Okay, temos pouco tempo. Hoje à noite vamos encontrar alguns espiões que prepararam alguns apetrechos para você, vamos escondê-los em seu vestido e à noite você saberá o que fazer.

Diana se sentou em uma poltrona e ficou olhando pela janela.

— Não foi exatamente assim que eu esperava me tornar rainha.

— Amiga... — Mag sentou na poltrona da frente. — Esse casamento não é de verdade, não para nós.

— Mag, os humanos não são exatamente como eu esperava.

— Como assim?

— Eu os achava ruins, mas eles são piores. São cruéis, se satisfazem com o sofrimento — falou, se lembrando da expressão de prazer de Drakkar ao vê-la agonizar de dor.

— A caçada já teria acabado se os humanos gostassem de nós. Mas eles parecem ter medo, medo de nosso poder, medo da nossa beleza, medo da nossa fé...

— Sim. — Diana tinha acabado de chegar e já queria fugir daquele reino — De qualquer forma, você tem aquela areia curativa?

— Tenho, sim, por quê?

Diana mostrou suas costas e Mag colocou a mão na boca em reação ao espanto.

— Não me diga que foram os testes.

— Foram.

— Pobrezinha... Vamos. Tire esse vestido, deite na cama com as costas pra cima, vou preparar a areia pra você.

Em uma vasilha, Magnólia colocou a areia e amassou bem com um pedaço de madeira até virar uma pasta. Colocou água do

mar, pingou algumas gotas de óleo e ralou uma alga azul por cima, mexeu bem e preparou as costas de Diana.

— O efeito é instantâneo, tá? Não vai doer, mas não vou passar muito para não desconfiarem das marcas que sumiram de um dia *pro* outro.

— Você está certa — comentou Diana, quase fechando os olhos.

— Não se preocupe, eu vou aplicar essa mistura aos poucos. Com o tempo não vai restar nenhuma cicatriz, eu prometo.

— Ainda bem que você estava lá, Mag. Liam quase não me escolheu.

— Ah... Pois é.

— Eu estraguei tudo, ele não iria me escolher. Não mereço o trono nem mesmo na terra dos homens.

— Diana... não fale assim. Vou te contar uma coisa, tá bom?

Mas ela não respondeu, havia pegado no sono. O dia não havia sido fácil, a dor tirou quase toda sua energia, ela estava exausta. Mag apenas deixou para lá e continuou fazendo o tratamento nas costas da futura rainha de Enellon. Em seu sono, ela sonhou que estava naquele mesmo lugar...

— *Diana, não mate o rei — uma brisa sussurrou*

— *Eu não tenho escolha, todos contam comigo!*

— *Eu conto com você também — respondeu a voz doce.*

Diana soltou um grunhido.

— *Eu que contei com você. Raon contou com você!*

— *Você me culpa por algo que é apenas consequência da ação dos homens.*

— *Que eles sofram suas consequências também.*

E a brisa se foi.

Ela acordou com Mag a sacudindo.

— Os espiões estão aqui, Di. Precisamos ir agora.

As costas de Diana já estavam bem melhores, ainda com algumas manchas, mas pelo menos a dor havia desaparecido. Ela colocou um vestido simples de campo e as duas saíram na calada da noite, a lua estava cheia.

Chegaram no local combinado, o jardim do palácio, e lá havia um casal esperando.

— Não acho que aqui seja o lugar ideal pra isso, podem nos ver — observou Diana.

— Ninguém vai nos ver — disse o homem que aguardava a chegada das garotas.

Ele fez um movimento com as mãos, uma barreira cresceu de seus dedos e logo ficou ao redor de todos. O encanto fez com que ninguém os visse no jardim.

— Claro, camuflagem. Típico de espiões — disse Diana.

— Diana, esses são Rage e Olina. Espiões muito habilidosos — apresentou Mag.



— Alteza, não temos muito tempo — falou Rage. —
Trouxemos a arma que pediu.

Rage tirou do bolso um acessório de cabelo bem delicado,
um conjunto de conchas e pérolas, e entregou para Diana.

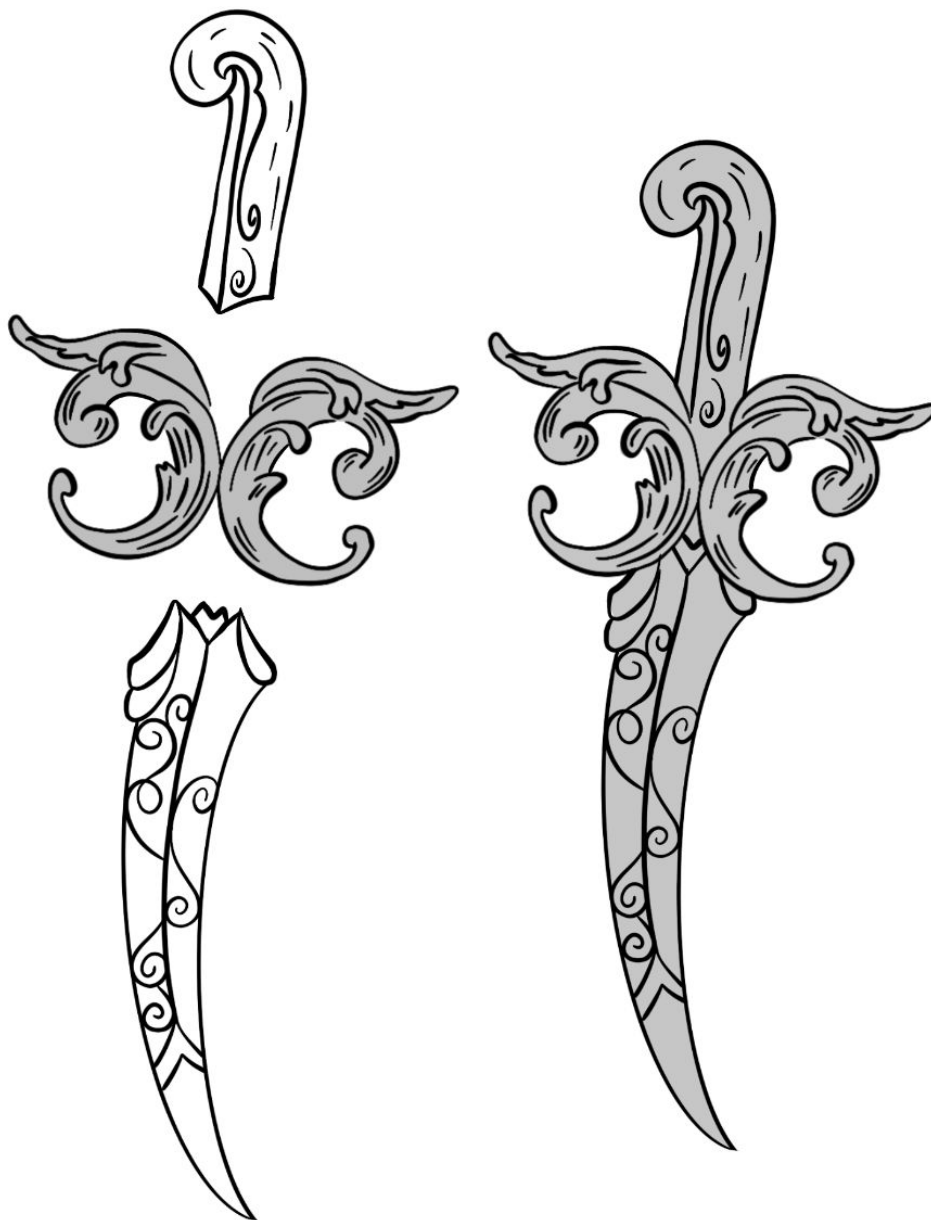
— Um enfeite? — questionou Diana

— Você vai ver, faça uma conjuração — disse Olina,
segurando um pequeno painel.

— Como assim?

— Uma conjuração personalizada, uma adaga será ativada apenas por ela, mas preciso configurar primeiro.

Diana não entendeu bem como aquilo funcionava, mas conjurou, usou o dialeto da língua antiga. Olina mexeu um pouco no painel e imediatamente um ponta afiada saiu do apetrecho, fazendo Diana se assustar, mas ao mesmo tempo ficar empolgada.



— Nunca vi nada parecido — observou Diana.

— É porque realmente não existe nada assim — comentou Rage com o sorriso largo, estava orgulhoso do que havia feito. — Esse acessório é a primeira combinação da tecnologia humana com a magia das sereias. Agora ele só funciona com sua conjuração, escolheu bem o dialeto.

— Quando o rei estiver vulnerável você deve aproximar o apetrecho de seu pescoço e simplesmente ativar a adaga — completou Olina.

Diana permaneceu olhando o objeto.

— Eu quero aprender a usá-lo melhor.

— Você irá — disse Rage. — Enquanto não conseguir matar o rei, vamos nos encontrar aqui, escondidos. Assim poderá praticar. Se você já se sentir confiante o bastante para ativar a adaga em sua primeira noite com o rei, ótimo. Mas se não se sentir segura, não faça. Não teremos outra tentativa. Faça apenas quando tiver certeza.

— Entendi... Farei o possível.

— Agora precisamos ir, Diana. Antes que sintam nossa falta no palácio.

— Imaginei que seria breve.

Elas se despediram do casal e voltaram sorrateiramente para o quarto. Mag usou uma alga especial para apressar o sono e logo dormiram. O amanhã era outro dia.



Diana acordou cedo, o sono havia sido profundo e ela estava aliviada por não ter sonhado com o Santo Espírito de novo. Ela levantou da cama com pressa e tomou um banho longo. Era o grande dia. A futura rainha de Enellon saiu de seu banheiro particular e correu para abrir as cortinas do quarto real.

— Mag, acorda! — exclamou ansiosa.

— Eu quem deveria fazer isso, sou sua serva aqui — resmungou enquanto esfregava os olhos.

— Até parece. Você será princesa assim que me casar.

— Nunca vou me acostumar com isso.

Bateram na porta e Mag se levantou para atender. Era Esmeralda.

— Vim preparar Diana.

— A rainha, você quis dizer — disse Mag de modo debochado.

Esmeralda riu.

— Ainda não — respondeu com um sorriso malicioso.

— Não me faça gostar de você — observou Mag.

— Não duraria muito tempo mesmo — falou entrando no quarto. — Diana, coloque o vestido, vou fazer os últimos ajustes, o casamento é daqui a pouco.

— Por que tão cedo?

— Vocês vão viajar depois do casamento.

— O que? — exclamou Mag.

— Sim, a lua de mel.

— E ela dura quanto tempo? — perguntou Diana preocupada.

— Em torno de três dias, vocês vão viajar nos reinos vizinhos, se apresentarem como rei e rainha de Enellon, é a tradição dos reinos por aqui.

Mag e Diana se olharam apreensivas, mas tentaram disfarçar por Esmeralda estar no ambiente.

— Bom, então tenho que me arrumar.

— Isso, os convidados já estão chegando — falou Esmeralda enquanto pegava o vestido

Diana se vestiu em completo silêncio, pensando em como mataria o rei em um reino vizinho. Se fosse um reino perto do mar seria um pouco mais fácil, mas poderia ser complicado voltar para Norisea nadando, ela com certeza ficaria cansada. Apesar de saber que teria tempo pra decidir o momento certo, Diana tinha esperança de matá-lo antes de se entregar a ele.

— Vai usar alguma coisa no cabelo? — perguntou Esmeralda.

— Ah, sim — disse enquanto pegava o apetrecho em cima da penteadeira. — Quero um penteado simples, de preferência.

— Imaginei, sem graça — comentou.

Mag riu e foi abrir a porta para mais alguém que pedia para entrar. Era Daniel.

— Com licença, senhorita. O rei lhe enviou essas flores — falou com um ar meigo.

Eram tulipas brancas com lindas lavandas. Diana ficou sem palavras olhando para o arranjo; era encantador, e por incrível que pareça, o buquê combinava com sua personalidade.

— Muito obrigada, Daniel! — exclamou com um sorriso. — Será que posso me casar com ele?

— Acredito que o rei irá gostar muito de vê-la entrando com ele.

Daniel se retirou e Diana foi correndo pegar o buquê.

— São as flores mais lindas que já vi.

De repente um flash invadiu o quarto.

— Sorria, futura rainha! — disse um rapaz magro e loiro.

— O que é isso? — perguntou Diana enquanto coçava os olhos.

— Calma, Di. É só o jornalista do palácio.

— O... O que? — perguntou sem entender o que era jornalista.

Mag fez um sinal para Diana fingir que estava tudo sob controle.

— É só sorrir, Diana — falou Esmeralda, sem paciência.

— Para onde? — perguntou desesperada.

— Pra câmera dele, é claro!

Diana sorriu sem jeito para o rapaz enquanto ele ajustava o foco com uma bugiganga que chamavam de câmera. Ela imaginou que era para aquele apetrecho curioso que ela deveria posar.

— É com certeza o melhor retrato da minha vida — disse o rapaz orgulhoso depois da foto.

Antes que Diana pudesse fazer algum comentário, o jovem magricelo saiu do quarto saltitando de alegria. Em seguida, uma empregada entrou no quarto.

— Senhorita, está pronta? Precisamos ir para a capela.

— Estou pronta — respondeu, mesmo não se sentindo pronta.

— Sobre a lua de mel... — questionou Magnólia — as acompanhantes vão junto?

— Não, senhorita — respondeu a empregada.

— Entendi — respondeu frustrada e olhou para amiga. — Que os espíritos te protejam, minha rainha.



Diana estava esperando em um corredor o momento que iriam chamá-la para sua entrada. Disseram que era um casamento reservado, apenas para as pessoas mais importantes do reino, e que depois da cerimônia a festa seria com o povo, onde todos descobririam a verdadeira identidade do rei. Apesar de tudo estar acontecendo como o planejado, era estranho pensar que ela só veria o rosto do seu marido no altar.

Ela levantou um pouco para esticar as pernas e se virou, e então ela o viu. Sim, ela o viu. Raon. Seu irmão. Raon estava ali bem à sua frente, ajeitando as flores da decoração. Diana permaneceu paralisada enquanto observava seu irmão sem piscar os olhos, que estava ali sem perceber sua presença.

Sim, era Raon, mas diferente, um pouco mais novo do que ela lembrava e com os cabelos dourados. Diana largou o buquê na cadeira e se aproximou do jovem rapaz.

— Raon?

O garoto se virou e assim que viu que era a futura rainha de Enellon, se curvou imediatamente.

— Senhorita... Me perdoe, te incomodo?

Diana não conseguiu responder. O rapaz ficou confuso com o silêncio.

— Raon? — repetiu.

— Ah, é Ramon — corrigiu o rapaz. — Em homenagem ao meu pai.

Uma mulher um pouco mais velha e com os cabelos dourados como o rapaz apareceu no corredor.

— Ramon, estava te procurando! — assim que percebeu a presença de Diana, também se curvou. — Senhorita, perdoe meu filho, ele já irá te deixar sozinha agora.

A mulher pegou no braço do menino e quando estava se retirando, Diana a segurou pela manga da blusa.

— Me... Me desculpe perguntar... — foi o que conseguiu falar.

— O que quiser saber, senhorita — disse a mulher gentilmente.

— Quantos anos tem seu filho? — perguntou sem tirar os olhos do rapaz que já estava incomodado com a situação.

— Ele acabou de fazer treze.

O coração de Diana começou a bater rápido.

— Onde está... — começou, sentindo um nó na garganta — Onde está o pai?

O olhar da mulher de repente ficou triste.

— Ele morreu, infelizmente. Nos deixou antes de Ramon nascer.

Uma lágrima escapou dos olhos de Diana.

— Senhorita? Está bem? — perguntou a mulher preocupada.

— É que... — Diana estava tentando assimilar o que estava acontecendo bem na sua frente. — Qual seu nome?

— Me chamo Sara — respondeu enfim.

Diana soltou a manga da mulher e começou a andar para trás sem acreditar no que estava vendo. Sua respiração estava ofegante.

— Senhorita, devo chamar alguém?

Uma outra empregada se aproximou para avisar que Diana deveria entrar na capela naquele instante. Diana não foi capaz de falar uma palavra, apenas levantou e seguiu a empregada, deixando para trás o garoto idêntico ao seu irmão. Seria possível?

Diana nem percebeu que já estava andando no corredor em direção ao altar. O rei estava lá, mas a imagem estava desfocada, tudo que importava para ela agora era o filho que seu irmão deixou para trás com uma humana. Raon havia se apaixonado por uma humana? E tido um filho com ela?

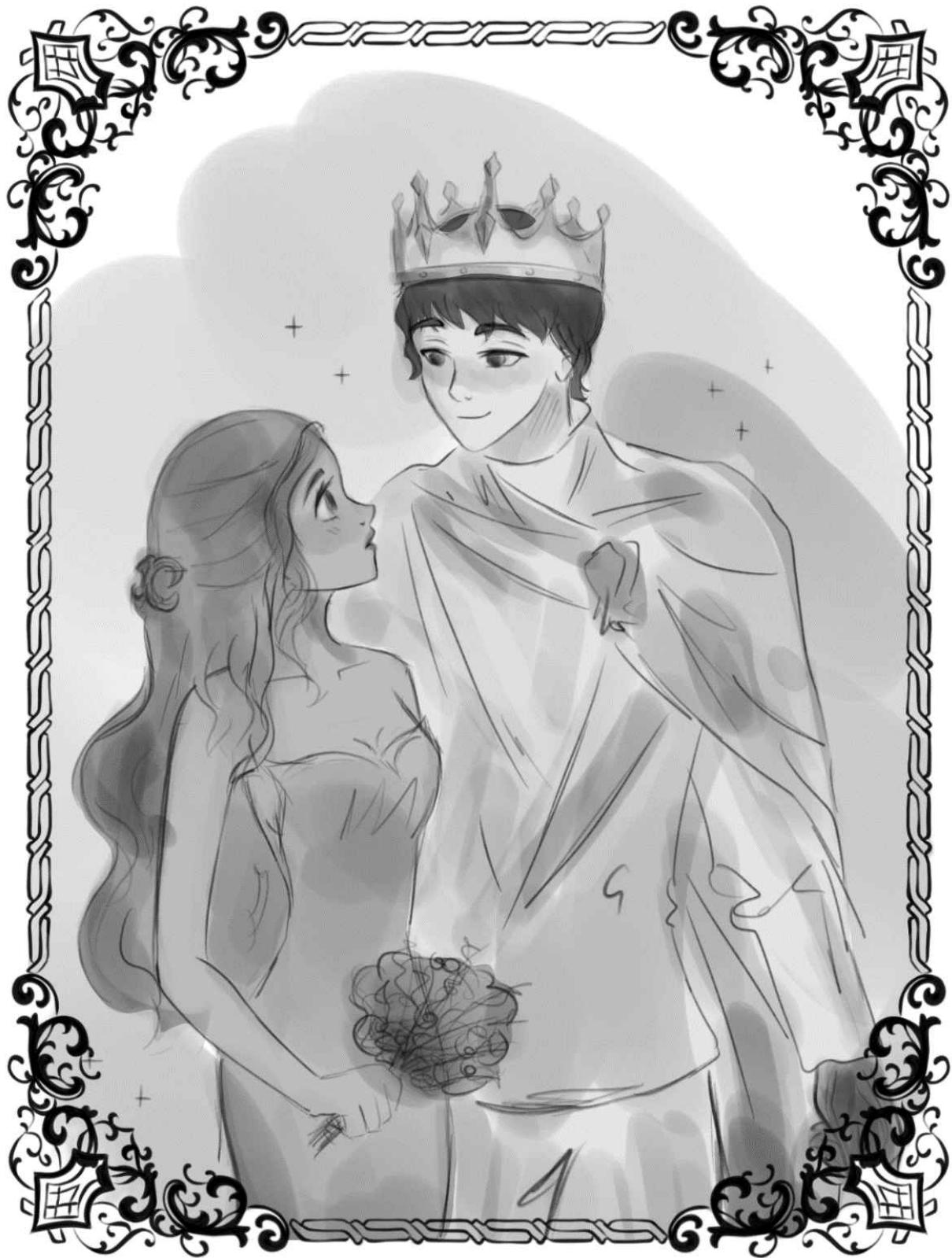
Um oficial ajudou Diana a subir alguns degraus e a colocou de frente para o rei, mas ela estava olhando para baixo, ainda com a mente em outro lugar.

— Gostou das lavandas?

A voz era familiar, mas não era a voz que ela ouviu naquele quarto escuro. Ela levantou o rosto rápido quando entendeu.

— Liam... — sussurrou quando percebeu que o rapaz detestável que a importunou durante toda a seleção estava com a coroa real na cabeça.

Era ele. O tempo todo. Vida longa ao rei.





A cerimônia
não tinha
motivos para

ser demorada, todos ali sabiam que não era um casamento por amor, e que tudo aquilo não passava de protocolos a serem seguidos, mas para Diana parecia uma eternidade. Um homem mais velho, provavelmente um dos conselheiros, dirigia palavras a eles a respeito da devoção ao reino. Liam mantinha uma postura ereta, e trajava uma bela vestimenta branca e uma coroa grande e pesada na cabeça; ele ainda usava uma luva apenas na mão esquerda; Diana se perguntou o porquê daquilo.

— Você tomou banho? — sussurrou Liam de ladinho.

— O que você disse? — devolveu a pergunta totalmente indignada.

— Agora que estou perto, você tem cheiro de peixe.

— Não é peixe — corrigiu, tentando manter a boa postura durante a cerimônia —, é cheiro de mar.

— Ruim de qualquer jeito, odeio o mar — deu de ombros.

Diana respirou fundo e decidiu ignorar o comentário, já que à noite ela pretendia matá-lo de qualquer jeito, e sem nem perceber, acabou sorrindo ao pensar nas várias formas que ela faria isso.

— Não sorria assim, por favor, não é bonito — observou.

— E você por acaso só me escolheu porque sou a mais bonita?

— Sim, quero filhos bonitos —disse com um sorriso sarcástico.

— Me perdoe, Majestade, mas só consigo fazer metade do trabalho.

— O que? Você não está insinuando que sou feio, está?

Liam era um rapaz insuportável, mas de fato feio ele não era. Tinha um sorriso charmoso que revelava lindas covinhas, seus cabelos escuros caíam suavemente sobre seus olhos dando a ele um olhar misterioso, mas nunca que Diana iria admitir.

— Já vi melhores, Majestade.

— Onde?

— Onde estudei.

— Hum, vamos tirar a prova, então.

— Ah é?

— Sim, amanhã vamos para Horizon.

— O QUE? — exclamou alto sem querer, então baixou a cabeça com vergonha por ter interrompido o senhor que falava.

O senhor conselheiro por fim chamou Diana para perto, pedindo que se curvasse e pôs em sua cabeça uma delicada coroa de ouro e rubis. Não era essa a coroa que Diana esperava usar, mas era a coroa que salvaria seu povo, então ela seria devota a ela.

— Me dê sua mão, minha rainha — disse Liam querendo conduzir Diana para a varanda e apresentá-la ao povo.

Mesmo relutante, Diana colocou sua mão sobre a dele, e nesse momento uma sensação estranha invadiu seu estômago. Foi uma mistura de enjoo com formigamento, essa sensação era nova, difícil de compreender. Na sacada, o povo gritava de alegria. Finalmente o rei era apresentado, e quão grande foi a surpresa do povo ao perceber que os boatos eram reais, a rainha era belíssima. De cima, Diana avistou a médica que a atendeu ao lado dos outros homens que aplicaram os testes nela, é claro que eles eram uma família, uma família de médicos, que acenaram para Diana contentes com o resultado e ela percebeu que a alegria era genuína. O jovem médico estava com um olho roxo e sem seus óculos, e Diana lamentou por ele e então lembrou do homem terrível que a machucou.

— Liam... eu... — começou, tentando dizer o que havia acontecido.

— Não fale agora, Diana, apenas acene para o povo — a cortou de modo seco.

O que ela estava pensando? Por que de repente se sentiu à vontade para falar com ele? Liam não se importava com ela, mas ela também não se importava com ele, então estava tudo certo. Diana engoliu o constrangimento, sorriu e acenou.

— Muito bem — observou Liam sem olhar para ela.



O jardim do palácio estava todo decorado para a festa e celebração do povo; era um jardim gigantesco e mesmo assim o povo se revezava para poder entrar na festa e ver a beleza da rainha de perto. O jardim foi decorado com tecido brancos e azuis, com cordas de linho branco e argolas de prata, fixadas em colunas de mármore. As poltronas eram de ouro, o piso era mosaico de pórfiro, mármore, madrepérola e pedras preciosas. A bebida era servida em taças de ouro personalizadas. O vinho real era servido à vontade, por conta da generosidade do rei.

Uma senhora com seus quatro filhos adultos se aproximou da mesa que Liam e Diana estavam sentados.

— Majestade — se curvou —, aceite esse presente, está em nossa família há cinco gerações — disse lhe oferecendo um colar com uma pedra branca.

Liam fez um sinal de que o presente era para Diana.

— Oh, agradeço imensamente, mas não lhe fará falta tamanha relíquia?

— Minha rainha, esse colar tem um poder especial, ele atrai fertilidade, com ele consegui quatro saudáveis filhos, nosso reino precisa de um herdeiro, por isso o dou a você.

Diana olhou para os jovens adultos curvados atrás da matriarca. Eram três homens e uma mulher, mas pela aparência um dos rapazes era o mais velho, a irmã a segunda e os dois mais novos com certeza nasceram próximos um do outro. Seria assim a sua família se Raon não tivesse partido?

— Agradeço sua generosidade, minha senhora. Que Ha... — se corrigiu — Que Callian proteja você e sua família.

— Pelos Espíritos, uma benção vinda direto da boca da própria rainha! — exclamou a matriarca, se curvando ainda mais e se despedindo. — Que seu útero seja tão próspero quanto nosso reino, majestade. — E se foi na multidão.

O colar era simples, várias pedras brancas e cor-de-rosa seguravam um pingente branco mármore. Diana tentou o colocar naquele exato momento.

— Você quer um filho tanto assim? — perguntou Liam tentando parecer indiferente.

— É um presente, Majestade. Quero usá-lo — respondeu sem olhar para ele enquanto tentava sem sucesso colocar o colar sozinha.

— Vamos, eu te ajudo.

— Não é necessário.

Liam simplesmente ignorou e pegou o colar de sua mão. Diana percebeu que não valeria a pena discutir por aquilo e permitiu. Os dedos de Liam passaram por sua nuca para afastar seu cabelo e a sensação estranha no estômago voltou. Liam estava demorando para fechar o colar, isso porque ele estava distraído, pois o vestido de Diana era justo e acentuava bem as suas curvas, que eram tão agradáveis como o seu rosto. Ele estava tão perto de suas costas que Diana podia sentir sua respiração.

— Conseguiu?

— Ah, sim... — disse, terminando de encaixar o fecho do colar. — Nem em nosso casamento decidi tirar a corrente do seu antigo amor?

Ela ainda usava a chave que encontrara no quarto do irmão.

— Nem em nosso casamento, Majestade — conseguiu responder.

O dia estava bonito e fresco, o céu cheio de nuvens, mas sem sinal de chuva, várias mesas estavam espalhadas pelo jardim e algumas pessoas até sentavam no chão, de vez em quando Diana pegava um rapaz ou outro a admirando de longe. Parecia tudo bem deleitoso, até que, sem perceber, Diana pegou na mão de Liam rápido e ficou pálida.

— Diana? — perguntou um tanto incomodado.

— Majestade — uma voz grave disse.

Drakkar, em suas vestes pretas e prateadas, com um olhar carrancudo, também estava na festa para parabenizar o casamento.

— Drakkar, que bom que veio! — disse o rei com um sorriso largo.

— Eu não poderia perder a festa, Majestade. Me perdoe não ter comparecido à cerimônia, mas tive assuntos para resolver em outros reinos.

— Tudo bem, o que importa é o vinho.

Liam soltou da mão de Diana, a deixando desamparada. Drakkar se virou para ela sem esboçar qualquer reação.

— Minha rainha, você é ainda mais bela que os boatos te descreveram.

Ela não conseguiu dizer nada, seu corpo estava acanhado e a postura forte que ela passava naturalmente havia sido substituída por uma postura mais resguardada. As mãos começaram a suar, o medo havia tomado seu corpo e dessa vez não havia ninguém para socorrê-la.

— Diana, esse é Drakkar, meu conselheiro mais estimado.

Mais um motivo para odiar Liam; um homem que estimava Drakkar não poderia ser de maneira alguma bondoso ou digno de seu afeto. Diana ainda permanecia imóvel.

— Ela está tímida — tentou justificar.

— Eu entendo, Majestade. Por hora preciso me retirar. Que Callian os proteja — desejou e partiu.

Assim que Drakkar saiu da vista deles, Liam se virou para Diana, claramente irritado.

— Qual o seu problema? Você não pode se comportar assim na frente dos conselheiros, ainda mais um como Drakkar. Ele é importante e você deve respondê-lo quando ele lhe dirigir a palavra, entendeu?

— Sim, senhor — respondeu sussurrando e de cabeça baixa.

— Francamente — resmungou. — E onde estão seus pais?

— Oh — Lembrou-se que haviam fugido para Norisea. — Meus pais viajam muito por conta do comércio de flores. Estão se aprofundando mais na botânica e foram estudar. Acredito que retornem na próxima primavera.

Havia sido a mentira mais bem improvisada de sua vida, mas Liam não demonstrou se importar. Na verdade, pareceu que nem havia escutado o que ela disse.

— Vamos fazer a primeira dança agora para liberar a pista — falou, terminando de beber o vinho em sua taça.

Liam a conduziu até o centro do jardim, e as pessoas presentes permaneceram atentas e encantadas com sua rainha.

— Eu não sei dançar — admitiu.

— E você me fala isso agora que estamos aqui?

— Você não me perguntou se eu queria.

— E eu preciso? — perguntou num tom debochado.

— Sim! Precisa, sim! — exclamou irritada. — Eu tenho vontades e desejos próprios também. Não sou um enfeite ou troféu para você exibir para o povo.

Nunca ninguém havia respondido para ele dessa maneira, definitivamente, não estava acostumado com uma mulher de personalidade tão forte.

— Muito bem... — aquiesceu, pensando qual seria a coisa certa a dizer. — Dança comigo? — perguntou, estendendo a mão.

Diana assentiu e então Liam pegou em sua cintura com a mão firme, deixando-a envergonhada. A música tocou e no primeiro passo Diana já pisou no pé de Liam.

— Pelo Santo Espírito! — reclamou o rei. — Eu teria escolhido um vestido mais volumoso na saia — disse tentando chamar a atenção da esposa pela má escolha do traje.

— Realmente, o modelo sereia não ficaria bem em você — retrucou com um sorriso falso.

A provocação fez Liam soltar uma risada abafada e então ele a puxou para mais perto de seu corpo enquanto dançavam. Diana o olhou assustada.

— Para de tentar conduzir, minha rainha — advertiu com um sorriso elegante.

O olhar do rei era penetrante, tornando fácil se perder em seus olhos escuros que pareciam carregar certa tristeza e mistério.

— Imagino que sua primeira esposa devia ser graciosa — comentou, tentando saber mais sobre o rei e suas fraquezas.

— O que?

— Sua... esposa. A primeira.

Liam aproximou o rosto tão perto de Diana que ela achou que seria beijada naquele exato momento.

— Você é minha primeira esposa, Diana, e espero que seja a última. Não quero nunca mais fazer esses concursos estúpidos.

— Mas... — parecia confusa.

— Entendi, você ainda achava que eu era um rei viúvo. Não a culpo, muitas pessoas acreditavam nisso. Não sou um rei viúvo. Sou um rei órfão. Meus pais morreram, herdei o trono e precisei de uma rainha, é isto.

— Por que nunca ficamos sabendo de você?

— Hum... — Liam não estava confortável com a pergunta. — Eu tinha dez anos quando eles decidiram me apresentar ao povo, mas teve a caçada e perceberam que mataram o herdeiro de Norisea, então me esconderam tentando me proteger de uma possível vingança.

O herdeiro de Norisea. Liam falava de seu irmão, e ouvir ele mencionar sua morte de modo tão casual partiu seu coração em pedaços. Diana não sabia se havia sido de propósito ou não, mas dessa vez ela pisou no pé de Liam com tanta força que ele soltou um grunhido de dor.

— Pelos Espíritos, mulher! — resmungou, cerrando os dentes.

A música acabou, então os dois se curvaram aos aplausos do povo e após mais dança e bebidas, a festa finalmente chegou ao fim. Havia, talvez, chegado o momento que Diana mais temia: a viagem que os levaria para a noite de núpcias.



Já era quase pôr do sol e Diana estava em seu quarto apenas de roupão, conferindo a mala que Mag havia deixado pronta para ela. Porém, quando foi fechá-la, percebeu que tinha um livro em cima da cama que ela não conhecia; era um livro fino, semelhante a um informativo. Um livro sobre o reino de Horizon.

— Você sempre pensa em tudo, Mag — disse aliviada.

Ela guardou o livro na mala e quando foi se trocar, alguém bateu na porta.

— Entre!

Esmeralda entrou com o rosto corado e um sorriso tímido.

— Me perdoe, Majestade. Eu só vim buscar alguns apetrechos que esqueci no seu quarto.

— Não me chame assim, por favor. Pode me chamar de Diana.

— É claro — falou, tentando esconder o sorriso. — Então... que inesperado, o rei é jovem e lindíssimo.

De certa forma, Liam ser tão jovem era um tanto decepcionante, já que matar um homem idoso seria bem mais fácil que um rapaz visivelmente atlético.

— Pois é, quem diria. Foi uma enorme surpresa — respondeu de modo indiferente.

Esmeralda se aproximou dela com os olhos radiantes.

— O que você vai usar de especial hoje à noite?

— Especial? Nada...

— Uh, que atrevida! — brincou.

— Não! Eu quis dizer que... Por que você está exaltada dessa forma?

— Ah... — falou, tentando esconder o rosto corado. — Não é nada, já peguei minhas coisas, irei me retirar. Boas núpcias, Majestade!

E então ela se foi saltitando para fora.

— Estranho, nem parece a Esmeralda — falou. — Bom, vou me trocar logo.

Ela estava quase sem o roupão no corpo quando Liam entrou no quarto sem avisar.

— Diana, já temos que... — Ele paralisou quando a viu quase nua de costas para ele.

No susto, Diana soltou um grito e fechou o roupão com força no corpo.

— Não sabe bater? — perguntou indignada.

Liam vestia uma roupa casual; uma camisa com alguns botões abertos e uma calça preta. Ele ficou tão desconcertado com o que viu, que não conseguia nem olhar no rosto de sua esposa.

— Temos que ir agora, estarei te esperando no carro — disse e saiu quase que correndo da presença dela.

Diana se trocou rapidamente assim que ficou sozinha, pegou sua mala, conferiu se o apetrecho dado pelos espiões ainda estava em seu cabelo e foi para a entrada do palácio. Perto das escadas, vários oficiais se ofereceram para ajudá-la a descer sua mala, mas ela recusou, afirmando que conseguia fazer sozinha. Liam a esperava dentro do carro, então um rapaz gentil abriu a porta para ela entrar e se encarregou de colocar a mala no porta-malas. Era um carro grande e um tanto barulhento. Vários outros carros iriam

acompanhar a viagem. Diana se sentou ao lado de Liam, usando um vestido branco casual, mas meigo.

— Não é elegante recusar ajuda — observou

— Pelos espíritos! Por que é tão insuportável? — exclamou irritada. — Tudo pra você é sobre postura e elegância? Que vida infeliz!

Liam arqueou as sobrancelhas.

— Talvez seja infeliz mesmo... — disse, virando o rosto para a janela.

Assim que percebeu que havia se exaltado um pouco demais, Diana fechou os olhos com força, tentando lembrar que a intenção era conquistar a confiança do rei e que mesmo que ela o odiasse, deveria parecer que não.

— Me perdoe, Majestade. Não quis falar dessa maneira.

— Diana, para. Não precisa mudar sua personalidade para me agradar. Nós não precisamos nos agradar, esqueceu? Não é um casamento por amor. Apenas dê ao povo o herdeiro bonito e inteligente que precisam e ficarei satisfeito.

Diana não conseguiu responder, por isso permaneceu em silêncio. Um motorista entrou no carro e seguiram viagem. Era um reino próximo, apenas quatro horas de trajeto, mas ainda assim, foi uma viagem extremamente silenciosa.



Liam abriu os olhos devagar depois de um sono turbulento e percebeu que havia descansado na cabeça de Diana enquanto ela

ainda adormecia em seu ombro esquerdo. Ele sabia que não precisava se importar em acordá-la, mas decidiu não o fazer, a respiração dela estava tranquila e até mesmo acolhedora, portanto, tentou não se mexer muito.



Com seus cabelos tão perto de seu rosto, era possível sentir os fios macios que roçavam em seu pescoço nu. Liam percebeu que Diana estava certa, ela não cheirava a peixe de forma alguma, ela tinha o frescor da maresia em sua pele, suas sardinhas pareciam

areia branca e seus cabelos eram como as ondas de um mar agitado. Tudo em Diana lembrava o oceano, talvez por isso que ela fosse tão intensa. Diana tinha cheiro de pôr do sol na praia, daquele que as pessoas tiram os sapatos para andar sobre a areia úmida, enquanto o raso se aproxima de seus pés livres. Mesmo com o desconforto que Liam ainda sentia por sua esposa, a presença dela era convidativa, como se ele estivesse sendo chamado para mergulhar naquele imenso oceano chamado mulher.

O carro passou por um buraco relativamente fundo, fazendo o automóvel oscilar com força. Diana acordou assustada, ficando ainda mais espantada ao perceber que estava encostada nos ombros de Liam. Ela logo se ajeitou em seu canto, ainda sem dizer uma palavra, e viu que já era noite. Eles se aproximaram de um portão alto e dourado, onde era possível ver uma casa grande de campo ao fundo.

— Onde estamos? — perguntou.

— Temos uma casa de campo aqui em Horizon. Por ser nosso parceiro comercial mais forte, nós passamos bastante tempo aqui, por isso decidi te trazer a este local, para ir se habituando.

Assim que o carro encostou, Diana sentiu um frio na barriga, suas mãos ficaram trêmulas e o coração batia desesperado; ela precisava matá-lo naquela noite, senão teria que dormir com o rei. Liam saiu e abriu a porta para ela, ofereceu o braço e os dois seguiram juntos, subindo as escadas do casarão.

— Você está pálida — observou Liam.

— Não... não notei, Majestade — disse, tentando esconder a expressão em seu rosto.

De repente, Liam parou e automaticamente todos os servos pararam de levar as malas também. Ele virou Diana para que ela olhasse em seus olhos.

— Está com medo? — perguntou com um sorriso de canto.

— Não, senhor.

— Então por que suas mãos estão tremendo?

Diana imediatamente colocou uma mão por cima da outra.

— É que estou com fome.

— Não comeu nada na festa?

Como ela responderia? Fazia dias que Diana não comia adequadamente, a comida humana era diferente, seca, fofinha, às vezes crocante, outras salgada ou doce. Era muita coisa que seu estômago não estava acostumado, ela estava faminta, mas precisava comer a comida do mar. A comida das sereias tendia a ser mais sólida por conta da água, mas no reino existiam sereias com dons da culinária, e então um simples pedaço de coral poderia se tornar um alimento rico e delicioso. Então como falar para o rei que ela estava faminta, mas também não conseguia comer nada?

— Não tenho me sentido muito bem esses dias, tive uma...

— pensou um pouco — tive uma intoxicação alimentar antes do concurso e meu estômago ainda está sensível.

— Compreendo. — Então ele olhou em direção a uma serva na beira da escada, parecia ser a cozinheira. — Anne, minha querida, você faria a gentileza de fazer um prato de mingau de aveia para minha rainha?

A serva Anne assentiu com um sorriso e se apressou para subir as escadas. Os dois continuaram o caminho na escadaria até seus quartos. Diana percebeu que Liam sempre tratava os

empregados de modo gentil e todos pareciam gostar muito de sua presença, na verdade, a impressão que dava era que eles tinham certo alívio, mas alívio de que?

Os recém-casados chegaram na porta do quarto que foi aberta por um servo, notando que as malas já estavam ali. Diana percebeu na hora que a janela do quarto não era para o mar, obviamente. Portanto, se ela quisesse matá-lo naquela noite, teria que sair correndo e fugir até encontrar algum rastro do oceano. Era arriscado, mas o plano daria certo, ela só poderia perder a vida no processo.

— Anne já trará sua refeição, agora preciso ir — disse com certo desconforto.

— Para onde vai?

— Tenho uma reunião com Drakkar e outros conselheiros.

— Eles estão aqui?

— Não, será uma reunião por vídeo.

Diana ficou curiosa, ela sabia dessa tecnologia, mas nunca havia visto pessoalmente, as sereias tinham algo semelhante, um cristal mensageiro, mas funcionava apenas com magia, era difícil imaginar como algo assim poderia funcionar sem ela.

— Irá demorar muito?

— Já está sentindo minha falta? — rebateu com um sorriso sarcástico.

Era estranho como Liam sabia exatamente como provocá-la, afinal, se conheciam há pouco tempo, mas parecia que entre eles existia uma luta interna; Diana sabia que ele era seu inimigo, mas ele não, então, por que ele agia como se fossem?

— É para ser breve, minha rainha — disse, ajeitando a camisa. — Apenas uma reunião para definir a data da próxima caçada.

— A data? — Diana sabia que precisava estar nessa reunião de alguma forma. — Eu posso participar também?

Liam riu e fechou a porta, a deixando sozinha no quarto, sem resposta. A indignação de Diana era enorme! Aquele discurso todo de que o conselho da rainha era mais valioso que qualquer outro era mentira? Era difícil estar nesse papel, em Norisea, em breve ela seria a rainha, mas não uma rainha enfeite, ela seria uma verdadeira rainha, tomaria decisões e guiaria seu povo. Mas em Enellon, ela não passava de um chaveiro, um quadro belo a ser admirado e invejado. Ela sabia que era a mais bonita de Norisea, na verdade, todos sabiam, mas as sereias não se comportavam assim, não importava de fato a aparência, mas parecia que isso era imprescindível aos humanos, a vaidade deles era tremenda.

A serva Anne bateu na porta do quarto e assim que recebeu uma autorização, entrou para deixar o mingau que o rei pediu.

— Precisa comer, Majestade. Seu corpo precisa estar forte e saudável para esta noite.

— Claro, obrigada — assentiu, tentando ignorar que o que aquele povo mais almejava era um herdeiro. Mas por que tanto desespero? A infertilidade em Enellon era tão devastadora assim? As sereias nunca precisaram se preocupar com isso, mas parecia que os humanos estavam desesperados, Diana queria saber mais sobre aquilo, mas não teria tempo, já que se livraria do rei o quanto antes.

Diana se sentou para provar o mingau e se surpreendeu, era gostoso, e ela acabou comendo tão depressa por conta da fome que acabou sentindo uma leve pontada no estômago. Ao terminar, se ajeitou em uma poltrona e começou a ler o folheto sobre Horizon, até que de repente ela levantou.

— O que estou fazendo? Eu deveria estar nessa reunião! Eu vou estar, ele querendo ou não.

Ela rapidamente saiu do quarto e deu uma olhada nas portas que haviam naquele andar. Uma delas era o escritório do rei, e ela sabia que não poderia perguntar a nenhum servo onde era, afinal, todos eram muito fiéis a ele. Então, foi caminhando disfarçadamente rente as portas para tentar ouvir alguma voz, até que ouviu a voz de Drakkar. Seu coração congelou de medo, mas ela precisava ser forte por sua família. Se Diana ficasse ali tentando ouvir a reunião alguém poderia ver, então ela precisava estar onde ninguém a veria. Ela entrou no quarto do casal novamente e olhou pela janela, encontrando uma pequena brecha que dava até o escritório, mas ela precisaria se rastejar pela parede; a queda não era grande, mas causaria um bom estrago se ela caísse. Diana respirou fundo, tirou os sapatos, subiu na janela e começou a caminhar nas beiradas da parede de fora delicadamente.

— Pelo Espíritos, que loucura! — disse com a boca trêmula.

O vento estava forte, mas não o suficiente para desequilibrá-la, ela foi indo de passinho em passinho torcendo para que ninguém a visse do lado de fora. O coração estava acelerado, o estômago embrulhado e barulhento por conta da refeição rápida e ela se esgueirava na parede para não cair para trás, e apesar de difícil,

estava funcionando e finalmente Diana chegou na janela do escritório do rei.



— Mas, até onde a caçada é, de fato, um benefício a Enellon? — questionou Liam enquanto falava com imagens holográficas de seus conselheiros.

— Majestade, é tradição, o povo anseia pela caçada, guerreiros treinam desde a infância para este dia.

— Nosso reino tem ficado sem crianças para treinar, Drakkar. Preciso saber mais sobre o que o povo acha disso, precisei ficar nas sombras por vinte e três anos, agora finalmente devo saber a opinião deles.

Drakkar riu.

— Isso é uma monarquia, meu rei. Não uma democracia, você decide o que é melhor.

— Isso é o que minha mãe diria, de fato.

— E ela foi uma excelente rainha, a conselheira que o reino precisava.

— É... Mas eu também acredito que... — Liam paralisou, olhou pela janela e havia a sombra de uma silhueta na cortina, claramente Diana não havia ensado que ficando contra luz sua sombra ficaria tão visível.



A silhueta estava de certa forma engraçada, os braços finos se pendurando e os pés se apoiando na beirada. — Senhores, acabei de ter um assunto urgente para tratar. Drakkar, dirija a reunião.

— Com prazer, Majestade.

Liam levantou e pegou sua espada encostada na mesa, andou sorrateiramente até a janela e abriu a cortina com força justamente para assustar. Sim, era Diana.

— VOCÊ! — gritou apontando a espada para seu pescoço.

— Oh — exclamou sem reação, enquanto pensava em alguma desculpa, mas era uma tentativa inútil. — Acabou a reunião?

— Por Callian, Diana! — Ele ainda estava sem acreditar na força de vontade de sua esposa. — O que estava passando na sua cabeça? — Ele desceu levemente a ponta da espada que roçou em seu vestido delicado. Liam sentiu um arrepio e um formigamento nos braços, era uma sensação diferente, mas que só despertava quando Diana o tirava do sério.

— Eu acho que mereço estar nessa reunião tanto quanto você — argumentou, ainda tentando se equilibrar. Liam a puxou pelo braço a trazendo para dentro do escritório.

— Para de ser teimosa, Diana! Você não tem que opinar nisso!

— Por que não? Eu sou a rainha! — levantou o tom de voz.

— E EU SOU O REI! — ele gritou alto, mas Diana não mexeu um músculo, seu rosto permaneceu imóvel.

— Então pode me soltar — afirmou sem esboçar nenhuma emoção.

Liam a trouxe para mais perto dele.

— O que é que você quer, Diana? Por acaso quer metade do meu reino? Não vai conseguir. Pare de me irritar imediatamente, eu não... — E foi interrompido. Na verdade, desde que havia se casado com Diana ele estava sendo constantemente interrompido, mas dessa vez foi de um jeito novo, pois o mingau se revirou demais no estômago de Diana e ela acabou vomitando em sua linda camisa branca.

Liam respirou fundo enquanto segurava firme no pulso dela. A agora rainha, colocou a mão na boca assustada, pois nem ela esperava o que havia acabado de acontecer.

— Eu juro que estava uma delícia — falou desconcertada.

— Imagino — disse, soltando seu pulso e indo embora do escritório batendo os pés com força.



Diana havia voltado para a cozinha e pedido um pouco de comida, todos insistiram que ela comesse na privacidade de seu quarto, mas ela fez questão de beliscar a refeição ali mesmo, de certa forma, ela estava com medo de encarar Liam novamente, e aproveitou para conhecer melhor os cozinheiros que foram extremamente atenciosos com ela. Quando voltou ao quarto, percebeu que estava vazio, talvez ele tivesse ido refrescar a mente no gramado, ela não sabia, mas ouviu um barulho vindo do banheiro, onde a porta estava entreaberta. Ela olhou na fresta e viu Liam tomando banho, o vidro estava um tanto embaçado, então ela

não tinha uma visão nítida. O rei estava de costas lavando seus cabelos escuros, e ela pôde constatar que ele tinha as costas fortes e bonitas. Era fácil se distrair, mas então Diana percebeu algo mais brilhante na mão esquerda que estava difícil identificar o que era. Liam se virou e acabou avistando Diana espiando, ele abaixou a mão rapidamente e tentou disfarçar.

— Quer se juntar a mim?

Imediatamente Diana saiu da vista dele envergonhada e se sentou na poltrona do quarto para ler um pouco mais do panfleto a respeito de Horizon, afinal, a qualquer momento Liam poderia fazer alguma pergunta sobre a cidade. Diana já conhecia um pouco de Horizon dos pergaminhos que ela lia, mas não o suficiente para dizer que era uma cidade que viveu por anos. Liam saiu do banho com uma toalha enrolada na cintura e a mão esquerda coberta por uma luva.

— Pode usar a banheira também — fez uma pausa —, se você quiser, é claro.

Diana escondeu o livreto e foi ao banheiro sem falar nada. Ela entrou e lá estava a banheira; o comum seria ligar a água quente, colocar espuma e aromas, mas Diana ligou na água gelada, tirou do bolso um saquinho de sal que pegou na cozinha e despejou na banheira, então entrou e finalmente conseguiu se sentir um pouco em casa.



Diana acabou demorando no banho, mas foi proposital, ela esperava sair e o rei já estar dormindo para que ela pudesse o apunhalar enquanto dormia, e de fato, assim que ela saiu coberta por um roupão azul-royal, notou que Liam dormia profundamente na cama de casal. Diana tirou de seu cabelo o apetrecho mágico, recitou as palavras da língua antiga e se aproximou do corpo tranquilo do rei. A adaga estava empunhada, ela levantou as mãos, se preparando para acertá-lo. E ela agiu.

Antes que a adaga perfurasse a garganta de Liam, Diana parou. Ela não podia matá-lo, não naquela noite. Ela não se importava se por acaso morresse na missão, mas algo havia entrado em seu caminho, algo que havia sumido de sua mente durante o dia e retornou ao tentar tirar a vida de seu marido. Raon. Diana não poderia partir sem saber o que aconteceu com seu irmão, sem saber mais sobre a mulher que seu irmão se apaixonou e teve um filho. Se ela matasse o rei, dificilmente descobriria a verdade, mas se ela esperasse mais um pouco, poderia entender as motivações do seu irmão. Ela guardou a adaga e se sentou na cama.

— Não é por você, Santo Espírito, é por Raon.

Ela então se ajeitou na cama, tomando cuidado para não se mexer e acordar Liam, fechou os olhos e pegou no sono.



Liam abriu os olhos e o rosto de Diana estava bem à sua frente. O sono parecia tranquilo, por isso ele se aproximou mais ainda de seu rosto para ver suas características de perto. Ele estava deitado ao lado da mulher mais linda que já havia visto e nem ao menos a tinha beijado ainda. Ele colocou a mão em sua cintura e aproximou os lábios dele aos dela, mas então ela murmurou:

— Raon...

Imediatamente o rei se afastou, olhou no pescoço da esposa e viu que ela ainda usava a corrente que acreditava ser de seu antigo amor. Ele não queria se sentir ameaçado, afinal, não era um casamento com motivos para deixá-lo enciumado, mas imaginar aquela mulher amando outro homem o incomodou; ao mesmo tempo não havia nada que pudesse fazer, já que ele mesmo havia

dito que a esposa não deveria esperar nada dele, sendo assim, não era justo ele exigir nada dela.

Ele se sentou na cama pensativo, enquanto observava a rainha ao seu lado dormindo em meio a respiração lenta. Com quem ela estaria sonhando? Ela amava esse Raon tanto assim? O que ele fez para se tornar tão inesquecível em seu coração? Também não importava, ela era livre para amar quem quisesse, desde que suas intenções não traíssem o trono. Liam então levantou da cama, se trocou e saiu do quarto.

No mesmo instante em que o rei se retirou dos aposentos, a rainha abriu os olhos com o coração acelerado. Ela havia sonhado com seu irmão, mas em algum momento do sonho Liam apareceu e Diana sentiu que havia sido beijada. Ela se sentou na cama com os dedos na boca. A sensação foi estranha no sonho, nunca havia beijado ninguém em toda sua vida, nem mesmo sonhado com essa possibilidade, mas bastou uma noite com o rei para ela sonhar que ele a desejava. Ela levantou inconformada, afinal, aquele homem não a amava de modo algum, e ela nem queria que amasse, tinha apenas um objetivo naquele reino, matá-lo e tomar o trono de Enellon.

Diana já estava se trocando na frente do espelho e ficou observando os dois colares em seu pescoço o colar de fertilidade, que havia recebido de uma aldeã e o colar que encontrara no quarto do irmão.

— O que essa chave abre? — perguntou a si mesma em voz alta.

Então a empregada Anne bateu na porta, e Diana permitiu que entrasse.

— Majestade... — pela primeira vez ela estava sendo referida dessa forma, mas nunca imaginou que quando recebesse esse título seria em terra. — O rei está solicitando sua presença para a refeição.

— Oh, certo. Por acaso iremos para a cidade hoje?

— Isso mesmo, Majestade.

— Obrigada, Anne.

A empregada se retirou com um sorriso e Diana abriu a mala que Mag havia preparado para ela. Apesar de ter estranhado o uso de vestidos no início, logo começou a apreciar; acabou escolhendo um vestido rodado e florido, colocou um sapato baixo e confortável, finalizou o penteado com um laço e foi para a sala de jantar da casa. Não havia muitos funcionários, a intenção era dar ao rei e a rainha um ambiente mais reservado para que eles desenvolvessem intimidade. Assim que Diana entrou no aposento, alguns guardas se olharam dando a entender que estavam admirados com sua aparência, e o rei que já estava na mesa percebeu os olhares e limpou a garganta chamando atenção deles. Ela se acomodou na outra ponta da mesa, onde havia uma vasilha de mingau a aguardando. Diana ficou aliviada, pois até aquele momento era a única refeição humana que havia gostado de verdade.

— Não imaginei que gostasse desse tipo de vestido. Tinha certeza de que você não era como as outras garotas — observou o rei.

Diana pensou um pouco antes de responder.

— Mas eu sou uma garota. Por que eu não seria como elas?

— Ora, você não busca ser diferente do comum?

— Meu rei, eu não acredito que será através de uma calça ou vestido que me tornarei diferente das outras garotas. O que me torna diferente é quem eu sou, não o que visto.

Liam não respondeu, percebeu que não valeria a pena continuar o argumento, parecia que sua esposa tinha sempre uma resposta pronta, ela nunca estava despreparada em qualquer assunto, talvez tenha sido ensinada dessa forma, ele não sabia. Mas era estranho como eles eram semelhantes nesse quesito, pois Liam precisou aprender a vida toda que um rei nunca se cala a argumentações. É como se Diana também tivesse treinado a vida toda para ser uma rainha. Sua personalidade forte ainda o incomodava, e ele sabia a razão.

— Como era a educação na escola de damas? — perguntou Liam, tentando manter o ritmo da conversa.

— Perdão?

— A sua escola em Horizon, apenas para mulheres.

— Oh... — Diana tinha lido brevemente sobre a escola, ela lembrava de ter visto algo sobre etiqueta à mesa. — Elas eram rígidas sobre nossa postura na mesa de jantar —inventou.

O rei ficou observando Diana comer. Ela não era grosseira, mas também não tinha modos delicados, o que o levou a imaginar que provavelmente ela causasse muitos problemas a seus professores.

— Seria de seu agrado visitar sua escola?

— Não! — exclamou, percebendo que se excedeu. — Digo... não. Eu não era uma aluna apreciada na instituição, com certeza ficaram felizes com minha partida — tentou desconversar.

— Imagino — disse desconfiado.

— Para onde iremos após nosso café da manhã? —
perguntou para mudar de assunto.

— Para sua antiga escola.

— O que? Mas eu pensei que...

— Eu só perguntei se seria de seu agrado, não se você gostaria de ir.

Diana respirou fundo, já se arrependendo de não ter matado o rei na noite anterior.



Magnólia batia os pés no chão inquieta; Diana estava sozinha em Horizon, ninguém a conhecia naquele reino. E se eles precisassem visitar a escola que elas inventaram que haviam estudado? Afinal, era a escola de damas mais renomada do reino. Sentada na escrivaninha, ela criava documentos falsos de matrícula. Seu quarto era bem maior que os dos outros servos, e por ser a acompanhante da rainha, era também bonito e arejado. Ela pegou sua mochila para guardar o que havia feito, encontrou o caderno que Diana havia pedido que escondesse, e se sentiu tentada a abri-lo, mas decidiu respeitar a privacidade da amiga e o escondeu em uma gaveta.

Ela saiu do quarto e foi em busca de informações, precisava saber onde conseguiria um roteiro do trajeto que o rei e a rainha fariam na lua de mel. Mas, quem teria tal conhecimento? E mesmo que ela soubesse onde acessar o roteiro, como o pegaria? Então

ela lembrou, detestava ter que fazer isso, mas havia alguém que poderia ajudá-la.

Ela esbarrou em uma moça que passava pelo corredor e perguntou onde ficava determinado local, quando a mesma descreveu a direção, ela correu para lá. Chegando onde queria estar, avistou um rapaz cochilando debruçado em uma mesa cheia de papéis, era bem cedo, o sol havia acabado de nascer, então ela entendia o cansaço. Soltou uma tosse falsa para tentar acordá-lo, e alcançou seu objetivo, pois o rapaz acordou assustado com receio de ser o chefe e já começou a se desculpar, sem sequer ver quem era. Ele olhou para quem estava à sua frente e sorriu.

— Você veio.

— Sim — proferiu com as mãos trêmulas. — Eu vim, Miguel.

O rapaz se levantou e tratou de puxar uma cadeira.

— Não é necessário.

— A que devo o prazer de sua companhia, Senhorita Kernighan? — indagou, enquanto voltava a se sentar.

— Miguel, vou direto ao ponto. Imagino que como guarda do setor de segurança você possua essa informação.

Miguel percebeu que o teor da conversa estava sério.

— Do que precisa?

— Preciso saber por onde a rainha irá passar durante sua lua de mel. Você saberia me dizer?

— Eles irão viajar para três reinos, Horizon, Priton e Algerne.

— Sabe me dizer exatamente onde eles irão passar em Horizon?

— Sei, mas... — Miguel parou um pouco — porque quer saber?

Magnólia estava pronta para usar seu dom de manipulação para fazê-lo falar, mas exatamente no momento que ela iria manipulá-lo ele levantou.

— Bom, isso não é da minha conta, imagino que deva estar preocupada por ser sua irmã.

— Ah... — Se surpreendeu por não precisar usar seus dons.
— Isso, minha irmã.

— Então você veio até aqui porque sabe de minhas intenções, e sabia que eu acabaria cedendo aos seus pedidos.

— Sim. — Mag não quis negar.

— Então está me usando — afirmou.

— Estou — respondeu, sem conseguir olhar para ele.

— Posso te usar também? — perguntou com um sorriso.

— O que? — levantou o rosto.

— Você está me usando para conseguir o que quer, então gostaria de te usar para conseguir o que eu quero. Ficaremos quites, o que acha?

— O que você quer? — perguntou receosa.

— Um encontro.

Mag ficou surpresa, não esperava essa resposta.

— Só isso?

— Posso pedir por mais? Um be...

— Não! — exclamou enquanto abanava as mãos. — Um encontro está ótimo. Eu... Eu nunca fui em um antes mesmo.

O rapaz riu.

— Muito engraçado.

Mas Mag ficou olhando para ele sem entender.

— Ah, você fala sério! Espera... O que? Por quê? Você é linda! — disse sem acreditar, qualquer homem que deixasse de notar a beleza de Magnólia certamente seria um tolo.

Mag não conseguiu responder, ficou apenas olhando para o rapaz com o sorriso radiante à sua frente. Todo aquele esforço que Miguel estava tendo para conquistar a afeição dela era diferente de tudo que tinha visto. Ela já havia se apaixonado antes, mas para o tritão que ela amava, Mag não passava da melhor amiga da princesa fracassada. Magnólia abriu mão de muita coisa para servir ao trono, e toda vez que precisava pensar um pouco nela, se sentia culpada. Ela sabia que aquele rapaz nunca a amaria, mas pelo menos dessa vez queria ter a sensação de se sentir amada.

— Muito bem, um encontro pelo mapa de Horizon e o trajeto que a rainha vai tomar no reino — disse até um pouco empolgada pelo encontro.

O rapaz estava satisfeito, para ele era uma troca mais que justa, mas era óbvio que quem estava ganhando com a troca era Magnólia. Ele abriu uma gaveta atrás dele e pegou um pequeno aparelho. Ele ativou e uma imagem holográfica do reino de Horizon surgiu, então marcou dois pontos vermelhos com uma caneta especial.

— Eles irão passar na escola de damas de Horizon primeiro, a rainha de lá financia a escola e, portanto, a apresentação deles será neste local. Passarão o dia na cidade cumprimentando os aldeões, voltarão para a casa no campo e irão embora com uma despedida no porto, irão de navio para Priton.

Mag pegou o apetrecho e guardou em sua mochila.

— Obrigada, Miguel. Mas preciso ir.

— Pretende ir para Horizon agora? São quatro horas de viagem — apontou.

Na verdade, Magnólia pretendia ir nadando para o outro reino, mas ela acabaria levando o dobro do tempo.

— Meu turno acabou. Eu posso te levar — sugeriu.

— Não é necessário — respondeu Mag de costas, já se afastando.

— Te levo em três horas! — exclamou.

Ela se virou para ele.

— Consegue em duas?

O rapaz sorriu.

— Vai precisar de capacete.



O reino de Horizon se parecia mais com aquilo que Diana imaginava ser um reino humano: carroças, cavalos e muito campo. De fato, Enellon era diferente dos reinos vizinhos, a tecnologia tornava o reino especial, mas esse mesmo atributo havia sido desenvolvido pela tradição da caçada. Diana estava com medo,

qualquer passo em falso poderia entregar que ela não havia estudado em Horizon. Sua mente estava tão fora da realidade que nem percebeu quando Liam a chamou para sair do carro.

— Você quer ficar aí dentro? — perguntou impaciente.

Diana apenas assentiu com a cabeça e se preparou para sair do carro, o rei ofereceu a mão para ajudá-la e então ela parou.

— Por que não me oferece sua outra mão?

Liam ficou incomodado com a pergunta, sua mão esquerda sempre estava coberta pela luva de couro e ninguém se atrevia a perguntar a razão.

— Você é uma rainha independente — respondeu e se retirou, decidindo não ajudá-la a sair do carro.

— O que você esconde, Majestade? — sussurrou.

Eles haviam estacionado em frente a escola, uma construção grande e tradicional, de onde algumas meninas saíam com seus uniformes e cadernos. Quando passavam pelo rei, suspiravam e cochichavam entre si, e Liam, por sua vez, era atencioso e cumprimentava todas. Ele parecia ser alguém totalmente diferente com Diana, com qualquer outra pessoa era amigável e gentil, mas com a esposa parecia fazer questão de ser indelicado.

Diana apressou o passo para alcançar o rei, se ajeitou ao lado dele e foram recebidos pela rainha de Horizon.

— Elena! — exclamou Liam, fazendo Diana perceber que tinham certa intimidade. — Que alegria te reencontrar!

— Sinto o mesmo, Majestade — observou a mulher com um sorriso sedutor.

— Lamento imensamente não comparecer no velório do rei George, mas mandei meu representante, Drakkar, ele foi do agrado

de vocês?

— Não se perturbe com isso, querido Liam, afinal, você também estava em luto — a rainha fitou Diana e pareceu ficar desconcertada com a bela presença da moça —, e imagino que estava ocupado na escolha de sua esposa.

Imediatamente Liam se virou para Diana, completamente envergonhado por ter esquecido de apresentá-la.

— Me perdoe, minha rainha. — Pegou em sua mão. — Elena, essa é Diana, a rainha de Enellon.

— É um prazer conhecê-la, Majestade — disse Diana enquanto se curvava.

— Você achou uma peça rara, Liam. É provavelmente a mulher mais linda das redondezas. Apenas cuidado com os rapazes ao redor dela, uma moça nessa aparência é uma companhia perigosa.

Liam apertou a mão de Diana sem perceber. Imaginar outros homens desejando-a o incomodou de certa forma, mas assim que notou estar quase machucando as mãos de sua esposa, soltou e se desculpou com um sussurro.

— Minha rainha possui atributos que vão muito além da beleza que possuí, e acredito que a senhora tenha certa parcela de culpa nisso.

— Como eu poderia? — perguntou intrigada.

— Diana já estudou nesta instituição — exclamou orgulhoso.

O estômago de Diana embrulhou, acabara de chegar e provavelmente seria desmascarada. A rainha de Horizon a olhou um tanto confusa.

— Engraçado, não me lembro de você — observou.

— Eu era uma aluna muito discreta — tentou convencer.

A rainha deu uma gargalhada.

— Acha mesmo que com essa aparência você seria uma aluna discreta? Querida, nem se você quisesse passaria despercebida!

Diana não tinha mais desculpas, Liam a olhou esperando uma resposta.

— Acho que sua rainha se enganou — continuou —, nessa escola nós nunca... — e então parou.

Liam permaneceu olhando para Elena por um tempo, esperando que ela terminasse a frase, mas ela não se mexia, até que de repente ela piscou os olhos e sorriu para Diana.

— Como sou tola, claro que lembro de você, uma aluna exemplar, aliás. Meus parabéns, Liam, escolheu sua companheira com excelência.

Liam sorriu, mas logo desfez o sorriso quando percebeu que Diana o olhava de relance, ele coçou a garganta e agradeceu o elogio. Diana estava confusa e sem acreditar no que havia acabado de acontecer, parecia que nem era ela que estava pronunciando aquelas palavras.

— Então, minha querida, o que você mais gostava de estudar aqui?

— Oh... — exclamou, tentando ganhar tempo e imaginar o que gostava de estudar em Norisea. — Eu apreciava o estudo da origem das guerras.

— Temos aqui uma jovem estrategista! — exclamou. — Cuidado para ela não querer roubar seu trono, Liam.

Os dois riram ao pensar na possibilidade e somente Diana permaneceu sem se mexer, assustada por pensar que "roubar o trono" era exatamente o que ela queria fazer ali.

— Vamos entrar agora, me perdoe estarmos lotados de repórteres, mas após sua apresentação, eles esperam um pronunciamento meu.

— E do que se trata? — perguntou Liam curioso.

— Sobre quem herdará Horizon, pois George se foi e não tivemos herdeiros.

Liam apenas assentiu com pena e eles foram recebidos pela imprensa que já os aguardava ansiosa. Elena subiu ao palanque e se preparou para falar.

— Muito obrigada a todos pela presença. Hoje recebemos um parceiro comercial muito estimado por nós: Rei Liam Gribanov, juntamente com sua esposa, Rainha Diana Gribanov.

Os dois se levantaram e todos aplaudiram, enquanto alguns fotógrafos se preocuparam em fotografar o melhor ângulo da bela rainha que fora apresentada.

— Se acalmem, vocês terão muito tempo para capturar os melhores momentos da rainha Diana, já que eles nos agradecerão com sua presença durante todo o dia. Liam, pode nos dirigir algumas palavras?

O rei se aproximou do microfone com um sorriso gentil, um sorriso que Diana nunca viu direcionado para ela, sempre para os outros.

— É uma grande honra poder visitar este belíssimo reino novamente, acredito que nossa parceria ainda se estenderá por muitos anos. Espero também trazer mais do nosso conhecimento

tecnológico para esta terra para que assim prosperemos juntos, dividindo nossos recursos e, principalmente, nossa amizade.

O discurso de Liam era bastante bonito e eloquente, mas para Diana não passava de hipocrisia. Se Enellon era um reino tão benevolente com os reinos vizinhos, por que não poderia ser assim também com Norisea? Ela simplesmente sabia que aquela guerra não teria fim enquanto o rei inimigo não fosse morto. Ela estava tão concentrada em seus pensamentos vingativos que não percebeu quando Liam finalizou o discurso, só notou o que estava acontecendo quando a rainha de Horizon se preparou para seu pronunciamento.

— Obrigada pelas palavras, Rei Gribanov, agora imagino que vocês anseiam por informações a respeito do futuro do nosso reino. Meu amado marido, que os Espíritos o tenham, me deixou ainda muito novo. A linha de sucessão ao trono passaria logicamente para o familiar mais próximo, e como todos vocês especulavam, sim, seria seu primo Edward. — O salão foi tomado por murmúrios. — Imagino que ele já se prepara para estar aqui em nosso reino na próxima semana para tomar o trono por direito, e assim deixarei o grande fardo que é carregar essa coroa e me juntarei a vocês.

Era fácil notar que o que saía da boca da rainha não era o mesmo que ela sentia, ela não estava contente ao precisar voltar a ser plebeia.

— Mas! — exclamou para dar entonação — George me surpreendeu, mesmo com sua partida ele conseguiu me presentear. Edward não poderá tomar o trono porque eu carrego em meu ventre o herdeiro de Horizon.

Todos os repórteres no salão levantaram para fazer perguntas, gerando imensa algazarra. Elena fez o sinal para um dos jornalistas, permitindo que perguntasse.

— Há quanto tempo Vossa Majestade sabe de sua gravidez?

— Descobri logo após o falecimento de meu marido. Parte meu coração pensar que ele nunca soube que seria pai, era seu sonho. Peço que os cidadãos cuidem de sua rainha, meu ventre agora é sagrado, eu almejo de todo o meu coração que essa criança venha ao mundo para honrar o nome do rei George.

O salão ficou repleto de aplausos, George era um rei querido pelo povo, portanto, era de alegria geral que o reino poderia ficar em paz com a chegada do herdeiro. Diana sorria enquanto assistia à comemoração. Ela se virou para Liam e o viu sério, sem reação, notando que alguma coisa naquele discurso não o havia convencido. A rainha permitiu que mais um repórter falasse.

— E se for uma menina?

De repente, todos ficaram quietos.

— Mesmo que seja uma garota, assim como George sempre sonhou, lutarei para que nossa filha tenha direito a esse trono. — Todos voltaram a cochichar entre si. — Eu sei que isso não é o costume, mas um herdeiro é um herdeiro! A criança nascerá com sangue real, é injusto tirá-la seu direito de nascimento. Porém, vocês se enganam e me subestimam, caro povo. Se for uma menina, serei justa com a tradição e a linhagem. O primo Edward tem um lindo filho de apenas três anos e nós já acertamos que quando o herdeiro de George nascer, se for menina, ela estará automaticamente prometida ao filho de Edward, mantendo assim a linhagem que vocês tanto prezam.

O povo pareceu convencido, mas, Liam não. Na verdade, até Diana parecia intrigada. Nunca houve casamento forçado em Norisea, mas parecia que em terras humanas eles tirariam o direito de escolha de uma criança que nem havia nascido ainda por puro capricho.

As pessoas ali presentes foram convidadas a se retirarem para celebrar a festa de boas-vindas do rei e rainha convidados e também para celebrar a esperança de um herdeiro. Uma belíssima orquestra os aguardava do lado de fora, eles dariam a abertura para a celebração. Liam e Diana já estavam com seus lugares reservados e se acomodaram em seus assentos, então a música começou, mas, apesar da agradável composição, Liam parecia desconfortável. Diana sabia que era uma ótima oportunidade para saber mais dos pontos fracos do marido.

— Há algo que lhe incomoda, meu rei? Existe alguma coisa que eu possa fazer para aliviar sua frustração?

Liam pigarreou.

— Nada que esteja ao seu alcance, minha rainha — respondeu sem olhar para ela.

— Talvez você apenas ainda não saiba do que sou capaz de alcançar.

Antes que Liam pudesse reagir, uma nota desafinada e aguda incomodou os ouvidos da plateia, era um novato no trompete. Liam riu e se aproximou do rosto de Diana para fazer algum comentário maldoso.

— O que? Não entendi — falou Diana, incomodada com o som alto, mas ainda mantendo o olhar para o pobre novato que já estava com o rosto vermelho de vergonha.

— Eu disse... — mais uma nota aguda e desafinada.

— O que disse? — Ela virou seu rosto para ver os lábios dele se mexendo, talvez assim ela entendesse melhor.

— Pelos espíritos, você é surda? Eu disse que... — então ele se virou para cochichar em seu ouvido.

O rosto do casal recém-casado ficou tão próximo que seus narizes quase se tocaram. Como em um reflexo, os dois se afastaram assustados e Liam sentiu seu coração disparar de ansiedade. Diana tentou disfarçar, como se aquele momento não tivesse acontecido e abaixou a cabeça enquanto pensava no que dizer, mas Liam não conseguia tirar os olhos dela, a mulher ao seu lado era simplesmente apaixonante. Diana era irritante e para tudo tinha uma resposta, isso tirava Liam do sério constantemente, aquele relacionamento era uma bagunça, mas para o rei de Enellon, parecia ser uma bagunça confortável de estar. Ele ainda não sabia se poderia chamar o que eles tinham de relacionamento, afinal, estavam em lua de mel e ainda não haviam tido uma noite de intimidade e, na realidade, só de pensar na possibilidade já o fez suar de nervosismo. Liam precisava melhorar a relação com a esposa e talvez para isso ele também precisasse deixar alguns traumas de lado. Ainda sem tirar os olhos dela, Liam pegou em sua mão.

— Diana, olhe para mim, por favor.

A rainha levantou o rosto, mas de relance pareceu ter visto alguém familiar se escondendo em meio a decoração da festa.

— Eu... Eu preciso ir agora — Tirou sua mão da dele.

— O que? Por quê? — questionou, um tanto confuso.

— Em breve eu retorno para estar ao seu lado. Onde será a próxima programação?

— Na praça, mas... aonde você vai?

— Eu acho que vi uma amiga que não vejo há anos.

— Então a convide para se sentar conosco.

— Oh não, ela é muito tímida.

Se retirou apressadamente, sumindo em meio a multidão. Liam coçou a cabeça, as maçãs do seu rosto estavam fervendo.

— Não será tão simples como pensei — disse consigo mesmo.

Diana corria entre os becos procurando o rosto familiar, até que uma mão pequena e delicada fez um sinal de dentro de uma tenda. Ela entrou.

— Mag! O que está fazendo aqui?

— Você pode começar me agradecendo, isso, sim.

— Claro, foi você naquele momento com a rainha. Você me salvou mesmo, mas como chegou aqui? Você tem mais algum dom que eu não saiba? Teletransporte talvez?

— Na verdade, alguém me trouxe — Ficou com o rosto ruborizado.

— Quem? Um dos nossos espiões?

Mag não conseguiu falar, estava envergonhada.

— Pelos espíritos, o guarda na entrada do reino!

— Sim... Ele mesmo.

— Qual o nome dele mesmo? Michael?

— É Miguel! — afirmou.

— Entendi, mas por acaso ele viu você... sabe?

— Ele não viu nada, ele só sabe que eu queria vir ver você, então, em alguns momentos eu pedia para ele buscar alguma coisa para mim, agora mesmo ele deve estar procurando uma tenda do que os humanos chamam de sorvete.

— Obrigada por se preocupar comigo, Mag. Mas eu acredito que agora não será mais necessário, não quero que se arrisque.

— Tudo bem, apenas fique atenta com a rainha, ela tinha uma mente fraca, mas estranhamente manipulável.

— Você conseguiu ler seus pensamentos?

— Não, somente telepatas fazem isso. Manipuladores são bons em manipular objetos e cores, mas manipular pessoas não é tão simples.

— Entendo. Preciso voltar! Te vejo em Enellon — Abraçou a amiga.

— Tem certeza que não vai mais precisar de mim?

— Nossa próxima parada será em outro reino, estou bem agora.

Diana saiu da tenda deixando Magnólia sozinha, mas a solidão não durou muito, Miguel entrou segurando duas casquinhas de sorvete, uma já estava derretendo.

— Aquela era a rainha? Ela é bonita mesmo — ele observou.

— Claro que é, não reparou quando chegamos no reino?

— Eu não estava reparando nela — disse, com um sorriso meigo.

O coração de Mag bateu acelerado. Ela colocou uma mecha da trança atrás da orelha e tentou não olhar para o rapaz à sua frente.

— Bom, nós podemos ir embora agora. Já resolvi o que precisava resolver.

Miguel ofereceu a casquinha de sorvete que ainda estava intacta, Mag agradeceu e pegou.

— Sim, podemos ir... — comentou Miguel —, ou podemos ficar até anoitecer, fiquei sabendo que o encerramento será com fogos de artifício.

Mag o olhou intrigada.

— Você nunca viu um show de fogos de artifício?

Ela fez um sinal negativo com a cabeça.

— Então está decidido, vamos ficar!

Mag sabia que precisavam ir embora para não correr o risco de serem vistos, na verdade, ela poderia facilmente usar seu dom de manipulação para convencê-lo a partir, mas ela não queria. Então apenas concordou e sorriu de volta, já esperando ansiosamente pelo evento da noite.



Diana chegou na praça onde já estava todo o povo celebrando e dançando, ela estava tão ocupada com seus pensamentos que esqueceu de reparar na linda decoração que o reino havia preparado para recebê-los. No ambiente havia muitas tendas servindo comidas típicas da região e com aroma delicioso, então o estômago dela roncou alto, a fazendo perceber que ainda não havia comido. Diana se aproximou de uma tenda que servia um tipo de crepe.

— Olá, quanto é? — Apontou para o crepe com um recheio esverdeado.

A vendedora a reconheceu imediatamente.

— Para nossa convidada não custará nada. Aqui, pegue. — Entregou com um sorriso gentil.

Antes que a rainha pudesse pegar, alguém pegou no seu lugar.

— Dois, por favor. — Era Liam.

Ela pegou mais um crepe e o entregou, e ele ofereceu quatro moedas de rubrio.

— Oh não, Majestade, isso é muito mais que vale, já falei que é cortesia da casa.

— Eu insisto — disse com um olhar suave.

Ela ficou sem graça de recusar, então agradeceu e pegou as moedas. Liam se despediu com um sorriso, pegou na mão de Diana e saiu a puxando de lá.

— Minha rainha, não importa se for presente, você sempre paga o povo.

— Mas por quê? A ideia do presente não é justamente não pagar?

Liam a soltou e se virou para ela.

— Diana, nós somos afortunados. Essa gente tem menos que nós, como eu poderia tirar deles a única coisa que tem? Essas quatro moedas não farão diferença para mim, mas para aquela família fará.

Diana não conseguiu falar nada, esse era um lado do rei que ela definitivamente não conhecia: ele era bondoso; era de fato bondoso. Mas tamanha bondade machucava o coração da rainha,

se ele era tão bom, por que tratava o povo dela daquela maneira? Não tinha como não odiar sua hipocrisia.

— Posso comer agora?

— Depende, você vai vomitar em mim de novo?

— Apenas se me excluir de outra reunião importante.

— Não era importante, era só uma reunião sobre a caçada.

Era isso, ela o odiava. Nada relacionado a morte do povo dela era importante para seu marido. Raon havia morrido em uma caçada e para o rei aquilo não era importante.

— Eu perdi a fome — disse, já se retirando da presença do rei.

— Ah, Diana, por favor! Por que você sempre tem que ser tão difícil?

Ela se virou para ele com os olhos cobertos de fúria.

— Eu não sou difícil! Você é difícil! Você não faz ideia o quanto é difícil! Eu carrego um peso que você jamais entenderia!

— Como não? Eu carrego uma coroa! Carrego o fardo de governar um povo desde que nasci! É você que não entenderia isso!

— Você não sabe o que diz.

— Que peso é esse que você lamenta tanto por carregar?

Ela não podia responder, então apenas virou se afastando ainda mais do rei.

— Por acaso se trata daquele amor? — gritou.

Ela voltou seu olhar para Liam.

— Sempre será sobre ele — respondeu com os olhos marejados e sumiu novamente na multidão.

Liam sabia que havia perdido, não importava o quanto ele lutasse, Diana jamais superaria aquele amor. Apesar de ser de seu

conhecimento desde o início que não era um casamento com intenções românticas, ele ainda tinha uma pequena esperança que fosse. Liam estava ardendo de ciúmes, como ele queria saber quem era aquele homem que havia tomado o coração de Diana por completo.



Horas já haviam se passado desde a discussão do jovem casal, Liam precisou passar o restante de sua tarde se desculpando com diversos jornalistas por não estar acompanhado da bela esposa, a desculpa era sempre a mesma "ela não estava se sentindo bem".

Já estava anoitecendo e alguns aldeões carregavam em carroças um amontoado de fogos de artifício para o encerramento. Liam estava cansado e extremamente frustrado, ele se sentou em uma cadeira e começou a passear os olhos pela praça, com muitas luzes, comida, muita cor e muitos casais aproveitando a celebração para tornar a noite mais romântica. Em um relance ele viu Diana caminhando sem rumo perto de alguns becos escuros. Será que ele deveria ir falar com ela? Talvez ele apenas devesse entendê-la um pouco mais. Por que não perguntar o que houve em suas costas na época da seleção? Talvez ela não se sentisse à vontade de dizer ou talvez tenha tentado e ele não quis ouvir. Liam se sentiu um idiota.

Mas, e se então ele começasse compartilhando um segredo? Será que melhoraria a relação? Liam olhou para a mão esquerda coberta pela luva de couro, mas desistiu, ele ainda não estava

pronto para falar sobre, mas talvez houvesse algo que ele poderia contar.

Ele então levantou para ir ao encontro da rainha, mas acabou presenciando uma cena aterrorizante. Sem tirar os olhos de Diana ele a viu ser puxada por trás por dois homens e então arrastada para dentro do beco escuro. A respiração de Liam ficou ofegante, ele a estava vendo de longe, correu esbarrando em todos a sua volta até alcançar o beco, tirou do bolso uma adaga que sempre carregava consigo e entrou na escuridão. A lua iluminava um ponto específico do beco e foi ali que ele avistou os dois homens desmaiados no chão e Diana em pé de costas para Liam. Ele riu por dentro e guardou a adaga.

— Você sabe mesmo se virar sozinha.

Liam se aproximou e colocou a mão direita em seu ombro, mas como um reflexo Diana segurou seu braço e com um golpe o deixou imóvel no chão.

— Diana, sou eu! — gritou. — Seu marido!

Diana o soltou assustada.

— Majestade...

Ele levantou limpando a sujeira da roupa.

— Francamente, mulher. Eu... — Assim que virou o rosto para ela, viu que estava chorando. — Diana! Esses homens tocaram em você?

Ela não conseguia responder, as lágrimas caíam sem parar. Liam a segurou pelos braços.

— Ele te violaram? Te machucaram? Por favor, me diga!

Ela só conseguiu acenar negativamente com a cabeça.

— Só está assustada então...

A rainha apenas concordou, sem conseguir dizer nada.

— Ah, Diana... — E então a abraçou. Era a primeira vez que abraçava sua esposa. — Eu vou avisar os guardas sobre esses homens.

Liam se preparou para soltá-la, mas Diana acabou impedindo. O abraço dele era forte e acolhedor, muito parecido com o abraço do irmão. Liam entendeu que aquele não era o momento de deixá-la andar sozinha, então com cuidado a pegou no colo e foi até onde estava o carro. No meio do caminho se encontrou com seus motoristas.

— A rainha está indisposta no momento, a levarei para a casa de campo.

— Eu os levarei, Majestade — respondeu um dos motoristas.

— Não se preocupe, sei que a noite está agradável e esperam ansiosamente pelo show de fogos — Liam tirou algumas moedas do bolso —, levarei o carro, pague uma carruagem para levá-los de volta e aproveitem a festa.

O jovem motorista estava claramente grato.

— Ah, avisem os guardas que tem dois criminosos no beco perto da terceira tenda.

— Avisarei, Majestade.

Liam caminhou ainda segurando Diana no colo, ela estava com a cabeça abaixada, mas segurando fortemente em sua roupa. Ele sabia que ela era mais que capaz de se virar sozinha, provavelmente os homens burros não sabiam das habilidades de autodefesa da rainha. Mas, mesmo ela saindo sem nenhum arranhão, com certeza o susto deveria ter sido grande. Ninguém deve gostar de ter seu corpo tomado à força.

O rei abriu o carro e a colocou no banco do passageiro, acomodando-a gentilmente ali, entrou no veículo e partiu para a casa de campo.

Os pensamentos de Diana estavam perturbados, ela lembrava do que havia lido no pergaminho sobre a origem da caçada. O coração apertava ao pensar como aquela princesa havia se sentido ao ter sido desrespeitada daquela forma naquela época. Se ela que nem havia sido tocada já estava se sentindo completamente suja e violada, imagina então a pobre princesa.

— Por favor, não ande mais sozinha, principalmente à noite — pediu Liam suavemente enquanto dirigia. — Você é bonita demais para esse povo, tudo que é belo eles se sentem no direito de tomar. Não é o certo, mas é como é. Mesmo que a gente brigue, o que provavelmente vai acontecer mais vezes, por favor, não fique longe de mim.

— Eu... — tentou se defender.

— Eu sei que você consegue fazer qualquer coisa sozinha, eu sei. Mas não significa que precise, não agora, não mais.

Liam estacionou o carro em frente a casa de campo e levou Diana para dentro do quarto, a sentou na cama, pegou uma coberta e cobriu suas costas.

— Como está se sentindo? — perguntou preocupado.

— Não sei ainda. — Ela estava com os olhos vermelhos.

Ele se acomodou ao seu lado.

— Onde aprendeu a lutar assim?

— Minha família me ensinou.

— É a primeira vez que vejo uma mulher como você. Normalmente apenas os homens fazem esse tipo de treinamento.

— Talvez seja por isso que os homens dessa terra se sentem no direito de tomar as mulheres, eles ficam mais fortes, e nós, mais indefesas — disse, lembrando da história da Esmeralda.

— Acredita então que deveríamos treinar homens e mulheres igualmente?

— Acredito que sim.

Liam ficou pensativo, o raciocínio estava certo, só não era comum. Como o povo iria reagir aquela sugestão?

— Você pode sugerir essa pauta em nossa próxima reunião do conselho.

— O que? — perguntou Diana sem entender.

— Me perdoe ter te excluído da reunião sobre a caçada. A partir de agora sua presença será obrigatória em qualquer discussão sobre o reino.

Diana lhe ofereceu um sorriso tímido.

— Você parecia incomodado com o pronunciamento da rainha Elena — tentou mudar de assunto.

— Ah isso... Eu queria falar sobre isso com você mesmo.

Diana ficou com os ouvidos atentos.

— O rei George era meu amigo, e de fato seu maior sonho sempre foi ser pai, principalmente pai de uma menina.

Ela sorriu ao lembrar do irmão que sempre dizia que queria ter uma filha como ela.

— Elena é uma mulher interessante, sempre pareceu que George a amava mais do que ela o amava. Ela não pareceu sofrer muito com a partida dele, talvez porque já estivesse sofrendo com a perda do trono, não sei.

— Que bom que a gravidez veio no momento certo.

— Então... George era estéril.

Diana colocou as mãos na boca espantada.

— Ele mesmo me disse isso, chorando amargamente por não poder dar herdeiros ao trono. Então não sei de quem Elena está grávida, mas não é de George.

Diana não conseguia achar palavras para o que acabara de ouvir.

— Ela já estava com tudo preparado, já tinha se armado até para a possibilidade do bebê ser uma menina e não correr o risco de perder o trono. Me faz desconfiar que talvez ela tenha planejado até a morte do próprio marido, mas isso não posso afirmar com tanta convicção, são apenas teorias.

— Compreendo — foi a única coisa que conseguiu dizer.

Liam a puxou para mais perto dele, a fazendo olhar diretamente em seus olhos.

— Diana, eu prometo que jamais tocarei em você sem sua permissão. Você sempre terá máximo respeito da minha parte. Acredito que você, de todas as mulheres que já conheci, é a que mais possui perfil para governar uma nação. Por isso, tome o tempo que precisar até sentir que pode confiar em mim, até você ter certeza que meus toques jamais te tocarão na intenção de te ferir. Preciso que trabalhemos juntos para fazermos Enellon prosperar.

Por alguma razão, aquelas palavras fizeram Diana se sentir a vilã. O plano ainda estava de pé, ela ainda pretendia matar o rei, usurpar o trono e tomar o reino de Enellona à força. Mas quanto mais tempo ela passava com seu marido, mais difícil imaginar o trabalho sendo feito era. Liam escondia bondade em uma carcaça ferida, ela queria conhecer mais desses ferimentos, dos seus

segredos e dos seus desejos. Mas também sabia que, à medida que descobrisse mais do rei, também teria menos coragem de matá-lo. Sereias não matavam, não apreciavam isso, só o faziam em casos extremos, portanto, ela já estava indo contra sua natureza apenas por pensar em alguma morte causada por suas próprias mãos. Mas o sentimento de vingança a motivou e a recente simpatia de Liam não ajudava.

O quarto estava escuro e silencioso, a maioria dos funcionários estavam na celebração no centro de Horizon, era o ambiente perfeito para uma noite de intimidade. Liam se aproximou mais um pouco e tocou nos cabelos de sua rainha.

— Você tem um cheiro tão bom.

— Eu achei que cheirava a peixe.

— Eu menti.

— Sim, eu sei.

Eles riram. O rapaz aproximou mais o rosto do dela e Diana não conseguiu recuar. De repente, um clarão colorido juntamente com um estrondo invadiu o quarto. Diana cobriu o rosto assustada.

— Pelos espíritos, o que é isso?

— Ah, são os fogos, é possível ver dali da sacada, vamos lá!
— disse, já a puxando para fora.

Os olhos de Diana foram enfeitiçados pelo show de cores que dançavam no céu.

— Majestade, que lindo! Que lindo! Que lindo! — exclamou, sem acreditar no que via.

Liam a admirava com um sorriso enquanto ela apreciava o céu. E por longos minutos foi assim que permaneceram.



No castelo de Horizon, a rainha Elena se contorcia na cama ao sentir um vazio ao seu lado. O homem a alguns metros da cama vestia suas roupas.

— Não acredito que já vai partir.

— Tenho afazeres em meu reino, Majestade.

— Sim, imagino. Ah, para te manter informado, os dois rapazes que contratei foram presos.

— O que? — perguntou revoltado. — Como?

— Foram encontrados no chão de um beco, cheio de ferimentos. Parece que alguém deu uma surra neles.

— Mas eles não haviam ido sequestrar a rainha?

— Pois é, então ou o rei Liam apareceu como um herói e a salvou, ou ela se livrou deles sozinha. É estranho, porque Liam não é violento.

— E não é mesmo, foi ela.

— Mas é difícil acreditar que uma mulher tenha espancado dois homens sozinha.

— Só existe um lugar no mundo que treina mulheres com esse tipo de habilidade.

— Ah é? E qual seria?

Ele não respondeu, apenas abotoou a camisa e se preparou para pular a janela.

— Ei! Não vai se despedir do bebê?

O homem revirou os olhos e pulou para fora do quarto.

— Tchau tchau, papai Drakkar — sussurrou a rainha.



A luz entrava delicadamente por uma janela surrada de madeira, pássaros agitados do lado de fora serviram como um chamado para o despertar. Os olhos se abriram devagar, até a moça perceber que não estava em casa. Em um pulo, se sentou na cama e permaneceu avaliando o ambiente, que não lhe era familiar. Uma batida suave na porta a tirou do transe, e mesmo confusa, permitiu que entrasse. Era ele, sempre com o mesmo sorriso faceiro.

— Bom dia, Mag, gostaria de comer alguma coisa antes de ir?

— Miguel? — perguntou enquanto coçava os olhos. — Nós dormimos aqui?

— Sim! Quer dizer... você dormiu aqui, eu dormi no meu quarto.

— Onde estamos?

— Em um lugar que chamam de hostel. Ainda estamos em Horizon.

— Pelos espíritos! — exclamou enquanto se levantava com pressa. — Por que ainda estamos nesse reino?

— Ah, fomos ver os fogos, mas quando terminou você acabou pegando no sono, então te trouxe para cá.

— Por que não me acordou? — indagou enquanto calçava os sapatos.

— Não sei. — Deu de ombros. — Você estava tão linda dormindo tranquilamente em meus braços.

Magnólia agradeceu aos espíritos por estar de costas para que Miguel não visse seu rosto corado de vergonha. Ela ajeitou seu cabelo e se virou para ele.

— Temos sorte de que o rei e a rainha ainda irão visitar outros reinos, então não sentirão nossa falta.

— Oh, sobre isso... — Estava nervoso por ter que contar.

— O que? — Ela já esperando o pior.

— O rei e a rainha acabaram de viajar voltando para Enellon, parece que surgiu um assunto urgente para resolver.

— Miguel! — gritou, totalmente inconformada. — Deveria ter vindo me acordar imediatamente!

— Mas foi o que eu vim fazer — justificou-se.

— Você deveria ter vindo me acordar desesperado, não me oferecendo café da manhã!

— Você não gosta de café?

— Eu... — Percebeu que seria inútil argumentar. — Precisamos ir! Naquele mesmo esquema, tá bom?

— A gente chega antes deles — gabou-se com um sorriso confiante, enquanto jogava o capacete para Mag.



Liam batia os pés com força no chão do palácio, absolutamente irritado por ter tido sua lua de mel interrompida, justamente quando estava melhorando a relação com a esposa. Diana o olhava desconcertada, correndo para acompanhar seu passo apressado.

— Está chateado?

— Claro que estou! — exclamou.

— Mas por quê? Tinha alguma coisa importante que queria fazer nos outros reinos ainda?

O rei parou e fitou Diana dos pés à cabeça.

— Sim, tinha! — disse com um sorriso revoltado.

— Compreendo — concordou, tentando acalmá-lo.

Liam continuou caminhando até a sala do trono, sem conseguir dizer mais nada. Ele abriu a porta esperando resolver o assunto com rapidez, mas assim que entraram e viram o que os aguardava, a respiração de Diana travou, suas mãos começaram a suar imediatamente e ele teve a sensação que começaria a chorar. Rage estava acorrentado, escoltado por dois guardas. Ele quem fizera a arma que ela sempre carregava em seus cabelos, e agora estava ali à sua frente, sem saber o que fariam com sua vida.

— Quem é esse? — perguntou Liam, buscando entender o contexto.

Drakkar saiu das sombras para responder.

— Um tritão, Majestade. Foi encontrado produzindo apetrechos mágicos com nossa tecnologia. Ele estava com uma

parceira, mas ela conseguiu escapar.

Na mesa estavam os chamados apetrechos, e Liam se aproximou para observar com atenção. Pegou uma pequena bola de metal, jogou para cima e ela não caiu, permaneceu pairando em sua mão.

— Incrível... — sussurrou.

— Majestade! — Rage exclamou, olhando diretamente para Liam. — Veja o que podemos produzir quando unimos nossas forças!

Imediatamente Drakkar o socou no rosto com tanta força que ele caiu no chão. Diana apertou o colar em seu pescoço.

— Cale-se, aberração! — gritou. — Não tente nos enganar com esses discursos de paz!

— Se acalme, Drakkar. Já iremos resolver isso — observou o rei.

— Chamarei uma serva para acompanhar a rainha até seu quarto — disse Drakkar, tentando tirá-la da reunião.

Liam segurou na mão da esposa.

— A rainha fica. É de seu desejo contribuir com as decisões na corte, assim... assim como minha mãe fazia — o final da frase deixou Liam desconfortável.

Diana sorriu para o marido e Liam percebeu que estava no caminho certo.

— Pois bem... — observou Drakkar. — Também não há muito a ser discutido, já temos uma lei.

— Me perdoe, que lei? — perguntou Diana, com medo da resposta.

— Imaginei que soubesse, Majestade. A virtude que mais exaltaram de sua pessoa era a inteligência — comentou em tom sarcástico.

— Acredito que essa lei tenha me escapado, considerando que temos tantas outras questões mais relevantes para tratar no reino. Mas é claro que como caçador nato, o senhor não deixaria uma lei como essa passar despercebida. Por favor, me lembre.

Drakkar não estava acostumado com mulheres que tinham respostas rápidas diante seu sarcasmo. Ele coçou a garganta e atendeu ao pedido da rainha.

— Essa lei existe desde os anos de Mihá. Qualquer criatura mística dos mares encontrada em terras humanas deve ser executada.

Diana estremeceu.

— Mas nosso reino estabeleceu — Liam continuou — que as execuções precisam passar pela autorização do rei primeiro, por isso estamos aqui.

— Ah, então é proibido executar sereias sem sua permissão? — perguntou Diana, olhando para Drakkar.

— Exatamente.

Diana lembrou do dia que Drakkar a torturou, ele havia a ameaçado de matá-la e provavelmente teria feito se descobrisse que ela era uma sereia. Diana ficou imaginando quantas sereias e tritões Drakkar deveria ter matado sem ter passado pelo aval do rei antes. Ela poderia contar a Liam naquele momento se quisesse, mas sabia que não era a hora certa. Nesta situação não era ela quem precisava ser salva, mas sim, Rage.

— Majestade — Drakkar se virou para Liam —, essa aberração estava produzindo armas em nosso reino, não podemos relevar isso.

Liam bufou, não era exatamente esse o clima que esperava em sua lua de mel.

— Drakkar está certo. Assinarei sua execução —disse preparando seu anel real para carimbar o documento.

— Espera! — exclamou Diana sem perceber.

— O rei já tomou sua decisão, Majestade — disse Drakkar irritado.

— E eu não estou aqui para contrariá-lo de forma alguma — tentava manter a postura —, mas vejam o que essa criatura produziu — apontou para os apetrechos. — Executá-lo é um desperdício de potencial, podemos mantê-lo conosco, preso em uma cela e o fazer produzir tecnologia avançada para Enellon.

— É um bom argumento... — comentou Liam, pensativo.

— Majestade, temos uma lei! — exclamou Drakkar.

— De fato, mas é a primeira vez que temos um prisioneiro como ele, é uma situação incomum. Não há como ser decidido dessa forma.

— Convocarei o conselho então — disse Drakkar, já se retirando da presença deles.

Liam fez um sinal aos guardas para que levassem Rage como prisioneiro. O rapaz olhou para Diana com um ar agradecido e ela finalmente suspirou aliviada. Como sua futura rainha em Norisea, ela jamais permitiria que alguém de seu povo fosse morto pelo reino inimigo. O jovem casal se retirou do salão real e foram até seu quarto. Diana se virou para Liam para que pudesse tirar

algumas dúvidas sobre o conselho, mas se assustou ao ver o marido tirando a camisa com extraordinária casualidade.

— O que está fazendo? — perguntou indignada.

— Estou suado da viagem, irei tomar banho. Dessa vez você pode vir junto ao invés de me espiar como da última vez.

— Seu senso de humor é realmente esplêndido, Majestade. Mas irei procurar minha irmã agora.

Diana saiu do quarto, deixando Liam sozinho.

— Na verdade eu estava falando sério — lamentou consigo mesmo.

Pelos corredores do palácio, Diana avistou Drakkar, então respirou fundo para se dirigir a ele. Era difícil intimidar a herdeira de Norisea, mas Drakkar fazia isso com tanta facilidade que Diana questionava a razão de ele ter tamanha influência sobre ela.

— Senhor Drakkar... — tentou chamá-lo.

Ele se virou com o olhar carrancudo.

— Majestade, a que devo a honra? — ela sabia que ele não estava honrado.

— Gostaria de saber o momento que planeja organizar a reunião do conselho para discutirmos a respeito do prisioneiro.

— Como quiser, até convocar todos os conselheiros irá levar algum tempo, então certamente essa reunião só irá acontecer amanhã.

— Excelente — disse, já se retirando.

Vendo a rainha se afastando, Drakkar sorriu e correu para fazer algumas ligações.

Diana passava os olhos pelas portas do palácio esperando encontrar o nome da amiga, e assim que encontrou, nem ao menos bateu na porta, apenas abriu. Magnólia estava sentada em sua cadeira fazendo algumas anotações em seu caderno e pareceu não se importar com a entrada repentina da rainha.

— Mag, precisamos conversar.

A amiga não respondeu.

— Magnólia? Está me ouvindo? — Ainda sem resposta.

Ela aproximou sua mão para tocar no ombro de Mag, mas sua mão passou direto pelo ombro, como se não passasse de uma miragem.

— Pelos espíritos, será que estou enlouquecendo?

Uma risada interrompeu seus questionamentos. Magnólia saiu de trás de um armário.

— Mag, não tem graça! — exaltou-se, irritada com a situação

— Claro que tem — Deu de ombros.

— Como fez isso? Parece uma projeção perfeita de você.

— É uma nova técnica que tenho aperfeiçoado. É difícil manipular pessoas com mentes fortes, então eu precisava achar um ponto fraco nelas. Por isso manipulei sua visão.

— Está dizendo que minha visão é fraca?

— A visão de qualquer indivíduo é vulnerável. Tudo que vemos pode nos enganar. — Magnólia fez um movimento circular com a mão direita e a miragem sumiu.

— Preciso admitir que isso é genial.

— Eu sei. O que queria falar comigo?

— Acho melhor se sentar.

— Tudo bem... — Obedeceu, com medo do que viria a seguir. Diana sentou ao lado dela.

— Mag, eu desconfio.... — Era difícil falar sem parecer completamente insana. — Eu vi Raon, Mag.

— O que? — perguntou incrédula.

— Eu o vi como um adolescente, ele é igual ao Raon, com cabelos loiros, mas encaracolados como o dele.

— Ah, Diana... — lamentou, triste pela amiga —, deve ter sido alguém muito parecido, apenas isso.

— Não, Mag! Era ele! Quer dizer, não exatamente ele, mas uma parte dele.

— O que quer dizer?

— Aquele caderno que você trouxe escondido em sua mochila era de meu irmão, tinha algumas anotações interessantes. E uma dessas anotações era uma declaração de amor para uma garota, uma garota chamada Sara.

— Sara? Nem é nome de sereia.

— É, eu deveria ter percebido na hora...

— Diana, onde quer chegar?

— Eu encontrei essa Sara, ela tem um filho chamado Ramon! Ramon! — quis enfatizar o nome do garoto. — Ele tem treze anos e nunca conheceu o pai por que...

— Raon morreu há treze anos — Magnólia sussurrou, juntando os pontos. — Pelo Santo Hanur, Raon teve um filho com uma humana?

— Eu acredito que sim.

— Será que ele sabia?

— Eu não sei, Mag. Eu queria tentar voltar para o quarto dele para ver se encontrava mais alguma coisa.

— Por isso não matou o rei ainda?

— Me desculpe, eu não consegui — disse envergonhada. — Eu precisava confirmar sobre meu possível sobrinho primeiro. — Sem perceber, Diana estava sorrindo. — Meu sobrinho... O filho do meu irmão... uma parte dele ainda vive, Mag. Eu não poderia deixar escapar.

— Está tudo bem — disse, pegando na mão da amiga. — Eu faria o mesmo. Mas por acaso já se deitou com o rei?

— O rei, como eu poderia explicar? Ele é diferente de tudo que eu imaginava. De início parecia cruel, mas agora parece se importar com o que sinto. Eu percebo genuinidade com o cuidado que ele tem com o povo, isso é admirável, mas ele tem pouca consideração pelos seres dos mares ainda. Ele não quer se deitar comigo até que eu queira. Então, não, não aconteceu nada ainda.

— Você parece decepcionada com isso.

— Claro que não, Magnólia. — Se levantou da cama impaciente.

— Só cuidado, ele pode ser bom, mas no fundo sempre será um humano. Humanos não se importam com criaturas como nós.

— Talvez... encontrei tanta gente bondosa nesses últimos dias, gostaria de saber o que pensam sobre a caçada, será que concordam? Tem aquele rapaz, Miguel, por exemplo. Ele parece ser amigável com você.

Magnólia corou imediatamente.

— Pelos espíritos, você gosta dele — concluiu.

— Para, Diana! — gritou. — Isso me machuca! Estamos aqui unicamente por um objetivo, esperar o momento que o rei mais estará vulnerável e enfim matá-lo, tomar o trono e acabar com a caçada. Essa é nossa missão! Não posso me dar ao luxo de tais trivialidades, eu sirvo ao trono, eu sirvo a você! Meu coração pertence unicamente a Norisea — finalizou com olhos vermelhos.

Diana permaneceu um tempo imóvel. Magnólia nunca havia falado com ela daquela forma.

— Me perdoe, eu havia me esquecido que o peso dessa missão também estava em suas costas. Você tem se esforçado tanto quanto eu.

Magnólia passava as mãos no rosto tentando não chorar.

— Bom, você disse que gostaria de ir até o quarto de seu irmão, certo?

Isso era típico de Mag, quando não queria se estender em uma questão, simplesmente mudava de assunto. Diana, já conhecendo sua amiga, decidiu responder.

— Ah, sim, mas eu sei que não tem como.

— Na verdade, tem um jeito. — Enquanto mexia em sua mochila, ela retirou uma concha branca do tamanho da palma da mão.

— É a concha do lapso?

— Sim.

— Mag, foi muito arriscado trazer um artefato mágico com você, e se nos descobrissem?

— Tem uma coisa que você não sabe sobre a concha do lapso. A magia só está dentro dela, mas por fora ela não tem nada.

A própria concha protege seu interior para que não descubram seu poder. Usada uma vez, ela se destrói para sempre.

— Certo, você a trouxe como uma fuga...

— Exato. Se formos usá-la, teremos que pegar outra em Norisea para retornar.

— Mas se usarmos, não teremos mais um plano de fuga.

— Não.

— Por que está oferecendo para usar então?

— Por que talvez, pela primeira vez, você esteja seguindo seu sangue, não seu coração. Raon é seu sangue. O rei tem sido bondoso com você, ainda temos tempo até a próxima caçada. Acredito que as revelações sobre seu sobrinho poderão nos guiar para o fim dessa matança.

— Eu sei que isso é um voto de fidelidade comigo, Mag. Eu agradeço, mas não sei se poderia.

— O que seu coração diz? — perguntou seriamente.

— Para matar o rei imediatamente.

— O que seu sangue diz?

— Ele me diz para buscar uma resposta.

— Então vamos atrás dessa resposta.

Com força, Mag abriu a concha, e imediatamente uma onda de água salgada se ergueu, formando uma parede.

— Temos que entrar ao mesmo tempo, se não ela vai fechar. Pense no quarto do seu irmão, só funciona se você conhece o lugar que vai.

Diana assentiu e fechou os olhos quando deu o primeiro passo para passar pela parede de água. Quando abriu os olhos era

uma sereia novamente, mas com as roupas que usava por cima, elas estavam em Norisea, especificamente no quarto de Raon.

— Muito bem, o que devemos procurar aqui? — perguntou Mag.

— Meu irmão era muito estudioso e aplicado. Ele deve ter alguns escritos a respeito do Santo Espírito.

— Por que quer saber do Santo Espírito?

— Ele falou comigo em sonho, me pediu para não matar o rei.

— O que? Sério? Mas...

— Eu sei, dizem que é uma lenda, mas acho que ele sabia do filho de Raon e estava tentando me alertar — disse enquanto vasculhava o armário do irmão — Achei! — exclamou.

— Diana, fale baixo! Ninguém sabe que estamos aqui! Ela abriu o pergaminho em cima da cama e passou o dedo entre as palavras.

— Mas o que é isso? — perguntou Magnólia, não reconhecendo o dialeto.

— Está escrito na língua antiga, muitos a consideram inútil, então pararam de ensinar ao povo, mas mantiveram aos reis e rainhas por pura tradição.

— Entendi, então você já deve saber ler esses escritos.

— Não tanto quanto Raon, mas sim, entendo bem — disse, sem tirar os olhos do pergaminho. — Espera, isso é interessante...

— O que? — Se aproximou curiosa, mesmo sabendo que não entenderia o que estava escrito.

— Aqui fala sobre três Espíritos de Sangue.

— Três? Mas pela lenda, somente o Santo Espírito é um espírito de sangue.

— Mas e Hanur e Callian?

— São espíritos de água e terra, não de sangue.

— Compreendo... — Ficou um pouco pensativa. — Diz aqui que os três espíritos juntos possuem o maior dos dons, a ressurreição, e nunca ninguém o usou antes. Eles adormecem as almas que partiram para o dia da restauração da terra de todos os santos.

— Onde moram todos os espíritos?

— Não sei, não entendi direito. Eu nem sabia que existiam tantos santos.

— E o que acontece depois do dia da restauração?

— Chamam de "O grande reencontro de sangue".

— O que isso quer dizer?

— Eu não faço a mínima ideia, esse pergaminho é bem antigo, o dialeto aqui é bem mais rebuscado do que eu lia normalmente em aula, está difícil entender plenamente.

De repente a porta do quarto de Raon se abriu e as duas olharam para trás assustadas.

— Admete?

— Rillian! — exclamou Diana, o nome antigo pareceu desconfortável para ela.

— O que estão fazendo aqui? Não deveriam estar em Enellon? — Ao pensar um pouco, o pequeno garoto sorriu. — Já matou o rei?

— Não, quer dizer, quase... Por que veio ao quarto de Raon?

— Eu venho para cá quando canso dos pensamentos dos outros, é bem silencioso.

Rillian ainda estava aprendendo a controlar seu dom de telepatia e portanto, muitas vezes ouvia pensamentos que não o agradavam. E como um piscar de olhos, o garoto ficou imóvel, encarando a irmã sem acreditar.

— Raon tem um filho?

As duas amigas se olharam desesperadas, Diana nadou até ele e apertou seus braços.

— Rillian, você não pode contar para ninguém que estive aqui, entendeu?

O garoto manteve os olhos fixos na irmã mais velha, se soltou e saiu nadando do quarto. Diana colocou as mãos no rosto irritada.

— Pelos espíritos, até explicar para meus pais isso tudo...

— Você acha que ele vai contar?

— Com certeza ele vai contar para Vereno, e meu irmão caçula é um grande boca aberta, conta para todo mundo tudo que descobre.

— E ele ainda foi abençoado com o dom de uma super audição — concluiu, rindo por dentro.

— Ele é um fofoqueiro nato — lamentou. — Precisamos de outra concha, temos que voltar agora!

— Diana, não é tão simples conseguir essa concha, somente a realeza e alguns servos tem, eu só consegui uma porque meu pai me deu. Se quisermos a concha teremos que procurar aqui no palácio ou ir para minha casa.

A herdeira de Norisea resmungou.

— Até lá todos já vão saber que estivemos aqui.

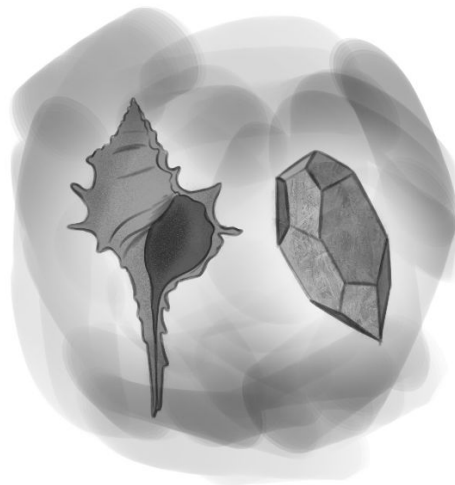
E então elas ouviram o barulho da água em movimento pelo corredor, alguém se aproximava.

— É isso, meus pais estão aqui, ficarão furiosos ao descobrirem que adiamos a morte do rei por conta de um sonho meu com o Santo Espírito. O que direi quando minha mãe ler meus pensamentos sobre o filho de Raon?

Mas era apenas Rillian novamente, ao entrar ele já se encarregou de fechar a porta para que ninguém os visse, fez um sinal que entregaria algo a Diana e ela estendeu a mão, mesmo sem entender as intenções do irmão mais novo. Ela olhou os artefatos em sua mão, eram duas conchas do lapso e um cristal mensageiro.

— Rillian...

— Eu percebi que vocês não tinham como voltar. Entreguei uma a mais para caso precisem escapar. Estou com o outro par desse cristal, fale comigo quando descobrir mais sobre Raon, ou quando precisar passar algum recado para o papai e a mamãe. Ou... — ficou envergonhado — pode usar quando sentir minha falta.



Diana o abraçou.

— Você seria um ótimo rei!

— Eu não quero ser rei! — afirmou. — Trate de concluir a missão e voltar para seu trono!

— Sim, senhor — falou, acariciando o rosto do irmão.

Diana abriu a concha e ela levantou uma parede de ar desta vez. Ela segurava consigo o pergaminho que encontrara no quarto de Raon e o cristal mensageiro.

— Pense no meu banheiro! Vai molhar todo meu quarto — comentou Magnólia.

— Eu nunca estive em seu banheiro.

— Ah, droga... — resmungou. — Tudo bem, para meu quarto então — concordou, já se lamentando ao pensar no tempo que passaria limpando toda a bagunça.

Diana se despediu do irmão com um sorriso singelo e ele retribuiu. Elas entraram na corrente de ar e foram empurradas com

força para o quarto de Magnólia, completamente ensopadas e caídas no chão.

— A parede de ar tende a ser um pouco mais violenta — disse Mag.

— Percebi — disse a rainha, enquanto tentava se levantar.

Ela olhou para fora e viu que estava escuro.

— Já é noite?

— O tempo passa diferente quando usamos a concha para retornar ao local de partida. Por isso não é indicado que qualquer um use a concha do lapso com frequência.

E mais uma vez as duas foram pegas de surpresa quando outra pessoa abriu a porta sem bater.

— Finalmente te encontrei, Majestade — exclamou Esmeralda, visivelmente cansada. Ela ficou um tempo olhando as meninas, até enfim perguntar — Por que estão encharcadas?

— Caímos no lago do chafariz — respondeu Magnólia rapidamente.

— Certo... — confirmou, ainda desconfiada.

— Me procurava, Esmeralda? — perguntou Diana, tentando distraí-la.

— Ah, o conselho esteve aqui, o rei solicitou sua presença para a reunião, mas ninguém te encontrou, então tiveram que fazer sem você.

— O que? — perguntou irada. — Drakkar me falou que a reunião do conselho seria somente amanhã! Você sabe o que foi decidido?

— Irão executar o tritão.

Diana colocou a mão em sua boca, se recusando a acreditar no que ouviu. Sem dizer nada, apenas saiu do quarto, correndo até o quarto do casal. Esmeralda se virou para Magnólia.

— O que há com ela?

— Você não entenderia — respondeu com o olhar triste ao pensar que mais alguém de seu povo perderia a vida.

Liam estava sentado na cama lendo um livro com uma armação de óculos discreta, mas teve sua leitura interrompida quando a porta se abriu violentamente com a entrada de Diana. Ele a encarou confuso.

— Por que está molhada?

— Decidiram executar o tritão? — perguntou por cima.

— Diana, eu te procurei para a reunião, mas não te encontrei.

Ela sabia que não poderia culpá-lo por isso.

— Por que permitiu que o executassem? Se eu estivesse lá...

— Se você estivesse lá não mudaria nada. Acredite, eu intercedi para que mantivessem o prisioneiro vivo, mas os conselheiros já haviam tomado uma decisão antes mesmo da reunião começar.

— Drakkar os convenceu — afirmou.

— Provavelmente, ele é bem tradicional quando se trata das leis da caçada.

— Você não podia ir contra os conselheiros? Você não é o rei?

— Eu não posso desrespeitar a decisão de um conselho todo, a decisão foi unânime! Não posso perder a confiança deles por um tritão! — disse, já começando a se irritar.

— Quando ele será executado? — perguntou, com medo da resposta.

Liam abaixou o olhar com receio de falar.

— Foi executado essa tarde.

As pernas de Diana ficaram bambas e ela caiu no chão, lágrimas caíram de seu rosto sem parar, ela segurava o pelo do tapete com força, se sentindo impotente por não ter protegido um cidadão de seu povo. Liam levantou correndo para verificar como estava sua esposa.

— Eu garanti que a morte fosse rápida e sem dor — disse, tentando confortá-la.

Diana soluçava de tanto chorar, o sentimento de perder Rage era semelhante ao de perder Raon. Memórias estavam vindo à tona e seu coração estava despedaçado.

— Por que matamos sereias? Por quê? — gritou, olhando para Liam.

— Eu... Eu não sei — foi o que conseguiu dizer.

— Aposto que mais ninguém sabe! Pergunte ao povo! Toda aquela gente boa, não consigo acreditar que sejam a favor de tanta matança!

Diana se levantou e saiu do quarto correndo, ainda sem parar de chorar. Liam permaneceu sentado no tapete que sua esposa havia ensopado com suas roupas e lágrimas, pela primeira vez ele havia sentido peso ao assinar a morte de um ser das águas; pela primeira vez repensou essa atitude e se questionou: “porque matamos sereias?”

Em seu quarto pessoal, Diana chorava perto da janela, imaginando como Rage se sentiu ao perceber que sua rainha não

estava lá para interceder por ele, talvez ele tenha se sentido abandonado e traído. Ela apertou as pernas contra o peito ao concluir que era uma péssima rainha, levantou o olhar e avistou o pergaminho que pegara no quarto do irmão. Ao lembrar do que leu, imediatamente se ajoelhou com a cabeça encostada no chão.

— Santo Espírito, se pode me ouvir... — mais uma lágrima escorria em sua bochecha — Receba Rage na terra de todos os santos, por favor. O coloque em seu sono profundo aguardando o dia do "Grande reencontro de sangue". Receba Rage! Eu te imploro, Santo Espírito! Receba Rage. Receba Rage. Receba Rage — ficou repetindo continuamente.

Uma brisa suave passou pelo ouvido de Diana e sussurrou.

— *Eu o recebo.*

O sussurro foi como uma calma para seu coração agitado. Sem perceber, ela caiu no sono ali mesmo, no tapete de seu quarto.



Alguns dias
passaram
desde a

morte de Rage, o julgamento dele havia sido uma das suas primeiras funções como rainha e ela não pôde protegê-lo. Mesmo que Diana não fosse rainha de Norisea ainda, o peso da coroa de Enellon também era real, por isso a culpa a machucava tanto quanto o desejo de acabar com a caçada. Ela evitava os corredores e saía apenas para comer, só dormia no quarto pessoal da rainha e evitava Liam sempre que o via na corte, dessa vez ela estava com medo dele. Liam havia condenado a morte alguém de seu povo sem nem ao menos se sentir culpado por isso. O que ele faria com ela se descobrisse que era sereia também? Ela temia seu marido, em sua lua de mel havia baixado a guarda, esquecido seu lugar, estava vivendo uma fantasia. Diana não podia esquecer, ela não era humana, e qualquer um que descobrisse não pouparia sua vida, nem mesmo Liam.

Naquela manhã cinzenta, Diana estava deitada na cama, no escuro de seu quarto, admirando o artefato que Rage havia feito para ela, magia com tecnologia. Ela sempre andava com esse apetrecho no cabelo e olhar para ele só causava mais constrangimento, mas, apesar da dor, ela lembrava do que a brisa dissera e então pôde ficar um pouco mais em paz. O que a prendia no quarto não era mais o medo de não ver Rage na terra de todos os santos, agora o medo era de morrer. Desde o início da missão ela sabia dessa possibilidade, mas nem mesmo quando foi parar nos testes de Drakkar ela estava com tanto medo como agora. Sua falta de dons a protegeu de morrer naquele dia, mas ela não sabia mais se a protegeria no futuro. Seus pensamentos melancólicos foram interrompidos quando Esmeralda entrou no quarto sem bater.

— Bom dia, Majestade! — Foi abrindo as cortinas, fazendo com que Diana resmungasse com a luz que vinha de fora.

— Feche isso, Esmeralda — respondeu de mau humor.

— Você sabia que perdeu em torno de doze reuniões do conselho esses dias que ficou aí se lamentando por não sei qual o motivo?

— Você não entenderia.

— Não estou nem aí se eu não entenderia — exclamou irritada.

Diana se sentou na cama ao perceber o tom que Esmeralda falava com ela.

— Vai falar assim com sua rainha?

— Diana, me poupe! Eu ouvia sobre você nos corredores, todos falavam como você era uma rainha inteligente e disposta a participar ativamente das decisões do conselho. Você tem noção

que a rainha é a única mulher com voz no conselho? Você é a nossa voz! É nossa esperança de melhorar as coisas para gente em Enellon.

Diana se lembrou de quando sugeriu a Liam que todas as mulheres também deveriam aprender a lutar, assim como os homens, e ele havia dito que ela deveria sugerir essa pauta no conselho. Diana não se importava com Enellon, mas sim, com Norisea, mas enquanto fosse rainha daquele reino, ela precisava demonstrar que prezava pelo povo também, e de certa forma, bem no fundo de seu sangue, ele dizia para ajudar o povo daquele reino, mesmo que não quisesse.

— Como era a antiga rainha? A mãe de Liam...

— Ah, a rainha Amélia.

— Que nome bonito.

— Não tanto quanto sua personalidade — disse revirando os olhos e se sentando na cama com ela. — A rainha Amélia era um pouco complicada e misteriosa. Ela demorou muito para engravidar, e quando finalmente conseguiu, não contou para ninguém, ela havia sofrido muitos abortos e a pressão por um herdeiro era gigantesca. Com o sofrimento de tantas perdas, escondeu toda gravidez, meu pai dizia que ela só usava roupas largas na época para esconder a barriga crescendo, mas quando Liam nasceu — ficou pensativa —, por alguma razão, ela quis esconder também, mas ninguém sabe o motivo. De uns anos para cá, o rei e a rainha Gribanov foram ficando cada vez mais distantes do povo, não apareciam mais em público, sempre se escondiam atrás de representantes. E quando precisavam aparecer, somente o rei aparecia, mas a rainha não. Por isso que quando solicitaram a seleção para uma nova rainha todos

tiveram certeza que era para o rei Zeriel Gribanov, afinal, nem sabíamos que ele tinha um filho. Imaginamos que ele queria outra rainha que daria herdeiros a ele.

— Então ninguém sabia da existência de Liam?

— Na verdade, conhecíamos Liam. Mas ele agia como se fosse um conselheiro importante, não o príncipe. Ele já fazia contatos com os outros reinos e aparecia quando necessário. Alguns desconfiaram por ele ter certa semelhança com a rainha Amélia, mas como fazia anos que ela se recusava a aparecer para o povo, acabamos não ligando o parentesco dos dois.

— E aquela luva... — Fez um sinal com a mão esquerda.

— Oh, eu acho que nunca o vi sem ela. Eu só sei que poucos conselheiros sabiam que Liam era o herdeiro de Enellon.

— Ele me disse que seria apresentado quando tivesse dez anos, mas teve a caçada naquela época...

— Ah sim! — disse, como um lapso de memória do que seu pai lhe contara. — Mataram o herdeiro de Norisea e ficaram com medo que viessem atrás de Liam, então o esconderam para o revelar somente na coroação.

— Certo... — disse, tentando não pensar muito em Raon.

— O que quero dizer, Majestade — disse gentilmente, mesmo que fosse contra sua natureza —, é que nosso povo já ficou tempo demais com uma rainha entre as sombras, queremos te ver agora.

— Tenho me sentido desanimada — desabafou.

— Não há nada que possa revigorar suas forças?

Ela pensou em Sara imediatamente.

— Na verdade, talvez tenha uma, mas eu estava adiando tratar desse assunto porque poderia me trazer muita dor.

— Então vá resolver essa questão, quanto mais adiar, mais irá doer.

Diana acenou, mas com a cabeça baixa. Esmeralda se levantou e saiu do quarto. A rainha então percebeu que não era o momento de lamentar, seu povo ainda contava com ela, quanto antes ela descobrisse sobre seu sobrinho, mais cedo ela poderia terminar sua missão e sair daquele lugar. Ela se aprontou rapidamente e abriu a porta do quarto, e para sua surpresa, Liam estava com a mão posicionada para bater em sua porta.

— Ah, acordou cedo hoje, minha rainha — disse, tentando parecer amigável. Quando finalmente achou que tinha avançado sua relação com ela, aconteceu um retrocesso gigantesco por parte de Diana que ele não entendia a razão.

— S-sim — gaguejou.

Liam se preparou para pegar em sua mão, mas Diana desviou, ela estava tremendo.

— Está... está com medo de mim? — perguntou, sem acreditar que causava esse tipo de sentimento em sua esposa. Até pouco tempo atrás ele havia sido seu porto seguro depois do que acontecera no beco em Horizon, e agora ele se sentia como um dos criminosos que a atacaram.

— De modo algum, Majestade! — exclamou, percebendo que não deveria ter desviado. — Eu só estou com pressa para resolver um assunto. Podemos nos encontrar mais tarde?

— Te encontro à noite em seu quarto então?

— Claro, preciso ir. — E saiu com o passo apressado para se afastar dele o mais rápido possível.

Ela caminhava pelo palácio perguntando aos funcionários sobre uma mulher de cabelos loiros e sorriso simpático, aos poucos Diana foi se aproximando mais das informações que a levariam para o amor de Raon, até que finalmente parou em frente a um quarto do palácio, bem mais afastado do salão principal, mas ainda bem cuidado. Liam era amado por sempre oferecer boas acomodações para os funcionários que moravam no palácio. Ela bateu na porta um tanto receosa. Uma bela mulher de olhos azuis como o mar e cabelos dourados atendeu.

— Majestade! — exclamou ao perceber que estava diante da rainha. — Me perdoe estar vestindo esses trapos, eu estava lavando a roupa do meu filho. Ele esteve brincando na lama e deixou seu uniforme imundo.

— Não se preocupe com isso. Sara, não é mesmo?

— Isso, Majestade — respondeu, surpresa pela rainha lembrar de seu nome.

— Ah, por favor, me chame de Diana!

— Como eu poderia? — Não entendeu porque deveria chamá-la de modo tão informal.

— É uma ordem! Me chame de Diana.

— C-certo, Majes — se corrigiu —, rainha Diana.

— Excelente, posso me juntar a você?

— Oh, absolutamente que sim. — Abriu a porta para a rainha. O quarto era singelo, mas muito bem organizado. — Posso lhe servir um chá?

— O que você tem?

— Eu tenho sabores comuns, mas tem um especial.

— E do que seria?

— Quase ninguém gosta, mas eu aprendi a gostar, chá de algas do mar.

Diana lembrou de Raon imediatamente, ele amava chá de algas, principalmente de um sabor em específico.

— Seria de alga dourada? — perguntou com um nó na garganta.

— Você conhece os chás de algas?

— Conheço alguém que amava.

— É, eu também — disse com um sorriso melancólico enquanto colocava as xícaras na mesa.

Diana respirou fundo, sabia que não poderia perguntar diretamente, pois talvez Sara não soubesse que Raon era tritão e então ela acabaria entregando sua identidade sem necessidade. Ela precisava ser sutil e esperava que Sara reconhecesse sua sutileza. Sara colocou as algas na xícara e em seguida a água quente, a cor do chá tomou uma forma semelhante ao ouro.

— Eu amo a cor desse chá, me sinto da realeza — observou com um sorriso tímido.

A rainha só conseguiu pensar que Sara era mais da realeza do que imaginava. Ao observando mais de perto, Diana conseguiu entender porque Raon havia se apaixonado por ela; agora finalmente entendia qual era o tipo do seu irmão, e estando ao lado de Sara, Diana acabava se sentindo mais perto dele também.

— Sara, quem é o pai de Ramon? — perguntou seriamente.

A pergunta pegou a mulher de surpresa, já fazia muito tempo que não perguntavam isso a ela.

— Ninguém o conheceu, era um amor proibido. Um dia, ele simplesmente se foi, me deixando sozinha e grávida.

— Por que era proibido?

— Ele... — Pausou, tentando achar as palavras certas — Ele não era daqui de Enellon, e no reino dele era proibido se relacionar com estrangeiros.

Diana lembrou que, de fato, os mais tradicionais de seu reino não gostavam dessa ideia e, portanto, os jovens sempre tentavam se relacionar dentro do próprio povo, mas não existia nenhuma lei que proibisse realmente o relacionamento entre reinos diferentes. Diana percebeu que a abordagem de jogar conversa fora não funcionaria, Sara sempre daria um jeito de desviar do assunto, então a solução era dar um ar mais ameaçador para a conversa, fingir que sabia para assustá-la. Ela levantou.

— Compreendo. Seu filho é muito bonito, sabia?

— Todos dizem isso mesmo — Estranhou a mudança de postura da rainha. — Ele é parecido com o pai.

— Imagino. Já vi beleza como essa, ele possui uma aparência muito semelhante ao dos tritões de Norisea.

O rosto de Sara de repente perdeu a cor, a garganta ficou seca e as mãos frias apertavam o vestido.

— Nunca notei, Majestade.

— É Diana, querida — falou com um sorriso perverso.

— É claro, rainha Diana.

— Qual o nome do pai?

— Era... Era Ramon também — respondeu com os lábios trêmulos.

— Era esse nome mesmo?

Sara não conseguiu responder.

— E o sobrenome?

Pela primeira vez, o assunto sobre o pai de seu filho havia ido tão longe. Normalmente paravam de perguntar quando dizia que havia sido abandonada na gravidez, já que as pessoas tentavam não ser indelicadas com sua dor, mas a rainha parecia não se importar com isso. Na verdade, Sara já sabia, havia sido descoberta. Mas como? Tantos anos escondendo o segredo tão bem de todos, até de seu filho, como descobriu?

— Não me recordo do sobrenome, foi um amor jovem.

— Um homem sem sobrenome? Me lembrou novamente o povo de Norisea, quantas semelhanças! — Soltou uma risadinha sem graça. — Daqui a pouco terei que solicitar os testes de magia em Ramon, não é mesmo?

— Não! — exclamou no impulso. — Quer dizer... seria uma perda de tempo. — Ela estava tentando rir da situação, mas Diana ficou séria dessa vez. — Majestade, por favor — suplicou com os olhos marejados.

Diana não disse nada, apenas começou a caminhar em direção a porta para se retirar. Imediatamente Sara se jogou as bordas do vestido da rainha com o rosto já coberto de lágrimas.

— Puna a mim, Majestade! — gritou. — Meu filho não sabe de nada, ele não sabe sobre o pai, nem o conhece, eu que traí meu povo, fui eu! Puna a mim, não meu filho, eu lhe imploro!

Sem pensar duas vezes, Diana se agachou e abraçou Sara enquanto uma lágrima insistia em escapar.

— Me perdoe, Sara. Eu precisava ter certeza que você sabia, apenas isso.

— O que? — A mulher ficou sem entender o que estava acontecendo.

— O pai de seu filho se chama Raon, não chama?

— Sim. — Mais lágrimas caíram.

— Você sabia que ele era um tritão e o amou mesmo assim?

— Eu o amei de todo meu coração. Raon era tudo para mim — disse chorando ainda, mais com os olhos para baixo.

Diana não percebeu quando as lágrimas escaparam de seus olhos. Raon era tudo para Sara, assim como era para ela. Ela pensou como deveria ser doloroso ver o rosto de seu amor todos os dias no garoto que deu a luz.

— Sara, eu não sei o tanto que você sabe, mas... — Hesitou, estava com medo de falar. — Eu sou Admete.

Ela levantou o rosto como um salto.

— Admete? — perguntou sem acreditar, e Diana apenas acenou com a cabeça. — Pelos espíritos, a irmãzinha de Raon!

— Naquela época era irmãzinha mesmo. — Sorriu ao lembrar.

Sara permaneceu em choque no chão. Diana esperava que ela fosse se surpreender ao descobrir que era sereia também, mas a reação foi outra.

— Você é a tia de Ramon! — exclamou. — Tens um sobrinho, Majestade! — Um sorriso largo se abriu.

— Por que está feliz?

— Eu sou filha única, Majestade. Meus pais partiram muito cedo e fui acolhida no palácio. Eu e meu filho só temos um ao outro, não temos parentes, ele não tem primos, tios e irmãos. Meu maior medo sempre foi o momento que eu partisse também, ele ficaria

sozinho... — Ela olhou para Diana com esperança. — Mas agora ele tem você.

As palavras de Sara foram um alento ao coração.

— Não se importa de eu ser uma sereia?

— Amará menos Ramon por ser sereia?

— De forma alguma.

— Então não faz diferença para mim.

Diana sorriu. Será que existiam mais humanos que pensavam como Sara?

— Agora eu sei porque Raon se apaixonou por você.

Sara retribuiu o sorriso, pela primeira vez depois de conhecer Raon, sentiu que havia encontrado sua família novamente.

— Ramon não sabe que é metade tritão, pelo que parece — observou Diana.

— Precisei esconder esse segredo para o proteger.

— Não a julgo, provavelmente faria o mesmo.

— Por favor, me conte mais sobre Raon — Sara pediu empolgada. — Como ele era em Norisea?

Dividir aquele momento com Sara era uma experiência diferente, todos em seu reino conheciam seu irmão e o viram crescer, mas a mulher bem a sua frente não conheceu esse lado fraternal de Raon. Ela nunca imaginou que um dia estaria compartilhando memórias com uma humana.

— Meu irmão... Bom, ele era a pessoa mais bondosa que o mundo já conheceu. Ele... — apenas ao pensar nele a voz embargava — Ele era forte, destemido, corajoso, bonito, amável... Ele era tudo, todas as coisas mais belas do mundo não se comparam com a gentileza de meu irmão. Raon era tudo que eu

mais amava, ele era meu porto seguro e meu amigo. — Lágrimas escorreram por seu rosto. — Ele era meu irmão mais velho. Ele era o mais velho, Sara, não eu. Era ele! Meu irmão mais velho. Quando eu era pequena, um dia me queimei por chegar muito perto das águas vivas, cheguei gritando e chorando em casa. — Riu ao lembrar. — Eu falei que odiava as águas vivas e logo Raon veio me corrigir me dizendo que "ódio" era uma palavra muito forte. Ele não quis me culpar, mas falou que a pobre da água viva estava apenas se protegendo, se eu me queimei era porque havia chegado perto demais, então porque odiar aquela criatura? Foi ele quem me ensinou a amar a vida, toda vida. Alguns dias depois ele fez uma água viva de brinquedo para mim, com conchas e cristais. Ele ficou pelo menos uma hora me mostrando a beleza dela, o medo e ódio pela criatura se foram, agora eu a admirava. Ele sabia reverter qualquer situação para o bem.

— Ele sabia mesmo — observou Sara enquanto a ouvia atentamente.

— Eu sempre amei cavalos marinhos, Raon sabia disso. E enquanto todos os colegas de sua idade estavam aprendendo a manipular seus dons para a batalha, ele ficava praticando como criar a forma de um cavalo marinho com seu fogo. Ele quase reprovou em uma lição por sempre estar disperso na tentativa de me agradar. Mas não importava para ele, sabe? Eu era mais importante que tudo aquilo. O dia que ele fez o primeiro cavalo marinho para mim eu quase chorei de emoção, desde aquele dia, eu ficava pedindo continuamente para que ele fizesse sempre, sempre e sempre. Para muitos, meus pedidos insistentes não passavam de

uma irritação, mas Raon não se importava, sempre que eu pedia, ele fazia.

— Eu lembro disso!

— O que?

— Eu lembro dele me mostrando o cavalo marinho, ele me disse que o usava para te chantagear.

— C-como assim? — a rainha indagou, confusa com o que acabara de ouvir.

— Ele me falou da sua dificuldade em liberar seus dons e fazer amigos, você se escondia e evitava as pessoas. Não treinava mais na ilha de Norisea e estava se afastando até mesmo da família. Ele imaginou que se fizesse algo que você gostasse muito, sempre que pedisse, ele colocaria uma condição. *“Eu faço o cavalo se tentar fazer amigos”*. Acredito que era isso.

Diana ouviu aquilo sem acreditar, era um outro lado da história que nunca soube. Tudo que Raon fez por ela era para que ela se enturmasse, se dedicasse e treinasse bastante para se tornar uma extraordinária sereia. Ela lembrou de todas as vezes que ele a chantageou com o cavalo. Realmente, a forma do cavalo só acontecia com uma condição dada por ele, a última lembrança que ela tinha de sua chantagem do bem foi no dia de sua morte. Até mesmo em seu último momento Raon a protegeu.

— Ele era único... — concluiu com a cabeça baixa. — Quando Raon se foi, eu tive que substituí-lo. Mas como? Eu nunca seria como ele, Sara. Todos amavam meu irmão, ansiavam por seu reinado. Quando perceberam que eu seria a rainha, houve um desapontamento tão grande que eu pude ouvir seus pensamentos, *“Raon que deveria ser rei”*. É, deveria mesmo. Eu queria vê-lo

reinar. O que eu não daria para ver o nome de meu irmão na tábua da história dos reis...

Ao levantar o olhar, viu o rosto de Sara pálido e imóvel.

— Sara? O que houve?

— Raon era o herdeiro de Norisea?

— S-sim. Pelos espíritos, você não sabia que ele seria o próximo rei?

Ela apenas acenou negativamente com a cabeça enquanto ainda processava a informação.

— Raon era da realeza, assim como eu.

— Se... Se Raon seria rei, então nosso filho seria...

— Ah, Ramon é o príncipe — concluiu, e como um estalo ela percebeu — Ramon é o príncipe... — Diana levantou eufórica. — Ramon é o príncipe e herdeiro do trono de Norisea! Não sou eu! Meu irmão teve um herdeiro, portanto, o trono não me pertence mais! Por Hanur... — se virou para Sara — Ramon precisa saber de seu sangue real.

— Majestade, isso é muita coisa para processar, meu filho não pode ser um príncipe.

— Em Norisea ele é!

— Nós nem sabemos se ele tem dons, para começar. Ele nunca demonstrou.

— Certamente porque não foi estimulado.

— Mas você não tem dons, meu filho poderia não ter também.

— Eu sou a única sereia em todo o mundo sem dons, duvido muito que seja o caso de Ramon. Meu irmão era poderoso demais, com certeza entregou uma generosa herança genética ao seu filho.

— Me perdoe, Majestade. Ainda estou tentando aceitar isso tudo.

— Você parece ter ficado mais impressionada com uma coroa do que com o fato de eu ser uma sereia.

— Com sereias e tritões estou acostumada, dei a luz a um. Só não esperava que fosse parir um príncipe também.

Diana soltou uma gargalhada alta.

— Raon sabia que seria pai?

— Eu estava grávida de três meses quando ele morreu, estava ansioso para conhecer nosso bebê. Ele queria muito uma menina, mas no fundo eu sabia que era menino. Eu dizia que não tinha problema, tentaríamos quantas vezes fosse necessário até ter a menina que ele sonhava.

O coração de Diana apertou ao pensar nos momentos que seu irmão havia perdido por partir tão cedo.

— Quero falar com meu sobrinho.

— Majestade, eu... Eu tenho medo. Ramon é a única coisa que restou do meu amor.

— Assim como Raon, darei minha vida para salvá-lo se algo acontecer. É uma promessa.

Mesmo com relutância, Sara assentiu. Ela a levou pelos corredores até o setor que os homens solteiros se acomodavam. Ramon já era um adolescente, dessa forma, não podia mais ficar no quarto com sua mãe. Chegaram na porta do quarto e Sara hesitou ao abri-la.

— Não quero te forçar, se você não quiser falar, também mantereí segredo.

— É o momento. Ele precisa saber sua verdadeira história. Meu receio não passa de inseguranças de uma mãe. Um dia entenderá.

Ela abriu a porta e Diana entrou primeiro; o quarto do garoto estava repleto de pinturas, gravuras e fotografias do mar. No canto da escrivaninha o jovem rapaz manuseava um pincel enquanto trabalhava em uma nova peça.

— Ramon sempre foi fascinado pelo mar — observou Sara.

— Claro, todo tritão é — afirmou, com um sorriso de satisfação.

Ele então se virou para trás e assustou-se ao ver a rainha em seu quarto. Prontamente se levantou da cadeira e se curvou.

— Majestade...

Diana se curvou também.

— Alteza...

Ramon levantou o rosto com um olhar curioso.

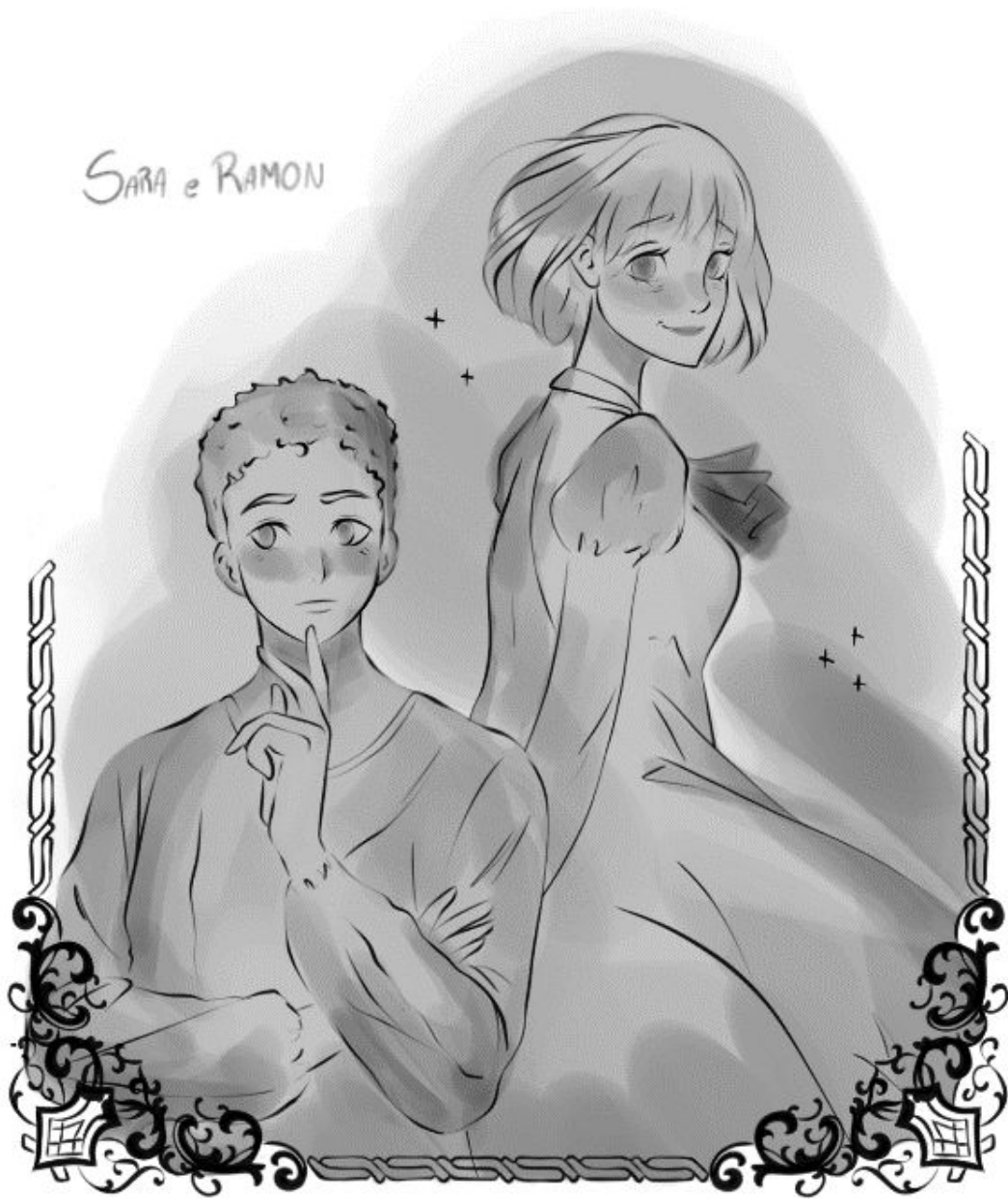
— Me perdoe... A senhora disse "alteza"?

— Não é assim que devo me referir a um príncipe?

O rapaz olhou para a mãe pedindo socorro. Sara sabia que as palavras que seu filho tinha que ouvir precisavam sair da boca dela.

— Ramon, você é o herdeiro de Norisea.

SARA e RAMON





O rapaz
estava
atordado

após ouvir toda a explicação da rainha e de sua mãe. No começo achou que não passava de uma piada e estavam apenas tirando sarro dele, mas depois percebeu que a conversa estava ficando séria. Como processar que seu pai era tritão, e mais que isso, futuro rei de Norisea? Era uma reviravolta em sua vida que ele não esperava; um dia estava colhendo feno para os cavalos, no outro descobria que era herdeiro de um reino inteiro.

Ele ouviu sobre como seu pai havia estudado a vida toda para herdar o trono, enquanto ele era apenas um servo no palácio, nunca havia estudado nada a respeito, não estava preparado para ser rei. Muita coisa fazia sentido agora: sua obsessão pelo mar, seus gostos culinários duvidosos e até mesmo algo que ele sentia borbulhar diferente em seu sangue quando ouvia sobre a caçada. Ele não gostava da ideia de caçar criaturas místicas do mar e a

rainha estava dando a entender que talvez ele pudesse acabar com a guerra junto com ela, mas como? Quem era ele para impedir algo dessa magnitude? Ele sabia agora que era um herdeiro, mas seu coração ainda era de um camponês.

— Ramon, você entende o que está acontecendo aqui? — perguntou Diana, preocupada.

— Estou tentando entender, Majestade. — Ele se virou para a mãe — Eu achava que o nome do meu pai era Ramon, assim como o meu.

— Filho, eu não poderia te dar um nome de tritão, mas eu teria feito, se pudesse.

— Como o conheceu? — perguntou curioso.

Essa era uma história que Diana também gostaria de ouvir.

— Nos conhecemos em uma de suas missões em terra, éramos jovens, bem jovens. Um dia ele se feriu e por coincidência eu estava por perto, o ajudei a se curar e ele se apaixonou por mim, então, quando vinha para Enellon, sempre tentava me encontrar, mas eu não sabia que ele era tritão, é claro. Descobri um dia que decidi o seguir e então vi seu corpo se transformando quando entrou na água. Naquele dia não tive medo, eu estava fascinada, àquela altura eu já o amava. Declarei meu amor, e apesar da alegria dele ao ser correspondido, percebi que ficou temeroso com minha reação quando eu descobrisse a verdade, por isso admiti que eu sabia quem ele era. Raon não esperava ser aceito tão prontamente por uma humana, nunca o havia visto tão feliz. A partir daquele momento ele começou a me visitar com mais frequência, uma coisa levou a outra, até que engravidei.

— Por isso ele se prolongava em suas missões na terra — observou Diana. — Mamãe ficava furiosa. — Riu por dentro.

Ramon olhava para sua tia com certo interesse, era uma mulher belíssima, uma criatura do mar. Isso significava que ele também poderia visitar Norisea?

— Por acaso eu também tenho cauda e poderes?

— Na verdade, essa é nossa incógnita, não sabemos como é a fusão de um ser das águas com um ser da terra, acreditamos que nunca tenha acontecido antes.

— Como eu faço para descobrir se possuo alguma habilidade? Qual era o poder do meu pai?

— Ah, Raon tinha o dom mais raro de todo o reino: o fogo do mar. Era um dom poderoso, combinava com ele. Mas não se preocupe, existem muitos outros dons, você pode acabar herdando qualquer um. Meus irmãos...

— Tenho mais tios? — perguntou animado.

— Sim! — exclamou. — São da sua idade, inclusive, alguns meses mais novos, tenho certeza que seriam ótimos amigos. — Sorriu apenas ao pensar na possibilidade. Seus irmãos mais novos não haviam tido o privilégio de conhecer o primogênito, mas talvez através de Ramon eles pudessem ter essa oportunidade. — Meus irmãos se chamam Rillian e Vereno, com dons distintos também, pode acontecer o mesmo com você.

— E qual o seu dom, Majestade? — perguntou, ansioso para saber o que os espíritos haviam reservado para ela.

— Eu... — pensou, e com um sorriso melancólico, respondeu — Eu sou uma sereia sem dons — declarou enfim, mas pela primeira vez o fardo daquelas palavras havia ficado mais leve.

— Oh, sinto muito — disse ao perceber que era um assunto delicado.

— Está tudo bem — Aliviou, tentando não deixar o sobrinho desconfortável. — Se não fosse por essa falta, eu jamais teria vindo para Enellon, os testes teriam me descoberto e eu não poderia estar aqui. Se não fosse pela minha falta de dons, eu não teria te conhecido, eu não teria visto uma parte do meu irmão viva bem na minha frente. Portanto, hoje sou grata aos espíritos pela oportunidade de conhecer o próximo rei de Norisea.

— Majestade, eu sou apenas um servo. — Ele ainda estava relutante ao aceitar sua posição na corte marítima.

— Seu coração pode ser de um servo, Ramon, mas seu sangue é de herdeiro, seu sangue é real. O mesmo sangue que circula em mim, circula em você. Sangue tem poder.

— Como descubro se meu sangue tem magia?

— Eu infelizmente não sou capaz de te ensinar isso, mas tem alguém que é.



Em um estábulo abandonado, o jovem menino aprendia a lutar. Magnólia o ensinava pacientemente o que havia aprendido desde a infância. Mag começou tentando ensinar movimentos básicos de autodefesa, e apesar do garoto aprender com certa velocidade, ainda era muito fraco e inseguro. Em dado momento, Ramon caiu no chão, já cansado de apanhar de sua professora. Sua

testa suava e a frustração era nítida em seu olhar. Mag se aproximou para tentar confortá-lo.

— Você terá mais dificuldade mesmo, Ramon. Está aprendendo somente aos treze o que aprendi aos cinco. Ao mesmo tempo, sereias aprendem rápido, como é um de nós, não tenho dúvidas que em breve desenvolverá melhor suas habilidades. Vamos — apontou para um dos acessórios de treino — treine esses movimentos sozinho.

Magnólia levantou o rapaz e o deixou praticando o que havia conseguido ensinar naquela primeira aula. Ela se sentou ao lado de Diana que observava o treino.

— Eu fico tentando fingir que eles não são parecidos, mas é simplesmente impossível, Sara gerou uma cópia de seu irmão.

— Percebi pela sua reação quando o levei até você — disse, com um sorriso de canto.

— Então parece que temos alguém na sucessão do trono antes de você — observou, esperando qualquer reação da amiga, buscando entender o que ela estava pensando de toda aquela situação.

Diana levou alguns segundos para responder. Mesmo neste pequeno período, uma infinidade de lembranças inundaram o mar de pensamentos caóticos da rainha de Enellon.

— Quando finalmente eu estava ganhando o respeito do meu povo, surge alguém que merece o trono mais que eu — falou ainda sem tirar o sorriso, mas dessa vez ele carregava uma estranha sensação de libertação.

— Você merece o trono tanto quanto Ramon, ele ao ser herdeiro por direito, e você por ter se empenhado tantos anos para

alcançar as expectativas do povo.

— Eu estou em paz, Mag. Pela primeira vez estou, nunca me senti tão próxima de meu irmão, eu trocaria todos os tronos do mundo exatamente por esse momento que estou tendo agora. A coroa de Norisea pertence ao filho dele, eu lutarei para mantê-la assim.

— Acredita mesmo que nosso povo aceitará Ramon? Ele ainda é parte humano.

— Com certeza haverão receios, pior do que uma sereia sem dons no trono, é um humano sentado nele. Por isso quero prepará-lo para a rejeição, porque ela machuca, mas sempre andei de mãos dadas com o desprezo, então a pele já está tão ferida que não sinto mais os chicotes da objeção. Ramon não possui essa casca grossa para protegê-lo, então ele ainda sentirá muita dor.

O garoto caiu no chão tentando acertar um monte de feno pendurado no teto, ele estava cansado. Olhou para as duas lindas mulheres à sua frente e ficou com vergonha por estar parecendo ridículo com algo que elas sabiam fazer com tanta naturalidade.

— Você tem certeza que sou filho de um tritão e rei? — questionou, com o olhar voltado para sua tia.

Diana levantou quando percebeu que ele poderia estar prestes a cometer o mesmo erro que ela cometeu por anos. A jovem rainha se aproximou de seu sobrinho, se agachou e lhe ofereceu um sorriso acolhedor.

— Ramon, você não é seu pai e não está aqui para substituí-lo. Por mais que eu queira, você não é ele e jamais será. Seu sangue contém a bondade de sua mãe e a força de seu pai, você é único, assim como meu irmão era. Ter você comigo é um vislumbre

do que eu gostaria que você vivesse com seu pai, mas você só tem a mim e eu só tenho você. Não temos outra escolha a não ser nós mesmos.

Ramon apenas assentiu com a cabeça e Diana o ajudou a se levantar.

— O que acha de encerrarmos por hoje? Acredito que você tenha muita coisa para processar.

— De fato — concordou, desanimado por não ter evoluído tanto.

— Ramon, preciso perguntar uma coisa: você está feliz por saber que é um tritão?

O garoto ficou olhando para sua tia sem saber o que dizer, e antes que pudesse falar qualquer coisa, lágrimas escorreram de seus olhos brilhantes e azuis. Ele colocou a mão no rosto sem entender porque estava chorando.

— Você está bem? — perguntou preocupada.

— Eu... — a voz embargou — Eu estou feliz por ter uma família. — Ele sorriu. — Se ela pertence ao mar, então farei o possível para caber nela.

O coração de Diana apertou, agora ela havia percebido que apesar de ele ter uma mãe amorosa e presente, talvez o garoto tenha sentido falta de um pai, e que pai maravilhoso seu irmão teria sido.

— Você já cabe, Ramon.



O céu estava laranja e cor-de-rosa por conta do pôr do sol, e um feixe de luz quente e deleitoso tocava o tapete do quarto da rainha. Diana estava deitada em sua cama segurando o cristal mensageiro rindo com a imagem de seu irmão Rillian que era refletida pelo cristal.

— Mas qual o nome dela?

— Eu não vou contar, Admete! Para de insistir, que chata!

A irmã mais velha revirou os olhos.

— Não é justo você ler meus pensamentos, mas eu não poder ler os seus.

— Eu não queria conseguir ler. Se mamãe descobrir que eu sei do que sei, ela me coloca de castigo *pra* sempre! — disse com um leve tom dramático.

— Cuidado, ela também é telepata — alertou.

— Ela sempre prometeu que não usaria seu dom em nós, mas eu sei que se ela suspeitar muito vai usar, então preciso agir naturalmente para não levantar suspeitas. É difícil não poder contar para Vereno — lamentou, como se carregasse o peso de todo o reino nas costas.

Diana gargalhou.

— Você consegue ler meus pensamentos pelo cristal?

Ele negou com a cabeça.

— Só a mamãe consegue, mas estou praticando para conseguir também.

— Pratique comigo agora — falou animada.

— E descobrir mais um segredo que pode cortar minha mesada? Nem pensar.

— O que o reino tem comentado ultimamente?

— Ah, isso você deveria perguntar para Vereno, ele saberia te responder com mais propriedade, aquele fofoqueiro.

Diana riu, todos em Norisea concordavam que o filho caçula do rei e da rainha não passava de um intrometido, sempre usando seu dom para bisbilhotar a vida e segredo dos outros.

— Ele não te disse nada?

— Apenas que está demorando.

— Oh... — sussurrou desanimada. — Então estão comentando mesmo.

— Acham que aconteceu alguma coisa para você não ter matado o rei ainda. Estamos com poucos espiões em Enellon, eles só conseguem dizer se você está viva ou não, mas não sabem como está indo a missão que foi designada. Quem tinha essas informações com mais propriedade era Rage e Olina, mas perdemos o contato com eles.

A garganta de Diana secou; Rillian não sabia o que havia acontecido com Rage, e naquele momento ela agradeceu aos espíritos por ele ainda não saber ler pensamentos pelo cristal.

— Admete... — a chamou, um tanto acanhado. — Se você já encontrou o filho de Raon, por que não mata o rei?

— Bom, sobre isso... — não havia muitas desculpas — eu apenas sinto que não é o momento — tentou convencer.

— Você está gostando dele?

— Não! — respondeu imediatamente. — Mas estou com medo, estou com muito medo dele. E também... — batidas na porta interromperam sua fala — Espere, Rillian — falou enquanto cobria o cristal com a coberta. — Pode entrar! — gritou.

A porta se abriu lentamente, e Liam saiu de trás dela com o olhar perdido. Diana deu uma última verificada para garantir que o cristal não estava perceptível.

— Tem mais alguém aqui no seu quarto?

— Não, Majestade — respondeu com o olhar indiferente.

— Achei ter ouvido vozes de um rapaz — Tentou não esboçar nenhuma emoção.

— Acredito que esteja imaginando coisas, Majestade. Eu estava falando sozinha — mentiu. Claro que mentiu.

— Você faz muito isso?

— Mais do que imagina.

— Pode conversar comigo.

— Não creio que possamos manter uma conversa por muito tempo.

— De fato — anuiu, já começando a se irritar. — Eu só gostaria de saber quando foi que passei a ser tão repulsivo para você.

— Vossa Majestade não me causa repulsa de forma alguma.

— Pare com essa de "majestade", eu sou seu marido, me chame pelo nome!

— Como quiser, Majestade.

Liam bufou, colocando as mãos no rosto.

— Escute, Diana, eu estou tentando, estou verdadeiramente tentando... Maldição! — exclamou, aumentando o tom de voz. Diana segurou a coberta com mais força, com medo que ele chegasse perto. — Eu acreditei que tínhamos nos aproximado durante a viagem em Horizon.

— E eu acredito que tenha se enganado, não me senti da mesma forma — a mentira foi tão grotesca que nem mesmo Diana se convenceu do que havia dito.

— Por que me trata com desdém?

— Você me tratou com desdém desde o início da minha seleção! — agora quem levantava o tom de voz era ela.

— Supere isso! — falou mais alto. — Tratei todas as mulheres da mesma forma, eu não podia me apegar a vocês enquanto não escolhesse uma esposa!

Diana manteve seus olhos fixos nos olhos de seu marido, sua mente buscava uma resposta rápida, mas não o suficiente para responder o argumento do rei.

— Olha... — disse Liam, já desistindo daquela discussão e se preparando para se retirar do quarto — estarei no jardim, se quiser minha companhia, tem algo que eu gostaria de te mostrar, apesar de ter perdido totalmente o clima para mim — encerrou a fala, fechando a porta bruscamente.

No mesmo instante, Diana retirou o cristal de seu esconderijo improvisado e avistou Rillian com a cabeça baixa e um tanto envergonhado por ter ouvido a discussão.

— Me perdoe por isso, irmão — falou um pouco sem jeito.

— Você irá encontrá-lo no jardim?

— Claro que não, Rillian.

— Sabe, Admete... se você o evitar muito, daqui a pouco ele irá desconfiar do motivo, eu sei que não deve ser fácil, mas você poderia tentar ser mais zelosa com o rei.

— Esse rei é nosso inimigo, ou será que esqueceu?

— Eu sei, mas ele não sabe disso e muitas coisas tem fugido do plano original. O filho de Raon é um exemplo, talvez a relação de vocês seja outra questão a ser avaliada.

— Que relação, Rillian? O que sabe sobre isso? Só tem treze anos — falou, já cansada daquela conversa.

— Eu sei que não passo de um adolescente que ainda tem muito a amadurecer, mas eu também sei quando um garoto gosta de uma garota.

— E como sabe disso?

— Porque o jeito que o rei ficou na sua presença é como eu fico quando me encontro com Naga.

— Rá! — disse, apontando para o cristal. — Esse é o nome dela então.

Rillian a olhou com aquela expressão de “não mude de assunto”. Ela sabia que o irmão estava certo, nos últimos dias ela havia aberto muitas brechas para desconfiarem de sua identidade; a tristeza que ela sentiu pela morte de Rage foi percebida por todos os funcionários do palácio, e se ela não mudasse de postura, logo começariam a murmurar teorias sobre a rainha. Precisava urgentemente reverter a situação que ela mesma causou. Diana respirou fundo.

— Muito bem, irei para o jardim.



A noite estava quente, uma brisa suave deixava o clima fresco e revigorante. O céu estava com poucas nuvens escuras,

portanto, as estrelas estavam quase tão nítidas como a lua, que brilhava lindamente no topo de suas cabeças. A grama verde e úmida dava ao jardim um toque especial, e como sempre, estava bem aparada, por esse motivo, Liam ficou pensando que talvez devesse agradecer ao cortador de grama pelo excelente serviço. Tirou uma caderneta do bolso e anotou sugestões para presentear o funcionário habilidoso, pensou em um jantar, ou quem sabe um dia de folga.

— Se quer agradar o cortador de grama, poderia oferecer um salário maior — Diana observou após ler discretamente o que Liam estava anotando.

O rei se virou surpreso, já que não esperava que a rainha fosse realmente ao seu encontro. Desconcertado, ele tentou continuar a conversa naturalmente.

— Ah... certo. Então uma bonificação em dinheiro o deixaria mais feliz do que um jantar com o próprio rei?

Diana soltou uma risada abafada.

— Não tenho dúvidas. O dinheiro que você gastaria no jantar, pode oferecer para ele cuidar de sua família ou financiar seus sonhos — falou, se sentando ao lado dele no banco que estava no jardim. — Creio que esse reconhecimento o fará ainda mais grato e fiel a coroa.

Liam riscou as anotações de sua caderneta.

— Então está decidido.

Diana detestava admitir que Liam era bom. Ele tinha seus mistérios, e quando decidia ser sarcástico, era simplesmente insuportável, mas seria mentira dizer que era um rei ruim, pelo menos não para o povo dele. Seria muito mais fácil decidir matá-lo

se ele fosse um homem mau, ela sentiria que estaria até fazendo um favor a Enellon. Mas não. Liam era bom. Um rei atencioso com seu povo e extremamente generoso. Ela sabia que no momento que matasse esse rei, o povo de Enellon jamais perdoaria o povo de Norisea.

— Liam...

Ele a olhou com um sorriso discreto ao perceber que finalmente Diana estava voltando a chamá-lo pelo nome.

— Diga, minha rainha.

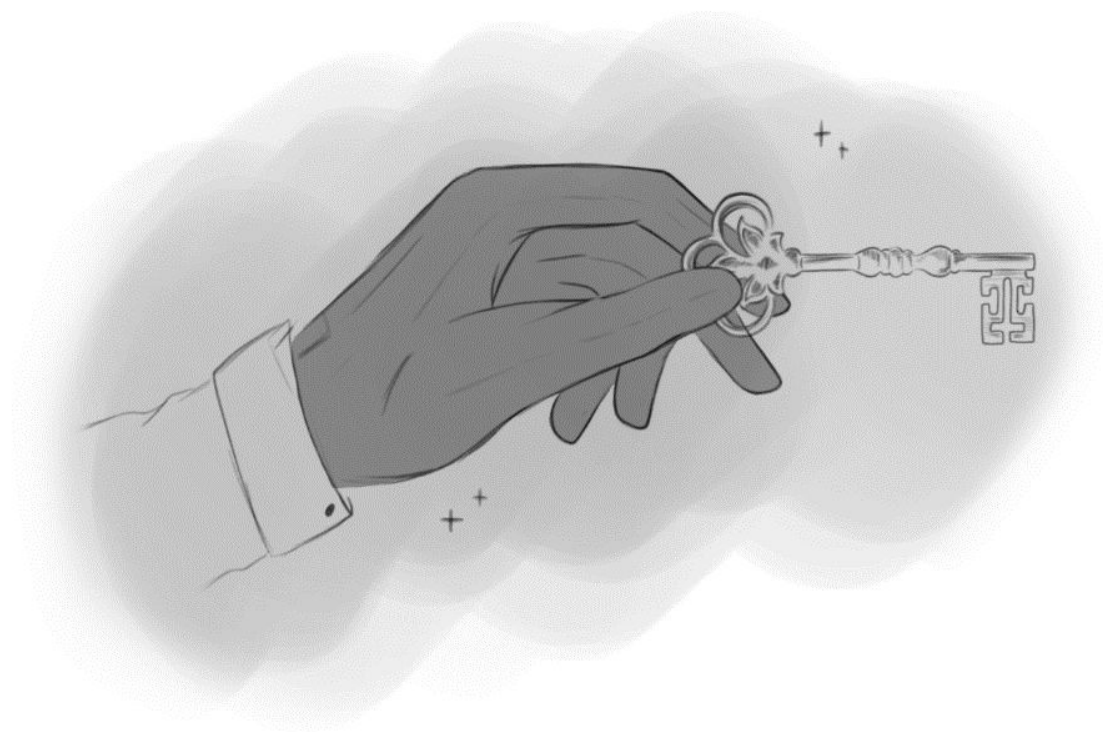
— O que você queria me mostrar?

— Na verdade, são duas coisas — disse, se levantando do banco —, mas só poderei mostrar uma hoje. Me acompanha? — Ofereceu a mão direita para a esposa.

A rainha estava entendendo porque ela era tão difícil com seu marido; quanto mais ele era gentil e amável, mais culpa ela sentia ao pensar em sua morte. Ela sabia que ele estava se esforçando para que funcionassem, justamente por ver nela um potencial presente na realeza. Ele havia sido duro e ríspido durante a seleção, e por um momento ela pensou se o rei realmente queria uma rainha. Mas, após a viagem para Horizon, Liam pareceu ter baixado a guarda e tentado se permitir novas emoções. Esmeralda contou um pouco de um lado dele que ela não conhecia, e Diana, por alguma razão, queria conhecer mais desse lado obscuro.

Por que o esconderam quando nasceu, já que a rainha havia dado à luz a um filho homem? Havia conflitos dentro da dinâmica familiar? Por que ele nunca falava de seus pais? E pelos espíritos, o que ele escondia naquela luva?

Diana tentou afastar suas indagações naquele momento, aceitando que a mão do rei a conduzisse para onde ele a queria levar. O jardim do palácio era gigantesco, com muitas esculturas de arbustos e pequenos chafarizes, algumas árvores tinham balanços enfeitados com lindas rosas brancas e vermelhas. Apesar da noite estrelada, elas estavam gradualmente sendo cobertas por mais nuvens densas e escuras, um temporal estava próximo. Liam segurava firme na mão da rainha, e aos poucos eles se afastavam cada vez mais da área comum do jardim. O jovem casal se aproximou de um portão de ferro, então o rei retirou do bolso uma chave e o abriu. Ele estava em silêncio e tentava conter o nervosismo, tudo aquilo era tão novo para ele como era para Diana.



Adentraram o ambiente e, após alguns minutos de caminhada, chegaram em uma parede de folhagens caídas. Ali já estava bem escuro e Diana começava a ficar com medo, afinal, Liam ainda era o homem que assinara a morte de Rage e poderia fazer o mesmo com ela. Talvez ele tivesse descoberto tudo e decidido levá-la para um lugar isolado, sem testemunhas, e naquele momento, Diana se arrependeu por ter aceitado acompanhá-lo.

— O-onde estamos, Majestade? — perguntou com a voz trêmula.

— Na única coisa mais próxima de magia que Enellon possui — respondeu com um sorriso sereno.

E então Liam abriu a cortina de folhagens e revelou o que estava escondido. Os olhos da rainha foram cobertos por algo que ela não havia visto nem mesmo em Norisea: centenas de borboletas planavam naquele esconderijo do jardim, mas como se não bastasse, essas mesmas borboletas possuíam um fator que as diferenciava das outras, pois suas asas reluziam uma cor dourada intensa e acolhedora. O brilho era semelhante ao fogo, e quando elas voavam, pareciam deixar um rastro de luz no céu.

— Liam, o que é isso tudo? — Ela ainda estava maravilhada com o que via.

— É o meu refúgio. Eu me escondia aqui quando era criança.

— Por que você precisava se esconder?

O rei não conseguiu responder, apenas se calou e Diana percebeu que não era o momento de se aprofundar naquele assunto, claramente causava sentimentos nele que o machucavam

imensamente. Uma borboleta pousou na cabeça de Diana e Liam começou a rir.

— O que foi?

— Alguém achou seu cabelo confortável, apenas isso — disse, se aproximando para tirar a borboleta dos seus fios sedosos.

Liam estendeu o dedo indicador e a borboleta pulou para ele, Diana ficou admirada com a familiaridade que ele tinha com elas, as pequenas borboletas pareciam o conhecer mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Se aquele era seu esconderijo, talvez elas já tivessem ouvido muitas lamentações e choros desesperados de uma versão mais jovem e inocente do rei.



— Diana, eu acho que já entendi tudo — falou de modo despretensioso.

— Do que está falando, Liam? — perguntou ainda distraída, admirando o esconderijo radiante.

— Eu sei quem você é — disse com um tom mais sério.

Naquele instante, Diana não conseguiu disfarçar o olhar assustado. O que Liam queria dizer que sabia quem ela era?

— O dia que decretei a morte daquele tritão você pareceu muito abalada, e isso me fez questionar os motivos para isso. Sua chateação foi tamanha que você não me queria nem mesmo mais na sua presença.

— Eu... — Ela tentou arrumar uma justificativa rápida e convincente, mesmo que nem tudo fosse verdade. — Eu apenas fico abalada com a morte, Majestade. Nunca tinha passado por algo assim, o senhor já deve estar acostumado, mas deve lembrar que estou aprendendo a ser rainha, e tomar essas decisões de sentença de morte ainda não são fáceis para mim.

— Eu sei que não foi isso, Diana. Eu sei que não. Você possui uma conexão com esse povo místico das águas.

Ela havia sido descoberta, Diana tinha absoluta certeza disso, ela estava prestes a pedir por misericórdia quando o rei continuou sua fala.

— Você se apaixonou por um tritão, não é mesmo?

— O-Oque? — Não era bem isso que ela esperava.

— Você amou um tritão chamado Raon, não amou?

O rei pronunciar o nome de seu irmão a pegou de surpresa.

— Como sabe o nome dele? — perguntou com um tom de voz desesperado.

— Em uma manhã você sussurrou seu nome, provavelmente estava sonhando com esse tritão. Também notei depois que esse nome não é humano, é nome de sereia. Imagino que ele seja o amor desse colar que você nunca tira de seu pescoço.

Diana apertou o colar contra o peito, com medo do que viria a seguir. Ela sabia se proteger, mas dessa vez havia esquecido em seu quarto o apetrecho mágico feito por Rage, portanto, estava mais vulnerável. O rei era um guerreiro treinado e sempre carregava consigo uma adaga, não seria fácil fugir se precisasse.

— Você deve saber que qualquer envolvimento com esses seres místicos é considerado traição à coroa.

Diana engoliu em seco e acenou com a cabeça. Liam havia entendido tudo errado. Estava em seu entendimento que Diana não era sereia, mas que havia se apaixonado por um ser das águas, e ela ficou tremendamente aliviada ao perceber que sua identidade ainda não corria perigo. Liam continuou

— Pois bem, apesar de suas atitudes, eu pensei na questão que você colocou *“Por que matamos sereias?”*. Fiquei surpreso ao perceber que nem eu mesmo entendia a razão — ele fez uma pausa — A vida com esse Raon devia de ser muito mágica — observou, olhando para ela.

— Era mágica mesmo — falou com os olhos marejados.

— Onde ele está?

— Ele morreu, Majestade.

— A caçada?

— Sim, Majestade. — Uma lágrima escapou.

— Compreendo — assentiu, com um olhar cabisbaixo. — Sinto muito pela sua perda, mas é assim que nosso reino funciona.

A caçada sempre foi um período de celebração, muita festa e comida. Imagino que para você não seja a mesma coisa.

— Não é, de forma alguma — falou com o tom aflito ao ouvir a palavra celebração se referindo a matança de seu povo.

— Decidi que não vou te julgar por quem seu coração decidiu se apaixonar. Portanto, não, em nenhum momento passou pela minha cabeça delatar seu envolvimento com a criatura dos mares.

— Você não pode parar a caçada?

— Eu não posso, Diana, a caçada é uma tradição milenar. Não posso pará-la somente porque a rainha já se apaixonou por um tritão. Eu deveria ter uma boa razão para interromper tamanha tradição, mas não existe, não ainda. Drakkar tem muita influência sobre o conselho e ele venera a caçada como ninguém.

Diana fechou os olhos com força, se culpando amargamente por ter negligenciado seu povo.

— Acredito que você tenha amado imensamente esse homem. Tritões são encantadores, eu concordo. Não estou pedindo que me ame, apesar de... — ele fez uma pausa desconfortável, no fundo ele queria que a rainha o amasse — Eu só... — coçou a garganta e olhou firmemente em seus olhos. — Eu só estou ficando impaciente.

— Impaciente?

— Preciso dar herdeiros ao trono, Diana — falou dessa vez, desviando o olhar. — E eu quero poder me deleitar com você na cama também.

O rosto de Diana ficou ruborizado imediatamente, havia ficado extremamente envergonhada ao pensar que deveria se deitar

com o rei. Ela sabia que não deveria se sentir daquela forma, afinal, já fazia algumas semanas que estavam casados e ainda não haviam tido uma noite sequer de intimidade, por isso, a impaciência do rei era justificável.

— Eu quero que descubramos o prazer no leito matrimonial juntos. Eu...— dessa vez o rosto do rei que estava ruborizado. — Eu acredito na santidade desse momento, eu me guardei para isso, eu me guardei para você.

— Liam... — sussurrou, espantada com a sinceridade de suas palavras.

— Mas eu prometi que jamais te forçaria a fazer algo que não quisesse, dessa forma, continuarei esperando por esse momento. Por favor, apenas não me faça esperar demais.

Diana permaneceu alguns minutos encarando o rei e pensando no que deveria dizer a ele, mas nenhuma palavra saía de sua boca. Ela não esperava tamanho comprometimento que Liam tinha com esse casamento, e toda essa entrega por parte dele só a fazia sentir ainda mais culpada ao pensar nas suas verdadeiras intenções. A rainha percebeu que se continuasse a agir daquela forma, o rei poderia se cansar dela, então, ela precisava tomar atitudes que não estavam nos planos. Ela colocou a mão no rosto do rei e aproximou seu rosto ao dele, quando seus lábios estavam quase se tocando, Liam a impediu.

— Não — falou com a voz firme.

— Mas eu achei que... — disse um pouco confusa.

— Eu quero, Diana. Mas não quero assim. Eu preciso que seja sincero.

— É sincero — mentiu.

— Não se atreva a enganar meu coração, minha rainha. Eu já disse que posso esperar — falou, tirando delicadamente a mão dela de seu rosto.

Liam virou de costas para ela, fazendo um sinal para se retirarem do santuário de borboletas. Diana apenas obedeceu e o seguiu para fora do local mágico em que estavam.

O retorno aos quartos foi ainda mais silencioso e constrangedor. Liam a deixou em frente ao quarto da rainha e já estava se preparando para se retirar de sua presença quando Diana o chamou.

— Liam, eu posso dormir com você hoje? — perguntou relutante.

— O que? — espantou-se com o pedido.

— Acredito que os funcionários têm notado que não passamos muito tempo juntos no quarto do casal nas últimas semanas, isso pode gerar rumores negativos a seu respeito. Então — estava nervosa com sua fala —, mesmo que eu não esteja pronta, passar mais tempo juntos pode acelerar o processo.

Liam sorriu ao notar o esforço de Diana, ele pensou que talvez tenha valido a pena ter sido sincero com ela em relação a isso, talvez ele devesse ser sincero em relação aos outros aspectos de sua vida também.

— Está certo, minha rainha. Por favor — disse, oferecendo o braço.

Diana aceitou e os dois, por fim, estavam seguindo juntos para o quarto do casal novamente.



Um feixe de luz que insistia em

escapar da janela incomodou os olhos da rainha, que acordou acomodada nos braços de Liam. Ela não se lembrava deles terem dormido abraçados, pela sua memória, cada um havia se deitado em um canto da cama, mas talvez no meio da noite os corpos se aproximaram e acabaram se encontrando. O encaixe deles estava perfeito, ela se sentia confortável nos braços fortes de seu marido. Liam normalmente se deitava sem camisa, portanto, Diana conseguia sentir o peito dele pressionando suas costas. Ela notou que a mão esquerda bem a sua frente estava coberta por aquela mesma luva. Diana aproximou seus dedos para tocar na mão do rei, a tentação de tentar tirar a luva e descobrir o que ele escondia era gigantesca, mas se ela fizesse isso, provavelmente perderia totalmente a confiança dele. Para matar a curiosidade, ela se

levantou com cuidado para não acordá-lo e foi ao banheiro para tomar um banho frio e salgado de banheira que ela tanto gostava.

Dentro da banheira, Diana percebeu como sentia falta de ter seu corpo de sereia, ficar tanto tempo fora da água era desagradável. A última vez em que ela esteve com seu corpo original foi quando usaram a concha do lapso, mesmo desejando se transformar em uma sereia ali mesmo em seu banho, ela sabia que não poderia correr esse risco, então, logo ela se retirou das águas geladas que a acolhiam, se enrolou em um roupão e saiu do banheiro. Liam já estava acordado e sentado na cama de costas para a rainha lendo alguma coisa.

— O que está fazendo? — perguntou Diana, curiosa sobre o que ele segurava.

— Ah, você está aqui ainda. Achei que tivesse ido para seu quarto.

— Acordei mais cedo para tomar um banho.

— Poderia ter me acordado também.

— Eu não poderia, Vossa Majestade parecia estar em um sono tão tranquilo.

Liam a ofereceu um sorriso de canto enquanto a fitava da cabeça aos pés. Ela ficava linda até mesmo com o cabelo molhado e os olhos inchados da manhã.

— Recebemos um convite, minha rainha.

— Oh, e do que se trata?

— Drakkar nos convidou para almoçar em sua casa.

O coração de Diana disparou rápido, nada era mais pavoroso para ela do que ter que encontrar aquele homem cruel novamente.

— Bom, então irei para meu quarto me arrumar, Majestade.

— Muito obrigado, minha rainha. Em breve passo lá para te buscar.



Magnólia estava em seu quarto fazendo um relatório. Ela sempre anotava todo o processo e andamento da missão, também escrevia teorias e pensamentos a respeito do povo humano. Algumas vezes desenhava mapas, cenários e rotas de fuga, outras vezes também fazia o retrato de alguns humanos, e um desses retratos era o rosto de Miguel, que ao levantar o olhar, ela acabou se distraíndo com o desenho que ela mesma havia feito do rapaz. Mag chacoalhou a cabeça quando percebeu que estava encarando demais o desenho e decidiu sair para pegar um pouco de ar fresco. Ela foi até a porta do palácio e se sentou em um canto escondido para que ninguém a visse desenhando. Dois oficiais guardavam a entrada e Magnólia decidiu desenhá-los, tentando não fazer barulho para que não fosse notada em seu esconderijo improvisado. Enquanto desenhava, acabou ouvindo a conversa dos oficiais.

— Tudo está saindo conforme o combinado? — cochichou o primeiro oficial.

— Recebi a confirmação que o rei e a rainha estarão sem escolta na casa do conselheiro Drakkar — respondeu o outro.

— Então não teremos problemas, o rei confia nesse conselheiro cegamente.

— Sorte a nossa.

— Como faremos quando estivermos lá?

— Iremos invadir a casa de Drakkar. O rei certamente não levará armamento pesado, então será fácil matá-los. Recebi a orientação para bater em Drakkar com força para deixar hematomas nele, assim ninguém irá desconfiar.

— Certo, então ele estará nos esperando.

— Logo que nosso turno acabar devemos nos preparar para a missão, e assim que concluirmos, fugiremos para Horizon. Drakkar garantiu que receberíamos refúgio lá.

— Excelente.

A respiração de Magnólia estava ofegante, tinha acabado de ouvir algo que certamente não deveria ter ouvido. Se ela se mexesse ou fizesse qualquer barulho para sair dali os oficiais a veriam e então poderiam matá-la. Mag só tinha um lápis e papel em suas mãos, aqueles oficiais possuíam armas e lanças, nessa batalha ela estava em desvantagem. A jovem sereia se encolheu ainda mais em seu canto, clamando ao Espírito Hanur para que não fosse vista por aqueles conspiradores.

Para o alívio de Magnólia, poucos minutos se passaram até outra dupla de oficiais se apresentarem no posto de guarda para a troca de turno. Assim que eles se afastaram, Mag saiu correndo para encontrar Diana, chegou até o quarto dela e não bateu para entrar, apenas arrombou a porta com a respiração ofegante. Diana deu um grito agudo com o susto.

— Magnólia! Pelos espíritos! — repreendeu a amiga.

— Diana, me escuta! — disse, enquanto ainda recobrava a respiração. — Estão planejando matar você e o rei!

— O que? Por quê? — perguntou, assustada com o que acabara de ouvir.

— É Drakkar! Planejam matar vocês na casa dele!

— Santo Hanur, temos que fazer alguma coisa, Mag. Se o rei morrer sem herdeiros, quem é o próximo na linha de sucessão ao trono?

— O primeiro conselheiro.

— Drakkar é o primeiro conselheiro — afirmou. — Mag, como eu não percebi antes? Drakkar quer o trono! Se nosso povo já está em perigo na mão de um rei bondoso, imagina nas mãos de um caçador? Não teremos chances!

— Isso não temos como provar, Diana. Eu só sei que temos que impedir os conspiradores, mas sem entregar Drakkar, é a minha palavra contra a dele.

— Precisamos de alguém que acredite em você e capture os conspiradores em flagrante. Abriremos um julgamento e então serão obrigados a falar. Pegamos Drakkar neste momento!

— Uma armadilha?

— A armadilha que ele mesmo criou se voltará contra ele.

— Eu sei quem pode me ajudar. Quando estiver na casa dele fique atenta, leve seu apetrecho mágico com você.

— Levarei, ele pode tentar nos prender antes de nos matar.

— Quando você irá para a casa dele?

Duas batidas na porta interromperam a conversa.

— Eu irei agora, Liam chegou. Por favor, se apresse!

Diana pegou o apetrecho em cima da cama e saiu do quarto. Se deparou com Liam a esperando com uma singela rosa da mesma cor de sua cauda.

— Eu não sei porque, mas quando vi essa rosa achei que combinaria com você.

— Achou certo, Majestade — disse, tentando fingir que não acabara de ouvir sobre um plano de assassinato.

Os dois seguiram juntos para fora do palácio. Diana olhou para trás fazendo um sinal para Magnólia correr.

Mag foi até o local que já estava familiarizada, pois desde a viagem para Horizon ela visitava Miguel com certa frequência em seu trabalho; ele era uma agradável distração de toda aquela bagunça que ela estava imersa. Apesar das constantes investidas do rapaz, ela sempre tentava manter um limite, é claro que o jovem oficial estava começando a se cansar por não ser nada além de um amigo paquerador, afinal, eles não começaram a relação deles como amigos, Miguel deixou bem claro suas intenções desde o início, então ele sabia que estava sendo enrolado por Mag.

— Miguel, preciso de você! — chegou falando alto no posto que o rapaz trabalhava.

O jovem oficial ajeitava alguns arquivos em suas devidas gavetas e se assustou com a afobação da moça por quem estava apaixonado.

— Mag? Achei que viria me ver mais tarde, meu turno só acaba no final do dia, sinto muito. — Já adiantou que não poderia abandonar seu posto.

— Miguel, por favor, isso é muito sério! Estão conspirando para a morte do rei! Hoje! Matarão Liam hoje!

— O que? Como sabe disso? — perguntou um tanto incrédulo.

— Eu ouvi dois oficiais conversando sobre o plano, o rei estará indefeso na casa de Drakkar e irão matá-lo lá mesmo. Você precisa acreditar em mim! Irão matar minha irmã também!

— Você sabe que essa é uma acusação muito séria, não sabe? Você tem certeza disso?

— Eu nunca estive tão certa em toda minha vida — afirmou, com o olhar desesperado.

Miguel sabia que Mag jamais brincaria com uma situação assim, ela certamente sabia da gravidade de tal acontecimento. Ele esfregou os olhos e grunhiu.

— Meu chefe vai me matar! Vamos logo então, o rei e a rainha já devem estar na casa de Drakkar — disse enquanto pegava as chaves de seu veículo.

— Oh, muito obrigada, Miguel! Nem sei como te agradecer! — falou enquanto o acompanhava.

— Que tal me agradecer com um beijo? — sugeriu em um tom de brincadeira como sempre fazia.

— Fechado — disse Mag sem prestar muita atenção no que havia acabado de concordar.

O rapaz sorriu de orelha a orelha ao ouvir a resposta de Mag, e então se apressou para finalizar logo aquela missão para enfim conseguir a recompensa que ele tanto almejava.



— Que honra recebê-los em meu humilde lar — disse Drakkar, se curvando na presença do rei e da rainha.

A casa do conselheiro não era nada humilde, era grande e suntuosa, com pilares e grades de prata que revelavam a todos que ele era especial e relevante na corte. No topo da porta estava o brasão de Enellon, o lobo. Claramente, Drakkar se orgulhava de ser o melhor caçador da região e ele faria de tudo para manter esse posto por muitos e muitos anos.

— Eu que agradeço pelo convite, caro amigo. É sempre um prazer estar em sua presença. — Liam carregava um sorriso singelo, certamente apreciava a companhia de Drakkar.

— Vossa Majestade está esplêndida, como sempre — disse ele se referindo a rainha.

— É uma pena não poder dizer o mesmo do senhor — retrucou Diana.

— Diana! — exclamou Liam tentando chamar sua atenção. Drakkar gargalhou.

— Minhas cicatrizes são meu fardo, mas também minha vitória. Cada uma delas pertence às caçadas — revelou, aproximando seu rosto ao dela.

— Se sua vida não girasse ao redor da caçada, talvez fosse mais agradável de aparência e veria que temos assuntos mais relevantes para tratar em Enellon.

— Peço que Vossa Majestade me passe suas dicas de tratamentos de beleza para que eu possa amenizar o que tanto lhe desagrada — debochou, finalizando com uma piscadela.

— Sinto lhe desapontar, mas eu já nasci assim — revidou com um sorriso sarcástico.

Liam soltou uma risada abafada e logo se recompôs para chamar a atenção de sua esposa com um aperto mais forte na mão

que segurava.

— Pois bem, o que preparou para nós, Drakkar?

— Pedi as minhas servas para começarem com as entradas, podemos nos servir neste ambiente e então aproveitar seu prato favorito, cordeiro assado.

— E a sobremesa, meu amigo? — perguntou com um ar de zombaria.

— Ah, essa parte é uma surpresa, Majestade.

O coração de Diana disparou, ela sabia qual surpresa os aguardava. O casal se acomodou em um sofá aconchegante e Drakkar se sentou em um poltrona do outro lado da mesa de centro, onde seriam servidas as entradas. Logo uma serva apareceu com uma bandeja e quando retirou a tampa, Diana sentiu um enjoo instantâneo e fez o máximo para disfarçar a expressão.

— Canapés de camarão, Majestade — apresentou a serva.

— Ah, meus favoritos — disse Drakkar. — Eu adoro frutos do mar — finalizou, enquanto encarava Diana. — O senhor gosta, Majestade?

— Na verdade, nunca foi de meu agrado — falou, pegando um dos pequenos canapés —, mas não farei essa desfeita.

— E a senhora, Majestade? Não irá experimentar?

Diana coçou a garganta, de forma alguma que ela comeria um animal das águas. No mar outros seres vivos nunca foram opção de refeição. Raon sempre a ensinou que toda vida era tão sagrada como a deles. Ela estava fazendo o possível para caber naquele mundo, mas isso ela não poderia fazer.

— Acho que o camarão não me cai muito bem. — Tentou não olhar para a mesa.

— Prefere então algum tipo de peixe? — retrucou Drakkar.

— Eu...

— Atum? Salmão?

— Se for possível...

— Ah, já sei! Essa receita é nova, posso pedir que façam caldo de cavalo marinho.

— Não! — exclamou Diana, assustada com a possibilidade de ver seu animal favorito morto em seu prato. — Qualquer coisa sem carne eu aceito.

— Oh, não me disse que sua rainha era vegetariana, Majestade.

— Na verdade, nem eu sabia — falou, enquanto desistia de comer o canapé.

— Pois bem — fez um sinal para a serva —, faça algo para a rainha, pode ser com tomate ou ervilhas, não sei, apenas seja criativa.

— Sim, senhor — respondeu a serva.

— Posso me juntar a você na cozinha? — perguntou Diana para a mulher.

A pobre moça ficou tão atordoada com a pergunta que nem soube o que responder.

— Vossa Majestade quer cozinhar? — foi a única coisa que saiu da boca dela.

— Eu nunca cozinhei, mas adoraria ver como faz. A senhora me permite?

A serva olhou para Drakkar esperando aprovação e ele fez um sinal indiferente dando o aval.

— Pode me seguir então, Majestade.

Diana saiu de lá, aliviada por não ter que ficar encarando as entradas de camarão por mais tempo. Drakkar colocou mais um canapé na boca antes de falar com o rei novamente.

— Agora entendi porque a escolheu.

— O que? — questionou, sem entender onde queria chegar.

— Ela é molenga com o povo assim como o senhor.

Liam riu.

— Ela é, não é mesmo? — Ele tinha no rosto um sorriso fascinado enquanto pensava nela.

— Eu admiro sua bondade, mas devo lembrá-lo que sua coroa é soberana e nosso reino poderia ser muito maior, poderíamos conquistar mais terras e...

— Drakkar — Liam o interrompeu. — Já falamos sobre isso. Antes de conquistar novas terras, preciso garantir que meu povo tem tudo que precisa. Temos sofrido com a infertilidade e essa é a questão mais importante agora. Não adianta conquistar reinos se não pudermos crescer neles como povo.

— A infertilidade pode ser um sinal que devemos expandir.

— Não acredito que esse seja o sinal, ainda estou levantando alguns dados.

Drakkar se recostou em sua poltrona, frustrado com a falta de interesse do rei em seus planos para o reino, em seu coração ele tinha cada vez mais certeza que faria esse trabalho melhor que ele.

Na cozinha, Diana cortava a massa para fazer pequenas tortilhas de tomate e pesto.

— Tem um cheiro tão bom — observou, admirando a massa fofinha.

— Ah, essa massa é uma receita de família, Majestade — contou, com um sorriso orgulhoso.

— Qual o seu nome, querida?

— É Ana, Majestade.

— Ana, você tem filhos?

O sorriso da serva se desfez

— Eu... Eu sou estéril, Majestade.

— Sinto muito! — exclamou. Diana havia se esquecido que quando se tratava de filhos, esse assunto era delicado para qualquer pessoa do reino, portanto, era sempre recomendado evitar esse tipo de conversa. — Isso tem afetado muitas mulheres?

— Homens e mulheres, Majestade.

— Você tem uma teoria para isso acontecer?

— Dizem que é uma maldição de Hanur, mas eu discordo. Eu acho que é um aviso do próprio Callian.

— Como assim?

Ana se aproximou de Diana para sussurrar, pois falar sobre isso poderia irritar profundamente seu senhor.

— Eu acho que Callian é contra a caçada e está tentando nos avisar.

— Por que acha isso? — sussurrou com ela, curiosa para ouvir sua teoria.

— É porque... — foi interrompida por um barulho de sino.

— É Drakkar, preciso levar mais entradas!

— Eu levo essas aqui. — Apontou para uma fornada pronta em cima da mesa.

— Não é necessário, Majestade.

— Eu insisto.

Ana agradeceu o ato e saiu da cozinha. Diana permaneceu ajeitando as tortilhas na travessa e então se preparou para deixar o cômodo também. Ao sair dali, notou um corredor largo, iluminado por uma fraca lamparina amarela, que nas paredes tinha algumas honrarias. Curiosa, decidiu explorar rápido antes que sentissem sua falta. Ainda segurando a bandeja de comida, ela entrou no corredor e viu medalhas, homenagens do rei falecido e centenas de fotos de Drakkar voltando vitorioso das caçadas. As imagens lhe causavam repulsa, e então Diana se virou para uma parede com destaque maior, e assim que bateu os olhos na maior conquista da Drakkar, ela deixou a bandeja cair e seu corpo paralisou com a imagem que a encarava.

Liam ouviu o barulho da prata caindo, chamou por Diana, mas ela não respondeu, então correu juntamente com Drakkar para saber onde ela estava. A encontraram no corredor, de frente para a imagem que faria parte de seus piores pesadelos a partir daquele dia.

— Ah, Vossa Majestade encontrou meu maior troféu — falou Drakkar.

Lá estava o corpo de seu amado irmão Raon, empalhado e pendurado na parede como símbolo de sua vitória. Como um flashback, Diana voltou para o dia da morte do primogênito de Norisea, a grande criatura de metal que o matou guardava um homem em seu compartimento e então ela lembrou do rosto que vira naquele dia, era Drakkar. Aquele homem havia matado o herdeiro de seu reino; foi aquele homem que tirou dela a pessoa que mais amou em toda a sua vida.

Como era doloroso ver o rosto de seu irmão pálido e sem as expressões risonhas que ela guardava com tanto carinho em suas memórias, pior ainda era pensar que Drakkar não deixou nem mesmo seu corpo descansar em paz, mas o aprisionou em sua casa como um objeto a ser admirado e invejado. Seu irmão não era um apetrecho, ele era alguém. Ele merecia mais do que ninguém um enterro digno.

— Talvez Vossa Majestade não saiba, mas há séculos existe um desafio para o caçador que capturasse um herdeiro do reino dos mares. Quem conseguisse tal feito seria nomeado o conselheiro mais próximo do rei. Foi assim que consegui meu posto — disse orgulhoso.

Diana se lembrava do que havia lido nos pergaminhos que sua professora a havia entregado, então tudo isso era para que Drakkar finalmente estivesse próximo do rei o suficiente para tirar a sua coroa. A morte de seu irmão não passava de um plano egoísta para tomar o trono. A culpa nunca foi do povo de Enellon, nem mesmo dos reis, mas sim, de homens gananciosos que sempre queriam algo que não os pertencia. A vida de Raon não pertencia a Drakkar. A vida da pobre princesa descrita nos pergaminhos não pertencia àquele rei. Por que os humanos insistiam em ter aquilo que não lhes foi permitido?

A rainha abaixou o olhar e viu uma foto que a aterrorizou ainda mais. A imagem de Drakkar dentro a criatura de metal que segurava o corpo de seu irmão sem vida, comemorando a sua conquista.

— Eu era criança nessa época — observou Liam —, me lembro apenas vagamente desse dia.

Liam pegou na mão de sua esposa, mas ela estava gelada e tremia com intensidade.

— Minha rainha, você está bem? Não tem problema ter derrubado a bandeja.

Diana não conseguia tirar os olhos do corpo morto de seu irmão, ela nem mesmo piscava. Ela sonhava com o dia que veria o rosto alegre e jovial de Raon novamente, mas jamais imaginou que o veria de novo daquela forma, essa não era a última imagem dele que ela queria em sua mente, mas agora era tarde. Aquilo a perseguiria por toda a sua vida e não tinha mais volta.

De repente, batidas estrondosas interromperam o momento desesperador que Diana estava vivenciando, então ela lembrou que ainda existia uma conspiração contra a vida do rei, e seria naquela casa. Ela pensou se Magnólia havia conseguido sucesso ao buscar ajuda. Diana tirou o apetrecho do cabelo e o segurou com força em suas mãos ainda trêmulas em reação ao que acabara de ver. Drakkar e Liam desceram rapidamente para atender as batidas na porta que não paravam, Diana deu uma última olhada no corpo de seu irmão e desceu com eles.

Drakkar estava com um sorriso no rosto, era exatamente esse o horário combinado para que o plano desse continuidade, e naquela mesma semana ele poderia ser coroado rei. Assim que abriu a porta, pronto para encenar uma reação assustada com os ataques, acabou encontrando seus dois homens desmaiados no chão e um jovem oficial que nunca vira antes em frente a porta.

— Senhor Drakkar. Majestade. — Se curvou. — Descobrimos que esses dois homens estavam conspirando contra a coroa e planejavam matá-lo quando estivesse indefeso na casa do

conselheiro. Graças a Callian os peguei antes que algo pior acontecesse.

Liam estava em choque e também admirado com o jovem oficial. Diana percebeu que o plano com Magnólia havia funcionado e a avistou logo atrás dos homens caídos. Drakkar frustrado acabou enfrentando Miguel.

— E que provas, você, pequeno rapaz, tem para culpar esses homens?

— Assim que recebi a denúncia procurei onde se escondiam e os segui até aqui, gravei toda a conversa deles.

Drakkar percebeu que estava em perigo.

— E o que conseguiu gravar? — perguntou, com medo de terem citado seu nome.

— Eles não falaram muita coisa, apenas sobre como matariam o rei e a rainha, mas acredito que já seja o suficiente.

— Isso é mais do que suficiente — disse Liam, irritado com a possibilidade de matarem ele e sua esposa. — Agora sabemos que devemos levar uma escolta até mesmo para essas visitas mais privadas. Nunca se sabe até onde o inimigo sabe também. Vamos levá-los para a prisão e julgá-los amanhã logo depois do nascer do sol.

Magnólia correu para abraçar Diana.

— Que alívio te ver bem. — Suspirou.

— Mag... — murmurou, com a voz trêmula.

— Diana? O que houve? — perguntou preocupada.

Liam se prontificou para dar o suporte que sua esposa precisava naquele momento.

— Ela deve estar assustada com toda essa situação, a levarei para o palácio imediatamente. — A amparou, levando-a cuidadosamente para o veículo. — Drakkar, leve esses homens para a cadeia com esse bravo rapaz, depois quero falar com ele a sós.

— Como quiser, Majestade. — Tentou disfarçar a raiva que sentia.

Miguel se afastou de Mag e Drakkar para buscar algumas algemas que havia guardado e os deixou a sós. Quando Drakkar foi se agachar para ver mais de perto os homens caídos, Magnólia o impediu.

— Eu sei que foi você — disse com o rosto sério.

Drakkar lhe ofereceu um sorriso maquiavélico.

— É muita audácia acusar um conselheiro real sem provas. Posso me livrar de você em um mero segundo.

— Faça isso e verá a fúria de minha irmã o rondar para sempre. Ela não irá descansar até descobrir o que fizeram comigo se por acaso eu sumir misteriosamente.

— Sua inocente irmãzinha não faria mal nem a uma pulga — disse com desdém.

— E essa é a maior prova que não sabe nada sobre ela. Machuque quem ela ama e você vai achar a morte mais agradável que a vingança que o aguarda. Não teste o sangue dela! — alertou num tom ameaçador.

— Irá se arrepender por falar comigo dessa forma — rebateu, com um imenso desejo de matá-la naquele exato momento. — Não se esqueça que sou o tipo de homem a qual você deve reverenciar!

— Eu jamais me curvaria aos seus pés — encerrou a conversa, se retirando da presença dele.



Miguel deixava Magnólia na porta de seu quarto pronto para se despedir. O dia havia sido agitado e os dois estavam bastante cansados.

— Bom, você estava certa. Estavam mesmo conspirando contra o rei — disse, sem graça por ter duvidado inicialmente.

— O importante é que deu tudo certo e amanhã, com o julgamento, pegamos quem estava por trás dessa conspiração.

— Acredito que eu tenha sido de muita ajuda.

— Foi mesmo, obrigada de novo, Miguel.

— Agora eu quero minha recompensa — falou, ansioso por aquele momento.

— Recompensa? — Ela não estava entendendo o que Miguel dizia.

— Você disse que me daria um beijo se eu te ajudasse nessa missão.

— O que? Eu não disse isso!

— Disse sim! Não é uma mulher de palavra? Vamos logo. — Fechou os olhos enquanto esperava o beijo.

Magnólia não se lembrava de ter aceitado essa recompensa, ela poderia facilmente manipulá-lo para fazê-lo desistir. Mas ela estava grata, verdadeiramente grata, o pobre rapaz provavelmente levaria uma repreensão de seu superior por ter abandonado seu

posto, ela queria que valesse a pena seu castigo. Mag agarrou sua camisa e o puxou, lhe oferecendo um beijo intenso e apaixonado.



Ela percebeu naquele momento que estava muito encrencada, definitivamente, estava perdidamente apaixonada por aquele humano de sorriso radiante. Assim que ela o soltou, Miguel a encarou abismado.

— O que foi? Não queria o beijo?

— Eu não achei que você faria mesmo — falou, ainda impressionado com o que acabara de acontecer.

— Oh, me perdoe. Você não queria?

— Queria! Queria, sim! É que eu acho que fiquei tão surpreso que nem consegui aproveitar direito, sabe?

Mag sabia que aquilo era só uma desculpa para que ele pudesse beijá-la novamente. E de certa forma, ela também queria mais.

— Vamos entrar, então — convidou, com um sorriso tímido. Miguel entrou no quarto e fechou a porta, extasiado por finalmente ser visto por Magnólia não apenas como um amigo, mas como um homem que a desejava de todo o coração.



Esmeralda estava nos aposentos da rainha deixando alguns vestidos que fizera nos últimos dias, a maioria era azul, sabia que era a cor favorita de Diana. Abriu o guarda roupa e ajeitou os vestidos no cabide. No fundo do armário, avistou um objeto brilhante, deu uma rápida olhada para ver se não estava sendo vigiada e tirou o objeto de lá para o admirar mais de perto. Era um cristal pesado.

— O que é isso? — Cutucou o cristal com o dedo indicador.

A imagem de Rillian apareceu.

— Admete, está aí?

Com o susto, Esmeralda soltou o cristal o deixando cair no chão. Assim que Rillian percebeu que não era a irmã, desligou a conexão para o outro mundo. Esmeralda permaneceu em choque, ela havia visto tudo, um pequeno e belo tritão dentro do oceano chamando por uma garota.

— Admete? Pelos espíritos... Diana?



O dia estava
cinzento e
nublado,

mas apesar do clima melancólico, Miguel estava de ótimo humor, e ficava revivendo os momentos com Magnólia continuamente em sua mente. Quando voltou para sua casa mais a noite, sentiu falta dela em seus braços novamente e já estava se preparando para ir visitá-la com um buquê de flores.

Apesar de estar empolgado com o romance que estava vivendo, ainda estava confuso sobre o acontecimento no dia anterior; eles haviam alcançado os conspiradores na frente da porta de Drakkar e Miguel não fazia ideia de como iria impedi-los sozinho se só tinha uma pistola no bolso e os dois homens estavam fortemente armados, mas, por alguma razão, Mag o tranquilizou e disse para se aproximar por trás e bater com força em suas cabeças com um bastão, Miguel estava relutante e Mag pediu que confiasse nela. Quando o rapaz se aproximou dos homens, percebeu que

estavam paralisados e não moviam um só músculo, mesmo assim, ele decidiu não perder muito tempo com a curiosidade e os golpeou como Mag orientou.

A missão foi um sucesso, mas também fácil demais, o que deixou Miguel um tanto desconfiado e tentando entender o motivo para tudo ter dado tão certo.

Já era perto do meio-dia quando ele recebeu uma visita inesperada: era o rei. Prontamente, Miguel se levantou para prestar reverência a ele, mas Liam o impediu.

— Se tem uma pessoa que deve se curvar, essa pessoa sou eu — disse, já se curvando para o jovem rapaz. — Sua fidelidade com a coroa não pode ser esquecida, insisto em uma homenagem pública para que os jovens se inspirem em seu caráter e comprometimento. Aprecio sua coragem, se não fosse por você, eu poderia não estar aqui mais. Cumpriu sua função com excelência, protegendo minha rainha também, por isso o agradeço imensamente. Sua bravura será lembrada para sempre nas escrituras da história de Enellon.

Miguel ficou sem graça por ouvir tamanhas palavras vindas próprio do rei, nunca havia sido notado por qualquer pessoa na corte, então ele sabia o privilégio que era ter um agradecimento presencial vindo direto da realeza.

— Majestade, eu não tenho palavras para descrever o sentimento por receber tamanho reconhecimento. Mas preciso lhe dizer que quem conduziu a missão para proteger sua coroa foi a irmã da rainha, ela descobriu a conspiração e se apressou em buscar minha ajuda. Naquele dia, eu só cumpri as ordens dela.

— Sua honestidade e modéstia também me cativam, quero esse tipo de guarda protegendo a corte. Farei um pedido especial ao seu superior.

Os olhos de Miguel brilharam.

— E sobre a irmã da rainha — continuou o rei —, tomarei as devidas providências para que ela receba as honrarias que merece. — Curvou-se novamente em despedida e se retirou da presença do jovem oficial.

Miguel permaneceu em seu posto, extasiado com tudo que acabara de acontecer.



Diana estava inquieta, nem havia dormido naquela noite. Toda vez que pegava no sono, sonhava com o rosto morto de seu irmão pendurado na parede daquele homem cruel. Tinha uma coisa de que Diana tinha certeza e borbulhava em seu sangue: ela tiraria seu irmão de lá e daria o enterro que merecia. Ela não teve a chance de se despedir, seu irmão simplesmente havia sido arrancado dela, por isso, a rainha o pegaria de volta e o colocaria para descansar em paz, e enfim poderia dizer um último adeus.

Como entraria na casa dele sem ser notada? Precisaria de ajuda para montar uma equipe de resgate. Ainda não havia contado a ninguém sobre o que estava guardado na casa de Drakkar, não sabia como Sara reagiria ao ver seu amado empalhado daquela forma, mas ela não tinha escolha, não tinha muitas pessoas que

pudesse confiar, então teria que ser ela, Sara, e Magnólia, na invasão para pegar de volta o que lhe pertencia.

Antes que pudesse anotar seus planos, alguém bateu em sua porta, ela permitiu que entrasse e viu que era Esmeralda.

— Me perdoe incomodar, Majestade — disse um pouco nervosa.

— Ah, você não me incomoda, Esmeralda. O que precisa? O jeito atencioso da rainha a deixou desconfortável, mas ela sabia que precisava ir direto ao ponto.

— Majestade, temo que sei coisas demais, estou confusa e quero entender.

Diana não estava entendendo onde a jovem queria chegar.

— Seu nome verdadeiro é Admete?

A pergunta fez as pernas de Diana oscilarem.

— Por... — coçou a garganta — Por que me pergunta isso?

— Achei um cristal mágico em seu quarto enquanto trazia novos vestidos e um pequeno tritão apareceu do outro lado chamando por esse nome. Pela aparência dele, imaginei que fosse seu parente, vocês são parecidos. O que ele é seu? Irmão? Primo? Sobrinho?

Diana sabia que já havia sido pega e não iria adiantar mentir naquele momento.

— É meu irmão — admitiu.

— Por Callian, então é verdade, você é mesmo uma sereia!

— Sou — confirmou com olhar caído enquanto pensava como escaparia daquela situação.

— Como os testes não entregaram você? — perguntou curiosa.

— Os testes diferenciam uma sereia de um humano através da magia contida no sangue de nosso povo. Toda sereia tem magia, então é fácil reconhecer. Mas eu nasci sem dons, não tenho magia, portanto, não foi difícil escapar dos testes. — Levantou um olhar assustador. — Então, mesmo que me entregue, você não terá provas, os testes não funcionam em mim e será minha palavra contra a sua.

Esmeralda entendeu que aquilo era uma ameaça.

— Se acha que vim te confrontar está enganada. Eu nunca quis ser rainha, eu só queria liberdade e fugir da minha casa. Aqui sou livre para ser quem eu quiser e amar quem eu quiser também. Sou mais feliz sendo serva do que governante. Não quero o peso da coroa sob minha cabeça.

— Então o que quer? — perguntou, sem tirar o tom ameaçador da voz.

— Quero entender, Diana. Enellon ainda é minha casa. Se você veio para cá para nos destruir, então, mesmo que não acreditem em mim, irei avisar ao rei, pode ter certeza.

A rainha engoliu em seco. Esmeralda continuou.

— Então me explique a razão de estar aqui. Seu povo que te enviou para cá? O que você fará com Enellon?

— Esmeralda... — Estava procurando as palavras certas. — Eu estou aqui para acabar com a caçada. Meu povo sofre com essa tradição bárbara que seu povo construiu. Eu não posso mais ver meu povo morrer por um mero capricho de vocês. — Uma lágrima escapou. — Eu estou aqui porque tiraram algo que me pertence, tiraram de mim — revelou com a voz embargada. — Eu só quero que acabe, é só o que eu quero.

Esmeralda sentiu seus olhos arderem e a garganta presa, ela sabia a sensação de ter algo tirado dela, as perdas eram diferentes, mas a dor ainda era a mesma.

— Se você acha que é comprometida com o povo de Enellon, é porque não faz ideia o tanto que prezo pela segurança de Norisea. Eu faria qualquer coisa para salvar minha família. E se eu tiver que passar por cima de você, então o farei.

A garota colocou uma mecha ruiva atrás da orelha e respirou fundo.

— Como eu posso te ajudar? — disse, enfim.

— E por que eu confiaria em você? — retrucou desacreditada.

— Já ouviu aquele ditado "mantenha os amigos perto e os inimigos mais perto ainda"? Suas motivações são genuínas, a caçada divide opiniões até mesmo dentro de nosso reino. Sem contar que... — pensou um pouco pra saber se queria mesmo entrar naquele assunto — Meu pai era um caçador — decidiu ser breve —, então eu quero ajudar, mas me certificarei que seu plano não irá prejudicar meu reino.

— Então quer ficar de olho em mim? — indagou em tom debochado.

— Basicamente — anuiu com a voz confiante.

— Essa é uma relação um tanto arisca, você não sabe?

— Eu sei. — Fingiu não ser nada de mais. — Então, qual é nossa próxima missão?

Diana abriu um sorriso determinado. O resgate não seria mais realizado por um trio, agora ela tinha um quarteto.



Liam estava no salão real quando Drakkar chegou, curioso para saber o motivo de ser solicitado na presença do rei.

— Como posso lhe servir hoje, Majestade?

— Drakkar, tenho duas missões para você — disse com um ar sério e pensativo.

— Do que se trata, meu rei?

— Você já deve saber que não pudemos fazer o julgamento dos dois conspiradores.

— Chegou até mim, Majestade, que eles foram encontrados mortos em suas respectivas celas.

— Exato, preciso descobrir quem os matou. O homem que fez isso certamente era o mandante do plano de assassinato e sabia que com o julgamento o pegaríamos. Preciso que investigue isso para mim.

— É claro, Majestade. — Por fora, Drakkar estava sereno, mas por dentro ele carregava um sorriso ardiloso. Com ele no comando da investigação, jamais seria pego pelo rei.

— Sua segunda missão se trata mais de um conselho, na verdade.

Drakkar se animou ao ouvir as palavras do rei, talvez agora ele finalmente e desse a atenção que merecia a respeito de seus planos de expansão. Liam continuou:

— O que seria correto fazer a alguém a quem o rei quer homenagear?

Drakkar pensou consigo mesmo *“É claro que o rei está falando de mim, de qual outra pessoa seria?”* Ele estava acostumado a receber homenagens frequentes do rei anterior, portanto, imaginou que Liam queria seguir os passos do pai. Então, encheu o peito e falou com orgulho:

— Faça o seguinte ao homem a quem o rei quer homenagear: mande trazer uma das vestimentas reais, como também o carro que o rei costuma desfilar na vila, ponha-lhe a coroa real na cabeça e faça o homem mais nobre do reino dirigir o carro da corte, proclamando em alto e bom som *“É assim que se faz ao homem a quem o rei quer homenagear!”*

— Oh, quanta pompa —observou pensativo. — Pois bem, faça exatamente assim, apenas troque "homem" por "mulher".

— O que? — A expectativa de Drakkar se desfez naquele momento.

— Não perca tempo. Pegue a roupa, a coroa e o carro e faça o que sugeriu a Maggy, ela normalmente está no jardim desenhando. Não se esqueça de nenhum detalhe do que sugeriu.

— Mas, Majestade... — murmurou, com o estômago embrulhado.

— Ah claro! Drakkar, você é o homem mais nobre e honrado do meu reino, você conduzirá o carro e fará a proclamação — disse, já se retirando do salão real — Depois me fale o que o povo achou, preciso ir, tenho uma coisa em especial para finalizar. — E partiu deixando Drakkar sozinho, permitindo que a raiva e o ódio o consumissem por inteiro.



O carro era um modelo sem teto, justamente pensado para os desfiles reais. Magnólia vestia um belo vestido de linho branco, dando destaque ao seu tom de pele escuro. O manto do rei acompanhava a cor do linho e a coroa que costumava estar na cabeça de Liam, agora estava na cabeça de Magnólia. Ela estava sentada no banco de trás que tinha o assento um pouco elevado para que ficasse alta o suficiente e o povo todo pudesse vê-la. Drakkar dirigia e passava pelas ruas do reino com o olhar carrancudo, tinha um microfone ao lado do volante que reproduzia sua fala nos alto-falantes:

— É assim que se faz à mulher a quem o rei quer homenagear! — esbravejava com toda a fúria que continha em seu peito.

Magnólia acenava para o povo com um sorriso largo, enquanto tentava disfarçar que queria morrer de rir naquele exato momento. As poucas crianças que Enellon ainda tinha a admiravam com os olhos brilhantes e Mag, que nunca havia percebido que era uma mulher bonita, aos poucos foi reconhecendo que também tinha o seu valor. O povo parava o carro para presentear a homenageada, pois era costume do reino sempre dar presentes à pessoa que o rei honrava dessa forma, e pela primeira vez uma mulher recebia tal honraria, portanto, muitas garotas saíam de suas casas pedindo a bênção de Magnólia por seus úteros, clamavam por fertilidade. Sempre que uma garota fazia o pedido, Mag solicitava o marido para que desse a bênção para ele também, e de todo o coração ela

orava em silêncio, clamando a Hanur que abençoasse aquelas famílias.

Quando o desfile acabou, Magnólia decidiu não se dar ao trabalho de provocar Drakkar, sabia que o silêncio seria mais perturbador que qualquer provocação sem sentido. Então apenas saiu do carro com um sorriso no rosto e cantarolou a passos largos de volta para seu quarto.

Drakkar correu para sua casa enfurecido, tentando esconder a humilhação que estava sentindo naquele momento. Aproveitou a solidão de seu lar para gritar sem medo de ser ouvido:

— Eu sei quem elas são! Eu sei! Eu vou pegar essas malditas! Vou dizimar esse povo em pedaços! Elas sentirão o poder da minha espada e irão se arrepender por tudo que me fizeram passar, essas malditas! — Jogou a mesa de centro de sua sala para o alto, quebrando o vaso e as decorações que tinham em cima. — Preciso adiantar a caçada — falou consigo mesmo, desesperado. — Preciso me apressar, senão será meu fim!



Dessa vez, a noite não tinha estrelas, o céu estava coberto pelas nuvens que começaram a aparecer de forma tímida dias anteriores. Diana estava sentada na beirada de sua janela, que ela considerava grande demais para qualquer quarto. Apesar de gostar muito da iluminação que tinha todo o nascer do sol, a grandeza de sua janela lhe dava uma sensação de solidão.

Ela se aproximou do vidro e soltou o ar pela boca, deixando a área abafada, e então desenhou uma água viva com os dedos e aos poucos a imagem abafada foi desaparecendo até voltar a ser o vidro que era antes. Por um segundo, a rainha desejou que a vida fosse fácil daquela forma, que aos poucos o que estava errado iria desaparecer ou o que estivesse fora do lugar voltaria para seu posto, ou porque não, o que era dela voltaria a lhe pertencer.

Pertencimento. Diana sentia constantemente que não pertencia a nenhum lugar, apesar de amar seu reino, ela não se achava merecedora do trono, e depois que descobriu o verdadeiro herdeiro de Norisea, teve cada vez mais presente em seu coração a sensação que não pertencia àquele lugar. E na terra ela não passava de uma farsa, pois não podia ser ela mesma lá e aos poucos, mais pessoas poderiam descobrir sua mentira e toda a jornada chegaria ao fim.

Diana nunca havia mentido tanto em toda a sua vida, e se precisava mentir constantemente para caber em um lugar, é porque ela não pertencia àquele espaço também. Se nem as águas nem as terras a queriam, o que lhe restava? Talvez o céu, Diana encostou o rosto na janela com o olhar para o alto. Talvez o seu lugar estivesse no infinito, na terra de todos os santos. Seus pensamentos foram interrompidos com a entrada de Liam no quarto.

— Me desculpe, está ocupada?

— De forma alguma, meu rei — disse com um sorriso sincero. Ela sentia que estava se aproximando dele. — Obrigada pelo que fez a Mag hoje, o povo não fala de outra coisa. Fazia tempos que não a via tão feliz.

Liam riu enquanto tirava uma mecha de sua franja dos seus olhos. Diana não havia reparado antes, mas Liam sempre estava com o cabelo bagunçado e um pouco comprido demais para o padrão dos humanos, o corte o fazia parecer mais jovem do que realmente era e ela pensou como ele ficaria elegante com os fios aparados.

— Era o mínimo que eu poderia fazer.

— Você não precisava, mas agradeço imensamente por isso.

— Preciso te mostrar uma coisa — disse animado.

— Do que se trata? — perguntou curiosa sobre o que ele traria para ela.

O rei tomou a liberdade de se sentar ao lado de Diana na beirada da janela, ele estava feliz por ter alguém com quem compartilhar o que descobrira.

— Já faz um tempo que tenho um projeto de opinião pública, mas por alguma razão sempre o deixava de lado. Desde... — Sabia que era um assunto delicado. — Desde a morte daquele tritão. — Diana baixou o olhar. — Eu fiquei pensando no que você disse e decidi colocar o projeto em prática. Coletei alguns dados, que apesar de ainda serem insuficientes, podem significar o fim da caçada.

Diana levantou o rosto espantada, desacreditada com o que havia saído da boca de seu marido.

— Do que está falando, Liam? — falou com a voz trêmula.

— Veja isto. — Ele abriu um aparelho que reproduziu uma imagem holográfica de um gráfico. — A caçada pode ser a causa da infertilidade. A cada sete anos, justamente nos anos das caçadas, os nascimentos em nosso reino diminuíram entre 3% a 8%, mas

como era uma porcentagem pequena, o povo não notou a diferença. Mas no ano da morte do herdeiro de Norisea, houve uma queda drástica de 67% de nascimentos. Já na última caçada, em que Norisea fez a barreira protetora, estabilizou, não aumentou, nem diminuiu, apenas permaneceu como estava. É claro que ainda pode não ter relação, mas seria uma incrível coincidência.

— Esses dados podem acabar com a caçada? — perguntou com um tom apressado.

— Infelizmente, a relação da infertilidade com a caçada não passa de uma teoria minha, precisaríamos de algo mais concreto.

— Tipo o que? Do que precisa? — Agora ela já parecia desesperada.

— Eu ainda não sei, Diana. Apesar de ser a minoria, ainda existem grandes apoiadores da caçada e a maioria é do exército. Se eu simplesmente acabar com a caçada, posso estar cavando minha própria cova caindo em um golpe militar e aí, sim, a caçada nunca mais teria fim.

Diana engoliu em seco.

— Compreendo. — Olhou para Liam, admirada. Estava descobrindo qualidades em seu marido que não havia notado antes. Liam estava muito na defensiva no início do casamento deles e Diana ainda estava determinada a descobrir a razão, mas agora ele estava leve e confiava plenamente em sua esposa, e essa certeza a machucava ainda mais, pois estava cansada de mentir, principalmente para ele. — Você é um homem bom, Liam. — Não conseguindo pensar o mesmo de si mesma. — É estratégico e cauteloso, Enellon tem sorte em ter você. — Então respirou fundo, sabia que havia tomado uma decisão; Diana percebeu que não

poderia mais fazer o trabalho inicialmente solicitado. Seu marido merecia ser rei, merecia governar, ela não teria coragem para impedir seu reinado de forma alguma. — Eu não poderia te tirar de seu povo, jamais.

Liam pareceu confuso com a declaração. Às vezes Diana dizia coisas sem sentido para ele, mas para Liam já estava melhor que as brigas e desentendimentos.

— Certo... Te deixarei a sós então, minha rainha.

Diana o olhou rápido, não queria que partisse, ela queria compartilhar mais alguns minutos em sua companhia, não necessariamente falando sobre estratégia de governo ou de possíveis guerras, ela só queria conhecê-lo melhor. Queria que ele contasse sobre seus pais, queria saber sua cor favorita, queria vê-lo sorrindo de algo trivial e tirando a bendita mecha de cabelo de seus olhos escuros e penetrantes. Diana não sabia ainda porque sentia esse desejo de estar com ele, mas, definitivamente, não queria que ele fosse embora tão cedo.

Quando Liam se levantou, Diana segurou sua camisa com os olhos fixos nele, o rei sorriu e se aproximou de sua mulher.

— Sim? O que deseja? — perguntou com uma voz rouca e serena.

O sangue de Diana parecia ferver dentro dela, seu rosto estava quente e ela sabia que precisava pedir para que ele ficasse, mas nada saiu de sua boca, ela era uma covarde. Como podia ter tanta coragem para arriscar sua vida em uma missão tão perigosa como aquela, mas quando se tratava de seus sentimentos ela negligenciava seus desejos? Sim, além de ser uma sereia sem

dons, era uma sereia covarde. A questão dos outros era sempre mais importante que a dela.

Aceitando a forma como se enxergava, Diana apenas soltou a camisa de Liam e fez um sinal negativo bem discreto com a cabeça. O rei pareceu frustrado, por um breve momento uma faísca de esperança acendeu, mas foi bruscamente apagada com a reação de sua esposa.

Então ele se afastou e se ajeitou novamente.

— Muito bem — disse, se dirigindo até a porta —, até amanhã. — E saiu sem olhar para trás.

Diana viu a porta se fechar com uma pontada de decepção e arrependimento. Pela primeira vez ela estava com um desejo genuíno de estar na companhia de Liam, mas enquanto seu sangue clamava pelo rei, seu coração orgulhoso a fez ficar.



O palácio
estava
agitado com

os preparativos para o baile de verão. Os servos corriam de um lado para o outro garantindo que tudo estivesse perfeito e ao agrado do rei, todos eram muito gratos por sua bondade e generosidade, portanto, um baile impecável era a melhor forma de retribuir seus gestos. Liam não precisava pedir, ele sabia que seria perfeito, por onde passava todos sorriam para ele, perguntavam se a cor da decoração o agradava, se as flores estavam bonitas, se o talher dourado o deixaria mais feliz e se a cortina estava limpa o suficiente. Muitas vezes Liam ficava sem graça com tanta atenção, sabia que uma parcela disso era também por pena. Ele havia sido escondido por tantos anos que às vezes esquecia que era o rei.

Diana andava pelos corredores um pouco perdida em pensamentos enquanto via a correria dos funcionários, quando avistou Sara e Ramon correndo com os preparativos também. Não

conseguiu falar muito com eles naquele momento, mas sabia que Mag todos os dias treinava com Ramon, que ainda não havia demonstrado qualquer progresso no controle da magia e muito menos descoberto se possuía uma cauda. Mag o consolava dizendo que poderia levar mais tempo que o normal, mas o garoto era determinado e estava fazendo de tudo para se encaixar na sua família dos mares. Diana também estava tranquila em relação a Sara, elas já haviam combinado o que fazer quando todos estivessem distraídos no momento auge do baile, tudo deveria correr perfeitamente.

Mais alguns passos adiante e Diana deu de cara com Liam, que estava indo para seu quarto provar o traje da noite. Os últimos dias haviam sido um pouco estranhos, eles não se provocavam nem brigavam mais, eram gentis e educados um com o outro, às vezes até compartilhavam algumas risadas entre uma refeição ou outra quando Liam fazia algum comentário sarcástico sobre alguém, e esse lado dele lembrava um pouco seu irmão, Vereno.

Mas, desde aquele dia no quarto de Diana, ela sentiu um afastamento da parte dele. Será que estava cansado de esperar e já estava buscando prazer em outras mulheres? Ela não deveria se sentir mal ao pensar nessa possibilidade, na verdade, deveria sentir um alívio, afinal, não precisaria se deitar com ele. Diana queria muito sentir alívio, mas se ela era boa em mentir para os outros, definitivamente, era péssima mentindo para si mesma. Liam lhe ofereceu um sorriso desinteressado e continuou o seu caminho e isso a machucou mais do que se ele tivesse gritado ou brigado com ela.

Em seu quarto, o rei não conseguia esconder a frustração em seu olhar; quando achava que havia avançado dois passos com Diana, regredia outros três. Ele ficou pensando que talvez precisassem de outra viagem de lua de mel, mas a agenda dele estava tão lotada que não conseguia achar uma brecha para abandonar seu posto por quase uma semana.

O costureiro aguardava Liam subir no pequeno palanque em frente ao espelho para que ele fizesse os últimos ajustes de seu traje de gala. O traje era preto e dourado e carregava uma pesada túnica vermelha, a cor de seu reino. O vermelho era uma cor bastante presente nas ruas e no palácio, até mesmo qualquer roupa precisava de um elemento dessa cor, muitas vezes insistiam que Liam usasse pelo menos sua bela gravata vermelha quando estivesse usando sua camisa branca favorita, mas ele simplesmente detestava ter que usar aquele acessório por tanto tempo por duas razões: era desconfortável e ele se sentia um colegial quando a usava, por isso, sempre fugia quando corriam atrás dele com a gravata que não o agradava nem um pouco.

No meio de sua prova, Drakkar entrou em seu quarto interrompendo os pensamentos tumultuosos do jovem rei.

— Drakkar, a que devo a honra? Já sabe o que vai vestir no baile de verão?

— Majestade. — Fez reverência. — Meu traje já está separado, aguardando o momento da nossa celebração. É claro que não tive todo esse cuidado de um próprio costureiro em minha casa, mas acredito que vai servir — disse em tom de gozação.

Liam deu uma risada abafada.

— Pois bem, certamente não veio aqui apenas para reclamar da falta de costureiros em sua residência. Diga-me o que quer — incentivou enquanto olhava para Drakkar pelo reflexo do espelho.

— Majestade. — Respirou fundo para falar bem sua mentira. — Há um povo estranho espalhado por nosso reino, eles não deveriam estar aqui. Seus costumes e crenças são diferentes dos nossos. Além do mais, eles não respeitam suas leis e por isso tenho os considerado uma ameaça. O rei não deveria tolerá-los. Se for de seu agrado, determine que adiantemos a eliminação deles. Eu mesmo me encarregarei das despesas.

— Deve ser algo de imensa importância para você mesmo querer custear a operação — observou um pouco distraído com a aparência do traje.

— E é, meu rei. Me permita a honra de proteger nosso reino — falou, se curvando.

— Um povo estranho em nosso reino... — murmurou.

— Sim, descobrimos que podem ter relação com os conspiradores daquele dia.

Agora Drakkar tinha total atenção do rei. Liam se virou para olhá-lo nos olhos.

— Se é assim, não deve arcar com nada, prossiga a operação e descubra de onde vieram os conspiradores.

— Com todo o prazer, Majestade. Eu gostaria de convocar os reinos vizinhos para essa missão.

— Certo, aproveite que teremos convidados dos outros reinos em nosso baile para conversar sobre os conspiradores.

— Farei isso. — Fez uma pausa. — Eu só preciso do... — Olhou para uma joia brilhante e vermelha no dedo do rei.

— Ah, claro. — Tirou seu anel e o entregou a Drakkar. — Apenas seja cauteloso, por favor. Nada de medidas drásticas. Somente a você confio o anel real.

— Sua confiança é minha dádiva — disse, se preparando para se retirar.

Liam confiava em Drakkar cegamente, e essa confiança poderia significar sua ruína. Mal sabia ele que acabara de assinar a morte do povo de sua mulher.



Esmeralda fazia os últimos ajustes no vestido da rainha, olhando para sua peça, orgulhosa. Definitivamente, era sua obra prima. Estava ansiosa que todos vissem seu trabalho no baile. Viu que Diana não parecia muito encantada, então ficou imaginando se ela estava apenas pensando em outra coisa ou se o vestido não foi de seu agrado.

— Não gostou, Majestade? Tenho outros vestidos — disse um pouco desanimada ao pensar na possibilidade de mudar o traje da rainha.

— Oh! — exclamou Diana saindo do transe. — Eu só estava distraída, eu amei! É o seu vestido mais lindo, obrigada por manter o azul.

— Ah sim! — Suspirou aliviada. — Sendo sua estilista, descobri que existe uma infinidade de tons de azul.

Diana entendeu a reclamação ácida de Esmeralda.

— Prometo tentar outras cores na próxima vez. Que tal cor-de-rosa?

Esmeralda fez um sinal negativo com a cabeça.

— Na próxima você vai usar a cor de nosso reino.

— Claro... — disse pensativa — a cor de Enellon.

Esmeralda percebeu o nervosismo em sua voz.

— Está pronta para o plano de hoje a noite, Majestade?

— Não, mas farei mesmo assim.

— Não se esqueça que estarei de olho em você — alertou com um sorriso cínico.

— E eu em você. — Retribuiu o sorriso.

A relação das duas era complicada, elas ficavam esperando o momento que uma passaria a perna na outra, precisavam ficar atentas constantemente, mas apesar das diferenças, elas se gostavam, e se gostavam muito. Para Esmeralda era tudo novo, por sempre estar rodeada de seus irmãos e seu pai controlador, não teve a chance de fazer amigas mulheres. Mesmo que sua dinâmica com Diana fosse bem específica e arriscada, no fundo ela não queria perder a única oportunidade de ter uma amiga, mesmo que ela fosse uma sereia.

— Eu te faço um sinal no baile quando for a hora — disse Diana.

— Ah, eu não vou ao baile, Majestade — respondeu em tom melancólico.

— O que? Por quê?

— Eu não sou uma convidada, sou apenas uma serva do palácio.

— Entendi. Então considere-se convidada, pegue seu melhor vestido e te esperarei no baile.

— O que? Não, Diana! Meu nome teria que estar na lista e não sei se é fácil conseguir colocar meu nome lá e também...

— Qual a vantagem de ser uma rainha se não tenho o poder de nem mesmo convidar minhas amigas para dançar comigo? Não se preocupe, darei meu jeito, apenas escreva seu nome completo em um papel e te colocarei na lista, entrará como minha dama, assim como Mag.

— Bom, se é assim... — começou, com medo de abusar da generosidade da rainha — é deselegante uma dama ir desacompanhada para um baile, então...

— Pode chamar o rapaz que te faz ficar ruborizada e com o sorriso bobo.

Esmeralda ficou vermelha ao lembrar dele.

— Qual o nome do cavalheiro?

— É Chris, majestade.

A conversa foi interrompida quando Magnólia entrou no quarto usando um belo vestido nude e brilhante.

— Que lindo, Mag! — exclamou Diana encantada.

— É, foi a ruivinha que fez. Você também está bonita. Me ajudem a fechar aqui atrás, por favor! — Se contorceu tentando amarrar as cordas do vestido.

A estilista se apressou e foi ajudar Mag com o vestido que ela mesma havia confeccionado. Magnólia estava de cara fechada e evitava olhar para Esmeralda.

— Eu não confio nela, Diana — sussurrou para a amiga.

— Eu ainda consigo te ouvir, querida — disse Esmeralda com a voz suave.

Magnólia revirou os olhos e fez uma expressão de quem estava fazendo birra. Diana sabia que Mag não iria gostar muito da ideia de incluir Esmeralda nos planos, mas afastá-la poderia ser pior.

— Qual o seu dom, Mag? — perguntou Esmeralda, curiosa.

— Ah, eu que não vou te entregar todas as cartas. Descubra sozinha!

— Mag! — exclamou Diana, chamando a atenção da amiga.

— Tá bom! Eu paro! — Estava irritada com a situação.

— Mag, pelo menos fui eu que descobri, não outra pessoa que certamente entregaria Diana — disse, tentando convencer a moça confiar nela.

O argumento era válido, mas Magnólia não daria o braço a torcer tão fácil estava profundamente magoada com Diana por ter permitido que Esmeralda soubesse tanto, sentia que a amiga estava baixando a guarda e prezava pela segurança dela. A convivência com o rei talvez estivesse amolecendo o coração da rainha e isso a assustava. Será que também estava amolecendo por estar apaixonada por Miguel?

— Vou indo, encontro vocês à noite — resmungou, se retirando do quarto.

— O Miguel vai com você? — perguntou Diana antes que ela saísse.

— Vai — respondeu de modo ríspido e fechou a porta.

— Como vai querer o seu cabelo, Majestade? — perguntou Esmeralda, tentando quebrar o clima constrangedor.

— Pode arrumar como quiser.

— É sério? — indagou animada.

— Sei que está cansada de ver meu cabelo sempre do mesmo jeito — disse com um sorriso de canto.

Esmeralda foi saltitando para a penteadeira, era exatamente esse o tipo de experiência que ela queria ter tido na infância, mas nunca teve a oportunidade. Ela pegou os acessórios necessários e correu para terminar de arrumar a rainha.



Chris estava em frente à mesa de comida escolhendo o que mais ele colocaria em seu prato que já estava lotado. O baile estava com muitos convidados, a maioria eram reis e rainhas dos outros reinos. Os boatos da beleza da rainha da Enellon haviam viajado pelas fronteiras e todos estavam ansiosos para confirmar a veracidade desses boatos.

Enquanto o rapaz pegava mais um docinho da mesa, seu amigo chegou por trás.

— Fico pensando o que seus pais achariam disso.

— Miguel! — Deu um pulo de susto. — Por favor, não conte para eles.

— Eu não tenho que contar nada, eles são muito exigentes com açúcar.

— Só consigo comer o que eu quero quando saio com meus amigos ou venho nesses eventos sem eles — disse enquanto ajeitava os óculos em seu rosto.

— Faz tempo que não te vejo, esta armação é nova?

— Ah sim, precisei comprar outra.

— Levou um soco no rosto e quebrou os óculos, é? — falou, tentando caçoar do amigo.

Chris abaixou o rosto com vergonha.

— Por Callian, te bateram mesmo — constatou em choque.
— Quem foi?

— Não gosto muito de falar sobre isso, passei essa vergonha na frente da rainha.

— Sinto muito — lamentou, triste por ter começado a brincadeira.

— Tudo bem, já passou.

— Como tem sido trabalhar com seus pais? — Tentou mudar de assunto.

— É bom ser filho dos médicos mais respeitados da região, mas às vezes sinto que eles esperam demais de mim. Estou pensando em falar para eles que quero montar meu próprio consultório.

— Eles ficarão chateados no início, mas irão entender com o tempo. É bom para você criar independência e seguir seu próprio caminho.

— Eu sei, não quero depender deles pra sempre, mesmo que me paguem, sinto que ainda é o dinheiro deles. — Respirou fundo. — Tem uma garota... — Ficou ruborizado.

Miguel o olhou animado. Chris era um amigo de infância, a escolha das profissões acabou separando os dois, e ao contrário de Miguel, que sempre havia sido extrovertido e popular, Chris era mais reservado e tímido, não costumava falar de garotas justamente por

ter vergonha de falar com elas. Então, ele mencionou que talvez tivesse uma garota em sua vida era, com certeza, um grande avanço.

— Quem é ela? Como ela é? É bonita?

— É linda — revelou com um olhar apaixonado. — Trabalha no palácio, é próxima da rainha e tem os olhos verdes mais belos que já vi.

O coração de Miguel parou por um segundo. Trabalhava no palácio, era próxima da rainha e tinha olhos verdes? Ele só podia estar falando de Mag.

— Qual... — a voz engasgou — Qual o nome dela?

— É Esmeralda — respondeu com um sorriso tímido.

Miguel suspirou aliviado, se sentindo um idiota. É claro que Mag não era a única de olhos verdes do reino, mas ela havia se tornado tão especial para ele que o rapaz sentia que seus olhos eram únicos no mundo. Essa tal de Esmeralda poderia, sim, ter belos olhos verdes, mas ainda não seriam como os de Mag.

— Encontrará a garota aqui?

— Sim, ficarei feliz em apresentá-la a você. Estou me planejando para pedi-la em casamento.

— Casamento? — perguntou assustado. — Não sabia que estavam tão avançados.

— Na verdade, não nos conhecemos há muito tempo, mas minha família é bem tradicional e já devem saber que estou namorando. Não disse que vou pedir agora, mas eu vou me preparar para isso. Eu a amo muito.

Miguel percebeu que Chris falava de Esmeralda com o mesmo olhar que ele olhava para Mag, ele a amava muito também,

mas mesmo com a aproximação deles, sentia que Mag ainda escondia alguma coisa.

— Trouxe alguém para o baile? — perguntou Chris, curioso.

— Na verdade, ela que me trouxe.

— É, comigo foi a mesma coisa. É sua namorada?

O rapaz não sabia como responder. Namorada? Amiga? O que eles eram? Tudo que ele teve foi um beijo, mas nenhuma declaração de amor havia acontecido ainda, talvez aquele fosse o momento e lugar ideal para isso.

— Sim... minha namorada — foi o que conseguiu responder.

— Ah, você já namorou bastante, não deve estar sendo difícil. Todo dia com Esmeralda é um desafio, tudo é novo para mim, fico pensando se estou fazendo as coisas do jeito certo.

— Com essa é diferente — declarou. — Quando estou com ela parece que tudo que eu sei vai por água abaixo. Me sinto um novato no amor.

— Oh! — Ficou surpreso com a declaração. — Finalmente encontrou a garota que te fispou.

— Temo que sim — disse com medo de não ser correspondido.

— Quer se casar com ela?

Miguel gargalhou.

— Se já foi difícil conseguir um beijo, imagino como será conseguir sua mão.

E ele se lembrou que sempre que avançou com Mag era por conta de um acordo, ele a ajudava e ela retribuía com um pedido travesso que ele fazia. O que Miguel teria que fazer para que ela aceitasse se casar com ele? Apenas pensar na possibilidade o

deixava com as mãos suadas. Ele precisava saber urgentemente o que Mag pensava dele se não enlouqueceria.

Um homem no topo da escada fez um sinal para anunciar a entrada do rei, a orquestra parou de tocar.

— Vossa Majestade Real, rei Liam Gribanov.

Liam estava estupendo, algumas princesas que estavam no salão suspiraram com sua chegada e lamentaram por ele já estar casado. Dessa vez o rei teve seus fios penteados para trás por conta da formalidade e seu traje preto carregava suas medalhas de honra douradas. O manto vermelho não era muito comprido e tinha uma tonalidade vibrante. Todos se curvaram diante a sua presença.

Um servo lhe ofereceu uma taça e Liam a pegou para fazer o brinde.

— Muito obrigado a todos pela presença em nosso baile de verão. Sei que não sou a estrela da noite, pois já chegou aos meus ouvidos quem vocês anseiam ver hoje em nossa celebração, ela logo estará aqui. No mais, que este ano nos traga ainda mais prosperidade. A Enellon! — bradou, levantando a taça.

— A Enellon! — todos exclamaram, se juntando a ele.

A música voltou a tocar e todos voltaram a fazer o que estavam fazendo. O jovem rei acabou avistando Miguel e foi em sua direção.

— Oficial Miguel! — disse com um sorriso.

O rapaz ficou tímido de repente, até para Chris foi engraçado de ver.

— Ma... Majestade. — Se curvou. — Espero que minha carta de agradecimento tenha chegado até o senhor.

— Sim, ela chegou! E eu também espero que esteja gostando de sua nova posição.

— Minha família está muito grata por seu reconhecimento.

— Veio acompanhado da irmã de minha mulher?

Chris olhou para Miguel chocado. Era da irmã da rainha que eles estavam falando?

— Sim, Majestade — confirmou com o rosto vermelho.

Liam olhou para o prato de Chris que estava cheio de doces e aperitivos.

— Imagino que a comida esteja agradável.

— Está incrível, Majestade — respondeu rápido.

— Meu amigo terá que treinar muito essa semana para compensar o estrago de hoje — disse Miguel, importunando Chris.

— Onde vocês treinam? — perguntou Liam, bastante interessado.

— Na verdade, nós paramos de treinar juntos há algum tempo, mas agora que meu horário está mais flexível poderíamos voltar, não é Chris?

— Ah sim! Consigo me ajustar também. — Se virou para o rei. — Nós gostávamos de treinar ao ar livre em campo aberto, tem um espaço ótimo para isso na região norte, tem até um lago para se refrescar depois do treino, vale a pena a caminhada.

— E o que normalmente vocês treinavam lá?

— Fazíamos de tudo um pouco. Gostávamos de montar um circuito com várias atividades e então a gente cronometrava para ver quem fazia em menos tempo — respondeu Miguel.

— E o que ganhava o vencedor?

— Na maioria das vezes nada, só o gostinho da vitória bastava. Eu gostaria que o prêmio fosse um copo de cerveja, mas os pais desse pobre garoto infartariam se descobrissem que estive em um bar.

Chris fez um cara de desânimo tão engraçada que nem Liam conseguiu conter o riso.

— Aproveite então para conhecer nossa cerveja artesanal, está do outro lado do salão. — Liam apontou para um pequeno bar montado em um canto.

— Eu irei, Majestade! — respondeu, animado com a ideia.

— O senhor também treina, Majestade? — assim que Miguel fez a pergunta, se sentiu um idiota novamente. Pelo porte físico do rei, era evidente que parado ele não ficava.

— Treino aqui na propriedade real mesmo. De todas as atividades, minha favorita é o arco e flecha.

— Eu adoro essa modalidade, mas minha pontaria é péssima — observou Chris.

— No que você é bom?

— Na esgrima, Majestade.

— E você, Miguel?

— Prefiro a luta livre.

— Bom, fica o meu convite para um dia treinarem aqui na propriedade também.

Os rapazes se olharam espantados.

— Será um prazer, Majestade! — exclamou Miguel.



— Excelente, avisarei aos guardas para liberarem a entrada de vocês dois, depois podemos combinar um dia e hora.

Eles concordaram, entusiasmados com o convite. Por fora Liam parecia calmo, mas por dentro estava em desespero, nunca havia feito amigos, sempre foi proibido por seus pais de conversar e socializar com as outras crianças. A única pessoa que o acompanhou desde sua infância era Drakkar, mas Liam quase o considerava como um pai, então para ele não contava direito. Ele

estava aliviado por ter conseguido manter a conversa sem transparecer nervosismo.

A música da orquestra parou novamente e o homem no topo da escada anunciou a rainha.

— Vossa Majestade Real, rainha Diana Gribanov, e suas damas de companhia.

Os três rapazes se viraram calmamente para ver a entrada das garotas e assim como todos no salão, acabaram ficando sem palavras. Esmeralda usava um belíssimo vestido vermelho e sexy, o que fez Chris pensar que jamais daria conta daquela mulher, o cabelo dela estava penteado de lado e seu olhar estava direcionado para ele, o coração tímido do rapaz estava acelerado. Magnólia usava joias até mesmo em suas tranças e o vestido nude a fazia brilhar como o cristal, Miguel acabou engolindo em seco e desejou fortemente que ela fosse de fato fosse sua namorada quando avistou dois rapazes claramente cochichando sobre a beleza dela. E Diana estava digna de uma rainha, o vestido azul marinho brilhava com os detalhes dourados e bordados a mão, ele era justo na cintura e a saia se abria com muito volume e movimento. Dessa vez ela usava um penteado alto, deixando alguns fios caírem sobre seu rosto. Ela estava tão linda que a única reação de Liam foi ir em sua direção.



Assim que estava frente a frente com sua esposa ele se curvou e ela repetiu o gesto. O rei estendeu a mão, Diana aceitou e então ele a conduziu para a pista de dança. A música voltou a tocar e os dois rapazes se aproximaram das meninas, as convidando para a pista também. Assim que o rei e a rainha começaram a dança, todos se juntaram a eles. Diana estava tímida e quase não conseguia erguer o rosto para evitar o contato visual com seu marido.

— Olhe para mim — pediu Liam com carinho.

Ela levantou o rosto devagar e sentiu que seu coração iria explodir; Liam estava belíssimo, o cabelo para trás a fez enxergar melhor suas feições, a deixando ainda mais envergonhada. O rosto vermelho de sua esposa fez Liam a desejar por completo.

— Você está linda, minha rainha — observou com brilho no olhar.

— Obrigada, Majestade. Você... — era difícil falar, nunca tinha feito um elogio assim para seu marido — Você não está nada mal também.

Liam a puxou para mais perto dele e Diana sentiu o corpo todo arder.

— Está dançando muito bem. Andou praticando com alguém? — perguntou com medo que Diana estivesse na companhia de outro homem.

— Uma amiga se dispôs a me ensinar para o baile — disse, lembrando de Sara gastando horas de seu dia para lhe ensinar a dançar.

— O rosto daquele pobre rapaz está mais vermelho que o vestido da Esmeralda — falou, apontando para Chris que estava

completamente desconcertado com a beleza de sua companheira.

Diana riu ao ver a cena e Liam percebeu que era seu fim. O sorriso espontâneo de sua esposa o desmontava, eram raros os momentos em que Diana ria assim na sua frente e ele gostava de olhar com atenção para seu sorriso, considerando que não sabia quando o veria de novo. Diana virou seu rosto para Liam novamente e ele corou.

— Você está bem? — perguntou a rainha.

— Sim — respondeu enquanto se recompunha —, só estou pensativo.

— No que está pensando?

Como ele iria responder? Desde que se casara, só tinha uma coisa que estava em sua mente e suas intenções incluíam Diana. Liam detestava se ver preso nesses pensamentos, pois havia prometido que esperaria por ela pacientemente, mas sua esposa o estava enlouquecendo e nos últimos dias já havia percebido que se afastar não era a solução, mas força-la era cruel e ele jamais teria coragem de fazer tal atrocidade.

Então, como ele deveria agir? Liam não tinha experiência com essas coisas, nunca esteve com uma mulher antes. Como deveria se comportar? Como fazer que ela o desejasse tanto quanto ele a desejava?

— Estou pensando no clima — mentiu —, parece que vai chover.

— A típica chuva que marca o início do verão — completou.

A música da dança terminou e então alguns casais saíram da pista para outros entrarem e continuarem no ciclo de danças. Diana saiu se abanando um pouco com as mãos, o verão era difícil

para qualquer sereia, o mar era sempre frio, mas a terra, principalmente na região de Enellon, era sempre quente. Liam percebeu o desconforto da esposa e se aproximou de seu ouvido.

— Quer que eu pegue alguma coisa para você beber? — sussurrou.

Diana sentiu um arrepio subir a espinha com os lábios do marido tão perto de seu rosto. Ela apenas conseguiu assentir com a cabeça, ele estava prestes a se retirar quando Diana o segurou pelo manto e nem ela havia entendido porque tinha feito isso. Liam olhou para trás confuso.

— Liam, eu... — o que diria? — eu queria saber... — nada vinha em mente.

Ele pegou a mão da rainha e então beijou sua palma. Ainda sem tirar a mão dela de seu rosto, ele fechou os olhos, parecia até que estava desfrutando do cheiro e o toque da pele de sua esposa. Diana ficou completamente desconcertada.

— O que quer saber, minha rainha? — Abriu os olhos lentamente.

Diana estava prestes a responder a primeira coisa que passasse pela sua cabeça quando avistou Magnólia fazendo um sinal que precisavam ir.

— Preciso ir ao banheiro, Majestade. Levarei minhas damas para me ajudarem com o vestido.

— Certo — anuiu, mais uma vez decepcionado —, estarei te esperando.

— Oh, não precisa, vá aproveitando a festa sem mim. — Se retirou com pressa.

Liam estava acostumado com os comportamentos estranhos de sua esposa, mas aquele havia sido diferente, não havia sido só estranho, havia sido suspeito.



Sara dirigia a caminhonete, Diana estava no banco do passageiro e as outras meninas brigavam por espaço no banco de trás.

— Que maldição, Esmeralda! Vai pra lá! — exclamou Mag.

— Você está exigindo um espaço que não existe aqui, minha querida! — retrucou com sarcasmo.

— Parem vocês duas! — disse Diana já sem paciência com elas. — Vamos fazer algo importante agora. — Ela se virou para Sara. — Está tudo bem para você mesmo?

— Bom — disse, um pouco nervosa. — Não vejo o rosto de Raon há treze anos, com certeza não era assim que eu gostaria de vê-lo uma última vez. Mas eu quero me despedir, preciso me despedir. — Tentava conter as lágrimas.

— E o que vamos fazer com o corpo quando pegarmos? — Esmeralda perguntou.

— É normal fazer um rito de passagem no mar — Diana respondeu. — Eu precisarei pensar em uma forma de levá-lo para Norisea, mas por enquanto teremos que esconder o corpo...

— Na verdade — Sara interrompeu —, eu gostaria de enterrá-lo no túmulo da minha família. Desde que ele se foi eu separei um espaço para ele lá.

Diana ficou relutante.

— Mas ele é um tritão, precisa de um funeral tradicional do mar.

— Compreendo seu ponto, mas a família que ele escolheu é da terra.

— Mesmo assim...

— Quero o túmulo de Raon ao lado do meu e de nosso filho quando partirmos — Sara estava firme na sua decisão. — E também quero um lugar para Ramon visitar quando pensar no pai dele.

Diana não queria abrir mão, mas sabia que nessa batalha ela não sairia vencedora. Sara estava certa, Raon havia escolhido sua família e precisava ser velado ao lado dela.

— Está certo — concordou, mesmo não gostando da ideia.

Sara parou o veículo há alguns metros de distância da casa de Drakkar.

— Vamos a pé a partir daqui — disse Sara —, é mais seguro.

As quatro mulheres saíram do veículo e de repente ouviram um barulho vindo da carroceria. Diana sentiu um medo instantâneo invadi-la. Alguém as havia seguido? Mag foi discretamente até a carroceria para pegar o infiltrado de surpresa quando tirasse a lona, mas assim que levantou já se preparando para o ataque, viu apenas um garoto.

— Ramon! — exclamou Sara furiosa. — Eu falei para ficar no seu quarto!

— Eu quero ver meu pai! — exclamou de volta.

— Não. Não. NÃO! — enfatizou, — Não é assim que você deveria ver seu amado pai, deveria vê-lo em glória e alegria, não

assim!

— Eu não me importo! Quero ver meu pai!

Sara colocou as mãos no rosto, desesperada. Diana se aproximou do sobrinho com muita tristeza.

— Tem certeza, Ramon? — perguntou com um olhar acolhedor.

O garoto fez um sinal afirmativo com a cabeça. Diana voltou para sua cunhada.

— Ele também merece se despedir, Sara. Ainda mais ele que nunca teve a oportunidade de conhecê-lo.

Algumas lágrimas já escorriam do rosto da mulher, Ramon sentiu uma pontada de culpa por ter feito sua mãe chorar, mas se recusava a perder a oportunidade de olhar para o rosto de seu pai. Sara cedeu e então os cinco foram andando em silêncio até a porta da casa de Drakkar.

— Ele está no baile, certo? — perguntou Esmeralda temerosa.

— Sim, eu o vi no pátio com uma mulher alta e loira — respondeu Sara.

— Mag, consegue abrir a porta, não consegue? — perguntou Diana.

Ela ficou observando a fechadura e pensando como faria.

— Parece complexo demais para manipular esse objeto, posso levar um tempo.

— Me deem licença — disse Esmeralda tirando os grampos de cabelo ruivo.

Magnólia cruzou os braços indignada.

— É especialista em arrombar portas agora?

— De certa forma, sim — disse enquanto colocava o grampo na fechadura.

— Pelos espíritos, você invadia casas?

— Na verdade, eu só arrombava a porta do meu quarto mesmo, às vezes a janela...— explicou, ainda concentrada com o grampo naquela fechadura.

— O que? Por quê? — Estava sem entender o que ela queria dizer.

— Mag, já chega — Diana a alertou, ela já havia percebido sobre o que se tratava.

E então a porta abriu como um passe de mágica, nem mesmo havia feito barulho. Os anos de prática fizeram Esmeralda aprender a abrir qualquer fechadura em completo silêncio.

— Onde está o corpo? — perguntou Sara para Diana

— No corredor, perto da cozinha.

O grupo correu para o cômodo evitando acender as luzes para não chamar a atenção dos vizinhos. Antes de entrar no corredor, uma tensão ficou no ar, ninguém queria ver o que tinha ali, quase em uníssono respiraram fundo e foram tirar o corpo daquele lugar abominável. Assim que Sara colocou os olhos em seu amado, começou a chorar.

— Pelo Santo Espírito, o que fizeram com você, meu amor?

— Correu na direção do corpo empalhado.

Mag se virou para Diana.

— Se em mim, que fui avisada pelo que esperar, já está doendo, imagino quanto tenha doído ver essa imagem de surpresa.

— Foi horrível, Mag. Eu desejei a morte ali mesmo.

— Venha, meu filho — chamou Ramon em meio às lágrimas —, venha ver seu pai.

O garoto estava assustado e andava devagar. Se aproximou do corpo totalmente atônito. Parou em frente a caixa de vidro que protegia o troféu mais importante de Drakkar e sorriu.

— Eu pareço com ele, mamãe. — Uma lágrima escorreu. — Eu pareço com alguém.

Nem mesmo Esmeralda conseguiu conter a emoção.

— Me perdoe, Diana — disse como um sussurro.

— Pelo que, Esmeralda?

— Por isso... — Apontou para a cena. — Meu povo nunca havia pensado nas consequências da caçada, apenas cumpria o que estava escrito na história, que tolice! Olha o que fizemos... — Estava inconformada com a realidade que presenciara.

Diana sorriu de modo melancólico.

— Eu te perdoo — disse, com um sentimento de paz.

Sara permaneceu alguns minutos chorando, até Ramon se pronunciar.

— Como tiramos meu pai daqui? Parece que Drakkar fez essa caixa de vidro sem fechadura, para não ser aberta.

— Isso é comigo — disse Mag se aproximando da caixa —, se afastem.

Todos obedeceram e Magnólia abriu a mão em direção a caixa de vidro, respirou fundo para se concentrar e então fechou a mão com força, imediatamente o vidro se quebrou por completo. Ramon ficou admirado, Mag olhou para ele e deu uma piscada. Ele queria fazer o mesmo, queria ter dons assim como seu pai.

Sara se apressou para tirar o corpo com cuidado da estaca, sua pele se arrepiou ao sentir tocar no corpo morto de seu amor; não era assim que ela queria senti-lo. Raon era um homem cheio de vida e paixão, vê-lo assim tão... morto, partia seu coração em pedaços, ainda mais vendo que ele não passava de um objeto de decoração na casa de Drakkar. Esmeralda a ajudou a enrolar o corpo no tecido branco que trouxeram. A missão estava praticamente concluída.

Quando estavam quase saindo da casa, Diana avistou uma sombra na janela e obrigou todos a parar e se esconderem atrás dos cômodos da sala. Duas pessoas conversavam do lado de fora

— Temos que ser rápidos antes que o rei sinta minha falta no baile.

Diana percebeu pela voz que era Drakkar.

— Como és importante para a Vossa Majestade — disse uma voz feminina sedutora. A rainha já sabia que era Elena.

— Em breve a Vossa Majestade será a pessoa bem à sua frente.

— Então, vida longa ao rei — falou e lhe deu um beijo intenso.

O casal tropeçava aos agarros enquanto tentava alcançar a porta da casa. Assim que Drakkar percebeu que a porta estava aberta, empurrou Elena. Olhou para a porta com aflição, e então percebeu. Sim, ele sabia. Correu em direção ao corredor e viu o que já esperava: havia sido roubado.

— NÃO! — gritou com uma fúria descomunal.

Foi até seu quarto e pegou sua melhor espingarda. Saiu da casa e viu Elena desmaiada no chão. Avistou ao longe uma

caminhonete acelerando para a floresta. Ele correu até seu veículo e começou uma perseguição pela sua honra.



— **E** está se aproximando, Sara! — gritou Magnólia.

— Esse veículo não é para isso! — exclamou Sara aterrorizada.

Diana olhou para as amigas em desespero e viu o sobrinho encolhido no colo de Esmeralda, claramente apavorado. Ela havia feito uma promessa, protegeria o garoto com sua vida, estava na hora de ser a líder.

— Pare o carro, Sara.

— O que? Não!

— Pare o carro! — gritou.

Mesmo relutante, Sara obedeceu sua rainha. Diana se virou para Mag.

— Magnólia, manipule a visão de Drakkar, não permita que ele nos reconheça.

— Eu nunca fiz isso com tantas pessoas e...

— É uma ordem! — exclamou.

— Sim, Majestade — cedeu rapidamente.

— Sara, fique no carro protegendo Ramon, esteja pronta para partir quando eu der o sinal.

A mulher concordou com a cabeça.

— Esmeralda, fique ao lado de Magnólia, ela estará ocupada com a manipulação e não poderá fazer outra coisa além disso, precisa protegê-la! Se a manipulação falhar e Drakkar nos ver, será nosso fim!

— Farei isso, Majestade.

Magnólia não gostava da ideia de ter Esmeralda a protegendo, mas ela não se atreveria a contrariar Diana naquele momento.

— E você, Majestade? — perguntou a amiga preocupada.

— Eu irei lutar, me passe esse bastão no chão do carro.

— É só um cabo de vassoura quebrado, minha rainha! — exclamou Sara.

— Vai servir.

Diana, Magnólia e Esmeralda saíram do veículo. O carro de Drakkar estava se aproximando.

— Mag, tem que ser agora! — exclamou Diana.

Magnólia centralizou suas mãos em seu peito e fechou os olhos com força, quando abriu novamente, seus olhos estavam completamente verdes e brilhantes. Drakkar, que já estava perto o suficiente para enxergar o inimigo, só avistava vultos, ele sabia que alguém estava controlando a sua visão.

— Essas sereias desgraçadas, as queimarei vivas! — bradou, totalmente enraivecido.

Diana tirou de seu cabelo o apetrecho que Rage fizera para ela, ditou as palavras na língua antiga que desbloqueavam o enfeite

e recebeu em sua mão uma adaga perfeita e prateada. Ela se virou para Esmeralda com um olhar de pedido de desculpas, a jovem ruiva já sabia o que a rainha estava prestes a fazer. E então Diana cortou a saia volumosa e comprida do vestido, o deixando completamente curto. A rainha se posicionou, mirou no carro e atirou a adaga que acertou perfeitamente no pneu da frente do carro de Drakkar, o obrigando a parar. O homem saiu do carro com sede de sangue e apontou a espingarda para os vultos.

— Ele está armado! — gritou Diana. — Se abaixem!

Drakkar atirou repetidamente tentando mirar nos vultos que ficavam cada vez mais embaçados, a falta de nitidez o irou profundamente e o fez atirar de forma aleatória. Antes que Diana pudesse impedir, uma bala atingiu a caminhonete com Sara e Ramon dentro.

— Não! — gritou desesperada.

A bala atingiu em cheio o ombro de Sara, a fazendo agonizar de dor.

— Mãe! — gritou Ramon. — Não, por favor!

Sara continuava agonizando no carro, ver a mãe naquele estado fez o garoto se enfurecer como nunca havia acontecido em toda sua vida. Ele saiu do veículo, totalmente descontrolado.

— Ramon, volte para o carro! — Diana gritava, chamando sua atenção.

De repente, os olhos do garoto perderam a cor azul e ganharam um tom arroxeadado, Ramon fez um movimento com as mãos e lançou uma bola de fogo em Drakkar que por pouco conseguiu escapar do ataque.

— O fogo do mar... — sussurrou Diana espantada. Mesmo ele sendo filho de seu irmão, Diana não esperava que Ramon

herdasse o mesmo dom do pai, considerando que era uma habilidade raríssima. Ver o que o garoto podia fazer era uma maravilhosa surpresa.

Diana então atirou com força o cabo de vassoura que tinha em sua mão e atingiu a espingarda de Drakkar a lançando para longe. A rainha correu na direção do inimigo para que pudesse ter uma luta corporal com ele.

— Venha, peixinho — sussurrou Drakkar, se posicionando para a briga.

Drakkar estava esperando um golpe certo vindo do vulto que se aproximava, mas Diana se jogou por baixo de suas pernas, lhe golpeando o joelho com um soco, o fazendo grunhir de dor. Ela pegou a adaga no pneu do carro e se preparou para se defender, havia decidido que não mataria Drakkar, ela queria entregar seus planos de usurpar o trono para o rei e então vê-lo cair nas mãos de Liam. Se ela o matasse, provavelmente iniciariam uma investigação e então ela poderia acabar colocando seus amigos em perigo.

De repente, uma onda de hipocrisia bateu em seu peito; ela estava em Enellon justamente para usurpar o trono matando o rei, exatamente assim como Drakkar. O processo a fez mudar de ideia, mas o que a diferenciava do inimigo? E então ela olhou para a caminhonete onde estava o corpo do irmão, ela ainda não era uma assassina e não precisava ser.

O homem correu mancando em direção ao vulto, mas Diana o evitava com certa facilidade. Magnólia se mantinha concentrada na manipulação em Drakkar, mas sua cabeça estava latejando de dor, nunca havia feito algo assim antes e estava exigindo extremo esforço da parte dela. Esmeralda notou seu incômodo ao ver o suor

e as mãos trêmulas, sabia que a manipulação não duraria muito tempo.

Para a felicidade de Drakkar, o vulto estava começando a ficar mais nítido. Ainda não conseguia ver o rosto nem o que vestia, mas já conseguia definir o movimento que os braços e pernas faziam, então agora não seria difícil atacá-la. Um estrondo e um clarão irromperam no céu, e antes que Drakkar pudesse pensar em alguma coisa, Ramon o atacou por trás tentando segurar os braços daquele homem gigante. Foi ingenuidade do garoto achar que poderia vencê-lo assim. Como se não fosse nada, Drakkar pegou o garoto pelos cabelos e o atirou para longe, Ramon bateu a cabeça em uma árvore e então desmaiou.

— Vá pegar Ramon! — ordenou Magnólia para Esmeralda.
— Eu te cubro!

A garota de cabelos ruivos hesitou por um mero segundo, mas então tomou coragem para ir, e só conseguia pensar no que havia se metido. Apressada, chegou até onde Ramon estava e tentou acordá-lo, mas o jovem rapaz estava completamente inconsciente.

A chuva começou a cair com força, tempestades de verão nunca eram tranquilas. Esmeralda lamentou ser tão fraca enquanto arrastava o garoto pelos pés. Ela estava encharcada e com frio quando avistou Drakkar atacando a rainha. Diana o evitava e golpeava para desnorteá-lo.

Outro clarão no céu, o estrondo viria em breve. Esmeralda colocou o garoto na caminhonete e então viu que Sara estava ferida. Em desespero, correu para avisar Magnólia.

— Mag, Sara foi baleada! — gritou. — Temos que levá-la a um médico agora! Está sangrando muito!

— Sabe dirigir?

— S-sei. — Na verdade não sabia.

— Vão! Eu fico com Diana.

— Mas...

— Vá logo! Se Sara morrer, Diana morrerá junto, não irá aguentar tamanha tristeza.

O estrondo chegou com tanta força que Esmeralda deu um grito agudo, correu para a caminhonete, e com muito esforço colocou Sara no banco do passageiro, pois já estava desacordada. A garota olhou para o volante à sua frente sem saber o que fazer.

— Muito bem, não deve ser muito difícil, vi meu pai fazendo isso e se aquele idiota consegue, eu também consigo!

Esmeralda ligou o carro e acelerou, aos trancos ela pegou o jeito com a marcha e conseguiu sair dali. Olhou para Sara com angústia. Para onde a levaria sem que perguntassem o que havia acontecido? E então lembrou: Chris! A garota acelerou com ainda mais força, clamando aos espíritos que Sara aguentasse até receber ajuda.

A chuva ficava cada vez mais pesada e o vento frio e cortante arrepiava a pele de Magnólia. Com menos pessoas para manipular a visão de Drakkar, deveria começar a ficar fácil usar seu dom, mas ela já estava exausta mentalmente, sentia que poderia ficar inconsciente a qualquer momento. Mag fez um juramento quando era criança, que era proteger a coroa; Diana era sua coroa, ela não iria desistir.

Em dado momento, Drakkar conseguiu prever os golpes de Diana e então a segurou pelo braço, com força eles não conseguiam competir, aquele homem era um caçador experiente, não existia fraqueza física dentro dele. Ele a jogou contra o seu carro e ela gemeu de dor. O vulto ficava cada vez mais nítido, Drakkar sorriu ao conseguir avistar ao fundo alguém, ele sabia que era essa pessoa que controlava sua visão, o homem sacou de seu bolso uma pequena arma e apontou para Magnólia.

— NÃO! — Diana gritou.

A rainha se jogou em cima de Drakkar, o fazendo errar o tiro.

— Maldição! — gritou, enquanto impedia Diana de se mexer.

Ele a forçou contra a grama molhada e colocou a arma a alguns centímetros de sua cabeça.

— Essa é minha última bala, a reservei somente para você — disse com um sorriso maquiavélico.

A chuva caía forte no rosto de Diana, o inimigo a havia imobilizado completamente, a mão de Drakkar segurava seu pescoço quase a enforcando e seu corpo estava por cima do dela, a impedindo de se defender. Um clarão tomou o céu mais uma vez. A rainha sabia que não tinha mais como escapar e apesar de estar com medo, ainda estava aliviada por Esmeralda ter conseguido escapar com Sara e Ramon. Drakkar puxou o gatilho. Um estrondo no céu entrou em ritmo com o som da bala que acertaria Diana. A rainha fechou os olhos com força esperando a morte, mas não sentiu nada, abriu os olhos e viu uma mão fechada na frente da arma que impediu que a bala a atingisse

— O que? — perguntou Drakkar confuso.

Com um único golpe no pescoço, o herói de Diana fez Drakkar desmaiar e cair totalmente em cima de seu corpo. A rainha o afastou assustada e levantou o olhar. Lá estava Liam, totalmente encharcado e cheio de fúria. Seus fios de cabelo grudavam em sua testa molhada e franzida por conta da raiva. Ele ergueu a rainha sem delicadeza alguma.

— Vamos para casa, Diana — disse com a voz firme enquanto puxava seu braço para fora da floresta.

— Mi-minha irmã! — conseguiu dizer.

Liam olhou para o outro lado e viu Mag inconsciente no chão, ela havia gastado toda sua energia com seu dom, havia entregado tudo de si. O rei foi em sua direção ainda sem soltar o punho da esposa, mas viu que não teria outra escolha, então soltou Diana e pegou Mag no colo.

Eles foram o trajeto todo para fora da floresta em completo silêncio, chegaram no carro de Liam, onde ele colocou Mag no banco de trás. Diana entrou no carro, dessa vez com medo do próprio esposo. Liam fechou a porta com tanta força que Diana trancou a respiração. O rei segurou o volante como se fosse quebrá-lo em pedaços.

— Eu realmente gostaria de saber — começou, com uma voz terrivelmente assustadora — porque meu conselheiro mais importante estava em cima de minha esposa com uma arma apontada na cabeça dela.

— Liam, eu... — tentou falar, com a voz embargada.

— NÃO SE ATREVA A CHORAR — gritou.

Diana engoliu o choro.

— Foi somente isso que viu? — perguntou, com medo de ele ter visto os poderes de Ramon.

— E tinha mais para ver? — indagou em tom sarcástico.

— Como nos achou?

— Sua “ida ao banheiro” — ironizou a frase — estava demorando mais do que eu esperava, não te encontrei em nenhum lugar do palácio e então peguei meu carro e dirigi pelas redondezas. Vi marcas de pneus entrando na floresta e segui, aí vi a cena: Drakkar prestes a matar você — disse, ainda tentando conter a raiva dentro do seu peito.

— Obrigada por ter me salvado — disse baixinho.

— Era ele, não era?

— O que?

— Veio buscar o corpo na casa de Drakkar. O corpo era do tritão que você amou, não era?

Diana baixou o olhar.

— Era sim.

Liam imediatamente socou o volante, fazendo Diana se assustar com sua reação. Ela ficou olhando para sua mão esquerda que ainda estava coberta com a luva, mas dessa vez com um furo no centro que Liam tentava esconder. Com aquela mão que ele havia impedido que a bala a atingisse.

— Como você...

— Não te interessa, Diana — respondeu de modo grosseiro.

— Drakkar não nos reconheceu, Liam — tentou acalmá-lo.

— E como você sabe?

— Ele não mataria sua própria rainha, ele não me chamou pelo nome nenhuma vez, certamente não nos reconheceu. —

Engoliu em seco. — Acredito que os espíritos tenham nos protegido.

Liam gargalhou.

— Não tente se safar apelando para os espíritos — disse, lhe oferecendo um olhar cortante.

Diana se encolheu no banco e tentou não falar mais nada, não queria irritar Liam ainda mais.

— Conseguiram o que queriam, pelo menos?

A rainha o olhou um pouco surpresa.

— Sim, levaram o corpo.

— Então será que agora você consegue seguir em frente? — Liam perguntou, quase que implorando.

Diana entendeu onde ele queria chegar.

— Agora que sei que seu corpo descansa em paz, sim, posso seguir em frente.

Liam não respondeu, apenas seguiram o restante do trajeto sem dirigir a palavra um ao outro.



Diana estava dentro da banheira do quarto do casal. Assim que chegaram, Liam se trancou no quarto dele e ela aproveitou para se limpar na banheira que tanto gostava. Magnólia havia sido colocada em seu quarto ainda desacordada, então só poderiam conversar sobre o que fariam com o corpo de Raon no dia seguinte. Quando Miguel a viu totalmente molhada e febril, se prontificou na hora a cuidar dela. Esmeralda havia deixado um recado no quarto

da rainha avisando que Sara já estava sendo tratada, na intenção de tranquilizar a amiga.

O baile perdera o sentido, os próprios anfitriões haviam deixado a festa. Um dos conselheiros da corte assumiu o posto de anfitrião, ele era muito sociável e divertido, então lidou bem com a situação inesperada.

— Ah, o rei e a rainha? Por favor, meus senhores. São jovens e recém-casados, isso é uma festa! Acham mesmo que eles não fugiriam? Eles têm a idade de meus filhos, é exatamente o que eles fariam em um baile como esse. Aproveitem que não estão aqui para fazerem o que quiserem! — E com as piadas e gracinhas, ele arrancava gargalhadas dos convidados, os distraindo da ausência dos verdadeiros anfitriões.

A rainha saiu de seu banho demorado com a toalha enrolada no corpo e quase a deixou cair quando foi pega de surpresa com Liam sentado na beirada da cama esperando por ela. O rei usava uma camisa preta aberta dessa vez, pelo cheiro, ele também tinha acabado de sair de um banho longo. Diana apertou ainda mais a toalha sobre seu corpo. Liam direcionou seu olhar para a esposa e tentou ignorar que ela estava quase nua bem na sua frente. Ele levantou para poder falar com ela.

— Me desculpe por ter gritado com você — conseguiu dizer.

— Melhor eu sair daqui. — Apressou o passo quando passou por ele.

Liam a segurou pelo braço, a impedindo de deixar o quarto.

— Não podemos conversar?

— Não quero te irritar, Majestade — disse, dando alguns passos para trás.

— Eu ainda estou irritado, Diana. E pelos espíritos, me chame de Liam!

A rainha abaixou a cabeça apreensiva.

— Você poderia ter pedido minha ajuda, Diana.

Ela riu.

— Como se você fosse me ajudar a roubar o corpo do homem morto de quem morre de ciúmes!

— Você me subestima, minha rainha. Se fosse sincera comigo, tivesse explicado seus sentimentos, sua história, eu te ajudaria!

— Com o que poderia me ajudar, exatamente?

— Ora, toda essa confusão aparentemente aconteceu porque Drakkar as pegou no flagra! Eu poderia muito bem tê-lo distraído durante o baile para evitar que voltasse para casa. Ninguém teria se ferido, ninguém teria uma arma apontada na cabeça e ninguém teria quase morrido!

Diana tentou reverter a situação.

— Você fala de sinceridade, mas então porque não me fala como me protegeu do tiro? Como segurou uma bala com suas próprias mãos? O que esconde nessa luva, Majestade?

Ela reparou que o rei havia trocado por uma luva nova, já que a outra havia sido danificada. Liam apertou a mão esquerda.

— Eu só tenho medo, Diana.

— E você acha que eu não tenho?

— Não parecia quando te vi jogada no chão, como se a vida de todos importasse mais que a sua! Por que sempre age como se estivesse compensando alguma coisa?

Desde a morte de seu irmão, Diana cresceu com o seguinte pensamento “*deveria ter sido eu, não ele*”. Todos em Norisea a olhavam da mesma forma, portanto, para ela, a morte era somente uma amiga atrasada, que a qualquer momento apareceria para corrigir seu trabalho, já que na última vez claramente havia se enganado. Ela não queria mais ouvir Liam falar, suas palavras de confronto estavam desencadeando memórias dolorosas.

— Apenas me deixe em paz, Liam! — exclamou. — Deu tudo certo no final das contas! — Ela estava sem paciência.

— Tudo certo? Você quase morreu, Diana! Quase te perdi para sempre!

— Por que você se importa? — berrou.

— Porque eu te amo, sua imbecil! — vociferou irritado. Diana arregalou os olhos com a declaração. — Eu te amo desde o dia que te vi tropeçando naqueles vestidos bregas e coloridos. Eu te amo desde sua primeira teimosia com minha pessoa. Eu te amo porque você pode estar sendo totalmente insuportável e mesmo assim você permanece deslumbrante. Eu te amo! Eu quero você, eu quero seus sorrisos, seu carinho, sua inteligência, sua bondade, seus mais pavorosos defeitos. Eu desejo você. Desejo tocar em você. Somente os espíritos sabem o quanto eu quero tocar você. Eu anseio por seu corpo e todas as belíssimas curvas que você insiste em esconder de mim. Eu quero pertencer a você. E quero que você pertença a mim.

— Eu não sou uma posse para pertencer a alguém — disse, tentando ignorar que Liam acabara de declarar seu amor.

— Eu sei! Eu sei... mas eu gostaria que essa noite você pertencesse.

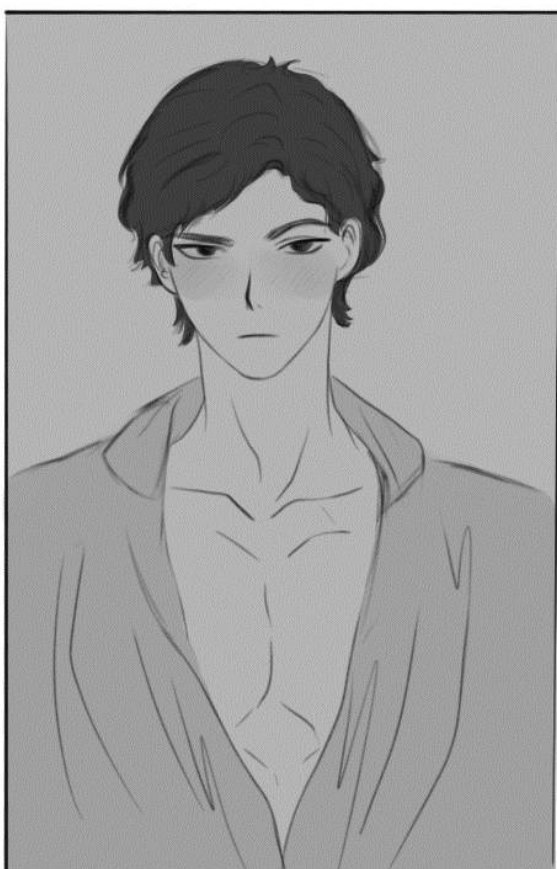
— Eu não compreendo...

— Eu só quero deixar claro que estou disposto a ser seu homem. Mas não sei quanto tempo mais consigo esperar para você decidir se deseja ser minha mulher.

— Já somos casados.

— Ainda não.

Diana estava atônita, não conseguia nem mais olhar para seu rosto. Liam a amava, e ele queria desfrutar dos prazeres do casamento com a mulher que ele sonhava todas as noites antes de dormir. Ela não sabia o que dizer, ainda não tinha coragem de declarar o que sentia quando estava ao lado de seu marido.



Na verdade, Diana ainda não entendia direito seus sentimentos, mas ela sabia que gostava de estar com ele. A

presença de Liam era como um refúgio da dor que sentira por tantos anos. Ela o queria também, mas não iria admitir. Liam deu um passo para frente.

— Eu vou te beijar agora — disse com a voz firme.

Diana levantou o rosto em choque, ainda sem conseguir dizer nenhuma palavra. Ele a avisou com tanta naturalidade que ela não era capaz de pensar em uma resposta rápida.

— Se você não me impedir, eu irei te beijar. — Deu mais dois passos para frente, quase colando seu corpo ao de dela.

Ela apertou ainda mais a sua toalha grossa e felpuda. Seu coração pulsava rapidamente, e se ela fosse ouvi-lo, sairia correndo dali, mas as pernas não se mexiam. O sangue a controlava dessa vez, todo o seu corpo ardia e agora ela sabia por quem. Nunca em um milhão de anos ela havia se imaginado com um humano.

Quem a havia direcionado até ele? O Santo Espírito? Quando olhava para a coroa do rei, ela via apenas um inimigo, mas quando olhava para Liam, via o próprio amor, ela via um presente dos céus. Seu casamento era um presente, ela não poderia deixar isso escapar de suas mãos por mero orgulho.

Seus músculos relaxaram e Liam percebeu que ela não estava mais tensa com sua presença. O rapaz segurou o rosto de sua mulher como se fossem as flores mais delicadas do jardim, aproximou seus lábios dos dela e então a beijou com tanta paixão que precisou segurar nas costas de Diana para que ela não caísse para trás. Era o primeiro beijo dos dois, mas o encaixe funcionava perfeitamente, pois, de alguma forma, eles sabiam como fazer.



Diana levantou suas mãos e acariciou a cabeça do marido enquanto passava os dedos entre os fios de seu cabelo, ele sentiu seu corpo inteiro arrepiar com o toque da esposa e então a levantou para que pudesse levá-la para cama. A deitou nos lençóis de linho e sorriu para ela, a jovem rainha retribuiu com um sorriso tímido. Ele se aproximou de seu pescoço e a beijou ali mesmo. Diana acabou soltando um riso travesso.

— Tem cócegas aqui? — ele perguntou com um sorriso.

— Tenho, sim — respondeu dando risada.

Liam agora entendia o que era compartilhar um leito nupcial. Não se tratava apenas de uma relação carnal, mas de intimidade, a intimidade mais pura, bela, alegre e santa. Sem isso, ele nunca descobriria que Diana era frágil em algumas regiões do corpo ou dependendo da forma que ele a segurava poderia provocar reações diferentes nela.

Como o rei estava desfrutando descobrir pequenos segredos que somente ele teria acesso, o rapaz queria que ela o sentisse também, ele não queria pertencer a mais ninguém que não fosse ela, somente sua esposa também teria passagem a suas fragilidades. Ele tirou sua camisa e ficou pensativo sobre a luva, Diana segurou sua mão esquerda.

— Não precisa ainda. Faça quando estiver pronto — o acalmou.

— Obrigado — respondeu constrangido.

Ele realmente ainda não estava pronto, mas sabia que logo estaria depois daquela noite. Diana não estava se importando com a luva dessa vez, seu marido a havia esperado pacientemente, ela poderia fazer o mesmo por ele.

Liam voltou a beijar sua esposa e passar sua mão por todo o seu corpo, a toalha de certa forma o atrapalhava naquele momento, ele queria removê-la logo, mas sua inexperiência o deixava nervoso apenas ao pensar na possibilidade.

Como faria isso sem ofendê-la? Ele colocou a mão na dobra da toalha, mas hesitou, fechou os olhos com força, envergonhado. Às vezes, tudo que ele queria era já ter tido certa experiência para saber o que fazer nessas horas, mas ao mesmo tempo, estava feliz, suas reações e embaraços seriam vistos apenas por Diana, não tinha porque ter medo. Ele sabia que ela não o julgaria.

— Preciso ser sincero com você... — coçou a garganta — quero tirar esse tecido que te cobre, mas não sei como fazer isso sem te desrespeitar — admitiu com as maçãs do rosto vermelhas.

E naquele momento, Diana percebeu que o amava. Como ele era cuidadoso e atencioso com seus sentimentos. Como nunca havia reparado antes? Roupas não eram necessárias no mar, afinal, as escamas já cobriam o que precisava ser coberto. Naquele momento não havia nada para esconder de seu marido, a rainha era uma mulher de personalidade forte e queria agir como tal até mesmo na cama.

— Apenas tire minha toalha, meu rei — disse com um sorriso terno.

Liam não esperava por aquela resposta, mas assentiu mesmo com o nervosismo tomando todo o seu coração. Sua respiração estava agitada, ele pegou a ponta do tecido e começou a remover bem devagar de cima de sua mulher. Diana estremeceu ao sentir o tecido roçar em sua pele, por um breve momento se sentiu insegura.

Ela tinha as características que o agradavam? Ela poderia lhe dar o prazer que ele tanto queria? Seu marido já havia admitido que a desejava, mas e se acabasse decepcionado? Como um reflexo, ela segurou a mão de Liam, impedindo que ele continuasse a remover o tecido.

— Algo errado? — perguntou preocupado.

— Eu... — Era vergonhoso admitir. — Tenho medo de não atender às suas expectativas.

— É nossa primeira vez, Diana — falou com uma voz acolhedora. — Não tem que ser primoroso. Não agora, pelo menos.

A rainha assentiu, ainda com a sensação de insegurança soando forte em seu peito, mas mesmo com os sentimentos sabotadores a invadindo, decidiu soltar a mão de Liam lhe dando a permissão para retirar a sua toalha. O rapaz sorriu na tentativa de acalmar o coração da rainha, e para seu alívio acabou funcionando, pois percebeu que seu corpo havia relaxado novamente. Liam então removeu o tecido por completo e a imagem que seus olhos receberam era como uma pintura divina. O perfume de Diana era agradável como a areia molhada. Seus seios eram formosos como os lírios, seu quadril era como a montanha da mirra. Seu rosto brilhava como se estivesse através do véu, seus olhos eram como pérolas e seus lindos lábios eram como fitas vermelhas da mais pura seda.

— Como você é perfeita, Diana. Não há defeitos em ti, meu amor — declarou, completamente apaixonado por sua esposa.

A rainha corou ainda mais com as palavras de seu amado, mas não teve tempo de reagir, seus lábios foram tomados pelos beijos e carícias do rei. Liam foi cortês e delicado, não se apressava

de forma indevida, ouvia atentamente quando sua esposa dizia que algo a incomodava e Diana, da mesma forma, mudava seus movimentos quando seu marido aparentava desconforto. Eles não ficaram chateados ou acanhados com os erros de principiantes, muito pelo contrário, em meio às descobertas do leito, acabaram rindo e se divertindo um com o outro.

Com Liam ao seu lado, Diana compreendeu que pertencer não significava posse, mas sim, entrega. E naquela noite, ela havia se entregado para ele, e ele para ela.



O vento batia forte nas janelas do castelo, os corredores estavam vazios e melancólicos, ao fundo, era possível ouvir uma criança chorando e uma mulher aos berros.

— Cale a boca, aberração! — gritou a mulher.

— Amélia! — repreendeu o rei. — Não fale com a criança assim! Ele ainda está aprendendo a usar! Tenha paciência!

— Paciência, Zeriel? Você quer paciência? Os espíritos devem me odiar, fui amaldiçoada com certeza!

— Ele é uma criança perfeitamente normal! Nasceu bem e saudável.

— Normal? Ele me dá nojo! — disse, com o rosto cheio de aversão pelo menino.

Zeriel pegou a criança no colo e a consolava com tapinhas nas costas.

— Não podemos escondê-lo para sempre! Vários funcionários já sabem da existência dele.

— Mate-os então!

— Perdeu o juízo, mulher?

— Eu perdi tudo no dia que dei a luz a isso. — Apontou para o menino que se escondia nos braços do pai. — Eu preferia que tivesse morrido como todos os outros.

— Amélia! — gritou. A criança chorava ainda mais. — Ele ainda é o herdeiro de Enellon! Ele será um rei excelente, tenho certeza! Terá uma bela esposa e filhos sábios e amáveis, não tenho dúvidas!

A rainha gargalhou, se aproximou do rosto do filho, apertou em suas bochechas e falou com a voz cheia de ódio.

— Preste muita atenção no que vou te dizer agora, Liam Gribanov, não se esqueça dessas palavras: nenhuma mulher vai te amar, você morrerá sozinho. Mesmo que ame alguém e tente esconder isso, quando ela descobrir irá ter repulsa e horror a você, e certamente fugirá, entendeu? — Apertou ainda mais o rosto da criança. — Ninguém vai amar você! — gritou.



Como um salto, Liam acordou de seu pesadelo, uma lembrança tenebrosa. Ele se sentou na cama com a respiração ofegante, estava suando, então olhou pela janela e viu que já era de manhã.

— Liam? — sussurrou Diana enquanto esfregava os olhos, ela havia sentido o agito de seu marido. — Está tudo bem?

O rapaz a olhou com os olhos lacrimejados. Quanto tempo até Diana o abandonar também? A rainha percebeu que havia algo errado.

— O que houve, meu rei? — perguntou, colocando a mão em suas costas.

Como um reflexo, Liam a abraçou com força, ele a apertou como se ela fosse desaparecer a qualquer momento. Diana ficou sem reação com o abraço repentino, mas então retribuiu o gesto, acariciando seu cabelo.

— Não quer me contar o que te atormenta? — indagou com um tom preocupado.

— Tenho receio de te soltar e você ir embora.

Diana não sabia ainda o que passava no coração conturbado do rei, mas a frase veio com uma entonação que ela conhecia bem, de perda. Ele havia perdido alguma coisa e estava sofrendo.

— Eu não vou a lugar algum, ficarei aqui com você — o consolou.

— Mesmo que eu te cause repulsa? — disse, ainda sem olhar para a esposa.

— Você não me causa essas sensações, Liam. — Estava inconformada com o que havia acabado de ouvir. — Com você eu só tenho os sentimentos mais deleitosos e agradáveis que alguém poderia ter.

Ela o abraçou mais forte. Liam a ajeitou melhor em seu corpo, fazendo Diana corar e lembrar da noite encantadora que tiveram juntos. Seu corpo nu tocava no corpo dele. Liam respirou fundo perto de seu pescoço e sentiu Diana arrepiar.

— Você é tão linda — murmurou enquanto acariciava suas costas até descer suas mãos para o quadril da esposa.

Diana o fez levantar o olhar, pegou em seu rosto e lhe deu um beijo doce e suave. Ele a segurou com mais força e a encaixou perfeitamente em cima dele. O dia mal havia começado e eles estavam prontos para se amarem mais uma vez.



Magnólia abriu os olhos devagar, eles estavam pesados. Percebeu que estava em sua cama no quarto do palácio, olhou para direita e levou um susto; Miguel estava sentado na poltrona, todo desengonçado enquanto dormia. Mag olhou para suas roupas e ela usava um moletom grande. Quando havia se trocado? Ela cheirou o moletom e corou, tinha o cheiro do Miguel. Por acaso ele havia trocado ela? O rapaz acabou acordando e sorriu assim que viu que Mag estava bem.

— Bom dia! — saudou, com um sorriso cansado. — Se sente melhor?

— O- O que aconteceu? — Ficou desconcertada com a presença dele.

— Nem eu sei ao certo, só me entregaram você desmaiada e molhada. Te trouxe para seu quarto, aí eu te... — ele ficou envergonhado — Eu juro que não vi nada! Eu te sequei e coloquei o moletom por cima para tirar seu vestido por baixo — tentou se explicar rapidamente.

Mag olhou para o chão e viu seu belo vestido jogado lá e sentiu um arrepio. Ele poderia ter feito qualquer coisa enquanto ela estava desacordada, mas então ela olhou bem fundo nos seus olhos e já sabia que ele não havia feito nada de errado, Miguel a respeitava muito, era possível notar a quilômetros de distância.

— Pretende me contar o que aconteceu com você? — perguntou inquieto.

Magnólia o olhou apreensiva. Ela podia confiar nele de verdade?

— Fui fazer um favor para a rainha, apenas isso — respondeu de modo seco.

— Você sabe que pode pedir minha ajuda.

— Suas ajudas sempre vêm com um preço — o cortou.

Miguel sentiu um arrependimento instantâneo, percebeu que usar o flerte do suborno não havia sido uma boa ideia a longo prazo.

— Me desculpe se eu passei essa impressão, mas eu realmente me preocupo com você, Mag.

Ela não conseguia olhar nos olhos dele.

— É mais que isso, Mag. Eu gosto de você. Gosto mesmo. Por favor, me conte o que aconteceu.

— Eu não posso contar, Miguel! — exclamou irritada.

— Certo... — assentiu, incomodado com a reação dela. — Posso então saber o que você pensa de mim?

— O que?

— Não é segredo que estou apaixonado por você, Mag. Você sabe disso muito bem. Quero saber se o sentimento é recíproco.

Mag apertou as cobertas de sua cama, ela queria dizer que o amava também, mas tinha medo de fraquejar e escolhê-lo ao invés da coroa. Ela não poderia permitir se apegar assim, não a um humano.

— Vá embora, Miguel. — Uma lágrima escorreu pelo seu rosto.

— Mas, Mag...

— Por favor, vá embora. — Chorou ainda mais.

O sorriso radiante do rapaz havia se perdido e ele não sabia quando o encontraria de novo. Miguel apenas se levantou, pegou suas coisas e se retirou do quarto. Magnólia permaneceu sozinha em meio às lágrimas.



A chaleira apitava com furor, Esmeralda desligou o fogo e colocou a água quente nas ervas para fazer um chá para Chris. O rapaz havia passado quase a noite toda acordado cuidando de Sara. Quando já era de madrugada, Esmeralda a levou para casa junto com Ramon, que já estava consciente e iria se encarregar de cuidar da mãe no restante do dia.

— O que vocês vão fazer com o corpo, Ramon? — perguntou Esmeralda.

— Bom, ele vai ficar na caminhonete da minha mãe até ela acordar. Me certifiquei que ninguém abriria a carroceria, tranquei com um cadeado, acredito que não irá demorar muito para minha ela despertar e então iremos enterrar meu pai no túmulo da família.

A garota estava pensativa sobre as palavras de Ramon e nem percebeu quando deixou água quente escorrer da xícara.

— Ah! — exclamou. — Maldição...

Ela limpou a bagunça e levou o chá para onde o Chris estava. O pobre rapaz roncava baixinho enquanto cochilava com os braços em cima da escrivaninha. Havia sido uma noite bastante longa.

— Chris — chamou o tocando com cuidado para não assustá-lo, mas não adiantou, já que ele levantou o rosto tão aterrorizado que fez Esmeralda derrubar a xícara de chá no chão, partindo em pedaços.

— Pelos espíritos! — exclamou, envergonhado pelo acidente. — Me perdoe, Esmeralda — pediu, se agachando para pegar os cacos espalhados.

— Tudo bem, devia de estar ruim mesmo, tudo que faço na cozinha é um horror. — Riu por dentro.

— Como está a mulher e a criança?

— Parece que estão bem agora, graças a você — disse com um sorriso agradecido.

— Demos sorte que meus pais viajaram a trabalho.

— Muita coisa foi sorte ontem — observou.

— Acredito que eu não possa perguntar o que aconteceu.

Esmeralda acenou negativamente com a cabeça.

— Ainda não, mas eu prometo te contar em breve.

— Okay, então, eu posso esperar. — Deus de ombros.

Esmeralda o observou enquanto ele estava concentrado catando todos os caquinhos da xícara, ela já sabia que queria aquele homem para ela, não somente naquele momento, ela o queria para todo o sempre.



Liam levava Diana pelos corredores do palácio segurando sua mão. A rainha desconhecia aquela ala do castelo e estava curiosa para saber a intenção daquilo tudo.

— Para onde estamos indo?

— Já está na hora de eu te mostrar uma coisa — disse, com medo de suas próprias palavras.

Eles chegaram em um trecho bem afastado e escondido, Liam apertou em um dos tijolos e abriu uma passagem que dava para uma escada. Diana olhou para a cena admirada e acabou lembrando da magia que sempre esteve imersa no mar. Os dois subiram juntos e chegaram a uma porta trancada, Liam tirou a chave do bolso e abriu. Diana deu um passo à frente, a luz batia forte em seus olhos e quando ela conseguiu entender onde estava, seu coração palpitou. Era uma gigantesca biblioteca, alta e cheia de janelas.

Eles estavam no topo do castelo, a parte mais alta, a biblioteca particular do rei Gribanov.

— Liam, isso é maravilhoso! — exclamou, encantada com o que via.



— Fazia tempo que eu não vinha aqui, não me traz boas lembranças.

— Como um lugar como esse pode te trazer memórias ruins? — perguntou enquanto passava os dedos pelas prateleiras.

— Eu estudava aqui, tinha uma professora particular, eram muito exigentes com meu ensino.

— Pega bastante sol aqui, não é? — observou distraída.

— Sim, o ideal era cobrir os livros para que não envelhecessem por conta da luz — ele tirou um livro velho da prateleira —, mas não sei porque, eu gosto muito desse tom amarelado e surrado que o livro fica depois de algum tempo no sol.

Diana foi andando e admirando cada prateleira, os livros iam até o topo e era necessário uma escada para alcançá-los, a biblioteca privada parecia um comprido cilindro na vertical. Era única. Uma caixa chamou a atenção Diana, e nela continha um símbolo de três seres místicos. Ela pegou a caixa e levou até o centro da mesa.

— Ah, você achou os arquivos sobre os espíritos de Sangue. A rainha se virou para ele com um olhar espantado.

— Você conhece os espíritos de sangue?

— Vagamente, não me deixavam me aprofundar muito nesses escritos. Conheço apenas sobre o Santo Espírito, eu sei que você vai me achar idiota, ele é só uma lenda, mas eu gosto de acreditar que ele é real.

Diana permaneceu em choque, ela nunca imaginaria que seu marido, um humano, poderia acreditar na lenda do Santo Espírito.

— Eu acredito nele também, Liam! — exclamou sem pensar.

— Sério? — perguntou surpreso. — O que acha de lermos juntos sobre ele então?

— Sim! — assentiu com um sorriso no rosto.

Os dois abriram a caixa que estava cheia de pergaminhos e livros. Liam retirou um dos pergaminhos e abriu ao lado de Diana que se juntou a ele para ler.

— Os três espíritos de sangue — disseram em uníssono.

Liam se virou para a esposa espantado.

— Você sabe ler a língua antiga?

Ela congelou. Havia esquecido que os escritos estavam na língua antiga e por força do hábito leu em voz alta. Ela tentou reverter a situação.

— Eu que estou chocada, achei que mais ninguém conhecia o idioma dos espíritos.

O rei deu de ombros.

— Todo herdeiro ao trono deve saber interpretar o idioma, estou surpreso que uma antiga plebeia tenha estudado por conta própria.

— Ah, sempre fui muito curiosa — tentou desconversar.

Liam sorriu, cada dia que passava se impressionava mais com a mulher ao seu lado.

— Você realmente nasceu para reinar — observou. — Fico feliz em ter te escolhido.

O coração de Diana apertou, ele não iria escolhê-la, foi forçado por Magnólia, ela havia se esquecido desse detalhe por um mero segundo, mas quando a lembrança voltou, sentiu que estivesse roubando a vida de outra pessoa, assim como sentia ter roubado a vida do irmão.

— Quem você quase escolheu?

— O que? — perguntou apreensivo.

— Você não gostava muito de mim, Liam. Com certeza eu não era sua única opção.

— Tenho medo de contar e você ficar chateada comigo.

— Não vou ficar chateada — mentiu.

— Eu ia escolher Esmeralda — admitiu.

Diana baixou o olhar, não conseguiu esconder a tristeza.

— Ela é bonita mesmo... — conseguiu dizer.

— Eu não deveria ter contado — Estava arrependido ao ver a reação da esposa.

— O que te fez quase escolhê-la?

— Bom, em termos de qualificação para o cargo, você nunca perdeu o topo, você era sem dúvidas a mais qualificada para ser rainha, sua personalidade que me preocupava.

— Como assim? — perguntou de certa forma ofendida.

— Meu amor, convenhamos... — Levantou a sobrancelha esquerda. — Você é bem difícil de lidar, é mandona e controladora — disse enquanto sorria para ela —, sempre tem que estar certa.

Ela virou o rosto e cruzou os braços.

— Deveria ter escolhido Esmeralda então.

Liam riu.

— Eu achei que você não ia ficar chateada.

— Não estou chateada! — exclamou, claramente mentindo.

Liam a segurou por trás e ela tentou escapar de seu abraço.

— Ah, e também você é dramática, muito chorona — falou, enquanto a impedia de escapar de seus braços fortes.

O rapaz estava se divertindo com a situação, apesar de se sentir mal por ficar feliz ao ver sua esposa com ciúmes.

Diana estava pensativa, quem deveria estar ali era Esmeralda, não ela.

— Mudou de ideia em cima da hora? Você pareceu indeciso no momento da decisão.

— Sim, mas uma voz dizia em meu ouvido sem parar que eu deveria escolher você.

Imediatamente, Diana sentiu um remorso por saber que Mag o havia manipulado, mas ela ainda não estava pronta para admitir isso a ele. Liam continuou.:

— No fundo eu queria escolher você, mas eu tinha medo de sua personalidade forte se transformar na minha ruína, assim como aconteceu com meu pai.

Ela se virou para ele sem entender.

— Do que está falando, Liam? — questionou, com medo da resposta.

O rei respirou fundo, estava na hora de ela saber, se ela o aceitaria, não importava mais, ele só precisava ser sincero e não esconder mais nada de sua mulher. Ele a convidou para se sentar no sofá verde que tinha perto de uma janela, colocou sua mão esquerda na frente dela.

— Pode tirar — falou.

— Você tem certeza? — Ela não queria forçá-lo.

— Tenho, sim, seja o que tiver de ser.

Diana engoliu em seco e abriu o botão da luva, foi tirando devagar e com calma, Liam olhava para baixo, esperando a reação da esposa. A luva foi saindo e revelando o que havia por baixo do

que escondia, o brilho do metal ficou evidente com a luz do sol sendo refletida. Diana tirou toda a luva e viu a mão de prata do rei.



— Isso é... — Ela estava tentando entender o que estava vendo.

— É uma prótese, minha rainha. Muito boa por sinal — disse um tanto acanhado.

— Não é sua mão então... — observou.

— Não.

— O que aconteceu? Perdeu a mão em uma batalha ou duelo?

Liam soltou uma risada abafada.

— Eu só nasci assim, Diana — disse em tom melancólico.

— Oh... então qual o problema?

Liam levantou o rosto, surpreso com a reação.

— Como assim qual o problema? — perguntou, apontando claramente para a mão dele.

— Por acaso te machuca?

— Não, doeu apenas para colocar, as cirurgias também.

— Pelos espíritos... Cirurgias?

— Minha mãe queria uma prótese impecável, uma que funcionasse tão bem que ninguém perceberia que eu era assim. Fui submetido a algumas cirurgias para que meu sistema nervoso se conectasse com excelência ao sistema da prótese, usaram a mais alta tecnologia comigo.

— E funcionou?

— Até que sim, tudo que eu penso em fazer com essa mão eu consigo. — Movimentou os dedos devagar. — Mas evito usá-la o máximo que posso.

— Por quê? — perguntou curiosa.

— Porque eu não consigo sentir com ela ainda.

— Sentir?

— Tive dificuldade em me adaptar, quebrei muitos copos de vidro ao longo do caminho. — Riu de si mesmo. — Não sinto nada quando toco em você com essa mão, não sinto calor, frio, arrepios... nada

— Há quanto tempo usa essa prótese?

— Uso próteses diferentes desde criança. Quando parei de crescer, conseguiram focar em desenvolver uma permanente para mim, é um metal resistente, por isso consegui impedir que aquela bala te atingisse.

— Que incrível, Liam! — falou fascinada, enquanto tocava nos dedos de metal do marido.

— Incrível? — Ela ainda estava desacreditado. — Você não se importa?

— Me importar com o que, meu rei?

— Com isso. — Apontou para a mão esquerda.

Diana riu, sem entender onde o rei queria chegar

— Você é engraçado, Liam.

Ela continuou a passar os dedos e admirar a mão de metal, a tecnologia humana era fascinante, Diana ficava pensando o que poderiam fazer quando unissem os povos para criar apetrechos como aquele ainda melhores, quantas pessoas eles ajudariam.

De repente, ela viu um pingo cair em cima da mão de metal, ela estranhou e levantou o rosto e então viu os olhos de Liam deixarem cair as lágrimas que ele segurava.

— Meu rei! — exclamou assustada, nunca tinha visto Liam chorar. — Eu disse algo errado?

— Aquela desgraçada... — disse com os olhos vermelhos — me fez acreditar que eu nunca seria amado por ninguém...

— Quem? — perguntou, tentando entender o que ele dizia.

— Minha mãe, aquela bruxa! — Soluçou ao chorar. — Ela me odiava.

Diana ficou horrorizada ao ouvir as palavras dele.

— Por que ela odiava você?

— Porque eu não era perfeito, Diana! — exclamou inconformado. — Eu não era completo...

A rainha passava as mãos no rosto do marido, tentando enxugar suas lágrimas, mas em vão, elas não paravam de sair.

— Me conte mais sobre seus pais.

— Minha mãe... — tentava se acalmar para formar a frase — Ela era bem peculiar. Era uma excelente rainha, estrategista e cuidadosa ao tomar decisões pelo reino, mas era um lixo de mãe e esposa — falava com desprezo na voz. — Ela ficou com tanto nojo de mim quando me viu nascer que só fui conhecê-la quando tinha dois anos. Ela me evitou por dois malditos anos! Quando me via, ela passava mal e reclamava aos espíritos por terem a amaldiçoado. Ela decidiu que iria conviver comigo com uma condição: se dessem um jeito em mim. A partir daquele dia, eu passei a morar em salas brancas e solitárias, apenas aguardando minha próxima cirurgia.

— Seu pai não fazia nada?

— Meu pai era um frouxo! — Soltou uma risada sarcástica. — Ele era controlado como um fantoche da minha mãe. No final, ela sempre tinha tudo que queria. Eu prometi para mim mesmo que não deixaria jamais que isso acontecesse comigo quando fosse escolher uma esposa. Quando saiu o concurso, entrei em desespero, eu não queria uma rainha, só em pensar nisso eu lembrava de minha mãe. Eu gostei de você desde nosso encontro nos corredores do palácio, mas sua personalidade às vezes me lembrava a dela e eu tinha medo de acontecer comigo o que aconteceu com meu pai. É claro, te conhecendo melhor sei que são totalmente diferentes. — Ele segurou na mão dela. — Eu sei que são.

— O que houve com seus pais? — perguntou enquanto acariciava o rosto do marido, inchado de tanto chorar.

— Bom, nada importava mais no mundo para minha mãe do que ela mesma, ela só agradava o povo para que falassem bem dela. Quando comecei a crescer e ser respeitado na corte, não como filho, mas sim, como conselheiro, ela começou a querer se

aproximar de mim. Obviamente eu recusei a aproximação e a esnobava na frente dos outros. Não preciso nem dizer o tanto que ela surtou com isso. — Ele fez uma pausa, queria mesmo contar? — Surtou tanto que matou meu pai.

Diana colocou a mão na boca assustada.

— Em seguida foi condenada à morte por traição. E foi assim, Diana, que me tornei rei.

Diana se sentia culpada, também havia ido para Enellon para matar o rei, se ela tivesse feito isso, Liam teria tido o mesmo destino do pai. Ela se odiava apenas ao lembrar que já quis matar seu próprio marido,

— Liam... Eu não fazia ideia que você estava sofrendo desse jeito.

— Eu cresci ouvindo que algo me faltava, que eu tinha um defeito, uma falha, que os espíritos haviam me castigado por algum pecado. Cresci ouvindo que era menos merecedor de amor simplesmente por ter nascido de um jeito que não pude escolher. Como uma criança lidaria com tudo isso?

Liam voltou a chorar e dessa vez Diana se juntou a ele. Ela conhecia muito bem o sentimento. Uma sereia nascer sem dons era o mesmo que nascer sem um membro, a magia fazia parte do mundo marinho, qualquer criatura sem isso só poderia ser defeituosa. Ela compartilhava a mesma dor do marido e ela o havia aceitado como era. Será que ele a aceitaria também?

Diana o abraçou com força, tinha medo do que poderia acontecer se revelasse sua verdadeira identidade. Liam enxugou as lágrimas e olhou firme para a esposa.

— Meu amor, eu prometo nunca mais esconder nada de você. Tudo a meu respeito terá acesso. Não deixarei mais nenhum segredo entre nós, tudo bem?

Ela assentiu com um sorriso, mas por dentro estava destroçada. Liam havia aberto todo o seu coração para ela, e ainda assim, Diana escondia coisas do marido. Será que ela teria a sua coragem? Se arriscaria a revelar quem ela era, mesmo com o risco de ser condenada à morte?

Diana estava com medo. De morrer? Não. Estava com medo de decepcionar o rei quando revelasse que o estava enganando esse tempo todo. Só tinha uma coisa que Diana detestava mais que a morte: o olhar de desprezo.



O quarto da rainha estava

lotado, pelo menos ao ver de Diana, já que nunca esteve em um aposento com mais de uma amiga, que sempre era Magnólia. Dessa vez, Esmeralda, Mag e Sara conversavam casualmente em cima da cama enquanto comiam algumas castanhas que Sara havia trazido da cozinha.

— Mas como é, Sara? — perguntou Esmeralda.

— Como assim?

— Ah, você sabe... — disse, fazendo um gesto estranho com as mãos, e assim que Sara entendeu, ela corou.

— Esmeralda! — Mag a chamou atenção. — Você não tem escrúpulos?

— Eu os perdi há muito tempo — revelou, não se importando com a repreensão. — E aí? Tritão ou humano? — Olhou para Sara, empolgada com a resposta.

— Na verdade, eu só estive com Raon mesmo, então não consigo comparar.

A ruiva revirou os olhos entediada, viu Diana escrevendo alguma coisa em sua escrivaninha e sorriu de modo malicioso.

— E você, majestade? Tritão ou humano?

Diana se virou para as meninas um tanto envergonhada, Magnólia ainda não sabia que ela havia dormido com o rei.

— Também não sou capaz de comparar, só estive com Liam — respondeu, tentando não olhar para o rosto espantado de Mag.

— Aff — bufou. — Nem vou perguntar pra Magnólia, aposto que não esteve com ninguém.

— Não estive mesmo! — exclamou irritada.

— Que chatas! Uma humana que nunca dormiu com um humano e uma sereia que nunca dormiu com um tritão.

— Oh, nos perdoe desapontá-la — falou Mag de modo irônico.

— Posso deixar passar, nos fale então como é sua Majestade Real na cama, Diana.

— Pelos espíritos, Esmeralda! — Mag queria jogá-la pela janela.

Diana decidiu se juntar a elas e se sentou com um olhar brilhante.

— Ele foi muito bom e paciente, me fazia querer parar no tempo para que nunca acabasse.

— Parece que está gostando dele — disse Esmeralda com um sorriso.

— O que? Não! — Negar foi sua primeira reação. — Quer dizer, sim. Talvez? — disse, ainda não querendo assumir seus

sentimentos.

— Como pretende finalizar a missão? — Mag perguntou, quase como um confronto.

— Tenho pensado em contar para Liam a verdade — admitiu.

— O que? — exclamaram juntas.

— Vai mesmo contar a Liam que o plano inicial era matá-lo? — Mag usou um tom um tanto quanto sarcástico.

— Sim — Tentou conter a ansiedade.

— Diana, ele pode te matar se souber que é sereia — observou Mag.

— Eu sei — abaixou a cabeça. — Mas eu sinto que preciso fazer isso.

— E quando pretende contar, então? — Esmeralda estava curiosa com o desfecho da história.

— Acredito que eu precise esperar mais um pouco, para ter certeza que posso confiar nele.

— Esperar mais quanto, Diana? — Mag estava impaciente e claramente mal-humorada pelo que havia acontecido com Miguel. — A caçada é em alguns meses! Logo eles assinarão sua renovação, precisa correr!

— Eu sei, Mag! — exclamou. — Eu penso nisso o tempo todo! Muitas coisas saíram do planejado e estou me adaptando a essas mudanças repentinas. Preciso usar todas as minhas cartas a meu favor, inclusive Ramon.

— Como pretender usar meu filho? — Sara tinha medo de perdê-lo também.

— Bom, precisamos que ele reivindique seu lugar no trono primeiro, ninguém em Norisea sabe da existência do herdeiro — Mag respondeu.

— Norisea é exigente quando se trata de tradição e legitimidade de herdeiros, temos que convencê-los que Ramon é legítimo e então exigir sua coroa — Diana completou.

— E por que vocês teriam dificuldade em torná-lo legítimo? — Sara perguntou confusa.

— Por que será, né, Sara? — Esmeralda resmungou. — Qualquer filho fora de um casamento é bastardo. Pode ser que não considerem Ramon como herdeiro legítimo.

Sara permaneceu olhando para as meninas, havia percebido que tinha deixado um detalhe escapar em sua história.

— Mas... — começou a falar — Eu e Raon fomos casados, concebemos nosso filho dentro do casamento.

Todas ficaram em completo silêncio, atônitas com o que ouviram. Nem mesmo Diana esperava essa confissão. Sara ficou desconfortável.

— Não sei porque está chocada, Majestade. Nem parece que conhece seu irmão mais velho. Acha mesmo que ele tomaria minha virtude sem antes tomar minha mão? — falou como uma mãe repreendendo as filhas.

Diana levou alguns segundos para voltar a si.

— Você está certa — concluiu. — Raon não faria isso.

— Muito bem, eu sou viúva. Casamos em uma capela, escondidos, é claro, mas casamos! Tenho nossa certidão, inclusive. Ramon é legítimo.

Diana apenas assentiu, percebeu que havia magoado Sara ao nem cogitar a possibilidade de um casamento que tinha validade.

— Um problema a menos para resolver! — exclamou Esmeralda tentando quebrar o clima desagradável. — Qual o próximo passo já que essa carta está garantida?

— Não ser morta pelo rei — disse Diana temerosa.

— Liam não faria isso — Sara disse, tentando acalmá-la.

— Ele mandou matar Rage — Mag falou por cima —, então pode mandar matar Diana.

Magnólia estava certa, a morte de Rage havia perturbado a rainha profundamente, apenas ao ouvir seu nome seu corpo estremeceu de medo. Sim, Liam havia mandado matar um tritão. E ele autorizou sua morte como se fosse autorizar qualquer outra coisa igualmente trivial. Será que a vida de Diana poderia ser considerada uma trivialidade também?

— Se eu tiver que morrer, então morrerei — concluiu. — Se Liam ficar do nosso lado, Enellon também estará, o povo é fiel a ele.

— Está certo... — Mag detestava a ideia de confiar a vida de seu povo na decisão de um rei humano.

Diana percebeu que a amiga estava inquieta e segurou em sua mão.

— Você, mais do que ninguém, sabe que eu vim para cá com um objetivo muito claro, meu coração estava tomado pelo desejo de vingança. Mas reencontrar um pedaço de meu irmão aqui me fez olhar para meu sangue. Nem sempre consigo escutar seus desejos, mas estou tentando.

Mag assentiu ainda receosa, sempre havia desejado que Diana seguisse os anseios de seu sangue, mas nunca imaginou que

seria daquela forma, colocando a vida de seu povo em risco.

— Falando em Raon — Sara se virou para Diana — Quando pretende visitar o túmulo de seu irmão, Majestade?

Diana foi pega de surpresa.

— Já o enterraram? — Mag perguntou.

— Sim, Ramon fez praticamente tudo, preparou o túmulo com excelência. Na verdade, ele estava feliz em ter um lugar para visitar o pai, acho que meu filho está se tornando um homem. Raon ficaria orgulhoso. — Seu olhar remetia a saudade, mas ela não queria se distrair de sua verdadeira intenção naquela conversa. — Você precisa dizer adeus, Diana. — Sara estava firme em relação a isso.

— Eu não sei porque, mas o estou evitando — a voz embargou. — Olhar para seu túmulo é a certeza que ele se foi. No fundo, bem no fundo, eu acreditava que o veria vivo aqui, passeando pelas ruas de Enellon. — Riu de sua própria ingenuidade. — Essa pequena esperança foi apagada quando o vi na casa de Drakkar, foi a certeza que eu não o encontraria mais, nunca mais. Chegar em seu túmulo ainda é doloroso demais, sou grata aos espíritos por ter você, Sara. Sem você, talvez eu ainda não o teria enterrado.

— Leve o tempo que precisar — Sara confortou —, mas não demore muito, tudo em nosso reino pode mudar de um dia para a noite, não deixe de fazer algo que te trará imenso arrependimento daqui alguns anos.

A conversa estava deixando Mag inquieta, ela se levantou da cama pensativa, sabia que precisava esclarecer alguns assuntos ainda referente a Ramon, tinha muito o que estudar a respeito da

sucessão do trono de Norisea e também sobre as brechas na lei para validar um humano com a coroa dos mares.

Ela se despediu das meninas, Esmeralda e Sara também aproveitaram para voltar aos seus afazeres no palácio. Diana permaneceu em seus aposentos, voltaria a estudar sobre os pergaminhos que havia conseguido na biblioteca particular de Liam.

Magnólia se apressava para chegar em seu quarto, queria tirar seus pensamentos conturbados da mente o quanto antes, mas o que ela recebeu quando abriu sua porta foi justamente o contrário. Em pé, na frente de sua escrivaninha estava Miguel com um buquê de margaridas. Ele estava concentrado lendo um caderno que estava aberto na mesa de Mag.

— Miguel? O que faz aqui? — ela fechou a porta do quarto.

— Magnólia... — disse, ainda sem olhar para ela.

A garota se espantou, ele havia dito seu nome, seu verdadeiro nome.

— Magnólia, você é sereia? — perguntou com um olhar terno.

Um turbilhão de sentimentos invadiu seu coração.

— Estava mexendo nas minhas coisas? — Se aproximou da escrivaninha um tanto temerosa, fechando todos os cadernos e livros.

— Mag, por favor me responda — pediu com a voz calma.

A jovem sereia estava tentando ignorá-lo enquanto ajeitava sua bagunça.

— Irei solicitar uma chave para este quarto imediatamente — resmungou.

Miguel tocou em seu braço, Mag parou de fazer o que estava fazendo, o olhou com os olhos lacrimejados.

— Você é sereia? — A ternura em sua voz deixava Mag ainda mais desconfortável.

— Por que veio aqui, Miguel? — indagou, tentando não responder.

— Acho que é meio óbvio, vim tentar te conquistar pelos meios tradicionais, já que a barganha não funciona mais com você.

Ela não conseguiu evitar o riso, mas era uma risada triste, o conto de fadas que estava vivendo com Miguel teria um fim definitivo dessa vez.

— Por que estava mexendo em minhas coisas?

— Bom, estava tudo aberto aqui em cima, decidi ficar te esperando chegar para fazer a surpresa, mas então eu vi essas anotações.

— O que você viu? — perguntou, com medo da resposta.

— Vi que você é sereia e tem um dom de manipulação, consegue manipular cores, objetos e também ações de pessoas. — Ele a olhou com medo. — É verdade?

— Qual parte? — Ela já estava ficando na defensiva.

— Que você é uma sereia que consegue manipular as ações de qualquer pessoa que quiser.

— Se você já leu, por que me pergunta?

— Porque eu quero ouvir da sua boca. — Ele fez uma pausa perturbadora. — Você me manipulou para gostar de você?

A pergunta foi como uma facada no peito de Mag.

— Miguel... Não acredito que...

— Manipulou ou não? — Dessa vez ele estava mais sério.

— Não tenho esse poder — disse, enfim —, não consigo manipular sentimentos ou emoções. Consigo no máximo fazer você falar algumas palavras ou mexer a mão direita ou...

— Paralisar — sussurrou Miguel enquanto lembrava do dia que capturou os conspiradores, por isso havia sido tão fácil.

— Isso. — Ela abaixou a cabeça.

— Consegue me manipular para esquecer dessa conversa?

— O que? — Ela levantou o rosto confusa.

— Consegue me fazer esquecer?

— Esquecer de que?

— Dessa conversa, dos beijos... De você.

Magnólia estava entendendo onde ele queria chegar.

— Não, me perdoe por isso. Somente telepatas conseguem, sou só uma manipuladora.

— Entendi. — Um pouco atordoado, ele largou o buquê em cima de sua cama e se dirigiu até a porta. — Então essa é outra coisa que terei que fazer do jeito tradicional.

— E o que seria? — Mag estava se segurando para não chorar.

— Te esquecer — finalizou com um olhar solitário e então fechou a porta.



O clima estava típico de uma noite de verão. Drakkar estava sentado em sua cama fazendo ligação com os conselheiros de outros reinos, ele virava o pescoço com a dor do impacto, não sabia

quem havia salvado as sereias, mas estava pronto para matar o metido a herói também.

— Receberam minha carta? — disse Drakkar com a voz rouca.

— Nós não sabíamos que era de interesse de Enellon abrir a caçada para outros reinos — disse a voz no outro lado da linha.

— Bom, agora é. Como expliquei no baile, nosso reino tem sido infectado pelos ideais errados, o inimigo está infiltrado na corte. É melhor jogar fora esse mal antes que se espalhe.

— Você é muito enigmático às vezes Drakar.

— Apenas quando necessário — disse, enquanto se esticava tentando ignorar a dor corporal.

Drakkar havia acordado apenas no dia seguinte da perseguição, seu rosto estava coberto de lama e o corpo cheio de feridas. Levantou um pouco atordoado, o que havia acontecido? A última lembrança era de ter a arma na cabeça do inimigo. Ele atirou? Ela morreu? Elas fugiram? Drakkar olhou ao seu redor, estava sozinho na floresta, certamente haviam fugido. O responsável pela fuga iria se arrepender amargamente.

— Como a carta veio assinada pelo próprio rei não podemos ignorar, mas o que ganhamos nos aliando a vocês? — a voz do outro lado queria negociar.

— Ora, tudo que quiserem ter do reino dos mares é de vocês, ouro, pérolas, pedras preciosas... — fez uma pausa — sereias.

— Elas são lindas como dizem?

— São uma tentação — ajeitou a perna em cima da cadeira, o joelho doía ainda pelo golpe de Diana.

— A proposta tem ficado cada vez mais interessante, Drakkar. Mas falta alguma coisa.

— O que seria?

— A competição. Queremos um prêmio.

Drakkar abriu um sorriso pernicioso.

— Que tal uma mulher?

— Teria que ser uma mulher e tanto.

— A irmã da rainha. Está solteira, e é simplesmente a coisa mais bela dentro de nosso reino, apenas atrás de Vossa Majestade, é claro.

Drakkar conseguiu ouvir uma risada abafada do outro lado.

— Fechado.



O chão estava repleto de pergaminhos e livros, todos espalhados pelo aposento da rainha, algumas páginas soltas estavam penduradas na janela e Diana fazia anotações em um caderno.



Todas as imagens pareciam fragmentos de algo incompleto, como se existisse uma continuação, mas ela não estava ali. Em um dos rabiscos tinha a figura de uma asa, em outro pergaminho tinha o desenho de um mar agitado, mas um desenho em específico chamava a atenção de Diana, uma figura claramente pela metade continha um tritão que fazia uma sequência de gestos e algo poderoso saía de suas mãos, mas não era possível identificar o que era. Pelos livros e anotações poderia ter relação com os espíritos de sangue, mas a rainha não tinha certeza.

Diana continuava sua busca por uma resposta que nem ela sabia qual era. O que esperava encontrar? Uma solução para o fim da caçada? Todos aqueles escritos, em sua maioria na língua antiga, não passavam de registros de uma lenda, um conto que ouviam antes de dormir. Talvez os espíritos de sangue não fossem reais, ela poderia estar somente perdendo tempo nessa busca enquanto deveria estar planejando outras estratégias para o fim da caçada. Mas ela sentia tão forte em seu sangue que deveria continuar com sua pesquisa que decidiu não ignorar seus desejos. Ela revirava mais algumas páginas quando Magnólia entrou no quarto, ela parecia cansada e estava com os olhos inchados.

— Está bem, Mag? — perguntou preocupada.

— Sim, só não dormi muito bem.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, só estou cansada mesmo — respondeu com um sorriso.

A rainha conhecia aquele sorriso, na verdade conhecia muito bem. Era o sorriso que a amiga usava quando não queria falar sobre o assunto.

— Entendi — anuiu, percebendo que Magnólia escondia alguma coisa.

— Por que toda essa bagunça? — perguntou, curiosa com os papéis espalhados.

— Estou procurando alguma coisa, mas ainda não sei o que é.

— É sobre os espíritos de sangue?

Diana assentiu e continuou lendo os pergaminhos. Notou que nos pergaminhos de Enellon, Calliam era exaltado como o espírito da terra. No pergaminho de Norisea, Hanur era descrito como o espírito das águas. Mas os dois arquivos não chamavam o Santo Espírito do espírito do sangue.

— É estranho — Diana murmurou. — Existe um espírito do céu.

— E quem seria ele?

— Nesse livro aqui — falou abrindo na página que havia marcado — contém uma profecia. A profecia do horizonte.

— E o que ela diz?

A rainha se levantou para ler.

“Dado o dia que o céu, o mar e a terra se tocarem, o portador de espíritos terá poder sobre o sangue e o horizonte será restaurado”.

— Eu não entendi, Diana. Quem é o portador de espíritos?

Como um relance, Diana se voltou para aquele desenho curioso.

— Mag, esse é o portador! — exclamou quando percebeu. — Veja essa sequência de movimentos! Ele está invocando os espíritos de sangue!

— Quantos portadores existem?

— Vamos ler a genealogia. — Diana voltou algumas páginas.

— Por Hanur! — Mag estava surpresa. — Um capítulo inteiro só de genealogia?

— Parece que eles mencionam todo o parentesco até chegar no portador. — Diana passava os olhos rapidamente pelos nomes nas folhas. — Os portadores existem há tantos anos que não se tem um registro de quando começou.

— Então quem escreveu esse livro?

— Um profeta chamado Gelihá.

— Nome de tritão.

— Ele começa a genealogia falando assim: *“Pela voz do sangue me foi dada essas palavras. Mataiê foi mãe de Elimeque, que foi pai de Buruã, que foi pai de...”*

— Ai, já chega! — Magnólia não tinha paciência para genealogias. — Vai direto pra parte do portador.

— Bom, esse capítulo de genealogias é bem grande por uma razão. Fala pelo menos de seis gerações de portadores. Um nasce a cada mil anos.

— O que? Mil anos?

— Sim — confirmou, ainda sem tirar os olhos do livro — e somente seres místicos das águas podem ser portadores. *“Aquele de imenso poder herdará o sangue dos espíritos”* — Diana levantou o rosto. — Mag, você está com aquele caderno do meu irmão?

— Sim, eu vim aqui justamente para isso, te entregar o caderno. Meu quarto ainda não tem chave, eu tinha medo de alguém entrar e pegar — disse tirando o caderno da bolsa e entregando para Diana.

Imediatamente a rainha começou a folhear as páginas e rabiscos do irmão mais velho, ela abriu em um desenho, comparou com o livro que estava lendo e então paralisou.

— Diana? O que aconteceu?

— O último portador nasceu há mil anos... — murmurou.

— Sêrio? Então deve existir um portador na nossa geração!
— exclamou esperançosa — Alguém com tamanho poder certamente pode acabar com a caçada.

A rainha começou a chorar.

— O que houve? — perguntou Mag, preocupada.

— Era Raon, Magnólia. Meu irmão era o portador da nossa geração.

— Como você sabe?

— Veja. — Apontou para os rabiscos do caderno. — Ele estava estudando a conjuração do sangue, estudando e praticando minuciosamente os movimentos para invocar os espíritos. Raon era o tritão mais poderoso de Norisea, ele sempre soube disso. Ele lia muito sobre o Santo Espírito e deve ter achado a profecia do horizonte. Ele sabia que era o escolhido. Era ele quem restauraria os povos — lamentou. — Perdemos nossa única chance.

— Não, Diana! Não desista assim!

— Era ele, Mag! Só ele poderia restaurar a paz entre as nações. É isso que a profecia simboliza, entendo agora. Hanur é das águas, Callian é da terra e o Santo Espírito é do céu. São diferentes, por isso não percebemos antes, mas juntos eles são um só, juntos eles formam o horizonte e podem ser chamados de espíritos de sangue.

— Mas por que nunca soubemos disso?

— Porque nós os separamos! Dividimos os espíritos de acordo com nossos interesses. Esses espíritos só trabalham em harmonia se estão sendo vistos e contemplados juntos. Eu estava achando confusa essa divisão e acabei lendo em um pergaminho a história de um povo que ficou quarenta anos peregrinando no deserto.

— Impossível uma nação sobreviver tanto tempo no deserto.

— Eles sobreviveram! Brevemente o autor relata que eram protegidos pelo Santo Hanurallian.

— O que?

— Sim! Os três espíritos juntos! É assim que se chamam. Meu irmão claramente estava treinando para invocá-los novamente e nos salvar. Nosso povo não terá chances sem um portador, mesmo que eu matasse Liam, Drakkar assumiria o trono. Com ele no poder, Norisea jamais sobreviveria.

— Diana, talvez você esteja esquecendo alguma coisa.

— E o que seria?

— Perdemos o portador, mas não o filho dele.

— Ramon! — Uma chama de esperança acendeu novamente. — Ele herdou os poderes de meu irmão, talvez ele consiga invocar os espíritos também!

— Exato!

— Preciso falar com Liam.

— O que? Sobre o que?

— Calma. Ele acredita no Santo Espírito também, se eu pelo menos, mostrar o que descobri sobre a união dos espíritos, talvez ele possa fazer alguma coisa.

— Mas, Diana, tudo isso que lemos não passa de lendas para algumas pessoas. Acha mesmo que irão parar a caçada por conta de uma história contada em livros velhos e surrados?

— Eu sei que Liam vai acreditar em mim, Mag. Eu sei! — disse, já se levantando, segurando alguns livros e pergaminhos. — Irei procurá-lo.

Diana saiu do quarto às pressas, deixando Mag sozinha com os livros espalhados. A amiga pegou um dos papéis, ela não conseguia ler o dialeto.

— Acho que todos deveriam saber a língua antiga.



Diana procurava Liam pelo palácio, foi em seu quarto, mas não estava lá, correu para o quarto do casal e ele também não se encontrava no local. Imaginou que o rei estivesse no salão real e apressou o passo para encontrá-lo. Chegou na enorme porta do salão e começou a abrir, mas então ela ouviu vozes.

— Drakkar, isso não justifica! — A voz de Liam estava irritada, aparentemente estava discutindo com Drakkar.

Diana desistiu de entrar no salão para ficar ouvindo pela fresta.

— Majestade, eu fui encarregado de cuidar do caso dos conspiradores. O que descobri também me chocou e agi o mais rápido possível. Convoquei os outros reinos para nos ajudarem.

— Você abriu a caçada para todos! — vociferou o rei.

Diana sentiu a respiração trancar quando ouviu sobre a caçada.

— Sim, eu fiz isso, Majestade. Os conspiradores estão se espalhando como praga, infiltrados até mesmo na nossa corte! — exclamou

— Não levante o tom para mim, Drakkar! Eu sou o rei!

Drakkar parou por alguns segundos.

— Confiaste seu anel a mim por uma razão. Confia em meus julgamentos.

— Não quando se trata de dizimar um povo por completo.

— O único povo que importa é o nosso.

— Está me dizendo então que os conspiradores eram tritões?

— Exatamente. Solicitei uma autópsia, o DNA deles continha magia! O povo do mar está se erguendo para nos destruir, se não agirmos logo, irão tomar sua coroa também.

Diana sabia que aquilo era mentira, com certeza Drakkar havia forjado aquela autópsia.

— Isso ainda não justifica ter colocado a irmã da rainha como prêmio.

A rainha se espantou com o que ouviu.

— Ela é solteira, Majestade, é comum oferecer os parentes da corte em matrimônio por alianças em outros reinos.

— Perguntou para Maggy o que ela achava sobre isso?

— Não preciso, Majestade. Com certeza para ela é uma honra servir ao senhor e ao reino.

— Não é assim, Drakkar! Ela pode não querer se casar!

— E a vontade dela importa, meu rei?

— Claro que importa!

— O que importa é o crescimento de Enellon. Essa caçada em parceria com os reinos vizinhos dará a abertura que nosso reino precisa para expandir e...

— CHEGA DE EXPANSÃO! — o rei gritou tão alto que Diana deu um passo para trás com o susto.

— É esse povo místico que está contaminando nossa fertilidade, o dia que nos livrarmos deles...

Foi interrompido de novo.

— O que deve ser feito para conseguir o prêmio de casar com Maggy?

— A tradição de sempre. Aquele que matar o herdeiro.

— Você já matou o herdeiro.

— Mas existem outros na linha de sucessão.

Liam respirou fundo.

— Devolva meu anel, Drakkar.

— Meu rei...

— DEVOLVA! — Liam tinha alcançado o ápice de sua paciência.

Drakkar tirou o anel de sua mão e entregou ao rei. Liam o colocou de volta totalmente enfurecido. De repente ouviram o barulho da porta abrindo, era Diana segurando o choro.

— Ah, meu amor! — Liam abriu um sorriso doce ao ver sua rainha, nem parecia que tinha acabado de gritar com o homem ao seu lado. — Estava me procurando?

— S-sim. — Se recusava a aparentar fraqueza na frente de Drakkar desta vez.

— Me diga o que precisa — perguntou, se aproximando dela.

— Eu... — falou a primeira coisa que veio em sua mente. — Eu vim convidá-los para um jantar.

— Convidá-los? — o rei perguntou curioso.

— Sim, isso inclui Drakkar. Quero retribuir o convite na casa dele.

— Oh! — exclamou Liam surpreso. — Pode ser amanhã?

— Pode, sim.

— Será uma honra, Majestade — Drakkar conseguiu dizer.

— Está certo, estarei aguardando vocês. — Se retirou do salão com as mãos tremendo.

Diana estava com a respiração ofegante, correu até seu quarto, Magnólia não estava mais lá. Ela vasculhou o guarda-roupa e pegou seu cristal mensageiro. Ela ouviu passos rápidos vindo em direção ao seu quarto, a rainha escondeu o cristal novamente com medo de virem alguma coisa. Era Esmeralda.

— Majestade. — Se curvou, ela segurava uma proclamação. — Você viu isso?

— Se trata da caçada, não é? — perguntou, já com os olhos marejados.

— Sim.

— Por favor, leia para mim.

Esmeralda obedeceu sua rainha.

— *"Pela ordem do rei Liam Gribanov, todos os reinos em comum acordo devem estar presentes na grande caçada de Enellon. A ordem é esta: No dia 13 do mês de adar, todo caçador deve massacrar e eliminar o povo dos mares, jovens, velhos, mulheres e crianças, e confiscar todos os seus bens. O caçador que*

capturar o herdeiro de Norisea será prometido a princesa de Enellon, irmã da rainha"

— Isso é daqui a seis semanas! — exclamou desesperada.

— O que irá fazer?

— Não há como voltar atrás com esse decreto?

— Uma vez selada com o anel do rei é para sempre, Majestade. Não pode ser revogado.

Diana ficou pensando enquanto olhava para o chão. De repente se levantou e pegou o cristal mensageiro.

— Vá falar com Mag, ela precisa saber que dessa vez a caçada inclui seu nome. Diga a ela que vamos lutar.

— Mas, Diana... São todos os reinos vizinhos contra Norisea. Como irão vencer?

A rainha entrou se lembrou da história do povo peregrino no deserto.

— Nós iremos vencer, eu sei que vamos. Liam saberá toda a verdade, amanhã à noite ele saberá.

— Ele pode te matar, Diana.

— Que assim seja então. Minha vida pertence aos espíritos, se quiserem tirá-la de mim, que o façam. Não irei mais mentir, chega.

Esmeralda assentiu e foi falar com Magnólia. Diana pegou o cristal e chamou por seu irmão. O garoto apareceu, parecia estar dentro de seu quarto.

— Admete! Eu estava tão preocupado! — O rosto de Rillian parecia vermelho. — Uma pessoa achou seu cristal e pensei que tivessem te matado — a voz dele embargava.

— Estou bem, meu irmão, uma humana boa te encontrou.
Na realidade, existem muitos humanos bondosos aqui.

— O que quer dizer?

— Nosso inimigo não é Enellon, não é o rei! O inimigo é nossa falta de conhecimento, é isso que têm nos feito perecer. Precisamos eliminar tudo que quer nos dividir.

— Admete, chegou até nós que uma proclamação da caçada foi distribuída para todos os reinos, é verdade?

— Sim, a caçada será daqui a seis semanas.

— Por Hanur... É nosso fim.

— Não! Enellon lutará conosco!

— O que? Como sabe?

— Chame o papai e a mamãe.

O garoto apenas obedeceu a irmã mais velha, ela conseguiu ouvir o barulho da água se movimentando com mais força com seus pais se aproximando.

— Minha filha... — a rainha disse ao ver o rosto de Diana.

— Admete, minha pérola — o pai a chamou. — A caçada foi adiantada?

— Sim, meu pai. Precisaremos lutar.

— Não poderemos vencer esse povo sozinhos.

— Não estaremos sozinhos, conseguirei aliados. Direi ao rei que sou sereia.

— Não, Admete! — a rainha exclamou.

— Se o rei de Enellon morrer, um homem infinitamente mais cruel aguarda para tomar a posse do trono, foi ele quem fez a proclamação. Enganou o rei para que confiasse nele. — Diana abaixou o olhar. — Foi esse homem que matou Raon.

O rei e a rainha se olharam apreensivos.

— O reino humano tem uma tecnologia poderosa, quando unida à nossa magia pode se tornar indestrutível.

— Apenas isso não é suficiente para vencer todos os reinos unidos contra nós — o rei observou.

— Tenho algo que os humanos não esperam.

— O que seria? — perguntou o rei.

— Tenho comigo o verdadeiro herdeiro de Norisea.

— Você é a herdeira, minha filha — disse sua mãe.

— Raon teve um filho — soltou o que estava preso na garganta.

Um silêncio constrangedor instaurou no ambiente.

— Nós saberíamos se tivesse — o rei começou, mas a rainha segurou em sua mão.

— Com uma humana, não é? — a rainha conseguiu dizer.

— Você sabia, Bria?

— Não, meu marido. Mas eu deveria ter desconfiado, já que ele passava tanto tempo em terra firme durante suas missões.

O rei ficou atordoado por alguns segundos. Se virou para Diana.

— Como ele é?

— A cópia exata de meu irmão.

A rainha colocou a mão na boca querendo chorar, o rei a abraçou com força.

— Uma parte de Raon está viva, Orman.

Diana se pronunciou.

— Ele tem o dom do fogo do mar. — Eles se viraram para ela imediatamente. — Seu neto tem seu dom, papai — disse com um

olhar acolhedor.

— Traga-o para cá, traga também a mulher que conquistou o coração do nosso filho. Eu e sua mãe queremos conhecê-los.

— Antes preciso falar com o rei.

— Mas, minha filha... — a mãe começou.

— Deve ser feito, somente unindo os povos acabaremos com essa perseguição. Somente com a união da terra, do mar e do céu teremos paz novamente — afirmou, se lembrando da profecia do horizonte.

— O que faremos então? — o pai perguntou.

— Chamem todo o povo para orar por mim. — Ela respirou fundo. — O rei aceitar quem sou é nossa última esperança. Ao pôr do sol de amanhã me encontrarei com ele.

— Clamaremos a Hanur por sua segurança.

— Não, orem a Hanur, orem a Callian, orem ao Santo Espírito.

— Para Callian? — Dessa vez era Rillian que estava confuso.

— Confiem em mim, clamem a eles, todos juntos. Orem para os espíritos de sangue. Eles são reais.

O rei e a rainha assentiram, ainda temerosos.

— Preciso ir, por favor, façam isso.

— Nós faremos.

Rillian encerrou a conexão e Diana permaneceu alguns segundos ainda encarando o cristal. Ela estava com medo. Imediatamente Magnólia entrou no quarto dela com os olhos vermelhos e o rosto coberto por lágrimas, segurando em suas mãos

a proclamação. Diana percebeu que a amiga já sabia o que haviam feito com ela.

— Oh, Mag... — disse, estendendo os braços.

Magnólia se jogou no colo da rainha e voltou a chorar copiosamente. Diana não tinha a resposta para tudo, mas de uma coisa tinha certeza: não deixaria que ninguém tomasse Mag a força. Ninguém.



Drakkar se
arrumava
para o jantar

especial da rainha, queria usar seu melhor traje e impressioná-la. Seu aparelho recebeu uma ligação e ele atendeu, uma imagem holográfica de Elena apareceu.

— Para onde vai tão arrumado? — perguntou com seu tom sedutor.

— Fui convidado para um jantar especial feito pela própria rainha.

— Parece que está ganhando a admiração dela.

O homem estava desconfiado com o convite.

— Qualquer coisa pode acontecer, mas se ela for esperta ficará quietinha para salvar a própria pele.

— Fiquei sabendo que teve um desentendimento com o rei.

— Sim, imaginei que aconteceria, mas não daquela forma, perdi uma parte da credibilidade que tinha com ele, mas agora não

faz mais diferença, está feito.

— O que fará com Liam?

— O matarei durante a caçada, não será difícil.

— Ah, que desperdício — lamentou de modo irônico. — O rapaz tem um rosto tão bonito.

— Se ele governasse nosso reino como cuida de sua aparência, talvez eu não precisasse tomar medidas tão drásticas.

— A rainha certamente sofrerá por ele.

— Vossa Majestade não terá tempo para sofrer o luto, assim que eu assumir o trono a tomarei como esposa.

— Oh, você quer tudo mesmo, inclusive a mulher dele.

— Tudo que estiver à minha disposição eu terei — disse, terminando de ajeitar o cabelo. — Claro que ela não será minha única esposa, precisarei garantir que minha herança permaneça viva para sempre.

— Achei que isso fosse proibido — comentou, se referindo a ter várias mulheres.

— Como rei, posso alterar a lei.

— E eu que pensava que você gostava de tradições.

— Eu sigo a tradição quando ela beneficia meu poder, caso contrário, não faz diferença para mim. Apenas fique preparada e a postos com nosso plano. O rei pode cair a qualquer momento e eu preciso estar lá para tomar o trono.

— Sempre terá refúgio em Horizon, é minha dívida eterna com você.

— É bom que reconheça — falou desinteressado.

— Não se incomoda de não ser considerado pai da minha criança? Ele será visto para sempre como filho de George.

— Para mim ela não passa de um bastardo. Meus herdeiros de casamento é que terão o título que merecem. E você jamais poderá contar a alguém se não perde sua coroa, não é?

Elena pareceu desconfortável, mas não quis demonstrar, então apenas assentiu.

— Muito bem, partirei agora. — Desligou sem se despedir.

Drakkar já tinha tudo esquematizado, ansiava pelo dia que finalmente teria a coroa que ele se achava tão merecedor. Havia acompanhado o nascimento de Liam e todo o processo conturbado com a família, e sabia que se conseguisse a confiança dele, teria qualquer coisa, inclusive o trono. E se ele já teria tudo, porque não também sua mulher? Diana era bela e atraente, se divertir um pouco não faria mal a ninguém. Apesar de ele ter convicção de quem ela era, sabia como evitar problemas, bastava deixá-la estéril e não correr o risco de proliferar a raça que ele tanto odiava. Usaria as sereias somente para seu prazer, afinal, nada mais honroso que dar prazer a sua majestade.

Ele já estava saindo de casa quando avistou sua pistola em cima da mesa, por via das dúvidas a pegou e levou consigo.



Diana se preparava para deixar seu quarto e ir para o jantar que ela mesma havia planejado. Seu coração disparava tão alto que parecia que todos no palácio poderiam ouvi-la. Havia passado o dia em oração e recusando todas as refeições. Liam tentou visitá-la para conferir se estava bem, mas ela inventou desculpas,

prometendo a si mesma que seria a última vez que mentiria para ele.

No fundo, Diana tinha medo de seu marido. Até que ponto ele a aceitaria? Ela já sabia que o amava e talvez o desprezo dele partisse seu coração em pedaços. Percebeu que estava com medo de duas coisas: morrer e ser rejeitada para quem havia se entregado. Na verdade, era fácil sobreviver a esse problema, bastava continuar com sua farsa e deixar seu povo morrer. Mas aí ela estaria colocando seu amor por Liam acima de seu amor por Norisea.

Como poderia assistir à extinção de seu povo? Como suportaria a ideia de ver seus parentes massacrados? Diana não poderia, jamais faria isso. Magnólia entrou em seu quarto para conduzi-la até o jantar.

— Ficarei à espreita para garantir que não te farão mal.

— Espero que não seja necessário.

— Já deixei tudo pronto para nossa fuga caso algo aconteça.

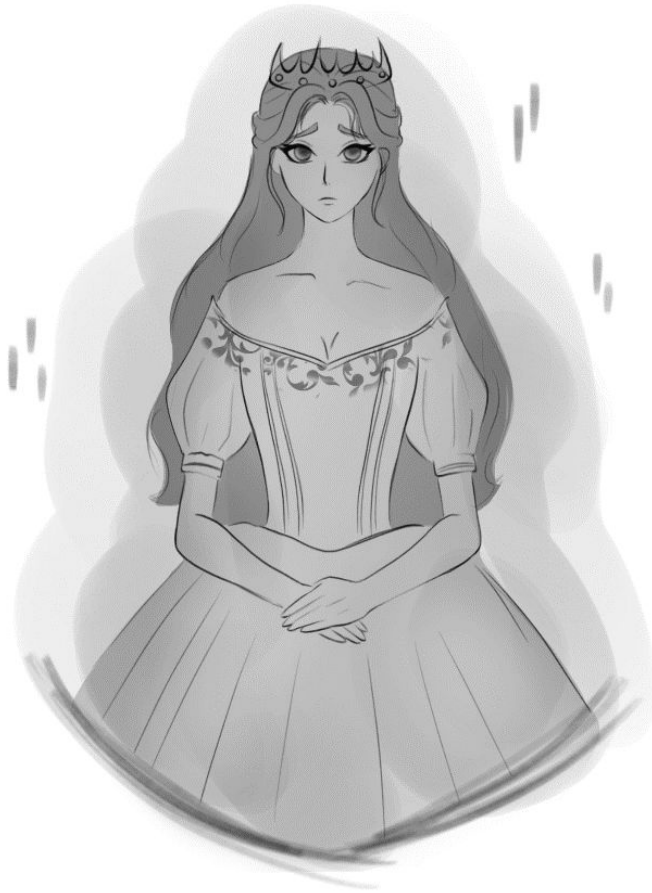
Diana assentiu, com as mãos trêmulas.

— Nunca te vi com esse vestido — disse, reparando no traje da rainha.

— Já estava na hora de usar a cor de meu reino.

A rainha usava um vestido longo e pesado de veludo, o decote em formato coração era harmonioso com as mangas levemente bufantes, dessa vez ela carregava o vermelho de Enellon, sentindo o peso da coroa ainda mais evidente. Não tinha mais um único povo a servir, ela precisava servir a duas coroas. Norisea era a família que havia nascido, e Enellon, a família que

escolheu. Seria fiel a ambas, mesmo que isso significasse sua morte.



Os servos fizeram como a rainha ordenou, ajeitaram um belíssimo jantar no jardim do palácio, uma tenda de um tecido fino e transparente cobria o local, luzes estavam espalhadas ao redor e dois oficiais guardavam a tenda, um deles era Miguel. Liam e Drakkar já estavam à mesa esperando a rainha, apesar da tensão do dia anterior, o rei agora estava mais sereno na companhia de Drakkar, mesmo ainda não o tendo perdoado pelo que havia feito. Se a confiança de Liam era difícil de conquistar, perdê-la não era o mesmo desafio.

Diana se aproximava da tenda, seu coração estava apavorado, ele implorava para que ela desistisse daquilo tudo e salvasse sua vida, mas seu sangue era teimoso e agora que ela conhecia a verdade, não poderia mais voltar atrás, a verdade a libertara. E a rainha queria entregar essa liberdade a todos, inclusive a Enellon.

Antes de entrar na tenda, ela parou ao lado de Miguel, que tentava não olhar para ela e manter os olhos fixos para qualquer ponto a sua frente, menos na rainha.

— Boa noite, Miguel — a rainha cumprimentou e sorriu.

— Bo-Boa noite, Majestade. — Ele estava tenso, já sabia quem ela era.

— Minha irmã tem estado bastante deprimida nesses últimos dias, você não fez nada que a magoasse, fez?

— De modo algum, Majestade — mentiu.

— Bom, não deve fazer muita diferença para você, já que ela está prometida em casamento.

Miguel se virou para a rainha assustado.

— Não estava sabendo? Por onde esteve? — questionou, não entendendo porque ele não sabia da informação.

— Eu estava em uma missão em outro reino e voltei há poucas horas. — Ele estava atordoado com o que ouvira. Em apenas alguns dias Magnólia o havia superado e já se comprometido com outro homem? — Quem é o cavalheiro? — indagou, com medo da resposta.

— Ainda não sabemos. — Soltou uma risada suave e sarcástica. — Ela será o prêmio da caçada deste ano. Já imaginou?

Minha doce irmã casada com um caçador? Não é a maior das honrarias? — Não disfarçou o tom irônico.

O jovem oficial engoliu em seco. Ele amava Magnólia, mas sabia que era proibido se envolver com seres místicos, a sentença era a morte. Miguel tinha família, irmãs e irmãos. O que fariam com eles se descobrissem que uma sereia havia tomado seu coração? Será que sua família pagaria o preço de sua paixão também? O rapaz queria a moça, mas não poderia tê-la enquanto ela fosse do povo inimigo. Os dias que havia passado com ela eram sempre prazerosos e cheios de alegria, ele nunca havia desconfiado, na verdade, eles pareciam se encaixar muito bem, como se um ser da terra e um ser das águas tivessem tudo para dar certo. E se tivessem? Quem havia criado as leis contra Norisea? Por que humanos e sereias não podiam viver em harmonia?

O jovem respirou fundo, frustrado com a realidade que vivia. Ele havia decidido tentar esquecê-la, mas ver Mag ser tomada contra sua vontade por um homem que desejaria sua morte se descobrisse a verdade fez seu corpo todo arrepiar. Ele não queria vê-la morta, de modo algum. Na verdade, ele não queria vê-la nem mesmo infeliz, e sabia que felicidade seria a última coisa em sua vida se ela se casasse com um caçador.

— O que deve ser feito para conseguir a mão de Magnólia?
— perguntou Miguel.

— Matar o herdeiro de Norisea — respondeu rápido.

— E se ninguém o matar?

— Ah — ponderou —, então talvez minha irmã não seja prometida a ninguém.

— Entendi. — Miguel havia percebido naquele momento que estaria na caçada, mas não para matar sereias, mas sim, proteger o reino.

Diana notou que o rapaz tinha conflitos internos que precisava lidar sozinho, então o deixou no seu posto e enfim entrou na tenda, pronta para qualquer coisa que pudesse acontecer. Assim que mostrou presença, Liam e Drakkar se levantaram imediatamente.

— Muito obrigada por terem comparecido ao meu banquete, já devem saber que o propus com uma intenção, por isso não pretendo me delongar. Meu rei— se virou para Liam —, estou aqui porque tenho um pedido a fazer.

Liam andou até sua esposa, pegou sua mão e a beijou delicadamente.

— Qual o seu desejo, minha rainha? Mesmo que seja metade de meu reino, lhe será concedido — disse com um sorriso terno.

As palavras de Liam fizeram o corpo de Diana amolecer. Drakkar se manteve em silêncio esperando a palavra da rainha. Ela segurou as mãos do rei com força, Liam notou que ela estava tremendo e percebeu que o assunto era mais sério do que imaginava.

— Se o rei se agrada de mim — a voz estava perto de embargar —, e for da sua vontade, peço que poupe a vida da minha família e a minha também. Pois minha família foi enganada e vendida para a destruição, morte e aniquilação.

O rei estava confuso, alguém havia ferido a família de sua mulher e ele não poderia deixar o culpado impune. Diana

prosseguiu.

— Se tivéssemos sido apenas excluídos desse reino eu ficaria em silêncio, pois os meus problemas jamais deveriam justificar perturbar as vontades do rei.

Liam colocou a mão em seu rosto acariciando.

— Minha rainha, seus problemas são meus também. Me diga quem se atreveu a te ferir. Onde ele está? Mandarei Drakkar prendê-lo imediatamente.

Diana respirou fundo e encarou o inimigo.

— O homem que você confia é quem me feriu. É Drakkar, esse perverso.

Diante disso, Drakkar ficou apavorado, e Liam, que já estava sem paciência com o homem, se virou para ele com um olhar cortante.

— Consegue se explicar, Drakkar?

— Majestade, eu nunca fiz mal a ninguém de nosso povo — tentou se defender. — A não ser que sua rainha não seja daqui, não é mesmo?

— Do que está falando, Drakkar? — o tom de voz estava irritado. — Minha rainha é de...

— Ele está certo! — Diana o interrompeu, seu coração batia forte — Não sou daqui.

— Meu amor? — disse, esperando uma resposta.

— Majestade — a voz estava trêmula — Eu sou...

— Diga... — sussurrou Drakkar com os dentes cerrados.

A rainha fechou os olhos tentando criar coragem para falar, ela os abriu e como um ato de valentia, declarou:

— Eu sou sereia, Liam. Sou uma sereia de Norisea.

Liam ficou em choque com a declaração, soltou a mão da rainha como um reflexo e deu alguns passos para trás.

— Eu sabia! — Drakkar exclamou com um sorriso cruel.

O homem foi rapidamente até a rainha, a segurou pelo braço e a puxou, a fazendo tropeçar. Diana grunhiu de dor por conta da força que ele a segurava.

— A colocarei em seu lugar, aberração! — Fechou o punho para socar Diana.

Drakkar não viu quando aconteceu, mas o soco que esperava dar acabou recebendo de Liam bem no meio de seu rosto. O homem cambaleou confuso para trás e caiu no chão. Liam o segurou pela gola da camisa, ele estava tão furioso que uma veia de seu pescoço saltava por conta da raiva. Diana nunca o tinha visto daquele jeito.



— Se atreve a tocar em minha mulher, Drakkar? EM MINHA MULHER? — gritou enfurecido. — Teria a audácia de violentar minha rainha em minha própria casa?

— Ela é uma sereia, Majestade! Conhece a lei! — respondeu, sem entender o que estava acontecendo.

— Eu decido quando cumpri-la. Guardas! — bradou, chamando os oficiais que estavam atordoados com tudo o que ouviram.

Os guardas correram com o pedido do rei e imobilizaram Drakkar. Liam foi até sua esposa e segurou em seu rosto.

— Você está bem, meu amor?

Diana ficou encarando o homem que estava à sua frente, nunca havia estado tão grata por poder dizer que ele era seu marido. Ela começou a chorar e o abraçou com força. Liam retribuiu o gesto, aquela mulher ainda o enlouqueceria de vez.

— Liam, isso não é tudo — agora estava mais confiante para dizer o que precisava — Drakkar planeja tomar seu trono.

— O que?

— Ela o está enfeitiçando, Majestade! — exclamou Drakkar, desesperado. — Com seus encantos de sereia!

— SILÊNCIO! — o rei gritou para o homem.

Liam se virou para Diana, esperando que ela terminasse sua fala.

— Foi ele, meu rei. Ele que chamou os conspiradores! Mag ouviu os guardas murmurando sobre o plano, foi assim que conseguiram nos salvar. Drakkar tem algum acordo com a rainha de Horizon, ela está dando todo o suporte que ele precisa para tomar sua coroa!

— Um acordo? — Liam perguntou. O rei reconhecia artimanhas com rapidez e imediatamente percebeu do que se tratava. — Você é o pai, não é mesmo Drakkar?

— Majestade... — murmurou, tentando inventar alguma desculpa.

— Tirem ele da minha frente! — ordenou, fazendo um sinal para levarem Drakkar para a prisão.

Os guardas ergueram Drakkar para levá-lo como prisioneiros, mas o homem era forte, se soltou dos rapazes quando ficaram dispersos, sacou sua pistola e atirou em Miguel e no outro oficial que caíram no chão. Diana agiu para acolher os guardas, mas Liam a impediu. Drakkar apontou para Liam, se afastou cada vez mais da tenda, mas sem tirar os olhos do rei, pronto para atirar. Liam ficou esperando com um olhar sério, teria que ser rápido para tentar impedir o tiro com sua mão de metal. Mas assim que Drakkar apertou o gatilho, a arma se quebrou em pedaços e se desfez por completo na sua mão. Como um ato desesperado, ele correu e sumiu na escuridão do jardim. Imediatamente Liam se virou para Diana.

— Chamarei ajuda, fique com eles! — E ele saiu correndo.

Diana se aproximou do corpo de um dos oficiais, o tiro havia sido bem na cabeça, infelizmente a vida havia sido encerrada para ele.

— Espíritos de sangue — Diana murmurou — se esse homem teve uma vida justa, por favor, o guarde para a terra de todos os santos.

Um vento suave passou pela tenda, a rainha sabia que era assim que os espíritos falavam com ela, sempre através da brisa.

Diana então se dirigiu a Miguel, a bala havia acertado o centro de sua barriga, o rapaz ainda vivia, mas agonizava de dor. Magnólia apareceu completamente aflita ao ver Miguel naquele estado.

— Foi você, não foi? — Diana disse se referindo a arma que se desfez.

— Sim — assentiu, enquanto se agachava para ajudar Miguel.

O rapaz começou a tossir sangue e segurou firme na mão de Mag.

— Me perdoe — pediu, com uma lágrima escorrendo de seus olhos.

— Não se atreva a morrer, seu idiota! — Magnólia exclamou irritada.

Miguel riu mesmo em meio às dores.

— O que eu ganho se fizer esse favor a você? — conseguiu dizer com um sorriso travesso.

— Cala boca, Miguel! — Ela odiava que o rapaz ainda fizesse piadas, mesmo perto da morte.

Mag então se concentrou e passou a mão por cima de sua barriga e fechou o punho. Imediatamente Miguel parou de tossir sangue, mas acabou desmaiando.

— Precisamos de um médico! Não consigo estancar seu sangue para sempre, a ferida deve ser cicatrizada.

Liam voltou com outros quatro oficiais, direcionou para que dois fossem procurar Drakkar nas redondezas e outros dois para ajudar a levar Miguel para os médicos do palácio. Magnólia permaneceu ao lado de Miguel o tempo todo, mantendo o máximo de concentração possível para evitar que ele perdesse mais sangue.

Ele foi imediatamente conduzido até a sala de cirurgia, Chris estava lá com seus pais, mas eles não permitiram que o rapaz participasse da cirurgia do amigo, teve que ficar apenas supervisionando. Mag se recusava a deixar Miguel.

— Vocês podem perdê-lo se eu parar de estancar seu sangue! — Magnólia implorava.

— Mas como você... — a cirurgiã começou a indagar, Miguel não estava perdendo sangue, mas claramente estava gravemente ferido. A ciência deles não explicava o que estava acontecendo.

— Permitam que ela entre com o rapaz — o rei ordenou.

Os cirurgiões assentiram e fecharam a porta da sala de cirurgia. Assim que a afobação do acontecimento passou, Diana se sentou no chão do corredor e ficou encarando a parede. Liam se juntou a ela. Alguns minutos constrangedores de completo silêncio tomaram o corredor até alguém se pronunciar.

— Então — ele começou —, qual é o seu poder?

A rainha se virou para Liam ainda sem acreditar que ele a havia aceitado tão prontamente.

— Não tenho poderes — disse, enfim.

— Oh, achei que toda sereia tivesse magia.

— E tem.

Liam entendeu.

— Você perdeu em alguma batalha ou...

— Eu nasci assim, meu rei — confessou e sorriu para ele.

A conversa que eles haviam tido anteriormente sobre a mão de Liam estava se repetindo, mas dessa vez sobre a magia de Diana. Todo o preconceito, rejeição e até exclusão que Liam tinha passado, Diana também experimentara.

— Que tipo de sereia você é, então?

— Posso te levar a um lugar?

O rei concordou e eles se levantaram, foram caminhando até fora do palácio. Sara já havia explicado onde estava o túmulo de seu irmão. Diana foi direcionando o marido, enquanto Liam dirigia o carro para onde a rainha queria levá-los.

Quando chegaram no local, Diana saiu temerosa, já conseguia ver ao fundo o túmulo de Raon. Liam segurou em sua mão e se aproximaram juntos da sepultura. Eles ficaram alguns segundos em silêncio na frente do túmulo, Diana se ajoelhou ao lado da lápide, onde estava escrito "Filho, irmão, marido e pai". Liam estava de certa forma desconfortável, aquele era o homem que assombrava seus pesadelos; na cabeça do rei, bastava o tritão morto voltar a vida que perderia Diana para sempre.

— Você uma vez me perguntou se eu conseguiria seguir em frente — disse Diana com os olhos marejados —, mas a verdade, meu rei, é que eu nunca vou te amar como amei Raon.

Liam abaixou a cabeça decepcionado, jamais superaria aquele homem.

— Porque ele era meu irmão — ela declarou.

O rei a olhou espantado.

— Mas ele era o herdeiro...

— E eu sou a princesa — disse com um sorriso sereno.

As pernas de Liam ficaram bambas e ele se sentou ao lado da sepultura também, colocou as mãos no rosto completamente envergonhado, se sentindo um idiota egoísta por desejar que aquele tritão nunca voltasse.

— Se ele morreu... — ficou pensando — você é a herdeira.

Diana fez um sinal negativo com a cabeça.

— Meu irmão teve um filho. Um menino com uma humana.

Eram muitas informações para uma noite só.

— Por isso veio para Enellon? Para buscá-lo?

O momento que ela mais temia havia chegado. Contar o plano original.

— Eu vim para matar você.

Liam permaneceu paralisado ao ouvir a declaração da esposa.

— A caçada estava tirando muito de nós. A seleção para a rainha saiu e eu me voluntariei para o serviço. Nasci sem magia, vocês nunca descobririam. Os testes não funcionaram em mim.

— Aquele dia, nas suas costas...

— Sim, foi Drakkar.

— E por que não me matou?

— Os espíritos não permitiram... E então me apaixonei. — Os olhos de Liam brilharam ao ouvir aquelas palavras. — E aí fiquei pensando se existia outra forma de parar a caçada, sem dividir nossos reinos ainda mais. Percebi que não posso fazer isso sozinha, não sem você. Não quero mais ter que fazer as coisas sozinha, Liam.

O rei a abraçou. Diana se sentia segura em seus braços.

— Enfim você cedeu — disse aliviado.

E naquela noite, finalmente Diana estava pronta para se despedir de seu irmão, porque agora ela sabia que não estava mais só.



— O que fará, agora que seu plano foi descoberto antes da hora? — perguntava Elena enquanto acariciava o cabelo de Drakkar que estava deitado em seu colo.

— A caçada foi ordenada. Já fiz aliados que têm interesse nos recursos de Norisea, e apenas comigo no trono eles terão o que querem. Matarei o rei durante a caçada e tomarei seu lugar.

— E tomará a esposa dele também, certo?

— Não...

— Mudou de ideia?

— Talvez uma morte lenta e dolorosa combine com o tipinho dela.

— Você não faz ideia do tamanho da bagunça que fez, Drakkar. Já recebi uma solicitação de Enellon para entregá-lo como prisioneiro ao rei e também um pedido para encerrar a parceria entre nossos reinos.

— Não se preocupe, quando eu estiver com a coroa em minha cabeça terá tudo de volta em dobro.

— É bom mesmo.



Miguel abriu os olhos com certa tontura, olhou para sua direita e Magnólia estava dormindo de bruços em cima de sua cama. Chris apareceu no quarto segurando uma prancheta.

— Vejo que já acordou. Como se sente?

— Me sinto horrível. — Colocou a mão em sua barriga que estava enfaixada.

— Sua família veio te ver.

— Oh, eu não queria que soubessem o que houve — disse, pensando na mãe super protetora que tinha.

— Uma hora iriam saber, conheceram Mag também. Eles acham que é sua namorada.

Miguel se ajeitou em sua maca com cuidado para não acordá-la, colocou a mão em suas tranças e sorriu.

— Gostaram dela?

— Estavam chocados, se perguntando como um filho feio desse conseguiu uma garota tão bonita.

Miguel riu. Algumas coisas não mudavam com o tempo, inclusive as piadas entre amigos.

— Dei muito trabalho na cirurgia?

— Na verdade, deu sim. Se não fosse Mag impedindo seu sangramento, talvez não estivesse acordado agora.

— Quanto tempo ficarei nesse estado?

— Sua recuperação será lenta, meu amigo. Sinto muito.

— Certo — assentiu, frustrado com sua condição.

Mag começou a murmurar barulhos sem sentido dando a entender que estava acordando.

— Deixarei vocês a sós — disse Chris, se retirando do quarto.

A jovem sereia coçava seus olhos, cansada das várias horas que havia passado acordada para não deixar Miguel morrer. Assim que percebeu que Miguel a encarava, se afastou como um susto.

— Bom dia, Mag — falou um pouco tímido.

— Me desculpe — disse, se apressando para sair do aposento, havia lembrado que o rapaz havia dito que queria esquecê-la.

— Não saia! — exclamou Miguel quando Mag já estava na porta. — Por favor...

Magnólia o olhou com um aperto no peito, estava aliviada em vê-lo bem e vivo, mas isso não tirava o fato que o rapaz havia partido seu coração.

— Mag, me perdoa. Eu fui um idiota. Estava com medo — disse, tentando se explicar.

— Eu sei.

— Obrigado por ter salvado minha vida.

Mag ficou o encarando um tempo antes de responder.

— Ah, você sabe. — Revirou os olhos. — Eu que agradeço seu favor por continuar vivo.

Miguel lhe ofereceu aquele sorriso radiante, o mesmo que a fazia se perder em seus conturbados sentimentos.

— Se teve favor, então tem recompensa, não é? — ele a provocou.

— Vai barganhar comigo até nisso, Miguel? — perguntou, levantando uma sobrancelha.

— E de que outra forma eu consigo te convencer a namorar comigo?

— Achei que quisesse me esquecer.

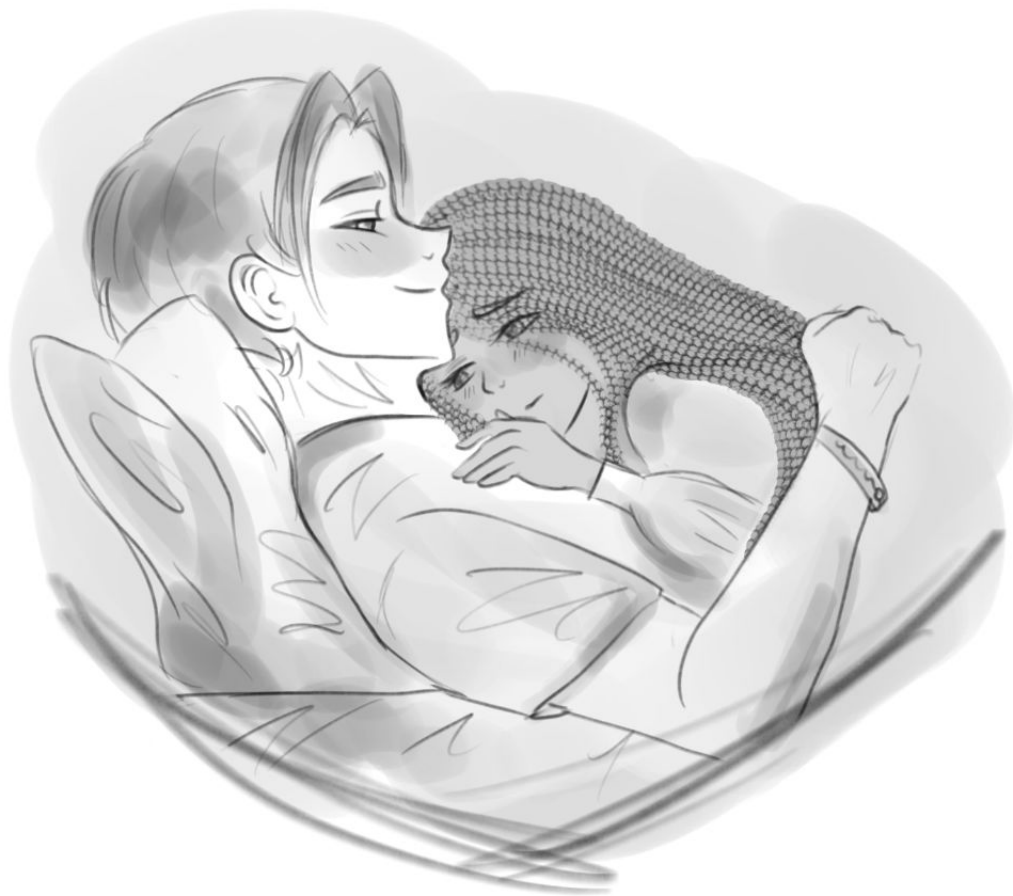
— Eu menti.

— Miguel... — ela suspirou e se aproximou do rapaz — eu virei um prêmio. Quer mesmo correr o risco de ficar comigo e depois me ver ser entregue a outro homem?

— Não vou deixar que aconteça. — Estava firme quanto a isso.

Ele fez um sinal a convidando para se deitar ao seu lado, a maca não era muito grande, mas os dois caberiam naquele espaço caso eles se apertassem bem. E naquele momento, tudo que Mag queria era diminuir ainda mais a distância entre eles.

Ela se acomodou ao seu lado com cuidado, evitando tocar em sua barriga enfaixada. Miguel a acariciava enquanto pensava que era um completo imbecil por quase ter deixado aquela garota escapar de suas mãos. Agora que ele a tinha em seus braços novamente, estava decidido a nunca mais soltar.





Liam estava com sua guarda, pronto para entrar no quartel do exército. Os militares eram rígidos e tradicionais, ele tinha medo como eles poderiam reagir. Mas Liam sabia que eles respeitavam a coroa, portanto, o obedeceriam, mesmo se fosse contra a vontade deles. O rei havia passado a noite toda pensando nos argumentos que usaria para justificar que eles deveriam proteger as sereias e se aliar ao povo de Norisea, mas nada era convincente o suficiente para ele. Chegou um momento que Liam simplesmente desistiu de tentar e então decidiu colocar nas mãos dos espíritos. “Eles irão orientar minhas palavras”, ele pensava consigo mesmo.

Diana havia contado tudo para o rei, desde a profecia do horizonte até sobre o portador de espíritos. Liam acreditou em sua rainha, tudo se encaixava. Talvez o problema que Enellon enfrentava se resolveria com a união definitiva dos povos. Havia passado noites em claro ao lado de sua mulher lendo os escritos na língua antiga e realmente havia percebido que seus reinos estavam ligados por alguma força maior, e quanto mais tempo passava na companhia de Diana, mais seu sangue confirmava quem ele era. Ela o havia aceitado, ele a aceitaria também. Assim como aceitaria sua fé e a defenderia até a morte, se fosse preciso.

Os sentimentos do rei ainda estavam oscilantes; ele amava Diana de todo o seu coração, já havia dito que a amava, mas ainda não havia ouvido essas palavras saindo da boca de sua mulher, Liam sabia que Diana tinha seu próprio tempo. Às vezes não

acreditava que havia dormido com uma sereia, mas em outros momentos ele não via um ser místico das águas, ele via apenas sua mulher, a que ele prometeu proteger e cuidar. E ele a amaria como os espíritos o amavam.

Muitas vezes Liam quis desistir de sua vida, ele se achava um erro, era lembrado constantemente que era o pior dos erros, nem digno da coroa que usava. Mas os espíritos o salvaram, o levaram até o jardim de borboletas, acalmaram seu coração rejeitado e o fizeram saber que era aceito por eles. Na época, Liam achava que eram vozes que ele mesmo criava em sua mente fértil e infantil, mas ao estudar os escritos antigos com Diana, percebeu quem falava com ele. Os espíritos haviam vindo para que ele tivesse vida, vida plena e abundante. Ele daria o mesmo para sua mulher.

O rei então chamou os militares para um pronunciamento, todos eles se aprontaram para receber a Vossa Majestade. Liam se posicionou em um palanque, os homens estavam sentados aguardando pacientemente o que o rei tinha a lhes dizer. Ele normalmente não aparecia no quartel por motivos supérfluos, não sabiam a razão de sua presença, mas se ele estava ali, é porque o assunto era de extrema importância.

Liam respirou fundo e foi direto em suas palavras:

— A rainha é uma sereia.

Imediatamente o local foi tomado por murmúrios. O rei levantou a mão solicitando silêncio e foi obedecido.

— Vocês já devem saber sobre o pronunciamento a respeito da caçada. Bom, saibam que fui enganado, traído por Drakkar. Não posso revogar a lei, mas espero contar com meu exército para lutar em favor de Norisea.

Alguns minutos de silêncio dominaram o ambiente, enquanto Liam tentava aparentar confiança, mas ele suava cada pedaço de pele que cobria seu corpo. Norisea sempre foi o reino inimigo, como convencê-los a lutar? Liam já estava se arrependendo de ter confiado tão imprudentemente nos espíritos quando um homem alto, forte e de pele retinta se levantou.

— Eu lutarei por Norisea!

Todos ficaram espantados ao ouvir o general. Ele prosseguiu.

— Se a rainha é uma sereia, acredito que a irmã dela também seja.

Liam lembrou que todos achavam que Diana e Mag eram irmãs, ele também achava, já que a sintonia das duas era tão boa que se tornava impossível desconfiar do contrário. Um laço forte as conectava, ninguém ficaria no caminho delas.

— Elas não são irmãs de nascimento, mas são irmãs de sangue. Então, sim, a princesa é uma sereia também — admitiu, esperando uma reação negativa.

O homem aceitou a resposta do rei.

— Naquele dia que a princesa foi levada pela cidade, minha esposa pediu sua benção. Há dez anos tentamos ter um filho, dez longos anos. A princesa nos tocou e nos abençoou. Naquela mesma noite eu tive um sonho, um sonho glorioso onde eu lutava no mar, ao lado do povo místico. Alguns dias depois minha amada esposa se viu grávida!

O rei continuou ouvindo atentamente.

— Tenho uma dívida com a princesa. Eu e minha mulher a respeitamos grandemente e por isso seremos eternamente gratos,

não importa quem ela seja. Sereia ou humana, ela trouxe salvação para minha casa.

Antes que Liam pudesse responder, outro homem se levantou.

— Eu tive o mesmo sonho! Eu e minha mulher fomos abençoados pela princesa e ela ficou grávida!

— Aconteceu o mesmo com minha esposa! — mais um se pronunciou.

— Em minha casa também! — mais outro.

E Liam permaneceu em silêncio, vendo homem por homem se levantar e testemunhar sobre a benção que Magnólia havia dado a eles. Todas as famílias que a princesa havia tocado, tinham sido abençoadas com fertilidade. Foi naquele momento que o rei percebeu que esse era o caminho, a união dos povos seria percebida naturalmente. Estava tão preocupado em convencê-los que tinha se esquecido que os espíritos já haviam feito todo o trabalho por ele. “Que homem de pouca fé”, pensou dele mesmo enquanto sorria. O rei tinha um exército pronto para a batalha e eles estavam dispostos a lutar contra qualquer um que quisesse ferir Norisea.



Diana estava no quarto do casal andando de um lado para o outro, ansiosa com o que o rei tinha a dizer sobre a reação do exército. E se eles se rebelassem e viessem matá-la? Ela precisava confiar no que os espíritos a estavam guiando, mas era difícil fazer

isso depois de tantas perdas. A rainha tentava tirar os pensamentos negativos de sua mente quando Liam entrou no quarto com um sorriso largo.

— Meu rei! Eu estava tão preocupada, você...

Não deu tempo de falar, ela foi interrompida por um beijo longo e ardente de seu marido. Quando ele parou de beijá-la, ainda a segurava na cintura. Diana ficou sem graça com a surpresa, mas feliz, as bochechas coradas entregavam seus sentimentos.

— Eu te amo, Diana Gribanov — o rei disse com ternura.

— Liam... — Ela estava tímida. — Para ter voltado assim, devo deduzir que tudo correu bem. Ou por acaso esse foi um beijo de despedida?

— Você nunca irá se despedir de mim, meu amor. Sempre estarei com você. — Ele beijou em sua mão. — O exército lutará conosco.

— Pelos espíritos, é sério? Aceitaram bem assim?

— Bem assim — respondeu com um sorriso, ainda sem soltar sua rainha.

Diana o abraçou sem acreditar, era fácil estar com ele.

— E então? Qual o próximo passo? — perguntou o rei.

— Já chamei minha família, os guerreiros de Norisea chegarão a qualquer momento. Temos que usar essas seis semanas antes da caçada para treinar o povo, utilizar a magia e tecnologia a nosso favor. E então aguardar o dia treze.

— E o portador de espíritos? Ele não é nossa arma secreta?

— Estou trabalhando isso com meu sobrinho. Eu sei que ele irá aprender a dominar o sangue até o dia da caçada.

De repente, um barulho estrondoso tomou o lugar, Liam e Diana correram para o alto da sacada do palácio para ver o que era, de lá eles conseguiam ver boa parte do reino. A rainha sorriu. Era seu povo emergindo das águas para alcançar Enellon.

As sereias e tritões marchavam em terra firme, eram belos e gloriosos. O povo humano os olhava com admiração, nunca havia visto tantos seres místicos juntos. O rei e a rainha de Norisea conduziam seu exército. Diana e Liam correram para encontrá-los no meio do povo que os rodeava, encantados com suas presenças.

— Mãe! Pai! — exclamou Diana enquanto tentava alcançá-los.

As pessoas deram passagem para a rainha e ela os abraçou com força, os irmãos menores se juntaram a eles. Era bom se sentir em casa.

— Nós chegamos, minha pérola preciosa — o pai disse com o coração alegre.

Os líderes de Norisea perceberam a presença de Liam e o encararam. Diana o chamou para apresentar o marido à família. Liam se aproximou um tanto tímido.

— Majestade. — Liam se curvou.

— Esse é o rei Liam Gribanov. Meu marido. — Diana o olhava com orgulho.

O rei e a rainha sorriram para o rapaz.

— Esperamos que essa aliança não seja uma exceção, Majestade — disse o rei Orman.

Liam segurou na mão de sua esposa.

— Enquanto eu for rei, Norisea e Enellon viverão em paz. E assim espero que nossos filhos perpetuem nossos princípios por

toda a eternidade. Gerações após gerações serão educadas para nunca se esquecerem do dia em que sereias e humanos lutaram lado a lado.

Antes que a rainha de Norisea pudesse dizer alguma coisa, acabou paralisando o olhar em um ponto fixo. Avistou Ramon ao lado de Sara. Diana se virou e viu para quem seus pais olhavam, ela fez um sinal para que os dois se aproximassem.

— Mãe, pai.... Esse é seu neto primogênito. O verdadeiro herdeiro de Norisea.

Todos ao redor exclamaram espantados. Ninguém mais sabia que existia um herdeiro metade humano, metade tritão. Tanto os humanos quanto as sereias haviam sido pegos de surpresa com a informação. O rei e a rainha se aproximaram de seu neto, a rainha Bria começou a chorar ao ver a semelhança com seu filho mais velho. Ela teve que ser forte quando perdeu seu primogênito, mas a dor foi tão insuportável na época que ela achou que não sobreviveria. Os gêmeos vieram e a consolaram de sua perda, mas o buraco não havia sido preenchido, uma parte de seu filho faltava. E agora, a última peça do quebra-cabeça estava bem à sua frente. O milagre da vida.

— Qual o seu nome, meu amado neto? — perguntou, tentando sorrir para ele.

— É Ramon... — ele olhou para sua mãe que fez um sinal positivo com a cabeça — minha avó.

A rainha abraçou o garoto em meio às lágrimas. O rei então se aproximou de Sara e lhe ofereceu um olhar acolhedor.

— Se meu filho a amou, então eu a amo também. És minha filha a partir de agora.

A família de Sara sempre havia sido pequena, apenas ela e Ramon. Desde que Raon havia partido de repente, sentiu que sua família nunca passaria daquilo, um dia seu filho se apaixonaria, iria embora e ela voltaria a ficar sozinha. Sara aceitava bem sua realidade, sabia que seu filho precisava seguir seu próprio caminho, mas ainda não deixava de ser doloroso. Como ela sentia falta de Raon! Olhando agora para os pais do homem que amou, ela percebeu que sua família não era mais pequena, era maior do que imaginava.

Liam fez um sinal pedindo a atenção do povo.

— Hoje uma aliança é selada. Uma aliança eterna do povo da terra com o povo das águas. Nós servimos ao mesmo espírito. Vivemos pelo mesmo sangue! Tudo que Enellon tiver será dado a Norisea. E tudo que Norisea receber será dado a Enellon também. Somos uma só família e não permitiremos que agentes do mal nos separem de novo, nunca mais. Será feita uma nova proclamação em resposta aquela na qual fui enganado. Norisea terá direito de usar qualquer artifício para se defender dos ataques do inimigo. Qualquer um que tentar tomar seus filhos, suas mulheres, seus guerreiros, tomar sua casa ou pertences serão condenados à morte. Pelo sangue! — exclamou.

— Pelo sangue! — todos gritaram de volta

Naquele mesmo dia, a proclamação de Liam foi selada com o anel real e foi entregue a todas as províncias e reinos vizinhos em seus veículos mais velozes, o quanto antes soubessem da informação, mais rápido conseguiriam aliados.

A tarde foi repleta de divisões e planejamento, Liam e Diana trabalharam juntos o tempo todo. Dividiram o exército por

modalidades, alguns estavam no arco e flecha, outros na espada e outros no setor de magia e tecnologia, descobrindo formas de otimizar suas armas para torná-las ainda mais resistentes e funcionais. Quem comandava esse setor era Olina, a antiga parceira de Rage.

— Olina — disse Liam se aproximando dela.

A jovem sereia tinha um olhar feroz para o rei.

— Obrigado por seus serviços — conseguiu dizer.

— Seria muito mais fácil com Rage aqui, ele era a mente disso tudo.

Liam abaixou o rosto, arrependido pelo que fizera, mas logo se recompôs.

— Não espero que me perdoe.

— Eu não irei — falou com firmeza.

— Farei o possível para conquistar sua confiança.

— Consegue trazer Rage de volta?

— Não.

— Então não perca seu tempo comigo, Majestade. Estou aqui apenas para servir Norisea e acabar com a caçada.

— Eu admito que tenho medo de você se voltar contra mim — desabafou.

— Sim, eu faria isso. Mas Rage, não, ele o perdoaria de qualquer maldade que pudesse fazer a ele. Meu amigo era melhor que eu em inúmeros sentidos, seu coração era bom, o meu que é rancoroso. Então, não se preocupe, Majestade. Em respeito a Rage, jamais te ferirei, mas não espere meu perdão.

Liam apenas assentiu e se retirou da presença de Olina, ele sabia que a união dos povos não seria aceita por todos. Muitos

caçadores que estavam a favor de Norisea agora, antigamente mataram familiares e amigos do povo dos mares. Nem todos teriam o coração aberto para o perdão, mas mudanças eram difíceis, em algum lugar iria doer. E o peso da culpa por mandar matar Rage seria seu castigo eterno. Liam teria que aprender a lidar com isso. O olhar de desaprovação o perseguiria, assim como também perseguiria sua mulher.



Diana levava
Magnólia,
Esmeralda,

Sara e Ramon para o centro de treinamento particular do rei, havia combinado que ajudaria seu sobrinho a controlar seu sangue e liberar seus poderes como portador de espíritos. Chegando lá, Liam, Chris e Miguel os esperavam, os rapazes já estavam treinando há algumas horas no local, portanto, estavam suados e cansados, mas ver as garotas chegando no local era como uma recarga de energia para eles. Liam se aproximou de Diana com um sorriso largo.

— Minha rainha, estava achando que não viriam.

— Me perdoe a demora, eu estava coletando alguns materiais sobre o portador, estive praticando para ensinar Ramon.

— Oh, está certo. O que as meninas irão praticar?

— Bom, sou habilidosa no combate corpo a corpo —
Magnólia se gabou.

Miguel se aproximou como se tivesse ouvido um desafio, logo ele, que amava os combates de luta livre.

— Me mostre o que sabe fazer então.

Magnólia olhou para sua barriga que ainda estava enfaixada.

— Parece que os curandeiros do meu povo fizeram um bom trabalho em você.

— Ah sim, aceleraram minha recuperação, estou quase 100%.

— É o que veremos! — desafiou, já o chamando para o ringue.

Liam sorriu para o casal que havia acabado de se reconciliar e se voltou para Esmeralda.

— Tem algum tipo de modalidade que você prefira?

— Majestade, por favor — Esmeralda revirou os olhos —, é claro que não. Esqueceu que as mulheres de Enellon não sabem lutar?

— Claro — assentiu, percebendo seu erro. — O que pretende aprender hoje?

— Chris irá me ensinar a esgrima, certo? — perguntou, olhando para o namorado.

O rapaz apenas concordou. Ele sabia que não era louco em dizer o contrário. A bela garota ruiva se acomodou no braço de Chris e ele a conduziu para o espaço de treinamento. Liam se voltou para Sara e sua mulher.

— Então irei ensinar Sara no arco e flecha. Acredito que você já tenha planos com Ramon.

— Obrigada — Diana agradeceu com um sorriso e lhe deu um beijo gentil nos lábios, deixando Liam completamente

constrangido pela demonstração pública de afeto. Não estava acostumado a ser publicamente amado, mas por alguma razão, estava gostando muito.

Diana levou Ramon para um espaço vazio do local para que pudessem ficar mais à vontade.

— Então, Ramon, conseguiu liberar o fogo do mar desde aquele dia?

— Nada poderoso como daquela vez.

— Acho que não adianta você treinar nem mesmo com Mag, você precisa de alguém que conheça seu poder.

— Seria meu pai — o garoto falou um tanto desapontado.

— Não, seria o meu pai! Seu avô também tem o fogo do mar. Os olhos do menino brilharam.

— Logo eles estarão aqui, mas antes quero te ensinar a invocar os espíritos de sangue.

— O que acontecerá quando eu os invocar?

— Na verdade, isso é um mistério até mesmo para mim, mas irei te ensinar exatamente como aprendi nos escritos de Raon.

O rapaz sorriu, tudo que envolvia seu pai o deixava motivado para aprender.

— Preste atenção nesses movimentos, Ramon, cada um simboliza um espírito. — Ela mostrava como fazer enquanto explicava. — Com o primeiro você invoca Hanur, o espírito das águas, com o segundo você invoca o Santo, o espírito do céu e com o último movimento você invoca Callian, o espírito da terra. Eles só aparecem se você os invoca juntos. Formado o horizonte, você os combina e libera o espírito de sangue.



— Parece complexo.

— Você tem algumas semanas para aprender, sei que irá conseguir. Eu não queria colocar tanta pressão sobre você, meu sobrinho, você é muito novo. Mas, infelizmente, a invocação do espírito de sangue é nossa arma secreta, precisamos disso, senão podemos morrer.

— Não quero que ninguém morra, acabei de conhecer minha família.

— Você precisa entender que é o alvo principal. Drakkar ainda não sabe que você é o herdeiro, então provavelmente irá atrás de mim primeiro. Use o tempo em que irei distraí-lo para tentar invocar os espíritos. Teremos guardas te protegendo.

— Não irei lutar?

— Não, sinto muito. Tens pouca experiência em batalha e não posso correr o risco de te perder. Você é o portador, é nossa última chance.

— Sinto que todos ficam me dizendo o que sou. Príncipe, herdeiro, rei... agora portador. Isso não era trabalho do meu pai?

O coração de Diana apertou.

— Era, sim.

— Então por que ele não está aqui?

Como dizer ao garoto que seu pai só não estava com ele porque havia dado sua vida para protegê-la? Antes que pudesse dizer alguma coisa, ela viu seus pais e irmãos entrando no local.

— Papai, bem na hora! Venha, precisa ajudar Ramon a dominar seu poder.

O velho rei era sábio, sabia tudo que precisava para dominar o fogo do mar com excelência, havia ensinado tudo para seu filho. Mas com seu neto era diferente, ele era metade humano. Será que as técnicas de aprendizado funcionariam com ele também?

— Me mostre o que sabe fazer, Ramon.

O garoto estava tímido, fez um movimento com as mãos esperando que saísse uma enorme bola de fogo, mas tudo que viu foram faíscas arroxeadas. Ele abaixou a cabeça frustrado.

— Eu não sou bom como meu pai — disse tristonho.

Orman e Bria se olharam apreensivos. Não poderiam deixar que o garoto se comparasse.

— Eu te ajudarei a estimular seu dom — Bria o acalmou. — Seu avô lhe ensinará a técnica e eu lhe darei a razão, com meu dom posso te ajudar a encontrar na sua mente o que te faz liberar seu poder. Rillian o ajudará comigo.

O garoto acenou com a cabeça, animado em aprender mais com sua família.

— O que te fez liberar seu poder na última vez? — Rillian perguntou.

— Desespero, achei que minha mãe iria morrer.

— Sentimentos intensos tendem a liberar nossa magia — Bria complementou. — Mas o perigo de trabalhar com esses sentimentos, é que nós não temos poder sobre eles e aí eles acabam nos controlando. Temos que achar um ponto de razão para que você se concentre nele. É você quem deve dominar seu dom, não o contrário.

Bria colocou sua mão em cima da cabeça do neto e fechou os olhos, esperando encontrar um ponto estável na mente dele. Ela abriu os olhos um tanto frustrada.

— Humanos são emocionais — observou. — Achar o equilíbrio racional de Ramon não vai ser tão simples, mas também não impossível. Talvez só demore um pouco.

Toda essa situação deixava Ramon ainda mais desanimado, Diana percebeu que o garoto não iria evoluir se continuasse a achar que não era merecedor do que havia recebido por direito. Ela se identificava com os sentimentos conturbados do menino, pois passou a vida inteira se achando pouco merecedora da coroa. Com o tempo, ela percebeu que só estava buscando aprovação pela coroa errada. Avistou de longe Liam ensinando Sara a manusear o arco e olhando para seu marido, ela tinha certeza que estava sentada no trono certo, ela era merecedora, Ramon precisava ter essa mesma certeza sobre o trono de Norisea. Ela colocou a mão no peito, sentindo a textura do colar que havia encontrado no quarto de Raon por baixo da sua blusa.

— E se ele usar um amuleto? — sugeriu.

— Um amuleto? — Ramon perguntou.

— Pode funcionar — ponderou Orman. — Os amuletos são usados como ponto de equilíbrio temporário, muito usados com crianças com dificuldades de desenvolver seus dons.

— Sim, já tive muitos amuletos — Diana lembrou —, apesar de nenhum ter funcionado comigo. — Ela olhou para o garoto. — Mas com você é diferente, Ramon. Sabemos que tem dons, então o amuleto pode te ajudar.

— Que amuleto é esse? — o garoto perguntou intrigado.

Vereno se prontificou a falar.

— É qualquer objeto importante em sua vida, veja. — Ele tirou do bolso uma moeda de ouro de Norisea e derrubou no chão de propósito, gerando um som repetitivo enquanto a moeda parava de quicar. — Eu estava no palácio quando ouvi o barulho dessa moeda cair, ela caiu na ilha de Norisea. Eu fui atrás dela e a guardei. Eu era bem criança, foi o objeto que revelou meu dom. Virou meu amuleto, me ajuda a concentrar quando preciso ouvir alguma coisa com maior nitidez.

— Compreendo — Ramon respondeu pensativo. — Mas eu não tenho um objeto importante assim para mim.

— Talvez você tenha — Diana disse, tirando o colar de seu pescoço. — Isso foi de seu pai.

Ramon sorriu ao se imaginar com algo que seu pai usava. Bria e Orman se espantaram ao ver o objeto que sua filha segurava.

— Diana, onde você conseguiu isso? — perguntou Bria, ainda surpresa.

— No quarto de Raon, por quê? — perguntou, estranhando o espanto dos pais.

Os líderes de Norisea se olharam apreensivos. Orman se aproximou de Diana.

— Essa chave é um portal de memória, minha filha.

— O que isso significa? Eu não sabia que tínhamos um objeto mágico assim.

— Portais de memória são raros e difíceis de produzir — Bria respondeu. — Deve ser confeccionado manualmente enquanto conjura a língua antiga com os feitiços estabelecidos. Por serem complexos e sem utilidade funcional, não é comum em Norisea.

Diana apertou a chave.

— Por isso é a cara do meu irmão. Como funciona? — Estava determinada a descobrir o que o objeto escondia.

— O artesão da chave pode guardar qualquer memória de sua vida neste portal — Orman respondeu.

Imaginar reviver um momento com seu irmão fez o coração de Diana saltitar esperançosamente. Ela olhou a chave que segurava, a pedra azul no centro era brilhante e instigava sua curiosidade.

— Como abrimos o portal? — perguntou animada.

— Sabemos pouco sobre o portal da memória, minha filha — Bria respondeu. — É de nosso conhecimento apenas que somente uma pessoa pode abrir o portal.

— Talvez Magnólia consiga abrir. Mag! — gritou, chamando pela amiga.

Naquela hora Magnólia estava com Miguel imobilizado em seus braços, o rapaz fazia sinal para que ela o soltasse. Assim que ouviu o chamado da sua rainha, o deixou respirar de novo. Miguel estava ofegante jogado no ringue.

— Tudo bem — disse enquanto passava a mão no pescoço —, eu mereci.

Magnólia sorriu e foi ver o que Diana precisava. O alvoroço acabou chamando a atenção de todos no local e então eles se juntaram para analisar a chave preciosa. Diana deu a chave para Mag.

— Consegue abrir o portal? — perguntou Diana com o coração ansioso.

A amiga passou a mão pelo objeto para sentir o poder de manipulação que tinha sobre ele.

— Esse portal está protegido. Somente o dono desta pedra pode abri-lo. — Se entristeceu ao dar a notícia.

— Não... — Diana lamentou. — Essa pedra era de Raon, somente ele poderia abrir.

Sara se aproximou de Diana, curiosa com o que via.

— Essa é uma pedra do norte? — perguntou.

Liam pediu para segurar a chave e olhou atentamente a pedra que estava cravada no metal.

— É sim, uma pedra azul do Norte.

— O que é essa pedra? — Bria perguntou.

— Aqui em Enellon tem um significado simbólico, ela é usada para abençoar nascimentos — Liam respondeu. — Temos poucas dessas pedras na cidade, já que a taxa de natalidade diminuiu. O que tem andado popular no reino é a pedra branca da fertilidade. Você ganhou uma dessa em nosso casamento, Diana — explicou, se virando para a esposa.

— Sim, eu me recordo — respondeu, ponderando o que estava acontecendo.

— Majestade — Sara se pronunciou de modo tímido. — Eu acho que essa pedra é minha.

— O que? — A rainha a olhou incrédula.

— Comprei essa pedra para contar a Raon que eu estava grávida e abençoar nosso bebê. Alguns dias depois de eu revelar a gravidez para ele, essa pedra sumiu. Talvez Raon tenha pegado para confeccionar a chave deste portal que estão falando.

— Ótimo! — Mag exclamou. — Talvez se Sara colocar o colar o portal se abra.

Liam foi entregar o colar para Sara, mas Diana o impediu, segurando em seu braço. Todos ficaram confusos com a atitude da rainha. Diana achava que também não sabia a razão para tal ato, mas no fundo ela sabia, sim. Raon sempre havia sido dela, seu coração infantil não queria aceitar outra mulher na vida dele. Ela amava Sara verdadeiramente, mas seu coração era invejoso. Por que Raon havia feito algo tão especial para uma mulher que não fosse ela? Diana era sua irmã! Merecia tamanho esforço para confeccionar um objeto mágico mais do que qualquer um ali, mais do que Sara. Ela não queria ver o portal se abrindo no pescoço de Sara, não queria ver o portal se abrindo no pescoço de ninguém. Tinha que ser ela!

— Meu amor? — Liam perguntou intrigado.

— Ah! — exclamou, tentando disfarçar. — É que eu quero colocar nela.

— Claro — anuiu, um tanto desconfiado.

Liam entregou o colar para Diana e mesmo relutante, ela foi até Sara. Se sentia mal, seu sangue ansiava pelo portal, mas seu coração desejava que não funcionasse em Sara. Ninguém merecia

mais o amor de Raon do que ela. Diana colocou o colar no pescoço de Sara e todos ficaram esperando algo acontecer ansiosamente, mas nada aconteceu.

— Eu deveria fazer algo para abrir o portal? — Sara perguntou.

— Não...— Bria lamentou — era para abrir sozinho assim que o proprietário da pedra a possuísse.

— Oh, que pena! — Diana disse aliviada, já retirando o colar de Sara.

— Espera, Diana! — Mag exclamou. — Ainda pode funcionar nela, talvez falte alguma coisa. Raon pode ter colocado outro encantamento na chave.

— Não acho que seja isso. — Apertou a chave mais forte, ela não queria perder aquele colar.

Liam notou o comportamento estranho em Diana, mas ainda não sabia a origem do problema, apesar de desconfiar do que se tratava.

— Diana, por que está assim? — Mag perguntou, sem entender as ações da rainha. — A probabilidade de o colar funcionar em Sara é muito maior do que em você. Dê a ela.

— Não! — exclamou sem perceber. — Já basta ter o túmulo do meu irmão, querem a última coisa preciosa que restou dele também?

A tensão tomou o ambiente, logo Diana se arrependeu de ter dito o que estava preso em sua garganta. Sara se aproximou dela com o olhar acolhedor.

— Majestade... eu....

— O colar é meu — não foi Diana que disse aquilo.

Todos ficaram olhando para os lados para ver quem tinha se pronunciado.

— O colar é meu! — Ramon exclamou mais alto.

Eles olharam para o garoto que estava vermelho de vergonha, mas determinado a dizer o que precisava.

— Minha mãe comprou a pedra do Norte para abençoar meu nascimento, portanto, a pedra é minha.

Diana se apertou mais ao colar e antes que falasse alguma coisa, sentiu Liam tocar em seu ombro.

— Meu amor, tenho certeza que seu irmão já lhe deu imensuráveis presentes, mas este presente não é seu.

A rainha olhou para o rosto do seu marido que tentava acalmar a situação. Ela estava cansada de perder tudo que se apegava e amava. Mesmo com o coração teimoso e birrento por um objeto, ela entregou o colar a Sara. A mulher agradeceu e colocou no pescoço do menino. Ramon estava confiante, após alguns segundos de completo silêncio com todos esperando alguma coisa acontecer, a pedra azul reluziu. Uma porta de vidro que parecia se misturar no ambiente surgiu quase como se fosse uma ilusão de ótica. Um letreiro discreto em cima da porta dizia *“Para você conhecer o amor em que nasceu”*.



— É para mim — Ramon sorriu ao perceber que seu pai havia feito todo aquele esforço para deixar algo para ele.

Ele pegou a chave pendurada em seu pescoço e colocou na fechadura que era quase invisível. Girou a chave e o portal se abriu. Ramon pegou na mão de sua mãe, pronto para entrar com ela. Sara olhou para trás e avistou Diana cabisbaixa.

— Quer vir conosco? — disse com um sorriso convidativo.

Diana apenas acenou negativamente.

— Esse momento é de vocês. Da família que meu irmão escolheu.

Sara sabia que não era fácil para Diana abrir mão desse momento, mas ela estava grata. Segurou firme na mão do seu filho

e entrou no portal.



Um rapaz
forte e de
cabelos

castanhos se escondia atrás de arbustos do jardim real, tirou um pequeno cristal do bolso e fez contato com alguém do outro lado.

— Arlan, eu já falei que não tem nada aqui.

— Precisamos confirmar os boatos sobre o herdeiro de Enellon.

— Estamos rondando esse palácio há semanas, nada da rainha ou de qualquer criança. Nem mesmo choros eu consigo ouvir. Não tem herdeiro!

— Certo. — Suspirou frustrado. — Vamos embora por hoje. Te encontro na costa.

Antes que o rapaz pudesse concordar, se viu estarecido ao ver uma jovem loira de cabelos curtos e ondulados saindo do palácio com um cesto de palha. O dia estava bonito e sem nuvens, com um clima refrescante e agradável, típico de uma manhã de

primavera. A garota se aproximou de um arbusto florido e colheu algumas flores, ela queria colocar em um vaso que havia ganhado de uma senhora gentil. O rapaz sentiu seu sangue ferver e o coração palpitar, que aparência doce a jovem moça tinha.



— Vou me atrasar um pouco *pra* me encontrar com vocês —
disse com um sorriso, sem tirar os olhos da garota.

— Espera, mas... — e ele encerrou a conexão com os cristais.

O rapaz ficou um tempo pensando em como se aproximaria da bela garota que estava logo a sua frente. Ele olhou para a árvore em que se escondia e teve uma ideia, subindo nela discretamente. A moça estava distraída demais selecionando as melhores flores para notar o movimento estranho nos arbustos, mas não conseguiu ignorar quando de repente um garoto caiu da árvore, gritando de dor. Ela largou o cesto com o susto e correu em direção ao rapaz.

— Pelos espíritos! Você está bem?

— Oh, eu... — gemeu, tentando encenar a dor que sentia. — Acho que torci meu pé.

— O que estava fazendo lá em cima? Aliás, nunca te vi aqui no palácio, quem é você? — Ela se afastou do garoto. — Devo chamar os guardas?

— Sou funcionário novo! — exclamou. — Podar as árvores, sabe? — Tirou de seu suporte um facão prateado.

— Mas como...

— Ai! — gritou. — Santo Callian, que dor!

— Oh céus, te levarei para um lugar que poderei cuidar de você. Venha, se apoie em mim.

O garoto fingiu um tropeço para abraçar a moça solidária. Ela o olhou um tanto desconfiada, mas decidiu levá-lo a um lugar seguro.

Eles estavam em uma sala branca e sem graça, o rapaz deitado em uma maca aguardava sozinho no local. A garota apareceu de trás de uma cortina que o separava das outras macas.

— A enfermeira não está aqui agora.

— Poxa, que decepção — disse, tentando disfarçar a alegria.

Ela abriu um armário que continha gelo, pegou um pouco, colocou em um pano e pôs em cima do tornozelo do rapaz que claramente não estava nem um pouco inchado. Procurou o remédio com o sabor mais amargo que poderia encontrar e ofereceu para ele.

— Tome, para aliviar sua dor.

— Pelo cheiro parece que pode me matar.

— Não tanto quanto a sua mentira. — Arqueou uma sobrancelha.

— Pelos espíritos! — exclamou com o olhar radiante. — Encontrei a mãe dos meus filhos.

A garota corou imediatamente e deu um passo para trás. O jovem que a admirava era bonito, ela não podia negar, uma beleza diferente que não estava acostumada. O formato de seu sorriso era tão encantador que se ela não se contivesse, poderia se perder na forma de seus lábios. Ela tentou disfarçar o incômodo com uma risada abafada.

— Já está começando a delirar, a dor deve ter sido grande com a queda.

— Feri meu coração quando caí em seus olhos da cor do mar — flertou, sem conseguir tirar o sorriso do rosto.

— Garoto! — exclamou constrangida. — Eu sou uma dama!

— Me perdoe, você já é comprometida?

— Não... — sussurrou, sem olhar em seus olhos.

— Então me casarei com você — disse com tanta convicção que a moça quase achou que estava noiva de verdade.

A jovem decidiu entrar na brincadeira do rapaz para ver até onde ia. Ela pegou um lençol branco que estava na cama e colocou por cima de sua cabeça fingindo ser um véu.

— Conseguir minha mão não é tão simples como parece, meu senhor.

— O que devo fazer para merecer colocar um anel em seu dedo?

— Primeiro, o anel deve ser de pérolas.

— Fácil.

— Fácil? Pérolas são caras, sabia? Como um cortador de grama pagaria por essa joia?

— Apenas acredite. Trarei sua pérola.

Ela o fitou pensativa.

— Pois bem, quero morar em uma casa na beira do mar.

— Posso te levar para uma casa dentro do mar — sussurrou.

— O que?

— Claro, minha futura esposa, uma casa na beira do mar, anotado.

Ela decidiu tentar ignorar a história de “futura esposa”.

— Quero filhos, muitos filhos. Me dará isso?

O rapaz suspirou apaixonado.

— Com você eu faço quantos filhos desejar.

No mesmo instante a garota se arrependeu da pergunta travessa.

— Pelo nível das respostas rápidas, creio que já está se sentindo melhor. — Se apressou para se retirar.

— Não passei no teste?

A moça tirou o lençol de sua cabeça e olhou o belo rapaz com um olhar tímido.

— É um teste de várias fases, terei que avaliar seu desempenho na segunda etapa.

O garoto sorriu de orelha a orelha.

— Como seria a próxima fase?

— Me chamar para sair devidamente, ao invés de fazer uma cena para que eu o notasse.

— Não gosta da emoção? — perguntou com um sorriso de canto.

— Talvez — ponderou. — Aliás, me chamo Sara — apresentou-se, lhe oferecendo a mão para um cumprimento.

O garoto a puxou delicadamente e beijou a mão da garota. Ela percebeu ali que estava perdida.

— Eu me chamo... — pensou rápido — Ramon. Onde a encontro de novo?

Ela retirou sua mão rápido, tentando manter um pouco de indiferença. Não queria deixar explícito que havia gostado dele também.

— No lugar que estava recolhendo minhas flores, ainda pretendo aproveitar a primavera para enfeitar meu quarto.

Como um truque de mágica, ele retirou uma das flores que Sara havia recolhido da manga de sua blusa e entregou a ela. Os olhos da garota brilharam.

— Comecei bem?

— Irritante, sim. — O coração da moça estava em sincronia com as batidas aceleradas do rapaz.

Sara aceitou a flor amarela que ele segurava e se retirou do ambiente, tentando não mostrar para o rapaz que sorria. Assim que ela saiu, o garoto se deitou na cama, extasiado.

— Eu vou casar com essa mulher.

O portal se fechou, Ramon ainda segurava a mão de sua mãe, eles não tinham percebido que haviam retornado ao mundo real. Todos ainda estavam no mesmo lugar aguardando o retorno dele e ansiosos para saber o que Raon havia escondido no portal da memória. Lágrimas escorriam do rosto de Sara. O garoto olhou para sua mãe.

— Meu pai era confiante.

— Irritantemente, sim. — Ela ria em meio as lágrimas que não paravam.

— Eu acho que ele sabia que eu teria dificuldades com meu dom. Ele queria me ensinar a confiar em mim, a conquistar meu poder assim como conquistou você.

Sara abraçou o garoto.

— Ele queria te ensinar muitas coisas, meu filho.

O rapaz se afastou, olhou para a chave em seu pescoço e em seguida fechou os olhos com força enquanto apertava o objeto. Quando abriu os olhos novamente, eles estavam arroxeados e sua mão esquerda dominava uma bola de fogo. Ele olhou para Diana com um sorriso empolgado.

— Tia, eu consegui! — exclamou orgulhoso.

Uma lágrima escapou dos olhos da rainha.

— Claro que conseguiu. Você é o herdeiro de Norisea, afinal.

Orman e Bria se olharam esperançosos, esse era mais um passo para a vitória do reino dos mares e o fim permanente da caçada.



O dia havia sido longo e emotivo. Liam e Diana voltaram ao quarto, cansados fisicamente e emocionalmente. O rei se voltou para sua rainha, ela ainda parecia estar digerindo as informações.

— Como se sente? — perguntou enquanto tirava a roupa do treino.

— Não sei dizer, Liam — respondeu pensativa. — A caçada está próxima. Será a última pela nossa vitória ou pela extinção do nosso povo.

— Drakkar sabe sobre o herdeiro?

— Tenho certeza que ele não sabe sobre Ramon, mas talvez desconfie de mim.

— Acredito que não, de início ele irá atrás de um herdeiro homem.

— Certo, às vezes esqueço que funciona assim aqui — respondeu desconcertada.

— Isso te aborrece — afirmou.

— Você sabe que sim.

Liam permaneceu inquieto, arquitetando brechas dentro da lei.

— Bom, considerando que com a vitória nossos reinos se fundirão, então teremos que unir nossas culturas e nos adaptar.

— Onde quer chegar?

— Apenas quero dizer que talvez Enellon tenha sua primeira rainha por direito se formos abençoados com uma menina.

Diana se aproximou delicadamente do rei, quase na ponta dos pés. Sorria arditamente para ele.

— Podemos tentar uma menina agora.

Liam percebeu a provocação, mas decidiu prolongar a situação para ver o que mais a rainha poderia fazer para seduzi-lo.

— E que nome daríamos para nossa primogênita.

— Não sei, talvez meu nome de sereia, que tal?

— Espera, o que? — Liam ainda não conhecia o verdadeiro nome de sua esposa.

— Pelos espíritos, você não sabia — lembrou que não havia contado a ele.

Como um gracejo, a rainha se curvou.

— Majestade, nasci como Admete, mas os espíritos me deram um nome de sangue, e dessa forma, hoje me chamo Diana Gribanov.

O rei se achegou para mais perto de sua esposa, podendo sentir sua respiração desejosa, pegou em uma mecha de seu cabelo e permaneceu alguns segundos a admirando.

— Admete... — sussurrou o nome dela. — Quando poderei te ver como sereia?

Ela pegou em sua mão, acariciando os nós de seus dedos.

— Um dia te mostrarei, eu prometo. — Ela tinha medo do rapaz sentir repulsa ao ver sua cauda de peixe.

— Eu quero te ver em todas as suas formas — declarou.

Ela segurou em seu rosto e lhe deu um beijo doce, ele a desejava novamente e sabia que era correspondido. Estavam sujos e suados do treinamento, portanto, ele queria se lavar o quanto antes para aproveitar a noite com sua mulher.

— Você quer ir para o banho primeiro? — perguntou gentilmente.

— Na verdade... — ela estava com vergonha de falar — Podemos ir juntos, se você quis...

— Eu quero! — exclamou, sem perceber que a interrompeu.

Diana riu e o puxou para o banheiro pela mão esquerda.

— Não vai tomar banho com essa luva, vai?

— Ah, não, claro que não...

O rei estava aprendendo aos poucos que não tinha porque se envergonhar de sua condição. Por que esconder? Por que usava a luva? Disseram a ele que era feio e ele simplesmente acreditou? Diana o fez perceber que as diferenças de cada indivíduo não os fazem menos merecedores de amor, muito pelo contrário, as diferenças justificam o amor. Liam retirou a luva e sua mão de metal ficou à mostra. Naquele momento, ele percebeu que não colocaria aquela luva novamente.



A água do chuveiro deslizava sobre as curvas da rainha. Liam tocava por todo o lugar que as gotas insistiam em cair. Tiveram que chegar em um acordo no começo do banho, nem muito quente, nem muito frio. A água morna era refrescante, mas também não

agradava nenhum dos dois. O rei puxou o corpo nu da esposa para perto dele e sentiu seu sangue ferver, levantou as pernas da rainha a encaixando em seu quadril. Diana agarrou as costas do marido com as unhas e colou ainda mais seu corpo ao dele, ansiando senti-lo por completo.

Diana estava com as costas contra a parede e Liam percebeu que o sabão o estava fazendo escorregar, então, ainda sem soltar sua esposa, os levou para fora, completamente ensopados. ele a jogou na cama sem se importar com a umidade, agora já sabia o que a agradava, haviam aprendido juntos os prazeres um do outro dentro do leito matrimonial. A franja molhada caía sobre seus olhos, uma parte era a água do chuveiro e outra era o suor que escorria em sua testa.

Os dois estavam ofegantes e ansiosos. Os carinhos do marido faziam Diana perceber que estava chegando a algum lugar que ainda não sabia que existia, mas era bom, muito bom. Dividir tamanho deleite com a pessoa que havia prometido passar o resto da vida era talvez a maior das dádivas. Liam a tomava enquanto admirava o corpo de sua mulher. Ela era ainda mais esplendorosa com o corpo coberto de água, e ficou imaginando o brilho que ela tinha quando estava em sua forma original. Diana era um ser dos mares e ele tinha certeza que era a mais bela de todas.

O rei estava se segurando, para ele alcançar o ápice foi sido relativamente fácil na primeira vez, mas sabia que ela não tinha conseguido, queria dar a esposa o que ele tinha sentido também. Havia aprendido que no casamento a vida parava de se tratar somente do “eu” e passava a se tratar do “outro” da mesma forma. Ele só estaria pronto quando ela estivesse pronta. Com uma mão

só, Liam segurou os dois punhos da esposa para o alto para que ela se concentrasse nele, a rainha ficou surpresa, mas não teve tempo de processar a informação, uma onda de aprazimento tomou todo o seu corpo e Liam a acompanhou. Os dois se olharam ofegantes, trocando sorrisos enquanto pegavam no sono.



— Eu te amo, Diana Gribanov — murmurava o rei que estava prestes a dormir.

A rainha não conseguiu responder, tudo que Diana declarava amar, ela perdia. Tinha medo de perder seu marido também, ainda mais com a guerra tão próxima. Somente ao pensar em não ter mais

Liam em sua vida fez seu peito doer. Diana não percebeu quando as lágrimas começaram a cair.

O choro durou alguns minutos, até que ela desmaiasse nos lençóis úmidos, completamente exausta.



A noite anterior
à caçada foi
agitada.

Metade do exército de sereias e humanos havia ficado em Enellon para proteger o trono e a outra metade partiu para a ilha de Norisea lutar ao lado das sereias.

Os humanos faziam fila enquanto uma idosa sereia lhes entregava uma vasilha com um líquido verde e cintilante. Assim que bebiam, já conseguiam sentir a respiração diferente, agora poderiam lutar dentro da água também.

Os arqueiros estavam no topo da ilha, Liam os comandava de lá. Magnólia estava responsável pela linha de frente e o ataque direto. Miguel liderava o exército em Enellon, havia ganhado o respeito e confiança do rei, portanto ficou encarregado de guardar a coroa. E Diana estava na defesa dentro do mar juntamente com seus pais, escondendo os irmãos mais novos, já que tinha a

possibilidade de Drakkar procurar os garotos na tentativa de matar o herdeiro.

Os primeiros raios de sol despontaram no horizonte, o dia havia começado, assim como a caçada. Não passou muito tempo até que barulhos estrondosos tomassem o ambiente, ao longe era possível ver um exército se aproximando pelas águas, mas não era um exército qualquer. As criaturas de metal que Diana se lembrava na infância com certeza haviam ganhado um *upgrade*, estavam maiores e eficazes. Não seria fácil derrotá-los. Drakkar vinha com sua criatura na frente, a dele era a única dourada, da mesma cor da coroa de Liam. Claramente aquilo já era um aviso.

O rei fez um sinal para os arqueiros que logo se aprontaram. Liam abaixou a mão e as flechas foram atiradas para frente. A tecnologia de Enellon era poderosa, assim como a magia de Norisea, quando unidas poderiam ser imbatíveis e esse arco era um experimento dessa união. As flechas se abriram como flores e então todas juntas pararam no ar de modo sincronizado, e de dentro delas um enorme raio de luz violeta formou um muro. As flechas caíram no mar e a barreira permaneceu em pé, mas não por muito tempo.

Liam pegou o cristal mensageiro em seu bolso para entrar em contato com Diana.

— A barreira não irá aguentar para sempre, ainda mais com o exército que Drakkar trouxe com ele — disse temeroso.

— Libere o batalhão de Magnólia! — exclamou. — Somos somente nós.

Os dias anteriores à caçada haviam sido extremamente estressantes, Diana contava com o poder do portador, somente os espíritos de sangue poderiam derrotar a crueldade de Drakkar. Mas

apesar de seus esforços, Ramon não evoluiu, aprendeu a usar melhor seu dom de fogo, mas nada próximo de invocar os espíritos. Sem querer, às vezes a rainha descontava a frustração em Liam, o que acabou gerando alguns atritos na relação. O rei era paciente, mas também se sentia desgastado. Toda relação íntima que eles tinham, Diana terminava chorando, agarrada ao corpo do marido, como se ele fosse simplesmente escapar de seus dedos. Liam precisava ficar horas a acalmando de seus medos e pesadelos conturbados. Ele sabia que até a caçada, Diana não teria paz. Ver o sofrimento emocional de sua mulher o feria profundamente, mas a única forma de ajudá-la era vencendo aquela guerra. Ele iria vencer, precisava vencer.

O exército de criaturas de metal batia na muralha mágica tentando quebrá-la, era possível vê-la rachando aos poucos. Drakkar acionou uma chama ardente saindo de um compartimento que seria a mão direita da criatura, fez um enorme buraco na muralha que então se quebrou com facilidade e o grande exército de metal avançou, cada vez mais perto da ilha de Norisea. Se tomassem a ilha, certamente tomariam o reino.

Magnólia conduziu o batalhão de manipuladores. Esferas de prata estavam disponíveis em uma caixa, confeccionadas pelos humanos. Com a manipulação, eles levaram as esferas até o céu e com uma sequência ensaiada de movimentos as atiraram até o exército inimigo. Ao serem tocadas, as esferas explodiam, derrubando assim algumas criaturas que não puderam desviar. Não foi o suficiente, os inimigos eram fortes e se aproximavam da ilha com velocidade. Alguns estavam em grandes barcos de pesca

também, preparados para capturar qualquer sereia que tivesse a audácia de se aproximar deles.

Sereias que tinham o dom de se comunicar com os animais emitiram um som peculiar e agudo. Um tubarão azul surgiu fazendo com que alguns homens se afastassem com medo. Em seguida outro tubarão, mais outro e assim por diante. Tritões com habilidades de condução da água se seguraram nos tubarões e foram levados rapidamente até os barcos, precisavam ser ágeis, os caçadores estavam atentos. Todos os tritões juntos criaram uma enorme onda que certamente faria um bom estrago nos barcos mais frágeis.

Os caçadores começaram a atirar lanças acertando alguns tubarões e os matando, e como os tritões não nadavam tão rápido sem a ajuda daqueles animais, se apressaram com a condução da onda e conseguiram atingir pelo menos uma frota de barcos. Como não conseguiam voltar sem a velocidade esperada, alguns tritões foram capturados e já estavam sendo puxados pelas redes quando um raio de fogo violeta gigantesco atingiu os barcos, dando a oportunidade para que os tritões escapassem.

Lá estava o rei de Norisea, tomado pelas chamas, mas sem se queimar. Estava utilizando os últimos resquícios de seu dom e se ele acabasse, sabia que poderia partir tranquilamente, pois eles tinham um herdeiro que nasceu com o fogo do mar.

Apesar dos esforços para manter os caçadores longe, as artimanhas não estavam os impedindo de fato, apenas atrasando o inevitável. Diana nadou até seu sobrinho e irmãos que se escondiam em uma enorme concha laranja.

— Eles estão se aproximando, tentamos manter uma luta à distância e derrotá-los assim, mas será frente a frente. — Ela estava aceitando esse fato também.

— Nos deixe ajudar! — exclamou Vereno determinado.

— Sim, Ramon já está mais forte — Rillian complementou.

— Eu consigo, tia! — O herdeiro estava convicto.

Diana olhou para os três garotos à sua frente; Ramon ainda não tinha sua cauda e respirava na água somente por conta do líquido mágico, ela sabia que um dia ele seria um tritão completo, mas ainda não era o momento.

— Parem! Vocês não vão lutar, são muito jovens!

— Isso é injusto! — exclamaram quase em uníssono.

A rainha de Enellon se sentiu voltando no tempo, no dia que seu irmão havia sido assassinado pelas mãos de Drakkar. Agora ela estava no lugar de sua mãe, e precisava que dessa vez nenhum dos meninos tentassem algum ato heróico de modo irresponsável.

— Precisamos proteger o herdeiro. Rillian e Vereno, vocês são os guardiões do futuro rei, a função de vocês é mantê-lo seguro aqui!

— Eu posso tentar invocar os espíritos! — Ramon tentou argumentar.

— Eu acredito verdadeiramente que você consegue, mas não agora.

— Se eles já estão se aproximando, não temos muito tempo. Meus poderes funcionam de acordo com minha emoção. Talvez o calor da batalha traga os espíritos para mim.

Quando o garoto falava com confiança, lembrava Raon como ninguém, era difícil dizer não para ele, e de certa forma, o herdeiro

estava certo, somente o sangue dos espíritos poderia salvá-los da desgraça.

Um som violento chamou a atenção de Diana, os barcos haviam chegado na ilha de Norisea juntamente com as criaturas de metal, não levaria muito tempo até que comesçassem a matar tudo que vissem pela frente. Ninguém deveria morrer naquele dia. A rainha não tinha muita escolha, a arma secreta ainda era Ramon, ela sentiu em seu sangue uma confirmação do que deveria ser feito. No momento certo o rapaz seria o portador.

— Você lembra a sequência para a invocação? — perguntou para ter certeza.

— Lembro sim! —Ramon respondeu com rapidez.

— Vamos para a superfície. O combate está sendo corporal agora. Não saiam de perto de mim — disse, frisando para os garotos.

A criatura dourada em que Drakkar se protegia era forte o bastante para evitar os ataques mágicos das sereias. Liam, que estava no topo da ilha, se jogou em cima da criatura e usando toda a força da mão esquerda abriu o compartimento que escondia Drakkar. O homem lhe lançou um sorriso tenebroso ao avistar a mão de Liam exposta.

— Cansou das luvas, Majestade?

— Estavam fora de moda — respondeu, o agarrando para tirá-lo de dentro da criatura.

Drakkar o segurou e o puxou para bem perto de seu rosto.

— Você sabe do que seus pais morreram? Morreram de desgosto! Eles tinham nojo de você. Pensando bem, você e sua

sereinha se merecem. Duas aberrações defeituosas! — Gargalhou no final.

Antes que Liam pudesse reagir, Drakkar acionou a emergência em seu compartimento e foi lançado para fora. Com o susto, o rei se desequilibrou e caiu da criatura. Liam sabia que a queda causaria danos consideráveis em seu corpo, fechou os olhos se preparando para o impacto, mas se surpreendeu ao sentir a água em sua pele. Havia caído no mar. Mas como? Nadou para a superfície e avistou Olina fechando o portal de teletransporte que havia criado para salvá-lo. Ela olhou para ele com um olhar indiferente e correu para voltar ao seu posto na guerra.

Sentiu alguém o puxar para baixo e como um reflexo tentou lutar, parou de se debater quando viu que era sua esposa que o chamava. Ele também havia tomado o líquido da idosa sereia, notando que além de respirar embaixo da água, podia falar e ouvir perfeitamente. Olhou para Diana e achou ter encontrado a própria personificação do paraíso. Ele não sabia que havia uma forma de sua mulher ficar mais bonita do que já era, mas havia. Sua forma original era deslumbrante e ele a beijaria naquele exato momento se não estivessem literalmente no meio de uma batalha.

Magnólia que estava um pouco mais distante se aproximou dos dois quando os viu junto com os garotos.

— Drakkar vai tomar a ilha, temos que fazer alguma coisa! — ela alertou.

— Mesmo que ele caia, os caçadores não irão parar — Liam retrucou. — Querem os tesouros de Norisea, e acima de tudo querem achar o herdeiro para receber o prêmio.

Mag coçou a garganta um tanto angustiada.

— Liam está certo — Diana concordou. — Ele morrendo ou não, o decreto ainda é válido. Temos que fazer todos recuarem.

— Como faremos isso? — Mag estava ansiosa.

— Não consegue manipular a visão deles, certo?

— Sozinha é impossível, e não somos tantos manipuladores. Não temos poder suficiente para afetar todos os caçadores na ilha.

Como um lapso, Diana teve uma ideia.

— Eu já sei o que vamos fazer — avisou, com um sorriso destemido.



Os arqueiros estavam a postos, o rei Orman mantinha seu dom disponível para quando o rei de Enellon avisasse que estava na hora. De cima, Liam observava com atenção enquanto os aliados centralizavam um grupo específico dos inimigos em um só lugar. Ele se virou para Orman permitindo que executasse o plano. Colocaram chamas do fogo do mar na ponta de suas flechas e atiraram ao redor da ilha, impedindo que os caçadores fugissem. Orman controlava a forma do fogo nos devidos pontos que foram espalhados. Lá do alto, Liam fez um sinal para Magnólia. O batalhão de manipuladores correu para a luta dentro do perímetro do fogo. Os caçadores com suas armas e espadas estavam prontos e sedentos por um prêmio.

O grupo de sereias estava mais na defensiva, não permitiam que fossem tocados, desviando dos ataques com agilidade. Mas, fugir da lança do inimigo não os derrotaria, em algum momento

seriam pegos. Magnólia distraía um caçador de cabelos ruivos e compridos, presos por uma trança mal feita. O homem era forte e rápido, mais do que esperava. Ele se aproximava cada vez mais perto dela com sua espada, até que a encurralou na própria coluna de fogo que haviam feito. O homem de cabelos vermelhos sorriu de modo amargo.

— Parece que seu plano se voltou contra você — constatou, se preparando para matá-la.

— Espera! Eu sou a princesa! O prêmio que tanto querem.

O sorriso do homem de repente ficou largo e assustador.

— Então você deve saber onde está o herdeiro.

Se aproximou dela para levá-la com ele, mas quando passou a mão pelo braço de Magnólia, não conseguiu tocá-la, a mão passou direto. E então a imagem da sereia desapareceu. Ele se virou confuso e então viu todo o seu grupo de caçadores perto da barreira de fogo. Havia sido enganados também, era uma armadilha.

— AGORA — gritou Magnólia em cima de uma pedra.

Imediatamente, Orman desceu a coluna de fogo, queimando e matando todos os caçadores daquele grupo. Mag pegou o cristal para falar com Diana.

— Funcionou, Majestade! — avisou, com um tom de voz otimista.

— Façam o mesmo com os outros grupos de caçadores.

Diana guardou seu cristal, escondida atrás dos arbustos e se levantou para ir até Liam, mas sentiu um objeto frio em sua cabeça. A respiração parou.

— Onde está o herdeiro, pequena sereia?

Ela sabia de quem era aquela voz.

— O que te faz pensar que eu contaria a você, Drakkar? — respondeu de modo tão ríspido que quase cuspiu no chão.

— Tem razão, mas eu sei quem contaria.

Puxou a rainha para fora dos arbustos com a arma apontada em sua cabeça, viu Liam no alto da montanha e gritou para que ele ouvisse bem:

— REI DE ENELLON! ONDE ESTÁ O HERDEIRO DE NORISEA? — sua voz estava raivosa.

Liam se viu apavorado ao ver a esposa indefesa, não chegaria a tempo para salvá-la dessa vez. Ele desceu correndo para alcançá-los, mas Drakkar apertou ainda mais o cano da arma na cabeça de Diana.

— Era você naquele dia, não é, sereinha? Irá pagar por roubar o que era meu.

— Aquilo não te pertencia, Drakkar — falou, cerrando os dentes.

— Ainda se atreve a me responder — disse, com um tom debochado.

Liam chegou ofegante, Drakkar o olhou com desprezo.

— Ele não irá te contar nada! — Diana exclamou.

— Sendo assim... — Deu de ombros.

Outro caçador veio por trás de Liam e o golpeou com uma pedra na cabeça, fazendo o rei desmaiar. Drakkar soltou a rainha e apontou a arma para Liam.

— Não! — ela gritou.

— Onde está o herdeiro, minha querida?

Mais caçadores se aproximavam deles, era uma emboscada. Só sairiam dali com a resposta do paradeiro daquele que herdaria a coroa do reino dos mares. As mãos de Diana estavam trêmulas, viu o marido jogado no chão que acordava aos poucos do golpe certo. Se entregasse Ramon, perderia o sobrinho, mas se não o entregasse, perderia o marido. Era uma decisão difícil, ela precisava de coragem para fazer o que faria.

— Eu sou a herdeira de Norisea — respondeu com os olhos lacrimejados.

— O que? — Drakkar perguntou confuso. — Oh — e voltou a sorrir —, então aquele era seu irmãozinho, é?

Diana não conseguiu responder, a garganta estava presa. Drakkar começou a gargalhar.

— Bom, ficou mais fácil do que eu pensei. — Voltou a apontar a arma para Diana.

Os caçadores avançaram para atacar, mas assim que deram o primeiro passo, caíram no chão desacordados. Drakkar se virou assustado e olhou para Diana irado.

— Seus truques não funcionam comigo, Majestade.

— Não fui eu, Drakkar — respondeu com a voz embargada.

Ele pigarreou alguma coisa e se preparou para apertar o gatilho.

— Fui eu! — uma voz feminina exclamou.

Bria se posicionou para lutar, ela segurava discos de cobre já gastos por conta dos anos de caçada.

— Não tocará em minha filha.

— Assim como eu não tocara em seu filho morto? — debochou com um sorriso sarcástico.

Bria correu em sua direção e Drakkar atirou, ela se defendeu com o disco de cobre e o golpeou com o outro. Ele cambaleou para trás com o nariz sangrando. O sangue que escorria de suas narinas caía em seus dentes, deixando seu sorriso ainda mais assustador.

— Agora eu quero a família toda para minha coleção.

Tirou de seu casaco pesado uma arma maior, era um canhão adaptado para a caçada, não teria como se defender ou sobreviver aquilo.

— Melhor me livrar da mamãe primeiro. — Ele apontou para Bria.

Antes que Drakkar pudesse atirar, uma bola de fogo o acertou, o fazendo cair para trás. Olhou para frente irritado e farto daquelas sereias que a todo momento tinham um truque novo. E então avistou um garoto, uma criança portando o fogo do mar.

— Rá! — exclamou. — Parece até uma miniatura do corpo empalhado em minha casa. — E então seus olhos se abriram. — É idêntico.

Aquele foi o único momento em que Diana lamentou a semelhança de Ramon com o pai.

— Ramon — sussurrou —, corre.

Rillian e Vereno o puxaram para dentro das árvores. Drakkar se levantou, preparado para lutar mais uma vez. Ele pegou sua arma menor e atirou na perna da rainha, a fazendo cair e agonizar de dor. Drakkar se aproximou de Diana e a socou tão forte no rosto que ela desmaiou.

— *Diana, acorde — uma voz doce a chamava.*

A rainha abriu os olhos devagar, estava no mesmo balanço que havia sonhado uma vez. Ela observou o ambiente, tentando

entender o que estava acontecendo.

— A guerra acabou?

— *Não, vocês estão perdendo* — a voz respondeu.

Diana colocou a mão no rosto, desesperada.

— O que eu faço? Como venço tantos caçadores sem um portador?

— *Você tem um portador.*

— Raon morreu! — exclamou. — E Ramon é inexperiente demais para portar os espíritos. Por favor, dê a ele a força que precisa. Sem o espírito de sangue não conseguiremos vencer.

— *Por que você não me escuta?* — a voz estava desapontada.

— O que? Eu te escuto — respondeu com um tom revoltado. — Tudo que eu fiz até agora foi porque eu escutei você! É o senhor que está causando todo esse sofrimento em minha vida. Estou cansada de te escutar e só perder as pessoas que amo!

A voz era mansa e paciente, não se irritava com a insolência de sua serva.

— *Onde está seu portador, Diana?*

— Ele está morto! — Começou a chorar. — Nosso portador se foi!

A sereia abaixou o olhar, deixando que suas lágrimas caíssem. Uma brisa suave tocou em seu rosto, parecia poder enxugar as lágrimas e o coração amargurado da rainha. A brisa a enlaçou, mudou o cenário. Agora estavam em um barco pequeno, flutuando em um lago sereno e tranquilo.

— Por que me trouxe aqui? — perguntou enquanto esfregava os olhos.

— *Para que enxergue.*

— Eu enxergo... — disse, confusa com as palavras da brisa.

— *Não, você está cega. Olhe para o lago.*

Diana olhou para a água e viu seu reflexo.

— Eu não compreendo.

A brisa deslizou por seu corpo, ela sentia muito forte a presença dos espíritos.

— *Raon não é portador, Diana. Nem mesmo Ramon é. Você é a portadora.*

— O que? — paralisou ao ouvir.

— *Você é a escolhida.*

— Me escolheram depois que Raon morreu?

Não acreditava que ela era a primeira opção.

— *Não, teimosa sereia. Te escolhemos quando ainda estava no ventre de sua mãe. Te escolhemos em sua concepção. Escolhemos sua vida. Nunca foi Raon, sempre foi você.*

— Você mente — sussurrou com a voz trêmula.

— *Negar a verdade não a torna menos verdadeira.*

Diana não queria aceitar. Seu irmão era o tritão mais poderoso, ela era fraca. Ele merecia ser o portador mais que ela. Os espíritos haviam escolhido o irmão errado.

— Eu não tenho dons! — exclamou, tentando justificar o motivo disso ser impossível.

— *Minha sereia, nenhum portador tem.*

Diana permaneceu alguns segundos paralisada, apenas sentindo a brisa sussurrar em seu ouvido.

— *Nos invoque. Salve seu povo.*

De repente, a brisa se tornou em um vendaval e virou o barco, fazendo-a cair na água.

Diana acordou assustada, olhou para os lados e viu uma imagem tenebrosa. Todos os seus amigos, marido e família pendurados pelas mãos em estacas de madeira. Havia esgotado sua magia, não restava mais nada. Ela olhou para cima e estava presa do mesmo modo que eles. Os caçadores estavam preparando suas armas, claramente seria uma carnificina, matariam todos de uma vez. Ramon estava sendo levado para uma fogueira, os caçadores brigavam para decidir quem ficaria com Magnólia. Estavam chegando em um acordo para a tomarem em dias diferentes e então matá-la ao final do rodízio.

Drakkar estava sentado em um trono improvisado com a coroa de Liam na cabeça, rindo com os caçadores ao redor dele. Seu marido estava bem ao seu lado, totalmente ferido, haviam batido muito nele. Diana chorou. Chorou amargamente. Ela olhou para o céu. A vida toda Diana havia sido caçoada e menosprezada por não possuir magia. Sempre que tentava descobrir algum dom, acabava se frustrando, ela não tinha, simplesmente não tinha magia. Ela temia tentar invocar os espíritos e falhar novamente. Seu povo morreria por sua culpa. Sua fé não era forte o bastante para salvá-los. Precisava que os espíritos compensassem sua fraqueza. Ela não sabia se conseguiria, mas tentaria, mesmo que duvidasse.

— Eu não creio. Me ajudem a crer.

Ela ditou a língua antiga e o apetrecho em seu cabelo se transformou na adaga. Ela segurou o cabo com dificuldade por estar presa, roçou a lâmina na corda e caiu no chão quando ela se partiu.

Drakkar se levantou surpreso quando a viu livre e fez um sinal para que a matassem.

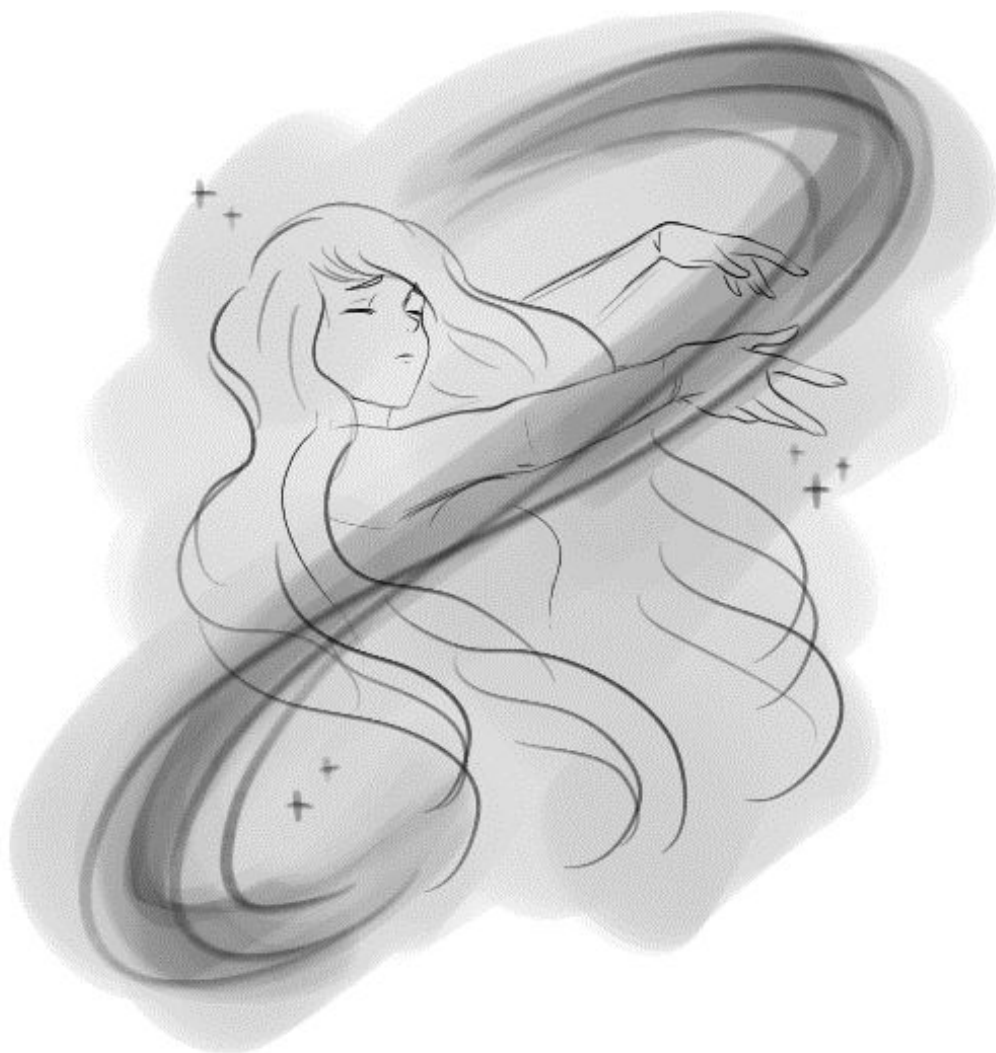
— Diana, não! — Liam gritou quando a viu.

— Espera, Diana, por favor — Magnólia clamava, desesperada.

A rainha não os ouviu. Via os caçadores se aproximando. Suas mãos tremiam, as lágrimas escorriam por conta do medo. Ela cerrava os dentes com tanta força que poderiam trincar como o vidro. A voz embargada se recusava a sair, o coração dela a impedia. Precisava confiar no poder que circulava em suas veias.

— Pela restauração do horizonte, eu invoco os espíritos de sangue.

E então fez a sequência de sinais que havia aprendido de modo excelente para ensinar o sobrinho. Invocou o mar, o céu e a terra. Os caçadores já estavam a um passo de matá-la quando uma explosão que saiu do corpo da rainha os lançou para tão longe que vários caíram no mar, sendo até devorados pelos tubarões.



A pele de Diana brilhava como o ouro. Todos a olharam incrédulos. Mag sorriu aliviada.

— Diana é a portadora.

Um rugido estridente foi ouvido ao longe. Três dragões dourados gigantescos surgiram do horizonte.

— São eles! — Liam exclamou. — Os espíritos de sangue!

Os dragões se aproximavam da ilha com uma velocidade descomunal. Antes que chegassem, eles se fundiram, se transformando em um único e glorioso dragão vermelho.



O enorme dragão lançou uma chama azul cintilante sobre toda a ilha. Sereias e humanos se assustaram, a chama os mataria. Diana se cobriu com medo, mas quando abriu os olhos viu que estava coberta pelo fogo, mas não se queimava. Nenhuma sereia ou aliado estava se queimando, nem mesmo a ilha pegava fogo. Mas todos os caçadores se debatiam em completo desespero tentando fugir das chamas, até mesmo Drakkar agonizava no chão enquanto as chamas tomavam todo o seu corpo.

O fogo cessou e os inimigos haviam caído. O dragão pousou ao lado de Diana, ele tinha um olhar forte, mas sereno. O espírito fez um movimento com a cauda, todos que estavam presos pela corda se soltaram, caíram no chão entusiasmados e correram até o dragão. Queriam ver a majestade dele de perto.

Diana abraçou o rosto do dragão vermelho.

— Obrigada por me ajudar a crer.

O espírito assentiu, era possível ver seu sorriso através de seus olhos. Liam correu até sua esposa, encantado com o que via. Ele a agarrou pela cintura e lhe deu um abraço apertado. Agora entendia o desespero de ver o que ama escapar pelos seus dedos.

— Achei que fosse te perder — falou enquanto chorava.

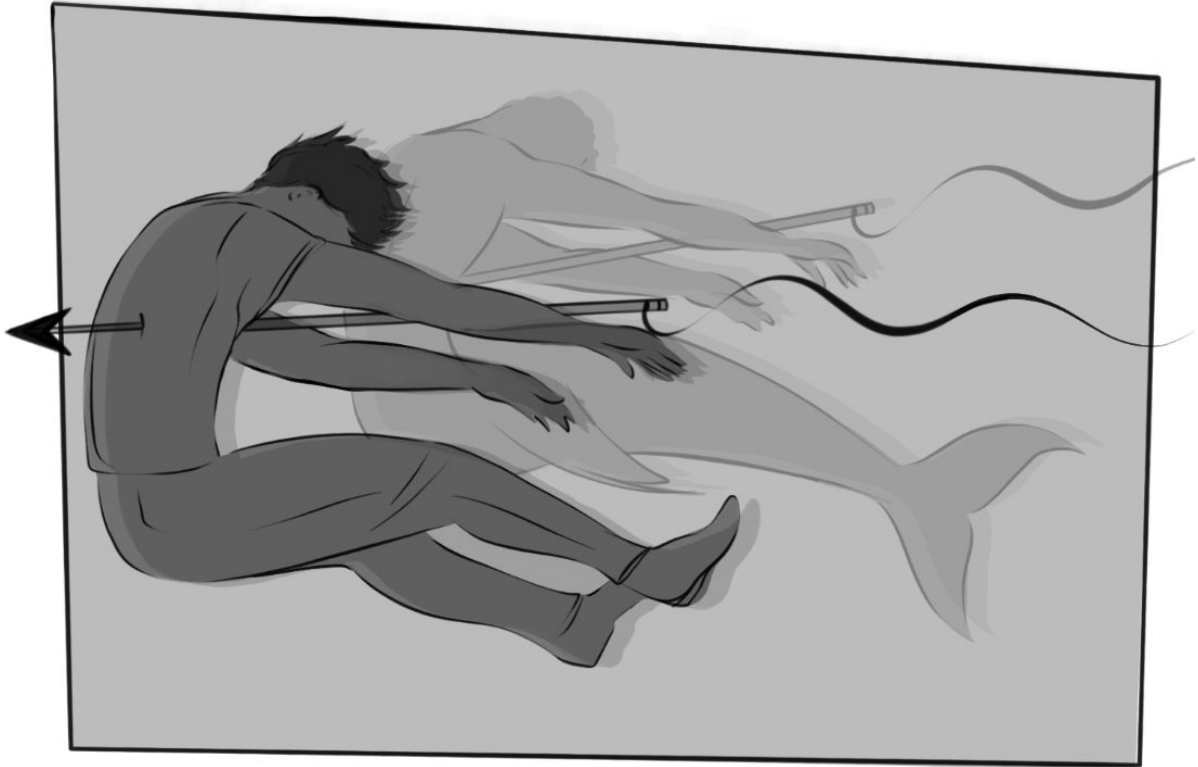
— Estou aqui. — Ela se juntou a ele.

A guerra havia acabado, a caçada teve um fim definitivo. Diana olhava para seu povo, todos bem e salvos.

A sensação de alívio não durou muito tempo. Um sussurro vingativo chamou a atenção. A rainha olhou para o lado e viu Drakkar com metade de seu rosto queimado e quase cego, apontando uma lança para Diana. O dragão rosnou para ele.

— Você não vai ter um final feliz.

Ele atirou rápido, de modo que acertaria Diana em cheio. Ela não viu como aconteceu, mas Liam a empurrou, a fazendo cair no chão aterrorizada e então a rainha viu a mesma imagem que a atormentava no dia que seu irmão morreu. Uma lança cravada no peito de seu marido.





Os aliados se
apressaram
para

prender Drakkar, ele gritava enquanto tentava fugir. Foi paralisado por tritões fortes, o impedindo de tentar mais alguma coisa.

Diana estava jogada sobre o corpo de Liam, o choro dela era tão perturbador que atormentaria os pesadelos de quem conseguisse ouvir. Todos estavam fracos demais para curá-lo. O rei tossia seu sangue vermelho, sentia a morte se aproximando.

— Não, Liam. Não me deixe, por favor! — ela implorava.

O rei usou suas últimas forças para fazer um pedido a sua esposa.

— Tire isso de mim. Não quero morrer com a lança do inimigo em meu peito.

— Se eu tirar, você vai morrer. — As lágrimas pareciam poder queimar seu rosto.

— Por favor, meu amor. — Uma lágrima escorreu de seu rosto.

As lágrimas de Liam não eram do medo da morte. As lágrimas eram de saudade. Ele olhava para o belo rosto de sua mulher, queria tê-lo bem gravado na mente antes de partir. Seu choro era de lamentação. Queria viver muitas coisas com ela ainda, queria filhos parecidos com ela. Como o rei queria uma menina, uma menina idêntica à sua mulher. Ele não teria isso. Se arrependia da forma como a havia tratado quando a conheceu, deveria tê-la aproveitado melhor, a valorizado mais, a amado mais. Ele queria dar tudo a ela. Metade de seu reino não era suficiente.

Ele daria tudo, talvez por isso estivesse partindo.

O dragão se achegou a Diana.

— Tire a lança — ele disse.

— Eu não posso — admitiu, enquanto olhava nos olhos do espírito que também chorava. Ela se virou para Liam sentindo a culpa. — Eu não te mereço, meu rei. Eu deveria ter te deixado escolher sua esposa.

— Está delirando? — Liam respondeu confuso.

— Eu te fiz me escolher! Me perdoe! Eu deveria ter permitido que escolhesse Esmeralda e...

— Diana! — Mag a interrompeu. — Eu não manipulei Liam.

— O que? — perguntou desacreditada.

— Você sabe. Só funciona em mentes fracas. Não consegui fazer nada naquele dia. Ele te escolheu porque quis.

Diana olhou para seu marido, ele sorria.

— Eu escolheria você todas as vezes, meu amor.

O dragão fez um sinal para a rainha, ela precisava atender o pedido final do marido. A rainha não queria aceitar. Liam pegou em sua mão.

— Você ficará bem. Sempre foi boa em fazer tudo sozinha, afinal.

— Eu não quero mais fazer nada sozinha, Liam.

O rei tossiu tanto sangue que ficou tonto, ele agonizava.

— Tire — ele implorou.

Diana olhou para o espírito que sofria também com a perda.

— O senhor me deu. O senhor pode tirar. Abençoado seja o sangue dos espíritos.

E então Diana tirou a lança do peito do marido. Ele gritou de dor e então a olhou com ternura.

— Eu te amo, Diana Gribanov.

A rainha chorava copiosamente. Por que quem ela amava continuava a morrer para salvá-la? Queria que fosse ela no lugar de Liam. Queria que tivesse sido ela no lugar de Raon.

— Eu também te amo, Liam Gribanov.

Mas ele não ouviu, já estava sem vida quando ela finalmente havia admitido que o amava. O ambiente foi tomado pelo silêncio e pelo luto. Diana acariciava a pele fria e pálida do homem que amava. Tocava em seu cabelo escuro e bagunçado. Ela queria ter um filho menino, um menino que fosse idêntico a ele. Deveria ter dito que o amava inúmeras vezes, incansavelmente. Agora era tarde. Queria ter sido mais gentil, mais paciente, queria ter conhecido ele mais e mais.

O dragão se achegou para mais perto do corpo morto do rei, o acariciou com a cauda e olhou nos olhos castanhos de Diana.

— Sua fé o salvou.

— Que fé? — Ela riu em meio ao choro.

— Uma fé do tamanho do grão de areia pode fazer coisas inimagináveis. Ela pode curar um coração ferido. Pode mover uma montanha de lugar. Uma fé do tamanho do buraco de uma agulha pode trazer o alimento de uma família necessitada, pode restaurar um casamento fracassado. Essa fé pode trazer alguém de volta à vida.

Diana levantou o olhar espantada. Era isso mesmo que ele estava querendo dizer?

— Sua fé, pequena como é, salvou o seu amor.

O dragão reluziu, voou até o céu e mergulhou no corpo de Liam. Num ato desesperado, Diana abriu a camisa do marido para ver a ferida, ela ainda estava lá. E então uma marca logo abaixo do umbigo do rei começou a nascer gradativamente, parecia a pintura de uma ramificação, dividida em três. Quando a marca preta passou pela ferida de Liam, foi consertando e curando até que não houvesse mais nada, a pintura continuou a subir, as cabeças de três dragões se espalharam pelo peito de Liam e como um carimbo ficou gravado em seu corpo. Ali estava a marca dos espíritos de sangue.



Diana se aproximou do rosto de seu marido que estava sujo e ferido. E então como se tivesse acordado de um sonho horripilante, Liam arregalou os olhos, ofegante e confuso.

— Liam! — Diana exclamou enquanto o abraçava.

O povo todo gritou de alegria e aplaudiu ao ver Liam vivo novamente. Quando o rei percebeu o que estava acontecendo, acabou rindo da situação.

— Não acredito que eu precisei morrer para você dizer que me amava também.

— Eu te amo mesmo, Liam — confessou, sem conseguir conter as lágrimas. — Sempre te amei.

— Eu sei... Eu sei.

Ele a puxou para sentir sua pele encostar na dele. Havia conhecido a morte, ela era assustadora, não era natural. Quando voltou a vida, reconheceu que haviam sido criados para a eternidade. E com sua esposa em seus braços, sabia que passaria centenas de eternidades ao lado dela, se os espíritos permitissem.

Apesar de não querer interromper o momento do casal, Magnólia se aproximou com um cristal mensageiro, Miguel estava do outro lado.

— Relatório, Miguel — Liam falou enquanto se levantava.

— Majestade, fomos atacados pela rainha de Horizon, tentaram tomar seu trono.

— E como estão os soldados? — Diana perguntou preocupada

— Por um milagre, ninguém se feriu. Quando achamos que íamos perder, um dragão vermelho apareceu e dizimou os inimigos. Elena escapou, acreditamos que retornou para Horizon.

— Mas o espírito estava aqui... — Mag murmurou.

— Ele é onipresente — Liam respondeu. — Isso é mencionado em alguns pergaminhos da língua antiga.

— Espero que seu novo governo inclua o ensinamento da língua antiga para o povo também.

Diana e Liam se olharam como se pudessem enxergar o futuro grandioso que aguardava a união dos povos e então sorriram

animados.

— Já retornaremos a Enellon, Miguel. Avise ao povo para preparar a festa.

Miguel sorriu entusiasmado.

— Claro, Majestade.

Liam se virou para sua esposa.

— Qual o seu pedido, meu amor?

— Como?

— Peça o que quiser e eu lhe darei. Ainda tem algum desejo? Será concedido.

Diana olhou para Drakkar, que permanecia preso e com a boca enfaixada.

— Se for do agrado do rei, permita que as sereias prolonguem a guerra por mais um dia.

— O que? — Mag perguntou surpresa.

Liam continuou ouvindo atentamente.

— Estenda a batalha até o reino de Horizon e tomemos o trono de Elena. E se for de seu agrado, quero que pendurem em uma haste, no centro do reino, o cadáver de Drakkar.

O rei não se chocou com o pedido, apenas assentiu, dando a permissão para que a rainha fizesse o que bem queria. Drakkar cuspiu o que estava em sua boca para conseguir falar com a rainha.

— Humanos não podem ser julgados por seres místicos!

A rainha se aproximou dele coberta de fúria e então se virou para o povo.

— Eu sou Diana, rainha de Enellon e filha de Norisea. Se esse homem não for julgado em terra, será julgado em águas. E eu

garanto que lá ele será julgado do mesmo modo que julgou nosso povo!

Todos olharam para o rei, esperando uma resposta.

— Não ouviram a rainha? Façam o que ela manda! — ordenou, apressando o batalhão. — O trono sempre foi dela, afinal.

E assim foi feito como a rainha Diana Gribanov havia ordenado. Drakkar foi executado no mar, desmascararam Elena e tomaram seu trono. E o cadáver do maior inimigo de Norisea ficou pendurado no centro de Horizon pelo dia todo que a guerra foi estendida.

O povo das águas decidiu que eles mesmos, os seus descendentes e todos que viessem se juntar a eles não deixariam de comemorar aqueles dois dias de vitória, no tempo marcado, todos os anos. Estes dias seriam eternamente lembrados, de geração após geração, por todas as famílias, em todos os reinos e povos, a memória deles jamais seria esquecida entre seus filhos.

O sangue de Enellon e Norisea estava marcado assim como o peito do rei, e da mesma forma para com aquele antigo povo no deserto, os espíritos honrariam e protegeriam a união desses povos por toda a eternidade.



Diana tinha as
mãos em
cima dos

olhos do marido. Ela ficava na ponta dos pés para impedir que ele espiasse, o rei era um tanto quanto alto e ela estava acostumada a usar saltos enormes ao lado dele.

— O que você está aprontando, meu amor? — Liam perguntou, tentando ver o que ela escondia.

— Não estrague a surpresa, Majestade. Estamos há meses trabalhando nisso.

— Uau, então tem um grupo todo contribuindo com meu presente?

— Sim, e todos estão ansiosos para vê-lo usando o que fizemos.

A rainha o posicionou para se sentar em uma cadeira.

— Liam, só abra os olhos quando eu mandar!

— Eu não sou insano de desobedecer, minha rainha.

Diana ajeitou um objeto que estava em cima da mesa.

— Muito bem, pode abrir.

Liam abriu seus olhos devagar, e então avistou a prótese de uma mão, praticamente igual à que usava, mas essa era dourada e azul.

— O que é isso? — perguntou intrigado. — Cansou da cor sem graça de minha mão de metal?

— Majestade — começou empolgada —, essa é a mais alta tecnologia mística já confeccionada.

— E o que ela tem de tão diferente?

— Por favor, prove.

O rei há muito tempo havia perdido a vergonha de tirar a prótese na frente de sua mulher. Ele removeu a mão de prata e então colocou a mão de ouro que reluzia lindamente, só não mais que a beleza de sua esposa.

— E então?

— Ah, é bonita. Eu só não entendi porque... — e então paralisou quando percebeu, olhou para Diana ainda desacreditado.

O rei levantou correndo e foi até sua mulher. Tocou em seu rosto com a mão esquerda e apertou as suas bochechas.

— Liam, está me machucando — acabou rindo do rosto surpreso do marido.

— Eu consigo te sentir. — Uma lágrima escorreu.

— Sim, meu amor. Nós conseguimos — anuiu, enquanto enxugava a lágrima que escapou do rosto dele.

— Quantas pessoas poderemos ajudar com essa tecnologia mística... — refletiu.

— Eu sabia que diria isso. — Sorriu, já conhecendo a bondade que circulava no sangue do rei.

Batidas tímidas na porta chamaram a atenção do casal. Uma pequena menina de pele branca e cabelos escuros apareceu.

— Hadassa. — Diana sorriu. — O que quer?

— Quero saber se o papai gostou.

— Venha aqui, minha pérola. — Liam estendeu os braços, queria sentir sua filha também.

A menina correu até o homem que sorria para ela. A criança amava sua mãe e seu pai igualmente, mas todos sabiam quem era o favorito dela.

— Eu que escolhi a cor, papai.

— Oh, está explicado o bom gosto.

Ele acariciava as costas de sua primogênita, encantado em poder senti-la com as pontas de seus dedos dourados. A pequena Hadassa não havia nascido um menino como Diana queria, e também não era parecida com a mãe, como Liam sonhava. Ela veio de jeito dela, o que a tornava ainda mais imprevisível e especial. O rei admirava sua princesa enquanto olhava para a rainha que havia dado à luz a ela.

— Quero mais uma dessa. — Se virou para Diana apontando para sua filha.

— Bem que eu gostaria de tentar um menino — respondeu em um tom brincalhão.

— Não, eu quero mais uma dessa aqui — disse, balançando Hadassa, a fazendo soltar uma gargalhada gostosa. — Sou um pai de menina.

— Só vamos saber se tentar, não é?

Liam entendeu o recado e colocou a filha no chão novamente.

— Minha pérola, porque não vai brincar com a titia Mag?

— Tio Miguel está com ela? — perguntou a menina.

— Ah, deve estar, sempre está.

A menina concordou, já estava achando o clima chato e entediante ali. Então se soltou do pai e correu para fora do ambiente, ansiosa para abraçar seus tios de consideração.

— Você a mima demais — Diana alertou com um sorriso de canto.

— Assim como mimo você — disse e lhe deu um beijo na testa. — Tem mais algum pedido, minha rainha?

Diana se esticou para conseguir sussurrar em seu ouvido.

— Metade de seu reino.

— Isso você já tem. — Levantou a sobrancelha.

— Então quero um menininho.

— Não — respondeu sério.

— É injusto! As meninas sempre preferem os pais e os meninos preferem as mães, quero ser a favorita também!

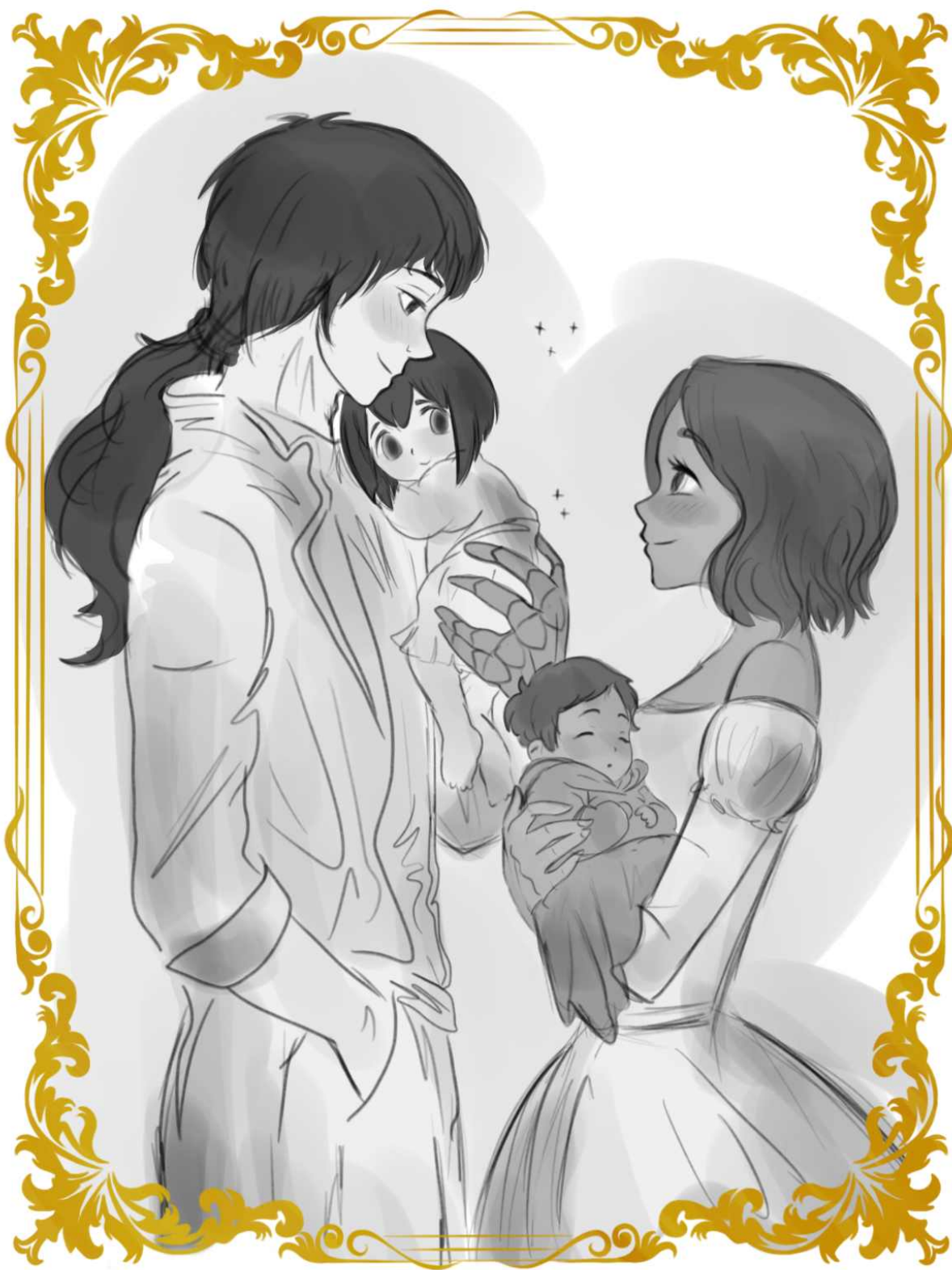
— E é por isso que só quero meninas.

— É o que veremos.

O casal se apressou para ir ao quarto, não tinham muito tempo até Hadassa os procurar novamente.

Um ano depois, um belo menino de pele escura e cabelos castanhos nasceu e Diana lhe deu o nome de Mordecai.

Os filhos dos líderes de Enellon cresceram em graça e sabedoria. E pela primeira vez na história do reino, eles tiveram uma herdeira ao trono. Vida longa à rainha.





Epilogo

Uma lança
estava
cravada em

meu peito. O mundo em câmera lenta me fez perceber o que estava acontecendo. Eu iria morrer.

— Não! Ainda não! — clamei aos espíritos. — Admete! — Olhei para o armário em que minha irmã caçula se escondia.

Parecia que eu havia entrado em outra dimensão, ninguém ouvia meus gritos, estava tudo parado. O sangue saía de meu corpo.

— Espera! Meu filho! Minha mulher! — eu gritava desesperado.

Um belíssimo dragão vermelho apareceu para mim, eu sabia quem era.

— Santo Espírito, por favor, me salve! — Minhas lágrimas não eram vistas no fundo do mar, mas ele sabia que eu chorava.

— Seu tempo acabou, Raon. Cumpriu sua missão.

— Não! Minha irmã, quem estará ao seu lado se eu partir?

— Ela terá a mim e várias outras pessoas que colocarei em seu caminho.

— Mas, Sara... — lamentei, ao pensar que não veria mais o rosto da mulher que amo.

Imediatamente o dragão se ajustou em um formato circular e pela passagem que ele abriu, me mostrou o futuro.

— Você terá um filho, o herdeiro de seu trono, ele se chamará Ramon.

— Meu nome terreno...

A imagem de minha criança passava na minha frente, como era parecido comigo, mas com os olhos e cabelos da cor de minha esposa.

— Deixará um filho crescer sem seu pai? — tentei argumentar com o espírito.

— A vida vai muito além do que acontece aqui, na terra dos mortais.

— Como acharão minha esposa e minha criança? Ele não sabe que é um príncipe!

— Sua irmã os encontrará — a voz do dragão era serena e mansa.

— O que?

— Admete crescerá graciosamente. Terá os valores aprendidos com você firmes em seu sangue.

Ele mostrava imagens de minha irmã em todas as fases da vida. Em uma das imagens, vi um grupo de tritões caçando dela.

— Oh, minha menina... — Meu coração doía com a forma que a tratavam. — Quem a defenderá se eu não estiver com ela?

— Sua irmã se tornará uma mulher forte, Raon.

— Mas ela não sabe ainda que é uma portadora! Ninguém sabe! Somente eu pesquisei e me aprofundei sobre a profecia do horizonte. A cada mil anos uma sereia ou tritão sem magia nasce para herdar o sangue dos espíritos, eu sei que é ela! Somente Admete pode impedir a caçada.

— E você está certo.

— Preciso estar aqui para guiá-la! Como fará sozinha?

— Ela não estará sozinha.

O dragão revelou o futuro de minha irmã. O momento em que ela se voluntariou para se casar com o rei, o dia que ela chorou por saudades de mim. Ele me mostrou quando ela foi torturada. Me mostrou quando foi amada. O dragão me revelou o encontro de meu filho com minha irmã. Sara havia feito um bom trabalho, criou nosso filho com a mesma ternura que me conquistou. Vi as imagens dos espíritos guiando Admete para que ela encontrasse a profecia do horizonte. Avistei um homem que a amou tanto que me fez ter certeza que ela não ficaria só. Vi minha irmã portar o sangue dos espíritos e acabar para sempre com a morte do nosso povo através da caçada. Por fim, a avistei com seus filhos e amigos me prestando uma homenagem em um dia que deveria ser a coroação do meu menino. Na imagem, claramente não era mais um menino, ele era um homem. Estava ao lado de sua esposa sereia e meus belíssimos netos. Tudo isso iria acontecer por causa de Admete.

— Ela... — Era difícil ver o tanto que minha pequena garotinha havia crescido. — Ela fez tudo, não fez?

— Ela fez, sim — O dragão sorriu.

— Sem mim...— concluí.

— Não, com você. Seu amor viveu em seu sangue e somente por isso ela conseguiu salvar seu povo.

— Minha irmã fez amigos... — sussurrei enquanto avistava a imagem dela rodeada de pessoas que a amavam.

Meu maior medo ao partir era de deixar minha irmãzinha desamparada. Ela tinha nossos pais, mas eles sempre estavam tão ocupados com os afazeres do trono que esqueceram de notar as dificuldades e preconceito que ela passava com os colegas. Mas minhas preocupações eram em vão, Admete estava bem e faria um ótimo trabalho. Ela restauraria o horizonte, assim como foi profetizado em seu sangue no dia em que nasceu. Sempre foi sobre a sereia sem dons.

— Ela ficará bem então... — Meu coração estava se acalmando, mesmo com a dor da partida.

— Ficar, sim — o Santo Espírito respondeu.

— Então eu posso descansar em paz.

Dei uma última olhada em minha irmã, eu podia ver vagamente o seu rosto pela brecha do armário onde ela se escondia.

— Isso não é um adeus, pequena Admete. Nos vemos no Grande Reencontro de Sangue.

E finalmente fechei os olhos, na certeza que a veria de novo na terra de todos os santos.

*“Vou preparar lugar para vocês.
E, quando eu for e preparar lugar,
voltarei e os levarei para mim,
para que vocês (juntos)
estejam onde eu estiver.”*

João 14:2-3



Agradecimentos

Esse livro foi publicado através de financiamento coletivo, por isso, louvo a Deus pela vida dessas pessoas. Meus mais sinceros e carinhosos agradecimentos pela confiança e parceria nesta campanha. Muito obrigada!

Gabriel Santos

Keila Cristina Bomfim

David Ricardo Pereira

Rosana Santos

Marina Vasconcelos

Jéssica Guidolin Pataquine

Cesar Lopes Aguiar

Ana Paula Oliveira

Paula Schneider

Karine Moraes Lima

Ju Gusmao

Anyelle Bianca

Renata Asche Rodrigues
Lorena Soares
Janaina Monteiro Batista
Fabiana Alvarenga
Tálassa Pires
Ingrid Cipriano
Bárbara Yasmin
Giovanna Souza Daniel
Nathália Bastos
Lisandra Mota
Julia Gonçalves
Milna Nunes
Giovanna Bispo
Lucia Schneider
Keroline Rodrigues Oliveira
Erika Farias David
André Moraes
Cassio de Aquino
Isabel Buza
Ana Paula Fim
Ester Viaro de Lima
Guilherme Melo
Bruna Barbosa da Silva Prates
Ana Paula Luana Zukowski Araújo
Marcelle Ferrelli
Vanessa Bennett

Wildymara Miranda

Mariana Da Maia

Edineia Bomfim

Evando Cunha

Lara Fábila

Nathalie Moraes

Keidy Aniele Garcia

Kéldan Wagno S. Moreira

Luiz Carlos dos Santos

Karine Moraes Lima

Fernanda Bomfim

Giovanna Alves Martins de Souza

Ândria Noronha

Evelyn Teixeira Pires

Jessica Bocatti

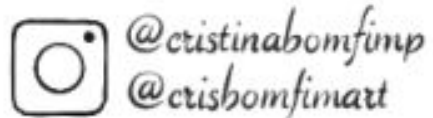
Rossimar Medeiros Jardim

Fernanda Silva Bianchini

Írla Dias Santos de Souza

Luana Zukowski Araújo

Sobre a autora



Cristina Bomfim nasceu em Curitiba/PR e é formada em comunicação social. Autora de um conto *best-seller* na Amazon, ela mesma quem ilustra os personagens de seus livros. Apaixonada por fantasia e universos épicos, suas crenças e princípios não poderiam ser expressados de outra forma senão através da magia.

Outras obras



Cartas da Lua: A jornada de uma lua em busca de um planeta para chamar de lar

Você já deve ter ouvido muitas histórias e teorias a respeito da nossa lua, mas, com certeza, essa versão você nunca ouviu. Era uma vez uma lua e seu sonho era encontrar seu planeta, seu grande amor, seu lar. Assim, ela parte em viagem pelo espaço, conhecendo vários planetas. Durante a jornada, a lua escreve cartas para aquele que seria seu, aguardando o momento que finalmente ela o encontraria.

Mas, e se eu te contar que essa história não é sobre a lua, nem sobre planeta algum? Vou te dar um spoiler: o final é sobre o Sol.

Disponível em ebook na Amazon